



COMO EU SOU AGORA

AMBER SMITH

SEQUÊNCIA DO BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
COMO EU ERA ANTES



VERUS
EDITORIA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Índice

[Folha de rosto](#)

[Conteúdo](#)

[Parte Um: Abril](#)

[Parte Dois: Julho](#)

[Parte Três: Setembro](#)

[Parte Quatro: Novembro](#)

[Conseguindo ajuda](#)

[Agradecimentos](#)

[Balance o barco](#)

[Página de direitos autorais](#)

COMO SOU AGORA

TAMBÉM POR AMBER SMITH

Do jeito que eu costumava ser

O último a deixar ir

Algo como a gravidade

Nome de código: Serendipidade

THE
WAY
I AM
NOW

AMBER SMITH



Para nós.

Para todos nós – confusos e imperfeitos –
ousando desejar, ter esperança, curar.

Conteúdo

[Parte Um: Abril](#)

[Parte Dois: Julho](#)

[Parte Três: Setembro](#)

[Parte Quatro: Novembro](#)

[Conseguindo ajuda](#)

[Agradecimentos](#)

[Balance o barco](#)

PART

ONE

April

ÉDEN

Estou desaparecendo novamente. Começa nas bordas, minhas extremidades ficam confusas. Os dedos das mãos e dos pés ficam estáticos e dormentes sem nenhum aviso. Agarro a borda da pia do banheiro e tento me manter de pé, mas minhas mãos não funcionam. Meus braços estão fracos. E agora meus joelhos também querem dobrar.

Em seguida, é meu coração, batendo rápido e irregular.

Tento respirar.

Os pulmões são de cimento, pesados e rígidos.

Eu nunca deveria ter concordado com isso. Ainda não. Cedo demais.

Passo a mão pelo espelho embaçado e meu reflexo fica embaçado muito rapidamente. Engasgo com uma risada ou um soluço, não sei dizer, porque estou mesmo desaparecendo. Literalmente, figurativamente e em todos os sentidos. Estou quase acabando. Fechando os olhos com força, tento localizar um pensamento — apenas um — a coisa que ela disse para fazer quando isso acontecesse.

Conte cinco coisas que você pode ver . Abro os olhos. Escovas de dente no suporte de cerâmica. Um. Ok, está tudo bem. Dois: meu telefone, ali em cima do balcão, acendendo com uma série de mensagens. Três: um copo de água cheio de bolhas de condensação. Quarto: o frasco âmbar cheio de comprimidos dos quais estou me esforçando tanto para não precisar. Olho para minhas mãos, ainda não estão certas. São cinco.

Quatro coisas que você pode sentir . Água pingando do meu cabelo e escorrendo pelas minhas costas, sobre meus ombros. Ladrilhos lisos escorregadios sob meus pés. Toalha engomada enrolada em meu corpo úmido. A pia de porcelana, fria e dura contra as palmas das minhas mãos formigantes.

Três sons . O exaustor zumbindo, o bufo e o suspiro rasos da minha respiração ficando mais rápido e uma batida na porta do banheiro.

Dois cheiros . Champô de pêssegos e creme. Lavagem corporal de eucalipto.

Um gosto . Enxaguatório bucal de menta com notas de vômito por baixo, me fazendo engasgar novamente. Eu engulo em seco.

“Pelo amor de Deus,” eu sibilo, passando o dedo no espelho novamente. Desta vez com as duas mãos, uma sobre a outra, esfregando o vidro. Eu me recuso a ceder a isso. Não essa noite. Cerro os punhos até sentir os nós dos dedos estalarem. Inspiro com muita força e finalmente consigo colocar um pouco de ar em meu corpo. “Você está bem,” eu exalo. “Estou bem”, minto.

Estou olhando para o círculo preto do ralo enquanto meus olhos voltam para a garrafa. Multar. Giro a tampa em minhas mãos inúteis e deixo uma pastilha de giz cair na palma da minha mão. Eu engulo, engulo bem. E então eu bebo todo o copo de água de uma só vez. Engulo em seco, deixando pequenos riachos escorrerem pelos cantos da minha boca, descendo pelo meu pescoço, sem nem me preocupar em enxugá-los.

“Edy?” É minha mãe, batendo na porta novamente. “Tudo está certo? Mara está aqui para buscá-la.

“Sim, eu...” Minha respiração fica presa na palavra. “Estou quase pronto.”

JOSH

Já se passaram quatro meses desde que voltei. Quatro meses desde que vi meus pais. Quatro meses desde a briga com meu pai. Quatro meses desde que estive aqui no meu quarto. Estou em casa há apenas algumas horas, ainda nem vi meu pai e já sinto que estou sufocando.

Eu me agacho e deixo minha cabeça afundar nos travesseiros, e quando fecho os olhos, juro que posso sentir o cheiro dela por apenas um momento. Porque a última vez que estive aqui, ela estava aqui ao meu lado, na minha cama, sem mais segredos entre nós. E quando viro a cabeça, levo o travesseiro até o rosto e respiro mais fundo dessa vez.

Meu telefone vibra na minha mão. É Dominic, meu colega de quarto, que praticamente arrumou minha mala e me arrastou para fora do nosso apartamento e me colocou no carro dele para voltar para casa esta semana. Eu tive que voltar para casa algum dia.

Sua mensagem diz que *estou falando sério. estar pronto em 10. . . e nem pense em desistir*

Começo a responder, mas agora que meu telefone está em minha mão e Éden está em minha mente novamente, encontro nossas mensagens, as últimas três ainda sem resposta. Faz um tempo que não olho para eles, mas continuo relendo-os agora, tentando descobrir o que disse de errado. Eu tinha visto o artigo sobre sua prisão. Perguntei a ela como ela estava lidando com tudo isso. Lembrei a ela que eu era amigo dela. Disse a ela que estava aqui se ela precisasse de alguma coisa. Fiz check-in alguns dias depois e novamente na semana seguinte. Até liguei e deixei uma mensagem de voz.

A última coisa que escrevi para ela foi: *devo ficar preocupado?*

Ela não respondeu e eu não queria forçar. Agora, meses se passaram e é aqui que estamos. Digito um simples *oi* e olho para a palavra, aquelas três letras me desafiando a pressionar enviar.

A porta do meu quarto se abre com duas batidas fortes, seguidas por uma pausa e mais uma. O meu pai. "Josh?" ele diz. "Você está em casa."

"Sim." Apago a palavra rapidamente e coloco meu telefone virado para baixo na cama. "E aí?"

"Nada, eu... eu só queria dizer oi." Ele enfia as mãos profundamente nos bolsos da calça jeans, os olhos claros e focados enquanto olha para mim. "Eu não vi seu carro lá fora."

"Sim, Dominic nos levou para casa", explico, sentindo minha guarda baixar, apenas o suficiente para deixar minha raiva começar a crescer dentro de mim.

"Ah", ele diz, balançando a cabeça.

Pego meu telefone de volta; espero que ele entenda a dica.

"Na verdade, se você tiver um minuto, eu realmente queria falar com você. Sobre a última vez que você esteve em casa. Olha, eu sei que não estava ao seu lado quando você estava lidando com. . ." Ele faz uma pausa, procurando o resto de uma frase que suspeito também não estar lá.

Eu o observo de perto, esperando para ver se ele realmente se lembra com o que eu estava lidando na última vez que estive em casa. Enquanto espero, faço uma aposta comigo mesma: se ele se lembrar de um fragmento do que aconteceu há quatro meses, ficarei em casa esta noite. Vou falar com ele como ele quiser. Direi a ele que o perdô, e talvez até esteja falando sério.

“Você sabe”, ele começa de novo, “quando você estava lidando com tudo isso”.

“O que é isso, fazer as pazes?” Eu pergunto. “Passo nove já? *De novo*,” murmuro baixinho.

“Não”, ele diz, estremecendo suavemente. “Não é isso, Josh.”

Suspiro e coloco meu telefone de volta no lugar. “Pai, sinto muito”, digo a ele, embora não sinta *muito*. Mas também não preciso que ele perca a sobriedade de novo só porque fiz uma tentativa barata. “Merda, eu só...”

“Não, está tudo bem, Joshie.” Ele estende as mãos na frente do peito e balança a cabeça, apenas pegando. “Está tudo bem. Eu mereci isso. Ele dá alguns passos para trás até conseguir se segurar no batente da porta, como se precisasse de algo para se apoiar. Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas a campainha o interrompe. Agora também posso ouvir minha mãe lá embaixo, conversando com Dominic.

“Não sei por que disse isso.” Tento me desculpar novamente. “Desculpe.”

Está tudo bem, ele murmura para mim, depois se vira para o corredor, cumprimentando Dominic como o pai perfeito que ele às vezes realmente é. “Dominic DiCarlo em carne e osso! Boa temporada para você, ouvi dizer. O que ele não diz é como *minha* temporada tem sido uma merda – ele não precisa dizer isso, todos nós sabemos. “Mantendo isso na linha, tenho certeza”, acrescenta ele com aquele seu jeito bem-humorado.

“Você sabe disso,” Dominic brinca, apertando a mão estendida do meu pai. “Alguém precisa mantê-lo na linha.” Ele está todo alegre até me ver, tirando o chapéu e tentando alisar os amassados da camisa. “Cara, você não está nem um pouco pronto.”

ÉDEN

Minhas mãos estão firmes agora enquanto alcançam a maçaneta da porta. Firme enquanto abaixo o visor do carro de Mara e passo rímel nos cílios. Firme enquanto Steve sobe no assento ao meu lado e entrelaça os dedos com os meus, sorrindo docemente enquanto diz: “Ei, senti sua falta”.

Meu coração desacelerou agora que o remédio chegou à minha corrente sanguínea. Mesmo sabendo que não é uma calma real, acho que é o suficiente para mim fazer isso pelos meus amigos. Estar fora e agir normalmente por uma última noite antes de eu jogar outra bomba sobre eles. E então eu minto e digo: “Eu também”.

O namorado de Mara, Cameron, bate a porta do passageiro ao entrar. Ele beija Mara, olha para mim e diz: “Provavelmente vamos perder o show de abertura agora”.

“Não faremos isso”, responde Steve em meu lugar, depois se inclina em minha direção e beija meu ombro nu. “Estou feliz que você decidiu vir.”

“Sim, eu também”, repito, sentindo que deveria estar falando sério.

“Já era hora de você sair de novo”, diz ele.

“Foi o que eu disse a ela, Steve”, Mara interrompe, toda sorridente.

“Pense nesta noite como um novo começo”, continua ele. “Você estará de volta à escola na segunda-feira, e então teremos os últimos meses do nosso último ano para aproveitar. Finalmente. Nós merecemos!”

“Inferno, sim, nós temos”, Cameron concorda.

Eles agem como se eu estivesse me recuperando de uma forte gripe ou algo assim. Como agora que não estou guardando segredos, as coisas podem magicamente voltar ao normal, qualquer que seja o normal que costumava ser. Como se terminar o último ano não fosse a última coisa em minha mente agora. Ou talvez eles estejam certos, e eu deveria apenas tentar ignorar todo o resto dessa merda e ser um adolescente normal pelos próximos dois meses, enquanto ainda posso.

“Cameron”, ouço-me gritar acima da música, e todos eles se viram para olhar para mim. “Compramos os ingressos para a atração principal, de qualquer maneira, certo? Então, se chegarmos atrasados, ainda vai ficar tudo bem.”

Não que eu me importe muito com isso, mas devia a eles um pouco de entusiasmo.

Ele revira os olhos e se vira, murmurando: “Você quer dizer que *comprei* os ingressos”. Cameron é o único que não está fingindo, que não está sendo legal comigo de repente só por causa de tudo o que aconteceu, e me sinto estranhamente grata por isso. “A propósito, você pode me pagar a qualquer momento.”

Nossa briga de alguma forma faz Mara sorrir, e Steve segura minha mão com muita força, ambos interpretando tudo isso como um bom sinal de que ainda tenho alguma briga dentro de mim. Limpo a garganta, preparando-me para dar-lhes o aviso que meu terapeuta me ajudou a elaborar durante minha sessão desta semana.

“Então, pessoal, hum,” eu começo. “Eu só queria dizer . . . Você sabe já faz um tempo que não convivo com muitas pessoas e posso, tipo, ficar ansioso ou...”

“Está tudo bem”, Steve interrompe, me puxando para mais perto. “Não se preocupe, estaremos lá.”

“Ok, é só que talvez eu precise fazer uma pausa e tomar um pouco de ar por alguns minutos, ou algo assim. E se eu fizer isso, não será grande coisa e estou bem, então não quero que ninguém se preocupe ou sinta que temos que ir embora ou algo assim.” Não saiu tão bem quanto eu havia praticado, mas eu disse o que precisava dizer. Limites.

Agora seus olhos nervosos de cachorrinho estão de volta em mim. E Mara me olha pelo espelho retrovisor.

“Quer dizer, talvez eu não. É difícil dizer”, acrescento para que parem de me olhar daquele jeito. “Ou eu poderia simplesmente ficar muito bêbado e todos nós nos divertiríamos muito.”

“*Edy*”, Mara repreende ao mesmo tempo que Steve grita: “Não!”

“Brincando,” eu digo com um sorriso. Também já se passaram quatro meses desde que fiz algo ruim. Embora meu terapeuta me dissesse para substituir o ruim por “não saudável”. Eu não bebi, nem fumei, nem fumei nenhuma substância. Ainda não tenho certeza de como tomar essas pílulas quando estou sobrecarregado é diferente de outras coisas *prejudiciais à saúde*. Não tenho certeza de quem decide o que é bom e o que é ruim. Mas estou fazendo assim mesmo, seguindo essas regras, porque quero melhorar, ser melhor. Eu realmente quero.

Saindo do estacionamento, passamos por um grupo de universitários com bebidas nas mãos, sentados em volta de uma velha mesa de piquenique de madeira que parece estar parcialmente sustentada pelas paredes de concreto do prédio. A fumaça do cigarro deles me chama enquanto nós passo e os vejo rindo e derramando suas bebidas. Se Steve não estivesse segurando minha mão com tanta força, se as coisas não fossem diferentes agora, eu me imaginaria vagando em direção a eles, encontrando um espaço fácil para passar a noite.

Mas as coisas *são* diferentes agora; esse tipo de facilidade parece não existir mais para mim.

Na porta, cada um de nós recebe uma pulseira rosa neon com menos de 21 anos que o cara coloca em mim, roçando a parte interna do meu pulso enquanto faz isso. Eu sei que não é nada, mas já me sinto de alguma forma violada por aquele pequeno toque, mas também estranhamente entorpecida.

Está muito apertado, a pulseira. Eu puxo para ver se há alguma folga, mas eles são do tipo de papel que você não pode arrancar ou apertar no pulso.

Mara não parece nem um pouco incomodada com o dela, então tento esquecer.

A música está tocando nos alto-falantes. Para onde quer que eu olhe, as pessoas estão bebendo, rindo, gritando. Alguém esbarra em mim e eu sei, eu sei que meu corpo deveria estar sentindo algo sobre tudo isso. Aquele velho choque de adrenalina, coração acelerado, respiração acelerada. Mas não há nada. Exceto por aquela sensação de desaparecimento novamente, só que desta vez não desencadeia um ataque de pânico. Isso só me faz sentir como se parte de mim não estivesse realmente aqui. E de repente não tenho certeza se posso confiar em mim mesmo para saber se estou seguro ou não com essa parte de mim adormecida.

Desta vez eu seguro a mão de Steve com mais força enquanto ele nos leva para mais perto do palco. Mara pega minha outra mão e, quando olho para Cameron segurando a dela, lembro-me do recreio do jardim de infância, das crianças formando uma corrente humana para atravessar a rua e chegar ao parquinho. Eu odeio precisar disso agora.

"Você está bem?" Mara diz, perto do meu ouvido, enquanto os corpos começam a se aglomerar ao nosso redor.

Eu concordo.

E eu sou. Tipo de. Durante o primeiro set da banda de abertura, estou bem. Até me deixei balançar um pouco. Não dançar, nem pular, nem mover os quadris, nem fechar os olhos e tocar meu namorado do jeito que Mara está fazendo, o que faz com que tudo pareça tão fácil. É diferente, quimicamente, a ausência de álcool, a presença desse medicamento turvando minha cabeça.

No momento em que a banda – a banda favorita de Steve, aquela que viemos ver – sobe ao palco, sinto-me emergindo novamente. Suavemente no início. Há aquele familiar batimento cardíaco irregular em meu peito e minha respiração fica desordenada e confusa, o baixo reverberando em meu crânio. "Está tudo bem," eu sussurro, incapaz de ouvir minha própria voz em minha cabeça por causa da música. Soltei a mão de Steve. Minhas palmas estão ficando suadas. E de repente estou muito consciente de cada parte do meu corpo que toca o corpo de outras pessoas quando elas esbarram em mim.

Olho em volta agora, rápido demais, absorvendo tudo que perdi quando chegamos, tudo de uma vez. Vejo as cores da nossa escola; uma jaqueta do time do colégio reflete as luzes do palco. Imediatamente sinto uma sensação de vazio na boca do estômago – não sei por que não esperava ver as pessoas da escola esta noite. Estamos aqui, afinal. Mas então eu o vejo em cliques, flashes, a cabeça para trás, rindo. Jock Guy. Um dos velhos amigos de Josh.

Não. Estou imaginando coisas. Fecho os olhos por um segundo. Reiniciar.

Mas quando eu os abro, ele ainda está lá. Definitivamente é Jock Guy. Aquele que me encontrou no meu armário naquele dia depois da escola. Aquele que me perseguiu pelo corredor. Aquele que queria me assustar, queria que eu pagasse por meu irmão ter batido em Josh. Eu fico de frente, olho para o palco. É neve. Não, então. Mas não consigo evitar; Eu olho novamente. Feche meus olhos novamente. Ouça sua voz novamente em meu ouvido. *Ouvi dizer que você está muito sujo.*

Minha cabeça está latejando agora.

Limpo a garganta, ou tento. "Steve!" Eu grito, mas ele não consegue me ouvir. Coloco minha mão em seu ombro e ele olha para mim. Coloco as mãos em volta da boca e ele se inclina. Estou praticamente gritando em seu ouvido. "Eu vou sair."

"O que?" ele brada.

Aponto para a saída.

"Você está bem?" Ele grita.

Eu concordo. "Sim, eu me sinto estranho."

"O que?" ele grita novamente.

"Dor de cabeça", grito de volta.

"Quer que eu vá?"

Eu balanço minha cabeça. "Fique, sério."

Ele olha para frente e para trás entre mim e a banda. "Tem certeza que?"

"Sim, é só uma dor de cabeça." Mas não tenho certeza se ele ouve.

Mara percebe que estou saindo e agarra meu braço. Ela está dizendo algo que não consigo entender.

"É só uma dor de cabeça", digo a ela. "Eu voltarei."

Ela abre a boca para discutir e agarra meu outro braço agora, então estamos cara a cara, mas inesperadamente, felizmente, Cameron é quem toca suavemente seu pulso, fazendo-a me soltar. Ele acena para mim e mantém Mara ali.

Eu me espremo pelas aberturas no meio da aglomeração de corpos, segurando minha respiração enquanto luto contra a corrente. Minha cabeça está latejando mais forte agora, no ritmo da música, mas fora de sincronia com meus passos, me desequilibrando, a música sacudindo meu peito. Finalmente consigo passar pelo pior, quicando como uma bola de fliperama enquanto luto para passar pela fila de pessoas que ainda esperam para entrar.

Ouçó meu nome, penso, em meio a todas as vozes e músicas que entram pelas portas.

Lá fora, vou direto para o estacionamento e agora tenho certeza de que ele está chamando meu nome. Steve sempre quis ser uma espécie de Príncipe Encantado, mas se ele é o príncipe, sou apenas mais uma porra de Cinderela, minhas pílulas mágicas se esgotaram e o feitiço foi quebrado. Estou em farrapos, a bola continua furiosa sem mim. E eu não pertencço mais aqui; Eu nunca fiz. Eu já sei, enquanto tento recuperar o fôlego, o ar fresco batendo no suor do meu rosto e pescoço, que não vou conseguir voltar lá de jeito nenhum.

Inclino a cabeça para o céu e inspiro profundamente, fecho os olhos enquanto expiro lentamente. Dentro e fora. Dentro e fora, exatamente como meu terapeuta me mostrou. Há uma batida suave na parte de trás do meu braço. "Eu disse que estou bem, Steve, de verdade." Eu giro. "É apenas uma cabeça. . . dor."

JOSH

Dominic continua reclamando do tempo que leva para entrar, do quanto do show já perdemos. Ele está mandando mensagens de texto para nossos amigos lá dentro — principalmente os amigos *dele* hoje em dia. “Eles estão nos guardando lugares perto dos fundos”, ele me diz. Quando não respondo, ele acrescenta: “Pare”.

“Parar o que?”

“Eu posso sentir você pensando daqui.” Ele olha para mim do telefone, uma breve troca de palavras. “Pare com isso.”

“Desculpe, eu simplesmente não entendo qual é o problema com essa banda,” eu digo a ele, fingindo que meu humor acabou por não ter ido ao show em vez de por causa de coisas com meu pai. “Então, eles ficaram meio famosos por um minuto no início.” Eu dou de ombros.

“E eles são *daqui*”, enfatiza. “Tenha algum orgulho de sua cidade natal, seu ingrato.”

Balanço a cabeça porque sei que ele também não se importa. Não é por isso que estamos aqui, neste show, ou aqui, de volta lar. Ele está se encontrando com alguém – a mesma pessoa para quem ele tem mandado mensagens esse tempo todo – mas não vai simplesmente me dizer que essa é a razão pela qual ele me queria aqui.

“Nesse ritmo, perderemos completamente o show”, ele murmura, “então, afinal, você poderá realizar seu desejo.”

“Bem, não teríamos chegado tão atrasados se você não me fizesse trocar de roupa.”

“De nada por não deixar você sair de casa daquele jeito.” Ele zomba e olha para mim, finalmente colocando o telefone no bolso. “Às vezes você é tão hétero que nem sabe a sorte que tem por me ter.”

Ele estende a mão para tentar arrumar meu cabelo, mas eu afasto sua mão. “Seriamemente?”

“Você tem cabelo residual no chapéu, cara!” Ele está rindo enquanto se aproxima de mim novamente. Eu me esquivo dele e bato em alguém.

“Desculpe, com licença,” eu digo, me virando bem a tempo de ver o lado do rosto dela passando correndo. Volto-me para Dominic. “Foi isso . . . ?”

“Quem?” Dominic pergunta.

Eu olho de novo. Ela está se movendo rapidamente em direção ao estacionamento. O cabelo é diferente, mas com certeza é o andar dela, o jeito que ela mantém os braços cruzados contra o peito. “Éden?” Eu chamo, mas não tem como ela me ouvir nessa multidão. “Escute”, digo a Dominic. “Eu volto já.”

“Josh, não,” ele diz, apertando a mão no meu ombro, sem mais brincadeira em sua voz. “Vamos, estamos quase dentro...”

“Sim, eu sei”, digo a ele, já saindo da fila. “Mas me dê um minuto, certo?”

“Josh!” Eu o ouço gritar atrás de mim.

Meu coração está batendo forte enquanto corro atrás dessa garota que pode ou não ser ela. Ela está andando tão rápido, então para abruptamente.

Finalmente a alcanço, parada no estacionamento. “Éden?” Eu digo mais baixo agora. Estendo a mão, meus dedos tocam seu braço. E eu sei que é ela antes mesmo de ela se virar porque meu corpo memorizou o dela em relação ao meu há muito tempo.

Ela está dizendo algo sobre estar com dor de cabeça enquanto se vira para olhar para mim.

“É você,” eu digo estupidamente.

Sua boca se abre, parando por um segundo antes de sorrir. Ela nem diz nada; ela apenas dá um passo à frente, direto para mim, com a cabeça encaixada perfeitamente sob meu queixo, como sempre fazia. Não sei por que fico tão surpreso quando parece tão natural, tipo, o que mais estaríamos fazendo além de nos abraçarmos assim? Seus pulmões se expandem como se ela estivesse me inspirando, e enterro meu rosto em seu cabelo – só por um segundo, digo a mim mesmo. Ela tem um cheiro tão doce e limpo, como algum tipo de fruta. Ela murmura meu nome na minha camisa e percebo que esqueci como é bom ouvi-la dizer meu nome. Quando coloco meus braços ao redor dela, as pontas dos meus dedos tocam a pele nua de seus braços. É tão familiar, reconfortante, eu poderia ficar assim. Mas ela se afasta um pouco, com as mãos apoiadas na minha cintura enquanto olha para mim.

“Você é literalmente a última pessoa que pensei que encontraria esta noite”, diz ela, ainda sorrindo.

Por mais que eu esteja preocupada, chateada e deprimida com tudo o que aconteceu, não posso deixar de sorrir de volta. “Literalmente o último?” Eu repito. “Ok, ai.”

Ela ri então, e é o melhor som do mundo. “Bem, você sabe o que quero dizer.”

“Sim.” Ela me solta e cruza os braços novamente enquanto se afasta. Coloquei as mãos nos bolsos. “Eu não sou tão legal quanto você. Entendo.”

“Tão legal quanto *eu* ?” ela repete, com uma pequena melodia em sua voz. “Okay, certo. Não, eu quis dizer o que você está fazendo na cidade? Você não deveria estar na escola?

“Férias de primavera.”

“Oh.” Ela olha em volta e inclina a cabeça na direção da fila. “Você precisa voltar ou—”

“Não,” eu digo muito rapidamente.

“Quero dizer, se você quisesse...” ela diz, no momento em que eu digo: “Nós poderíamos...”

“Desculpe”, nós dois dizemos ao mesmo tempo, interrompendo um ao outro.

Ela aponta para uma mesa de piquenique de madeira na esquina do prédio. Eu sigo ao lado dela e a observo por completo. Ela talvez tenha engordado um pouco desde que a vi pela última vez, um pouco mais suave de alguma forma, mais forte, e Deus, ela parece deslumbrante na luz da rua. Seu rosto e seu cabelo – tudo para ela. Em todos os anos que a conheço, percebo que nunca a vi assim, vestindo uma camisa sem mangas e shorts jeans, com os pés calçados em sandálias. Estávamos sempre nos meses frios, outono ou inverno. Ver seus braços e pernas nus, as unhas dos pés pintadas — partes dela que só conheci no contexto do meu quarto — me faz desejar o frio novamente. Tento não deixá-la me pegar olhando. Ela faz, no entanto.

Mas em vez de me criticar, ela apenas olha para os pés e diz: “Então, você está de férias de primavera e decidiu vir para *cá* , entre todos os lugares? Boringville, EUA?”

“Ei, eu te disse, Eden, sou um cara muito chato.”

Ela dá um empurrãozinho brincalhão no meu ombro, o que me faz querer abraçá-la novamente.

Chegamos à mesa e, quando me sento no banco, ela se aproxima e se senta no tampo da mesa, com as pernas muito próximas de mim. Sinto uma forte vontade de me inclinar para a frente e beijar seus joelhos, passar as mãos pelas suas coxas, deitar a cabeça em seu colo.

Deus, eu preciso impedir meu cérebro de ir para lá. O que há de errado comigo? Preciso parar com isso agora. Então eu prontamente me aproximo também e sento na mesa ao lado dela.

"Isso é estranho?" ela pergunta.

"Não," eu minto. "De jeito nenhum."

"Realmente? Porque estou estranhamente nervoso em ver você. Feliz", acrescenta ela, com as mãos mexendo na barra da camisa. "Mas nervoso."

"Não se sinta," digo a ela, embora mal consiga pronunciar as palavras com meu coração pulsando na garganta assim. Para mim não é nervosismo; é mais que cada terminação nervosa parece ganhar vida na presença dela, de uma só vez. Ela olha para mim como sempre fez. Como se ela realmente me visse, e pela primeira vez desde a última vez que estivemos juntos, percebo que não me sinto tão perdido. E porque é sempre tão fácil falar com ela, muito fácil dizer-lhe os meus pensamentos exatamente como os penso, sem filtro, forço a minha boca a dizer outra coisa, em vez dessas coisas.

"Você corta seu cabelo."

Ela passa a mão pelo cabelo, afastando-o do rosto. "Sim, estou me reinventando." Ela faz um barulho entre uma tosse e uma risada e revira os olhos. "Como queiras."

"Eu gosto disso."

Ela inclina a cabeça para frente e sorri daquele jeito tímido que ela só faz — *sorria* — quando eu tentava elogiá-la, e seu cabelo cai sobre seu rosto. Estendo a mão e coloco uma mecha atrás de sua orelha como já fiz tantas vezes, meus dedos roçando sua bochecha. E só quando ela olha para mim é que me lembro que não posso mais fazer isso. "Desculpe. Reflexo ou algo assim. Desculpe", repito.

"Tudo bem. Você pode me tocar", diz ela, e meu coração novamente, na garganta, me silencia. "Eu... quero dizer, somos amigos agora, certo?"

Concordo com a cabeça, ainda incapaz de falar. É muito mais fácil ser apenas amigo dela quando não estamos sentados um ao lado do outro assim.

Ela limpa a garganta e vira todo o corpo para mim, olhando para mim de frente. Agora ela estende a mão, seus dedos mal tocando meu cabelo perto da minha testa antes de passar as costas da mão ao longo do meu rosto. Há uma parte de mim que quer se inclinar para o toque dela.

"Seu cabelo está mais comprido", diz ela. "E você está deixando crescer a barba."

Agora sou eu quem está sorrindo, todo tímido e estranho. "Bem, não estou deixando a barba crescer intencionalmente; é apenas restolho.

"Tudo bem, então a barba por fazer", diz ela, sorrindo agora enquanto parece considerar algo. "Eu gosto disso. Sim. É muito, hum, *College Josh*", ela acrescenta com uma voz mais profunda.

Eu rio, e ela também, e toda aquela tensão entre nós simplesmente se dissipa. Eu sei que estou olhando para ela por muito tempo novamente, mas não consigo evitar. Isso tudo está me matando. Da melhor maneira.

"O que?" ela pergunta.

Tenho que me forçar a desviar o olhar, balançando a cabeça. "Nada."

"Então por que todo esse sorriso e suspiro?" Ela pergunta, desenhando um círculo no ar com o dedo enquanto aponta para mim.

"Não, nada. É que sempre que penso em você, de alguma forma sempre esqueço o quão engraçado você pode ser." Normalmente, quando penso nela, só penso em como ela pode ficar triste e em como estou preocupado com ela. Mas então estou perto dela e me lembro quase imediatamente que, apesar de toda a sua escuridão, ela também pode ser brilhante.

Mordo o lábio para não dizer tudo isso em voz alta. Porque esse não é o tipo de coisa que você diz para uma garota por quem você estava apaixonado, enquanto você está sentado em cima de uma velha mesa de piquenique atrás de um prédio grafitado enquanto pessoas bêbadas passam aleatoriamente, com um show de rock fedorento batendo no fundo.

"Você pensa em mim?" ela pergunta, de repente séria.

"Você sabe que eu sei."

Há um silêncio, e deixo isso ficar entre nós porque ela *tem* que saber que penso nela. Como ela pôde me perguntar isso?

Pela primeira vez, é ela quem quebra o silêncio. "Eu queria te responder, você sabe," ela diz, como se estivesse lendo meus pensamentos. "Eu deveria ter."

"Por que você não fez isso?"

"Parecia que havia muito a dizer, ou. . ." Ela para. "De qualquer forma, há muita coisa para dizer em uma mensagem."

"Você sempre pode me ligar."

"Ah, definitivamente há muito para dizer em um telefonema", ela acrescenta, e mesmo que eu não tenha muita certeza do que isso significa, também acho que entendo de qualquer maneira.

"Achei que você poderia estar com raiva de mim", admito.

"O que? Por que?" ela explode, sua voz alta. "Como eu poderia estar bravo com *você*? Você é..." Ela se detém.

"Eu sou o que?"

"Você . . .", ela começa, mas para novamente e respira fundo. "Você é a melhor pessoa que conheço. Seria impossível ficar bravo com você, especialmente quando você não fez nada de errado."

Mas é isso, não tenho mais certeza se não fiz nada de errado. "Eu não sei, eu me preocupei que você não estivesse apenas com raiva de mim, mas triste ou, tipo, decepcionado comigo."

"O que você está falando?"

"Você sabe, a última vez que nos vimos."

Ela está balançando a cabeça lentamente como se realmente não soubesse. Ela vai me fazer dizer isso. "Como eu beijei você", finalmente anuncio. "Pensei nisso mais tarde – muito, na verdade. E dadas as circunstâncias, com tudo o que estava acontecendo, essa era provavelmente a última coisa de que você precisava. E então tudo que eu disse para você. Dada a situação, foi muito complicado, sem mencionar apenas o pior, estúpido e terrível momento, e pensei que talvez tivesse feito você se sentir desconfortável..."

"Espere, espere, pare", ela interrompe. "Eu pensei *que tinha* beijado você."

Eu não sei o que dizer. Penso no meu quarto, há quatro meses, e de repente é um borrão de mãos e bocas e exaustão e desespero e emoções correndo alto, mais alto do que nunca, e agora não tenho certeza de quem beijou quem, quem estendeu a mão para quem primeiro.

Mas sua risada interrompe meus pensamentos. É alto, nítido e claro. "E aqui estava eu, me sentindo inadequado."

"Inapropriado?" Eu rio também. "Por que?"

"Beijar você depois que você me disse explicitamente que tinha uma namorada, uma namorada séria", ela acrescenta, usando minha própria expressão estúpida. palavras contra mim. — Poderia ter me poupado de uma espiral de vergonha se soubesse que você era o culpado esse tempo todo.

Ela está brincando, eu sei, mas essa palavra. *Vergonha*. A voz dela meio que fica presa, como um espinho. Não é uma palavra casual que você usa se não estiver realmente lá embaixo da superfície. Então, eu sei que não é hora de confessar toda a verdade sobre minha namorada – *ex* -namorada – ou que terminamos naquela noite, *por causa* daquela noite.

“Tudo culpa minha”, digo em vez disso, rindo junto com ela. “Assumo total responsabilidade.”

Há um coro de aplausos da multidão do outro lado deste muro, mas não poderia haver nada mais emocionante acontecendo lá dentro do que o que está acontecendo aqui agora.

"Bem, porra, Josh." Ela joga as mãos para cima. "Isso é um clássico para nós de novo, não é?"

Clássico nós. Eu odeio amar o jeito que isso soa.

ÉDEN

Tudo parece estranho ao meu corpo, o riso, a leveza. Isso está me deixando nervoso, mas de uma forma agradável e levemente cafeinada. Para estar com ele de novo, sentada aqui conversando, parece que devo estar inventando — inventando *ele* — sonhando, tendo alucinações ou algo assim. Porque não há nada que eu precise mais esta noite do que isso, com Josh. E Deus, como não estou acostumada a conseguir o que preciso.

"Então, você parece bem, Eden", ele diz, mas seu sorriso está desaparecendo.

"Sim." Concorro com a cabeça, mas não consigo olhar nos olhos dele. "Hum-hmm." Balançando a cabeça, balançando a cabeça.

"Você *parece* bem", ele repete, e sinto que é mais uma pergunta do que uma observação, mas ainda não estou pronto para abandonar a leveza.

"Então você disse." Tento continuar com essa brincadeira em que somos tão bons, mas ele me estuda, apertando os olhos como se estivesse tentando ver algo à distância, só que ele está olhando nos meus olhos. Eu me concentro em minhas mãos e não nele.

"Vamos," ele diz suavemente.

"O que?"

— Mas você está bem? ele finalmente pergunta.

Eu dou de ombros. "Quero dizer, claro. Eu... estou melhor, eu acho. Não estou mais fazendo um monte de merdas malucas, então é isso." E espero que ele saiba que por "merda maluca" quero dizer que não estou mais sendo maltratada e dormindo com estranhos. "Ah, e parei de fumar", acrescento.

"Realmente?" Ele sorri. "Parabéns. Estou impressionado."

"Obrigado. É uma merda."

"Mas não foi isso que eu quis dizer", diz ele. "Eu quis dizer, como *você está* ? Tipo, você está bem?"

"Não é como se eu realmente tivesse a escolha de não estar bem. Mas estou tentando ser melhor", gaguejo. Jesus. Não é uma pergunta difícil, mas não consigo respondê-la.

"Sim, mas como você está *realmente* ?"

Ele vai me fazer dizer isso.

"O que? Não estou bem, Josh — deixo escapar, quase gritando, mas então domino o controle. — Desculpe. Mas sim, não estou. OK?"

"Tudo bem", ele diz gentilmente. "Não, não estou tentando discutir. É que você sabe que nunca precisa fingir comigo. Isso é tudo que estou dizendo."

"Não estou fingindo nada com você", digo a ele. "Você é a única pessoa com quem não finjo, então..." . ." Não terminando essa frase.

Ele abre a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas de repente se vira em minha direção. Acho que, por uma fração de segundo, ele está se inclinando para me beijar. Meu coração começa a acelerar. Mas então ele estende a mão para tirar o telefone do bolso de trás. Enquanto ele olha para a tela, tudo que consigo pensar é que eu o teria beijado de volta — de novo, sempre. Mesmo com Steve lá dentro. Mesmo com a namorada de Josh existindo em algum lugar. Eu teria.

"Alguém sentiu sua falta?" Eu pergunto, realmente esperando que alguém não seja a namorada - que ele não esteja disposto a me deixar para ficar com ela, mesmo que devesse. "Você precisa ir?"

Por favor, diga não .

Ele olha para mim enquanto digita uma mensagem. "Não. Só estou avisando ao meu amigo que estou aqui." Ele agora coloca o telefone virado para baixo sobre a mesa e olha para mim com aqueles olhos que me mantiveram cativa desde que caí neles em uma sala de estudos estúpida no meu primeiro dia do décimo ano e nunca consegui escalar para sair. "E você?"

"Quanto a mim?" — pergunto, incapaz de lembrar do que estávamos falando.

"Alguém está sentindo sua falta aí?"

"Eu duvido muito." Inclino meu telefone em minha direção para poder ver a tela. Nada ainda. Coloquei-o virado para baixo ao lado do telefone de Josh. "Eu disse a eles que precisava de um pouco de ar. Estava ficando meio claustrofóbico lá dentro, e a música estava me dando dor de cabeça." Decido deixar de fora a parte sobre a localização de Jock Guy. Seria muito tentador contar a ele toda a história do que aconteceu naquele dia, e preciso me concentrar agora, focar *no* agora, absorver o máximo que puder, enquanto posso. "Acho que não sou muito divertido hoje em dia", concluo encolhendo os ombros.

Ele continua me observando enquanto falo e então estende a mão. "Aqui, posso ver?" Ele pergunta, apontando para minha mão.

Deixei que ele segurasse minha mão na dele, posicionando cuidadosamente o polegar e o indicador onde meu polegar e o indicador se encontram, beliscando aquela parte carnuda.

"É uma questão de ponto de pressão", explica ele, pressionando com mais força. "Supostamente ajuda com dores de cabeça. Minha mãe costumava fazer isso para mim quando eu era criança."

Fecho os olhos porque de repente parece muito intenso, muita intimidade e realidade, muito tudo. Eu não aguento. Sinto minha garganta se fechar, meus olhos ardendo. Eu poderia chorar agora mesmo se me permitisse, e nem tenho certeza do porquê. Mas não vou. Eu não vou.

"Isso não dói muito, não é?" ele pergunta, relaxando por um momento.

Balanço a cabeça, mas ainda não consigo abrir os olhos.

"Tem certeza que?"

Eu concordo.

Ele pressiona novamente, silenciosamente.

É o oposto de desaparecer. Como se eu estivesse mais aqui do que jamais estive em qualquer lugar, em qualquer momento da minha vida. É todo o resto que está desaparecendo agora, não eu. Depois de mais alguns segundos, ele me solta. Pega minha outra mão e faz a mesma coisa. Enquanto ele alivia a pressão, respiro fundo, abro os olhos e olho para ele novamente. Ele ainda está me observando tão de perto.

"Como está sua cabeça agora?"

Eu ainda tenho cabeça? Eu penso. Porque tudo que sinto é o local onde suas mãos tocam as minhas. *E é exatamente por isso que nunca respondi a sua mensagem*, quero contar a ele. Mas isso não seria justo, considerando todas as coisas injustas que já fiz com ele. Não é culpa dele fazer a dor passar ou o mundo desaparecer.

"Melhor", digo a ele. "Obrigado."

Estamos olhando preguiçosamente nos olhos um do outro, e quando me sinto meio que balançando ao som da música abafada do outro lado da parede e me pergunto se não estamos dizendo a mesma coisa, um de nossos telefones vibra. .

"É você ou eu?" ele pergunta, pegando o telefone, e estou grato pela interrupção. "Deve ser seu."

Steve: *você precisa de mim?*

Eu escrevo de volta, *não, estou bem*

Ele responde imediatamente: *tem certeza?*

Sim.

"Tudo bem?" Josh pergunta. "Eu não quero ficar com você... bem, quero dizer, eu quero, na verdade. Mas não vou. Se você tiver que voltar.

"Não. Eu não vou voltar. Coloco meu telefone de lado novamente e puxo minha pulseira. "Eu realmente não queria vir em primeiro lugar. . . mas estou feliz por ter feito isso." Não acho que estou flertando; Só estou sendo honesto. Eu penso.

"Eu também sou."

"Tem certeza de que não precisa voltar para seus amigos?" Pergunto-lhe.

"Sinceramente, sempre me esqueço do motivo pelo qual estive aqui. Mas acho que você tem esse efeito em mim em geral."

Mas *ele* pode estar flertando.

"Não sei como lidar com isso", digo. "Não tenho certeza se isso é uma coisa boa."

Ele dá de ombros. "É bom para mim."

Do jeito que ele está olhando para mim, meu Deus, não consigo respirar. Eu rio involuntariamente porque é a única maneira de conseguir colocar ar nos pulmões.

"Por que você está rindo?" ele pergunta, mas está quase rindo também. "Estou falando sério."

"Eu sei", digo a ele. "Eu também."

Ele balança a cabeça e parece entender que isso está sendo demais para mim, porque ele limpa a garganta e se senta um pouco mais ereto, mudando de assunto, se houver. "Então, você está quase na formatura?"

"Sim. Hum, mais ou menos.

"Tipo de?"

"Quero dizer, sim, estou me formando, mas na verdade não estou na escola agora. Fisicamente, quero dizer. Tenho feito tudo online."

Mas não conto a ele por que não estou fisicamente na escola. Como tive um colapso total na primeira semana de volta das férias de inverno – um garoto me encontrou na fila do refeitório, só que eu não percebi que era isso que estava acontecendo. Parecia mais. Parecia que eu estava sendo atacado. E eu simplesmente reagi, dei um chute na canela dele e joguei minha bandeja de comida nele. De todas as coisas que posso fazer espontaneamente, não sei por que fiz *isso* . Mas eu fiz. E então corri, encostei-me no canto do refeitório, caí no chão e comecei a hiperventilar na frente de todos. Até os professores pareciam com muito medo de se aproximar de mim. Mas Steve estava lá. Ele me ajudou a ir até a enfermaria e esperou comigo até minha mãe vir me buscar.

Meus olhos voltam a focar agora. Em Josh olhando para mim, preocupação franzindo sua testa quanto mais tempo fico sem falar.

Balanço a cabeça, afasto a memória, continuo falando como se eu não estivesse simplesmente perdido. “Hum, estou pensando em não voltar pelo resto do ano, talvez começar a trabalhar na comunidade faculdade enquanto eu termino. Tentar, não sei, descobrir o que vou fazer da minha vida.”

“Sem pressão nem nada”, diz ele, com aquele sorriso torto aparecendo.

“Certo?” Tento rir, mas parece vazio. Ele acena com a cabeça de forma compreensiva, como se entendesse por que nenhuma das faculdades para as quais me inscrevi me aceitou. “Eu realmente estraguei minhas notas nos últimos anos”, explico de qualquer maneira.

“Isso não é culpa sua.”

Eu dou de ombros. “É mais ou menos. Eu mal estudei para os SATs. E então tive uma pressa louca para enviar um monte de inscrições ruins para faculdades aleatórias antes do prazo final, em fevereiro. Ave Maria, tipo de coisa. Mas . . .”

“Ainda não ouviu nada?” ele pergunta.

“Não, eu ouvi.”

“Ei, não há nada de errado com a faculdade comunitária, sabia?”

“Eu sei.” Eu suspiro. “De qualquer forma, esse é o plano, pelo menos por enquanto. Termine online e espero que meus amigos me perdoem por não ter voltado. Quero dizer, é mais fácil assim.”

“Qual parte?”

“Escola, eu acho. É fácil estudar on-line e é . . .” Percebo que não expliquei qual é o problema, pelo menos não em voz alta, para mais ninguém. “Lá é difícil. É difícil *estar* lá. Acho que algumas pessoas sabem que algo está acontecendo com toda essa coisa de prisão e julgamento e que de alguma forma estou envolvido. Eles não *deveriam* saber sobre mim e Mandy. Amanda, quero dizer. Essa é a irmã dele. Mas porra de cidade pequena e estúpida. As pessoas falam. É simplesmente difícil, sabe? Posso ouvir minha voz tremendo, e agora ele olha para mim como se eu fosse quebrar ou algo assim. Encolho os ombros como se pudesse me livrar de tudo.

“Sim.” Ele concorda. “Isso faz sentido.”

“Obrigado.”

“Por que você está me agradecendo?”

“Não sei, às vezes duvido de mim mesmo. E acho que talvez eu devesse estar melhor, grato, por isso ou algo assim. Tipo, eu não acho que meus amigos realmente entendam. Eu não acho que isso faça sentido para eles, então é só. . . *validando*,” eu digo, puxando uma das palavras favoritas do meu terapeuta.

“Bem, eles sabem, certo?” ele pergunta. “Seus amigos sabem o que aconteceu com você?”

Aquele nó na minha garganta reaparece instantaneamente. Eu engulo em seco. “Eles fazem; é só que não tenho certeza se eles entenderam por que ainda não entendi. . .” Jesus, não consigo completar uma maldita frase.

“OK?” ele termina para mim.

Eu aceno, e agora não há como esconder isso. Sinto minhas bochechas ficando vermelhas e meus olhos ficando cheios e meu sangue esquentando sob a pele. Ele estende a mão e toca meu ombro, depois minha bochecha, e isso me leva ao limite.

“Josh,” eu gemo, afastando sua mão do meu rosto. “Eu não quero ser bagunçado esta noite.” Mas estou me envolvendo em seus braços abertos de qualquer maneira. Estou colocando uma mão em volta de seu ombro, a outra pressionada em seu peito. É como ele disse antes,

um reflexo. Um hábito, um bom hábito ao qual quero voltar. Estou fechando os olhos, a bochecha encostada em seu pescoço, sentindo sua voz vibrar.

“Está tudo bem”, ele está dizendo. “Você pode ser bagunceiro. Eu não me importo.

Neste espaço minúsculo e delicado entre nós, percebo que o barulho selvagem do meu coração não é porque está despedaçado. É porque este é o melhor, o mais forte que meu coração sentiu em meses. Quando abro a boca para dizer isso a ele, meus lábios roçam sua clavícula e os deixo permanecer ali por um segundo a mais. Espero que ele não sinta minha boca aberta em sua pele. Mas ele deve fazê-lo, porque então sua mão está no meu rosto de novo, descendo pelo meu pescoço, e se eu abrir os olhos, não vou me conter e acho que ele também não vai, e Deus, por que isso sempre acontece? chegando a este ponto, por que nunca é o momento certo para nós?

“Estou bem”, digo enquanto me afasto. “Estou bem. Realmente.” Não sei se estou tentando convencer a mim mesmo ou a ele.

“Tudo bem”, ele sussurra, deixando-me flutuar fora de seu alcance.

“Eu realmente não sou tão frágil quanto pareço agora, quero que você saiba. Não sei por que estou tão emocionado.” Finalmente me atrevo a olhar para ele novamente, agora que estou de volta ao meu lugar em frente a ele, do meu lado da linha invisível que acabei de desenhar na mesa, à distância de um braço entre nós. “Quer dizer, eu meio que quero”, digo antes que possa me conter.

“Você faz o quê?”

“Saiba por que estou emocionada”, respondo, mas mesmo quando as palavras saem da minha boca, não tenho certeza do que vou dizer a ele, quanto de qual verdade.

“Por que?” ele pergunta, e rapidamente acrescenta: “Não que você precise de um motivo ou algo assim”.

Você. Você é a razão.

Mas eu não digo isso.

“Tivemos notícias do promotor no início desta semana”, começo, em vez disso. “Eu, Amanda e Gen... Gennifer, eu acho, é o nome dela. A namorada dele. Ou ex-namorada. Gennifer com G, isso é basicamente tudo o que sei sobre ela, mas... .” Divago, tropeçando nas palavras, sem ter certeza se realmente quero falar sobre isso com ele.

“Então há notícias sobre o julgamento, ou... ?” ele pergunta hesitante.

“Sim e não”, digo a ele. “Essa audiência que deveríamos ter nesta primavera foi adiada, então agora pode não acontecer até o verão ou até mesmo no outono.” Ainda tenho a mensagem do promotor Silverman no meu telefone, sem resposta, junto com a mensagem de voz da nossa advogada do centro de mulheres, Lane, indicada pelo tribunal, me dizendo que ela estava disponível se eu precisasse conversar sobre isso. Olho para ele, percebendo que parei no meio da história.

“Sinto muito”, diz ele, como se realmente estivesse falando sério.

“Acho que Kev...” Mas minha boca não me deixa terminar; Tenho que limpar a garganta antes de continuar. “Ele tem uma nova equipe jurídica sofisticada que o representa agora.” Respiro fundo, olho para meu colo, tentando apertar a pulseira na minha mão.

Ele estende a mão e coloca a mão sobre a minha. “Isso não muda o que ele fez”, diz ele, e eu paro de mexer na pulseira idiota e pego sua mão; Eu sei que estou segurando com muita força, mas ele não parece se importar.

“Estou começando a me perguntar se algo disso vai acontecer.” Eu olho para ele. “Se tudo isso valesse a pena.”

“Não diga isso. Vale a pena — ele insiste, dando um aperto pequeno e reconfortante em minha mão.

Concordo com a cabeça, mas me obrigo a soltar sua mão porque vou ter que fazer isso mais cedo ou mais tarde.

Há um breve silêncio entre nós. Ele olha para baixo e depois para o estacionamento, como se estivesse tentando pensar em algo para dizer. “Afinal, onde ele conseguiu dinheiro para um advogado sofisticado?” ele finalmente diz. “Não seus pais - eles não fariam isso, não com sua irmã sendo....” Ele para, sem terminar, mas uma parte de mim realmente quer saber o que ele iria dizer.

Não com sua irmã sendo ... o que, sua vítima? Era isso que ele ia dizer? Eu me pergunto. Ele também pensa em Gennifer como sua vítima? Eu? E eu, sou vítima dele?

“Não, os pais dele não”, finalmente respondo. Agora não é hora de tentar navegar naquela partida de tênis entre vítima, barra e sobrevivente que está constantemente saltando de um lado para o outro do meu cérebro. Os pais deles estão do lado de Amanda, o que ainda me parece um milagre, conhecendo a atração gravitacional de Kevin.

“É algum ex-aluno rico da universidade – ou caras – que o está apoiando, apenas esperando para incluí-lo em algum tipo de Hall da Fama do Look What We Can Get Away.” Tento rir da minha piada de mau gosto, faço uma pausa para recuperar o fôlego, para controlar um pouco minhas emoções. “Eu realmente não sei. Tudo tem a ver com a porra do basquete e... Mas eu me contenho e imediatamente coloco a mão sobre a boca. Às vezes esqueço que ele também faz parte desse mundo. “Desculpe, eu não quis dizer—”

“Não, você está certo”, ele interrompe, balançando a cabeça. “Não, entendi. Maldito basquete”, ele repete, de alguma forma com mais desprezo e amargura na voz do que eu.

“Eu não quis dizer que *todo* basquete é ruim. Ou que os esportes são maus ou algo assim. Apenas . . . apenas esta parte.

“Sim”, ele diz, com a voz tensa, estreitando os olhos enquanto desvia o olhar. “A parte em que eles não podem ter o nome do time manchado. O legado deles, a imagem deles”, ele zomba, citando com os dedos, como se já tivesse ouvido essas frases muitas vezes antes. “Sinto muito, isso merda só me faz. . .” Mas ele também não termina a frase. Ele suspira e esfrega a nuca, como se estivesse tão emocionado com tudo isso quanto eu.

“Ok, vamos falar sobre isso em vez disso. Vamos conversar sobre *você*. Por favor, sério. Por favor.”

“Meu?” ele pergunta, erguendo os ombros e balançando a cabeça. “Não, eu não quero falar sobre mim.”

“Você sempre me deixa falar demais sobre mim.”

“Bem, não há nada acontecendo comigo.”

“Sim existe.”

Ele olha para mim como se eu o tivesse assustado. “Por que você diz isso?”

Não sei bem por que disse isso, mas a resposta dele me diz que estou certo. Somos interrompidos antes que eu possa tentar responder. De repente, as pessoas saem em massa pelas portas, gritando, correndo e perturbando todo esse ar sensível que nos protege na bolha que criamos.

“Isso já não pode ter acabado”, diz Josh, pegando o telefone para ver a hora.

Eu olho para o meu também. "Como é depois das onze?"

E então vejo a série de textos ali.

Steve: ei, você está voltando?

Mara: você está bem

Steve: ficando preocupado agora. você está bem?

Steve: por favor, responda

Mara: Steve está pirando

Mara: Eu meio que estou demais, aliás

Steve: onde você está???

"Merda, eles estão me procurando", digo a Josh enquanto digito uma mensagem. mas depois apague, sem conseguir decidir quem será mais compreensivo, Mara ou Steve. "Desculpe; Eu queria continuar conversando."

"Não, está tudo bem", diz ele, semicerrando os olhos para o telefone por um momento antes de colocá-lo no bolso novamente. "Acho que também estou com problemas com meus amigos."

"Você pode me culpar", digo a ele.

Ele apenas sorri e balança a cabeça. "Nunca."

As pessoas estão começando a se reunir em torno da nossa mesa agora, nos afastando. "Acho que devemos ir", diz Josh enquanto salta da mesa e estende a mão para que eu a segure.

Desço do banco para a calçada, ainda segurando sua mão enquanto me viro e dou de cara com Steve.

JOSH

Esse cara está muito perto. Estou prestes a dizer a ele para recuar, mas então reconheço algo na expressão em seu rosto enquanto seus olhos passam entre mim e Eden, e então descem para nossas mãos. Ela solta rápido demais.

Reconheço o olhar porque deve refletir o meu.

"Oh," eu digo em voz alta, meu cérebro processando o que está acontecendo muito lentamente.

Ele diz que está procurando por ela e, quando ela se afasta de mim, ele coloca o braço em volta do ombro dela, como se a estivesse reivindicando. *Meu*, seus olhos me dizem.

"Hum, Josh, este é Steve", diz Eden. "Steve, você provavelmente se lembra de Josh – ele estudou conosco."

"Não", diz o cara — *Steve*.

Outra garota se aproxima e coloca a mão no outro ombro de Eden. Eu a reconheço; Eu a conheci uma vez. "Oh meu Deus," ela diz enquanto me reconhece também.

Eden se afasta de Steve. Em vez disso, pega o braço da amiga. "Não sei se você se lembra..."

"Josh, sim, claro. Ei."

"Oi, é a Mara, não é?" consigo dizer.

"Sim", ela responde, sorrindo. "Boa memória." Então ela solta o braço de Eden e puxa outro cara para frente, que levanta a mão para acenar para mim. "Este é meu namorado, Cameron."

"Oh sim." Não sei como continuo a falar e a respirar quando ela está tão perto agora e está prestes a estar longe e não sei quando a verei novamente. "Acho que tivemos uma aula juntos, não foi? Biografia ou—"

"Laboratório de química", ele me corrige com um aceno de cabeça.

"Certo," eu respondo, mas é difícil me concentrar porque estou observando ela torcendo os braços, os dedos envolvendo um ao outro com muita força, e posso sentir o quão desconfortável ela está. Esse cara, *Steve*, agarra a mão dela, separando-a de seu aperto, e está me olhando como se quisesse brigar. Posso sentir isso irradiando dele, penetrando na minha pele.

Atrás deles, vejo Dominic caminhando em nossa direção no meio da multidão. À medida que ele se aproxima, ele balança a cabeça e mantém os braços no ar. "Você perdeu tudo!" Ele grita. E porque ele tem uma voz profunda e gritante e se eleva sobre toda a multidão, todos se viram para olhar.

Quando ele fica ao meu lado e vê o que está acontecendo, ele me lança um olhar – um *eu te disse* misturado com simpatia.

"Dominic," eu digo, grata por ter algo a dizer. "Isso é—"

"Eden", ele termina, tão alegre que não dá a mínima para seus sentimentos verdadeiros sobre ela – ou melhor, sobre *mim* e ela. "É tão bom finalmente conhecer você."

"Oh", ela diz, surpresa, eu acho, por ele saber quem ela é. Mas ela lhe oferece um sorriso rápido e um aceno de cabeça. "Você também."

Continuo as apresentações. "E esta é Mara, Cameron e... ." Eu encontro o olhar de Steve e sei que é um movimento idiota, mas é ele quem está segurando a mão dela agora. "Sinto muito, me lembra?"

Ele aperta a mandíbula. "Steve," ele sibila.

"Certo. Steve."

Dominic assume, conversando sobre a escola, o show, coisas normais. Fácil, como sempre é para ele. Fico olhando para os meus pés porque, se olhar para ela de novo, tenho medo de dizer algo dramático e estúpido, como: *Esse cara é mesmo, Eden? Você vai embora com esse cara? Esse cara que é claramente ciumento, possessivo e zangado* – mas meus pensamentos de repente param no meio do caminho – a menos que seja eu. Talvez *eu seja* claramente ciumento, possessivo e zangado.

Quando olho para ela novamente, sua boca está ligeiramente aberta e quero que ela diga alguma coisa, qualquer coisa, para que eu saiba o que está pensando, para que eu saiba o que *eu* deveria estar pensando. Porque pensei, por um minuto, *talvez*. Mas agora eu a vejo respirar fundo e, quando tenho certeza de que ela está prestes a falar, ela é interrompida pelo resto das pessoas com quem deveríamos nos encontrar. Um bando de caras do antigo time, algumas garotas que reconheço vagamente da nossa turma de formandos. Eles estão todos gritando e agitando os braços, gritando por nós. Eden olha para eles, e posso vê-la virar-se fisicamente para dentro, tornando-se menor, e desta vez, quando ela olha para mim novamente, parece que é de um tamanho tão imenso. distância que seria impossível até mesmo nos ouvirmos se tentássemos conversar novamente.

"Há uma festa depois", Dominic diz a eles, apontando para a multidão de pessoas claramente ansiosas para que sigamos em frente. "Todos vocês são bem-vindos para participar."

Steve fala, aparentemente por todo o grupo. "Já temos planos."

Mara entra na conversa. "Mas obrigada."

— Não se preocupe — diz Dominic, dando-me um tapinha no ombro, tirando-me do estado de choque. "Preparar?"

Concordo com a cabeça, embora não pudesse estar menos preparada.

"Éden?" Eu gerencio. "Vamos. . ." *Ir. Tente novamente. Fugir.*

"Vamos conversar logo", ela termina para mim. E eu quero tanto acreditar que há algum significado mais profundo em suas palavras, alguma mensagem secreta de que não sou o único procurando por mensagens secretas. Enquanto observo os dois indo embora, há muita coisa acontecendo, e é como se estivéssemos sendo separados um do outro por essas correntes opostas, nos levando embora, nos perdendo em algum tipo de desastre natural devastador.

Eden olha para mim como se ela fosse se virar e vir correndo até mim, afinal. Steve olha para trás também, um aviso. Ela olha para frente novamente e desta vez não olha para trás.

"Então, esse foi o infame Éden, hein?" Dominic pergunta.

Mas não consigo encontrar minha voz novamente até que ela esteja fora de vista. Meu coração afunda no estômago e, enquanto a vejo desaparecer, sinto vontade de correr atrás dela, o medo tomando conta de mim como aconteceu na última vez que nos separamos em dezembro. Quando fiquei nos degraus da frente e a observei se afastar, sem saber se a veria novamente.

"Ei." Dominic cutuca meu braço com o cotovelo. "Você é legal? Quer abandonar esses caras? Ele inclina a cabeça na direção de nossos velhos amigos. "Podemos fazer outra coisa. Sério, só vou beber e fazer merdas estúpidas como sempre. Eu posso deixar isso.

"Não", eu finalmente digo. "Vamos, não vou fazer você perder isso."

Ele vira a cabeça para o lado e semicerra os olhos para mim, tentando não sorrir.

"O que?" Eu balanço minha cabeça. "Eu não sou tão alheio. Seu admirador secreto estará aqui esta noite, não? Pergunto-lhe. Acho que o nome dele é Luke, e só sei disso porque D maliciosamente me perguntou uma vez se eu me lembrava dele da escola. Eu não - ele estava um ano atrás de nós. Mas sei que ele é a verdadeira razão pela qual Dominic quis voltar para casa. Eles têm conversado on-line, embora Dominic tenha ficado estranhamente quieto sobre isso — e desde que chegamos à faculdade, ele não tem ficado quieto sobre nada. "É aquele cara, Luke, certo?"

"Você não é sorrateiro e perspicaz?", ele responde.

"É a única razão pela qual consigo pensar para você insistir em voltar para casa esta semana."

Dominic ri e suspira. "Acho que posso ser *seu* admirador secreto."

"Ah", eu digo. "Como se ele não tivesse saído, você quer dizer?"

"Não está claro."

Eu concordo. "Bem, beber e fazer merdas estúpidas parece fantástico agora."

"Ok, esse é o espírito!" ele diz, com muito entusiasmo. "Vamos."

À medida que nos aproximamos de nossos velhos amigos, eles me recebem de volta com os braços abertos, tapinhas nas costas, gritos e empurrões. Uma das garotas — acho que ela diz que seu nome é Hannah — se apresenta quando passo por ela e olha para mim como se eu estivesse dando em cima dela. Minha boca de repente se enche de um gosto amargo que me faz sentir náuseas.

Vai ser uma noite longa e estúpida.

ÉDEN

A viagem até o restaurante aberto a noite toda é insuportável. Steve está sentado no lado oposto do banco de trás, olhando pela janela. Mara e Cameron ficam olhando para nós, desconfortáveis.

"Meu Deus, estou morrendo de fome", diz Mara, tentando quebrar o constrangimento. "Espero que não esteja lotado."

Ninguém responde.

Cameron e Mara trocam um olhar e então Cameron acrescenta: "Cara, aquele segundo set foi doentio, não foi?"

Nada.

Passamos por dois semáforos e ele ainda está fazendo beicinho, furioso, agindo como se eu tivesse feito algo errado.

"Você vai dizer alguma coisa?" Eu finalmente pergunto.

Steve se vira para mim agora, olhando para mim pela primeira vez. "Você não pode simplesmente desaparecer assim."

Mas eu estou, eu acho. Estou desaparecendo o tempo todo. estou desaparecendo agora mesmo. Isso é tudo que faço quando estou com você. Mas o que digo é: "Eu não desapareci. Eu tive que sair de lá e eu te disse isso.

Ele balança a cabeça como se eu não estivesse fazendo sentido.

"O que?" Eu exijo.

Seus olhos se voltam para o banco da frente e então ele se vira para mim, aproximando-se lentamente. "Você planejou encontrar-se com ele esta noite?"

"Você está realmente me perguntando isso?" Eu digo, mais do que alto o suficiente para eles ouvirem também.

"Bem, você não pode me culpar se tudo isso parece um pouco familiar", diz ele, ainda falando baixo, como se não quisesse *me envergonhar* na frente de nossos amigos.

Levo um segundo para retroceder todos os meus pecados dos últimos dois anos até que chego à memória que ele deve estar se referindo. "Ah, então você quer ir lá? Ok, vamos.

Aquela noite foi confusa, mas me lembro dos destaques: estávamos em uma festa no dormitório, eu, Mara, Cameron e Steve. Mara estava me pressionando para dar uma chance a Steve. Mas sua doçura enquanto falava comigo no salão lotado tornava-se cada vez mais ofensiva à medida que eu bebia. Como se ele ainda pensasse que eu era o geek inocente da banda de quem ele era amigo no primeiro ano. E então eu o mandei buscar outra bebida e fiquei com o primeiro cara que olhou para mim. Até que meu irmão apareceu por algum motivo — esses detalhes se perderam — e tivemos uma briga aos gritos na frente de todo mundo. Eu estava extremamente bêbado e terrivelmente cruel com todos, segundo me disseram. Quando contei a história à minha terapeuta, ela disse que isso parecia o meu fundo do poço. Só posso esperar que isso seja verdade.

"Edy?" Mara diz do banco da frente. "Tenho certeza que ele não quis dizer isso. Certo, Steve?"

Eu a ignoro porque ele definitivamente quis dizer isso. "Você percebe que nem estávamos juntos quando isso aconteceu, certo?"

“Tudo bem, não importa.” Ele agarra minha mão. Eu o arranco. “Esqueça que eu disse alguma coisa.”

“Hoje à noite, é disso que estamos *falando*”, digo, tentando evitar que minha voz trema. “Josh me viu correndo e veio atrás de mim para ver se eu estava bem.”

“Você me disse para não vir”, ele argumenta. “Você disse que estava bem!”

“Obviamente eu não estava bem.” Como Josh sabe que não estou bem, mas Steve — aquele que vejo o tempo todo, aquele com quem supostamente tenho um relacionamento — não sabe? “Você sabe que estou tendo esses ataques de ansiedade, que me fazem sentir como se estivesse realmente morrendo, aliás, e que eu não conseguiria aguentar aquela porra de show. E você me pressionou para ir de qualquer maneira, e agora você...”

Ele começa a rir, mas não de uma forma engraçada; de uma maneira raivosa, eu-tenho-a-moral, que me faz querer abrir a porta e pular do veículo em movimento só para não estar mais sentada ao lado dele.

“O que é tão engraçado?”

“Você ainda não respondeu à pergunta.”

“E eu não vou!”

“Pessoal!” Mara grita. “Estou tentando dirigir e você está me dando flashbacks das brigas pré-divórcio dos meus pais no ensino médio.”

“Sim, você pode ir com calma aí?” Cameron diz, e estou prestes a discutir com ele até perceber que ele está falando com Steve - pela primeira vez, não me culpe por tudo.

O carro fica em silêncio até que entramos no estacionamento por cima dos buracos que ameaçam despedaçar o velho Buick marrom de Mara. Ela para em uma vaga livre e estaciona o carro, depois se vira e diz: — Vamos entrar e pegar uma mesa. Vocês dois podem ficar aqui e brigar ou foder ou o que for preciso fazer. De qualquer forma, vou pedir uma banana split. Tranque o carro quando terminar. Ela joga as chaves no banco de trás e eles entram, nos deixando aqui.

“Então, acho que estamos brigando”, diz Steve, como se não tivesse começado.

“Bem, não estamos fazendo a outra coisa.”

“Certo.” Ele zomba. “Por que não estou surpreso?”

“O que isso significa?”

“Você sabe.”

“Não, eu não.”

“Qual é, não é como se eu fosse um cara de fraternidade que quer sexo, mas...” Ele para no meio da frase.

“Então, espere, estou confuso. O problema é que eu sou *muito* sacanagem ou não sou sacanagem o suficiente para você?”

“Não importa, você está apenas distorcendo o que estou dizendo.”

“Não, só quero ter certeza de que acertei, *Stephen*”, acrescento, usando seu nome completo, como fazia quando éramos apenas amigos. “É porque eu não queria fazer um boquete em você outro dia?”

“Deus, você tem que dizer assim?” ele sussurra e grita.

“Porque você sabe que me perguntou na pior hora possível, certo? Quando eu estava tentando ter uma conversa séria com você sobre voltar para a escola.”

“Eu sei, e pedi desculpas. Mas não é só isso.” Ele revira os olhos para mim e suspira. “Por que sinto que você estava mais interessado em mim antes de estarmos juntos?”

Mordo o lábio, tento não sorrir ou rir, ou pior. Porque eu poderia machucá-lo se quisesse. Eu poderia contar a verdade a ele, que nunca estive tão interessado nele. Mas estou tentando ser bom. Tentando ser feliz em meu relacionamento com o garoto da idade apropriada que minha melhor amiga me empurrou porque ela o acha o cara mais legal que conhecemos. A verdade é que ele simplesmente estava lá. E eu também estava lá, tentando ao máximo ser normal, pensando que talvez ele fosse o caminho.

"Antes de estarmos juntos", começo, ainda decidindo o quão honesto posso ser, "eu estava interessado em foder qualquer pessoa com pulso, então..." . . "

"Legal." Ele sai do carro, se inclina, olha para mim e diz: "Isso é ótimo, muito obrigado". Então bate a porta na minha cara. *Muito honesto* . Pego as chaves de Mara e o sigo até a beira do estacionamento, onde ele está de costas para mim.

"Steve!" Eu grito, marchando até ele. "Olha, eu quis dizer isso, tipo, você realmente quer que eu aja do jeito que eu agia antes de ficarmos juntos?"

Ele gira tão rápido que tenho que lutar contra a vontade de me proteger. "Você fez sexo com ele?" ele deixa escapar.

"Você está falando sério? Estávamos apenas conversando!"

"Esta noite não", ele retruca. "Quero dizer, você *fez* sexo com ele?"

"Por que?"

"Porque ele estava olhando para você como..." . . " Ele cerra os punhos enquanto se vira para um lado e depois para o outro, como se estivesse procurando as palavras que deixou cair na calçada.

"Como o que?"

Seu rosto se contorce de desgosto quando ele começa de novo. "Como ele. . ." E decido que não quero saber como ele estava olhando para mim, porque é inútil saber algo assim.

"Como se ele estivesse preocupado?" Eu terminei.

"E *eu* não estava preocupado? Fiquei mandando mensagens para você a noite toda, Edy! Ele grita.

"Tudo bem, me desculpe, eu sei. Por favor, Steve, não quero brigar.

"Eu também não." Há um silêncio, e quando ele começa a falar novamente, ele está mais quieto. "É só que... ele estava segurando sua mão."

"Ele estava me ajudando a descer da mesa. E estávamos apenas conversando. Nós somos amigos. Isso é o que os amigos fazem."

Ele balança a cabeça como se as coisas que estou dizendo não importassem e olha para mim como se pensasse que estava me pegando mentindo. Nesse ritmo, talvez eu devesse apenas ter beijado Josh como eu realmente queria – outras pessoas importantes que se danem.

"Mas vocês costumavam ficar juntos, certo?" ele pergunta.

"Ele é meu amigo", repito, com mais firmeza.

Ele olha para as mãos e depois para mim, apertando os olhos.

"Ele é meu amigo *agora* . E ele me ajudou muito, e é muito gentil, e você foi um idiota total com ele."

"Eu sei que estava!" Ele grita. "Mas ele também estava sendo um idiota."

"Não, ele não estava."

Ele zomba e balança a cabeça. "Você simplesmente não viu", diz ele, me dispensando.

Odeio quando ele fica bravo – é vertiginoso e assustador e me faz querer ser pequena e recuar. Isso me faz sentir fraco, o que me assusta mais do que qualquer outra coisa. “Você sabe que eu não planejei fugir nele, não é? — digo finalmente, desistindo do último resquício de respeito próprio ao qual estava me agarrando.

“Eu sei”, ele admite.

“Então por que você está sendo assim?”

Ele vira a cabeça e olha para mim como se eu fosse um idiota. “Sabe, eu percebo que você tem dez e eu sou tipo, o quê, três”, ele diz, mais suave agora, mais parecido com o seu eu habitual. “Em um bom dia.”

“O que?” Eu ri. “Eu não sou um-”

“E aquele maldito cara. *Miller*”, ele murmura, afinal sabendo seu nome. “Quero dizer, Jesus, ele poderia ser mais alto?”

“Espere, então você é realmente apenas...” . . ciúmes?”

Ele dá de ombros e balança a cabeça, suas bochechas escurecendo, envergonhado agora.

“E é por isso que você está sendo mau e me insultando?”

“Desculpe.” Ele estende um braço em minha direção e bate os dedos da minha mão direita com a esquerda. “Eu realmente sou. É que, não sei, desde que estamos juntos, me sinto muito insegura. Como se você fosse perceber que está fora do meu alcance e...”

“Isso não é nem...” Tento interromper, mas ele me interrompe de volta.

“Não, é sério. Sinto que é apenas uma questão de tempo antes de perder você para alguém como ele.

Pego sua mão agora e ele me puxa para um abraço.

“Você não precisa se preocupar com isso”, digo a ele. Porque não seria alguém *como* Josh – não há ninguém como Josh – seria *Josh* .

Ele levanta meu queixo enquanto olha para mim, e não consigo dizer o que ele realmente está pensando, mas ele se inclina e pressiona seus lábios contra os meus. Ele passa os braços em volta de mim novamente e diz “me desculpe” mais uma vez.

Eu deveria dizer a ele que está tudo bem. Não porque seja, mas mais no espírito de fazer as pazes. Mas não posso me forçar a fazer isso, não quando consigo fechar os olhos e ainda sentir os braços de Josh ao meu redor.

“Você vai ficar aqui esta noite?” ele murmura no meu cabelo antes de se afastar para olhar para mim. “Meu pai está na casa da namorada dele. Você poderia contar para sua mãe que está dormindo na casa de Mara.

Tudo o que quero fazer é ir para casa, me jogar no sofá e dormir com a TV ligada. Mas antes que eu consiga pensar em uma resposta ou desculpa, ele continua.

“É só que... sinto que não tivemos nenhum tempo a sós ultimamente. Estamos sempre com Mara e Cam. Você sabe que eu os amo, mas só sinto falta de nós.

“Vou mandar uma mensagem para Vanessa, quero dizer, para minha mãe”, me corrijo. Tentando voltar ao hábito. Meu terapeuta diz que será bom para mim começar a ligar para meus pais, mamãe e papai, e que, eventualmente, começarei a sentir que somos uma família novamente.

Entramos e vejo Mara e Cameron em uma mesa perto da cozinha. Mando Steve vir até lá e sinalizo para Mara que vou ao banheiro. Quando entro, encosto-me na pia e espero por ela. “Um pouco tenso lá fora”, diz Mara.

“Só um pouco”, eu concordo. “Honestamente, eu fiz algo tão errado?”

“Não, quero dizer, não, mas. . .”, Mara hesita, colocando a bolsa no balcão. “Foi meio assustador quando você não respondeu, mas Steve definitivamente estava sendo um idiota agro. O que é bizarro, porque ele é como o rei da calma.”

“Nem sempre”, murmuro. Ela não se lembrava daquele dia no sala quatro meses atrás, quando ele me repreendeu na frente de todos em nossa sala de estudos? Ele me chamou de vadia, o que foi justo, mas também me chamou de vadia, e não importa quantas vezes ele tenha se desculpado por ambos, acho que não o perdoei por isso. “Não acredito que ele mencionou aquela festa estúpida.”

Os lábios de Mara se torcem e ela respira fundo, sibilando. “Sim, foi um golpe muito baixo. Acho que até ursinhos de pelúcia grandes e fofos como Steve podem ser idiotas às vezes.”

“Ursinhos de pelúcia ainda são ursos”, eu digo, mas ela não parece dar muita atenção à minha declaração enquanto se inclina para frente para limpar as manchas de rímel debaixo dos olhos. Terei que lembrar disso para meu terapeuta; ela é ótima em me fazer sentir inteligente e perspicaz.

Mara encontra meus olhos no espelho. “Então, Joshua Miller”, ela diz – uma pergunta, uma afirmação, uma ordem, uma exclamação.

“Então.” Inspiro profundamente, de repente incapaz de recuperar o fôlego. “Ele. Sim.”

“*Joshhhh*.” Ela pronuncia a palavra, me torturando, e então sorri daquele jeito travesso. “Aparentemente ele está cada vez mais atraente, hein?”

“Oh sério?” — pergunto a ela, embora não consiga tirar o sorriso do meu rosto. “Jesus, não diga isso a Steve. Falando nisso, pensei que você fosse o Team Steve o tempo todo.”

“Eu estou, mas. . . *droga*.” Ela se abana com a mão como uma daquelas beldades sulistas dos filmes em preto e branco. “Quem diria que ele conseguiria arrasar com o visual desalinhado?”

Balanço a cabeça, ignorando seu eterno desejo falso por Josh, e me examino no espelho, grata por pelo menos ter tomado banho hoje. “Foi estranho vê-lo.”

“Faz sentido”, ela murmura enquanto pressiona o batom rubi no lábio superior. “Já faz um tempo desde que você o viu.” E então seu lábio inferior. “Muita coisa aconteceu.”

“Não, mas é isso. Era estranho que *não fosse* estranho. Tipo, depois do constrangimento inicial, nós simplesmente continuamos de onde paramos e... .” Paro antes de dizer algo muito verdadeiro. Por exemplo, como estive em pausa nos últimos meses enquanto minha vida continuava sem mim, e esta noite, com ele, foi como não ter pausado, sentindo como é estar vivo novamente, mesmo que apenas por um breve período. .

Mara se vira para me encarar agora. “E o que?”

Desatarraxo a tampa de seu pequeno e caro pote de brilho labial e mergulho meu dedo anelar, passo-o nos lábios em vez de responder, admitindo que tenho pensado muito nele desde que comecei a sair com Steve, comparando tudo o que ele faz - e não faz - com Josh.

“Você quer ir lá de novo, não é? E com isso, quero dizer todo o Josh. . . *coisa*.”

“A coisa toda com Josh?” Eu pergunto, quase rindo. “O que é isso?”

“Você sabe, toda aquela coisa de paixão-segredo-Joshua-Miller-delicioso?” ela acrescenta, com um arrepio exagerado por todo o corpo.

“Ok, um: você é ridículo. E dois: mesmo que eu fizesse isso, não importa.” Dou de ombros e jogo o brilho labial de volta na bolsa. “Josh tem namorada.”

Mara ri com a cabeça jogada para trás e diz: “E Steve também tem namorada, não se esqueça!”

Uma garçonete entra no banheiro, provavelmente verificando certifique-se de que não estamos fazendo linhas aqui ou algo assim. “Cale a boca,” murmuro baixinho. “Obviamente, isso também.”

À medida que avançamos em direção à porta, Mara para e se vira para me encarar novamente. “A propósito, sou Team Edy”, diz ela. E ela me olha com mais seriedade do que há algum tempo – ela tem evitado muita seriedade comigo desde que contei a ela o que aconteceu. Acho que ela está tentando manter meu ânimo, mas às vezes sinto falta desse visual.

Ela dá um pequeno aperto de mão na minha mão. “Você sabe disso, certo?”

JOSH

Posso sentir Dominic olhando para mim durante toda a viagem de carro. “Precisamos de uma palavra-código ou algo assim?” ele finalmente pergunta enquanto estaciona ao lado dos outros carros no estacionamento atrás do campo de futebol.

“Palavra de código? O que você está falando?”

“Se você precisar sair.”

“Por que eu precisaria ir embora?”

“A coisa toda de ver seu ex”, diz ele, como se isso devesse ser óbvio.

“Eu disse que estou bem.”

“Sim, e eu conheço você muito bem para acreditar nisso.”

Vou abrir a porta e ele tranca. “Preciso de uma palavra-código para você me deixar sair deste carro?”

“É comigo que você está falando”, diz ele. Ele me lança aquele olhar que me lançou tantas vezes neste semestre, quando estou prestes a estragar alguma coisa. “Você pode pelo menos admitir que não está bem?”

“Ok,” eu cedi. “Foi uma droga vê-la com aquele cara idiota? Claro. Mas somos amigos; não é como se tivéssemos feito algum tipo de promessa um ao outro ou algo assim.”

“Só vou dizer uma coisa e depois calo a boca, certo?”

Eu suspiro. “Multar. Tudo bem.”

“Ela parecia uma garota legal e tudo. Bonito, eu garanto. Você sabe, tenho certeza que ela não está tentando propositalmente ser uma agente do caos em sua vida. Mas-”

“Tudo bem”, interrompo. “Não force.”

“Só estou dizendo que talvez vê-la com outro cara não seja uma coisa tão ruim. Você pode finalmente seguir em frente.”

“Ir em frente?” Eu ri. “Eu *seguí* em frente.”

“Sim, ok.” Ele semicerra os olhos para mim, levantando uma sobrancelha em seu olhar típico de você é um idiota. “Só estou dizendo que você pode parar de carregar essa tocha estranha que você tem por ela. Você vai se incendiar com isso.”

“Eu já te disse antes, não é assim conosco”, digo a ele novamente.

“Quero dizer, ela ainda *está* no ensino médio”, ele continua de qualquer maneira.

“Eu sei disso, D!” Eu bato nele. “E, novamente, somos apenas amigos.”

“Talvez, mas ainda sinto que ela está enganando você e, enquanto isso, você...”

“Não é isso,” eu o interrompo. “Ela não vai fazer isso, Dominic. De jeito nenhum.”

“E *enquanto isso*,” ele diz, mais alto, falando por cima de mim. “Você literalmente explodiu toda a sua maldita vida por causa dela e ela está com outra pessoa. Eu só quero ter certeza de que você verá – isso não é legal.”

“Não é assim”, repito. “Nada disso foi culpa dela.”

“Oh, não é culpa dela você terminar com Bella e acabar na minha porta sem um lugar para morar?”

“Não. E, tecnicamente, Bella terminou comigo.”

“Certo, ok, então acho que não é culpa de Eden que você passou todas as férias de inverno em um buraco negro, perdeu um dos jogos mais importantes da temporada e quase foi

expulso do time depois de passar um dia com ela? Um dia”, enfatiza ele, erguendo o dedo indicador para defender seu ponto de vista, embora o que ele está defendendo não possa estar mais longe da realidade.

“Eu não...” Mas me contenho porque é melhor que todos continuem pensando que eu simplesmente não compareci ao jogo, em vez do que realmente aconteceu. “Isso não foi por causa dela.”

“Então, é apenas uma coincidência você não ter namorado ninguém desde então? Quero dizer, você nunca tentou consertar as coisas com Bella – que, aliás, era uma pessoa muito sólida de quem todos gostávamos.

“Olha, agradeço seu carinho, mas simplesmente não posso continuar falando sobre isso ou...” . . .” *Direi algo que não deveria* . “Estou bem. OK? Eu prometo. Isso pode ser bom o suficiente para você?

Ele suspira, mas depois acena com a cabeça uma vez e aperta o botão para destrancar as portas. Abre o porta-malas. Saímos do carro, carregando os pacotes de seis que pegamos no caminho para aquela reunião estúpida e improvisada, e atravessamos o campo, passando pelo contorno gigante do nosso antigo mascote contra a parede de tijolos da arquibancada.

Foi quando Dominic disse: “Oh! Que tal ‘águia’? Para a palavra-código.

“Trabalhar ‘águia’ em uma conversa não parecerá nada evidente.”

“A palavra-código pode ser visível”, diz ele, rindo. “Cinquenta por cento de chance de ninguém saber o que isso significa.”

Ele arrancou um sorriso de mim. “Você é mau”, digo a ele, e quando olho para frente, já posso ver lanternas de celulares dançando nas arquibancadas. “Esses deveriam ser nossos amigos.”

“Sou honesto”, ele corrige. “E é você quem está rindo.”

“Não sou.”

“Bem, não é nossa culpa que nossos amigos não possam ser todos abençoados com cérebros e corpos como os nossos”, Dominic brinca com sua melhor voz de drag queen, como ele a chama, transformando as caixas de cerveja em cachos de bíceps.

“Sim,” eu zombei. “Ou sua modéstia.”

“Acabei com a modéstia!” ele grita no ar da noite, e isso ecoa nas paredes de tijolos dos prédios da nossa escola.

“Quem está aí? DiCarlo? Moleiro!” uma voz grita da arquibancada, imitando perfeitamente o nosso antigo treinador. “Venham aqui!” Zac grita.

“Isso é tão estúpido,” eu gemo.

“Agora, *seja* legal.” Dominic ri, mas para abruptamente ao ver Zac de relance. “Oh meu Deus,” Dominic diz baixinho. “É ele . . . ?”

“Ainda usando a jaqueta do colégio?” Eu terminei. “Sim ele é.”

“Deixa para lá. Esqueça o que eu disse, você não precisa ser legal”, ele murmura enquanto subimos os degraus da arquibancada.

Há cerca de uma dúzia de pessoas aqui. Alguns estavam presentes no show, inclusive Zac, de quem consegui desviar até agora. Eles são turbulentos, já bêbados. Teremos sorte se ninguém chamar a polícia por invasão. A maioria eu reconheço da escola. Zac parece ser o líder autônomo. Houve uma época em que pensei que ele fosse meu melhor amigo. Mas tudo mudou no último ano. Depois do Éden. Mas muitas coisas mudaram para mim depois do Éden. Ele a chamou de vagabunda uma vez depois nós terminamos - mesmo depois de eu

ter confidenciado a ele o quanto a amava - e ainda assim, mais de dois anos depois, é a primeira coisa que penso quando o vejo.

"Qual é a sensação de estar de volta?" Zac diz, rindo, abrindo bem os braços como se estivesse gesticulando para algum tipo de vasto reino.

"Parece que *você* nunca saiu." Não sei se estou brincando com ele ou tentando começar uma briga, mas ele apenas sorri para mim mesmo assim. Ele não entende, o que provavelmente é o melhor.

Eu me viro e olho para a vista. Este lugar que parecia tão importante, tão de vida ou morte, parece pequeno agora. Na verdade, são apenas quatro prédios de tijolos, um placar antigo, uma quadra de tênis, um campo de futebol, estacionamentos vazios e um mastro enferrujado no centro de tudo isso.

"Vitorioso!" Dominic responde. Não sei se ele está falando sério ou não agora. Ele pode realmente se sentir vitorioso - ele não estava exatamente lá naquela época, pelo menos não com nossos companheiros de equipe. Sendo gay e negro em uma escola predominantemente heterossexual e predominantemente branca, acho que ele tentou se tornar invisível, exceto quando estava na quadra. "Ser uma grande estrela do basquete universitário concorda comigo."

"Aposto", Zac murmura, e posso ouvir o ciúme em sua voz sem nem precisar olhar para ele. "Miller, atenção." Viro-me bem a tempo de pegar a lata de cerveja que ele está jogando para mim.

Dou-lhe um aceno de cabeça e recuo até o nível mais alto da arquibancada. Posso ver que Dominic está circulando, abrindo caminho até o único cara que ele realmente está aqui para ver. Irei me apresentar a ele daqui a pouco - afinal, Dominic foi legal com Eden esta noite, embora ele ache que ela é ruim para mim. É difícil explicar para ele o quanto ele está errado sobre ela, o que ela significa para mim, sem contar coisas que não cabe a mim contar.

Três dos caras pulam a cerca e começam a correr pela pista, e duas das garotas, que acho que deviam ser líderes de torcida, os seguem até o campo. Eles começam a encenar gritos antigos que reconheço da temporada de basquete, só que tropeçam e riem, caindo uns sobre os outros e gritando. Ao olhar para todos em seus pequenos grupos, me pergunto se todos estão fingindo estar se divertindo ou se realmente estão e há algo errado comigo que não posso mais ser aquela pessoa.

Coloco a cerveja no banco ao meu lado e pego meu telefone. Quero mandar uma mensagem para ela, mas é como ela disse, há muito o que dizer em uma mensagem agora. Em vez disso, guardei meu telefone.

Aquela garota do programa não está sendo muito discreta em me observar. Eu gostaria de poder pendurar uma placa no pescoço que diz FIQUE 30 PÉS PARA TRÁS . Assim que tenho esse pensamento, Zac se concentra em mim e começa a subir os degraus. Abro a cerveja e ela protesta com um silvo gasoso. Tomo um longo gole. Não conseguirei conversar com ele sóbrio.

"Amigo", diz ele, sentando-se ao meu lado. "Já faz um minuto."

"Sim, eu concordo. Chug. Chug. Chug."

"Então?" ele diz. "Diga-me! O que está acontecendo com você?"

Dou de ombros e termino o resto da cerveja. Ele tira outra lata do bolso da jaqueta como num passe de mágica e a entrega para mim. "Obrigado." Eu abro.

"O que há com você, cara?" Ele pergunta, me olhando de soslaio.

“Não há nada comigo.”

"Se você diz." Ele toma um gole gigante. "Ei, vê aquela garota?" ele pergunta, apontando para ela com o gargalo da garrafa. "Ela estava perguntando sobre você antes de você chegar aqui."

"Hum."

"*Hum* ? É isso, hein? Ele bufa rindo e continua bebendo. "Grande homem no campus. Acho que você deve estar nadando nele.

"Ei," eu o aviso e tomo outro gole. "Vamos."

"A menos que morar com DiCarlo esteja afetando você", diz ele, rindo.

"Ei!" Digo a ele, desta vez com mais firmeza. "Você me vê rindo?"

"Solte-se, mano", ele grita, passando por mim e apertando meu ombro.

"Deus, você sempre foi assim?" Eu digo, mais para mim mesma enquanto o desconsidero.

"Você sempre foi assim ?" ele volta para mim.

"Simplesmente não estou interessado, ok?" Eu respondo, então ele vai desistir. E tomo outro gole, tentando me controlar.

"Está bem, está bem." Ele levanta as mãos como se eu fosse um idiota agora. "Vi você conversando com aquela garota no show. Foi isso . . . uh . . . ?" Ele desvia o olhar, estalando os dedos como se estivesse tentando invocar o nome dela.

"Éden", eu respondo.

"Certo", ele diz. "Pergunta, no entanto. Ela não te ferrou da última vez? Como trair você ou algo assim?

"Não, ela não fez isso."

"Estamos falando da irmã mais nova de Caelin McCrorey, certo?"

"Sim." Eu o observo enquanto tomo outro longo gole e engulo. "Parece que me lembro que você uma vez a chamou de vagabunda, não foi?"

Ele ri como se não fosse nada. "É por *isso* que você está chateado comigo?"

"Quem disse que eu estava chateado com você?"

"Cara, isso foi há um milhão de anos." Ele olha para mim e há um sorriso estranho aparecendo em seu rosto, como se ele estivesse meio divertido consigo mesmo, meio com medo de mim. "O que é isso? Ela disse algo sobre mim ou... . ?" Ele para. "Porque foi só uma piada."

Ela nunca me disse uma palavra sobre Zac, mas agora ele está me fazendo pensar se há algo mais do que aquela tosse vagabunda no corredor no último ano.

"Como o que?" Eu pergunto. "O que ela diria sobre você?"

Antes que ele possa responder, os três caras que estavam correndo pela pista estão subindo as arquibancadas em nossa direção, as ex-líderes de torcida seguindo atrás deles. Dominic também está andando em nossa direção, com o braço em volta do ombro do cara de quem ele gosta — não tão secretamente, ao que parece — e o resto deles está nos seguindo.

"Cara, alguém acabou de dizer algo sobre Caelin McCrorey?" um deles pergunta enquanto se aproximam. "Você ouviu o que aconteceu com ele?"

"Ah, sim", outro responde. "Ouvi dizer que ele foi expulso da escola ou algo assim, certo?"

"Não não. Você está pensando no amigo dele", responde uma das líderes de torcida. "Kevin, lembra? Kevin Armstrong."

Ouvir seu nome me dá um arrepio na espinha. Tento chamar a atenção de Dominic. *Águia.*

“Ele não foi simplesmente expulso da escola. Ouvi dizer que ele está na prisão ou algo assim.

“Não, ele não está na prisão”, responde outra pessoa. “Ele foi preso, no entanto.”

Meu coração está acelerando. *Águia*, grito em minha mente.

“Aquele escoteiro?” Zac cospe, rindo. “Para que diabos?”

Continuo bebendo. Ninguém parece saber. Meu coração desacelera um pouco. Talvez eles desistam.

“Eu sei,” a outra líder de torcida interrompe agora, esperando até que todos olhem para ela antes de continuar, mais alto. “Ele estuprou alguém.”

Há um alvoroço de vozes dizendo coisas como “o quê” e “você está falando sério” e “de jeito nenhum”, mas é a voz de Zac que irrompe: “Ok, agora quero saber quem está acusando ele porque isso é besteira!”

Viro-me para olhar para ele e não consigo pensar em uma palavra para dizer, porque todos os meus pensamentos estão preocupados em me impedir de bater na bunda dele agora.

“Não, é verdade”, diz a primeira líder de torcida. “Eu conheço a garota. Nós a conhecemos. Ela aponta para a outra líder de torcida. “Lembrar? Kevin a trouxe para casa no Dia de Ação de Graças do ano passado. Jen ou Gin, algo assim? Ela era namorada dele. Então Éden estava certo; as pessoas realmente têm falado.

“Obviamente não mais”, acrescenta a outra garota, bufando através das palavras antes de cair na gargalhada.

“Ah, a namorada dele?” Zac grita, jogando um dos braços para frente, todo desleixado. “Bem, aí está.”

“O que isso significa?” Finalmente digo porque não consigo me conter tanto.

“Qual é, como a namorada dele vai acusá-lo de estupro?”

Aperto a lata agora vazia entre as mãos. “Você percebe como você parece um idiota, certo?”

“Uau, Miller.” Zac me cutuca com o cotovelo. “Frio.”

Dominic me lança um olhar questionador. Ele está nas minhas costas, no entanto ele não tem ideia do porquê; é isso que faz dele um bom amigo. “Não, sério, Zac,” ele provoca. “Diga-nos que você é um idiota *sem* nos dizer que você é um idiota, certo?”

As pessoas riem disso, mas Zac ainda está olhando para mim como se eu realmente tivesse dado uma surra nele. *Bom*.

“Bem, não é só ela”, diz a líder de torcida. “Há pelo menos uma ou duas outras garotas. Não sei quem eles são, mas é uma coisa toda.”

“*Forreal*”, acrescenta a outra garota, arrastando a voz. “Como ouvi dizer, vai haver um julgamento e tudo mais.”

Vejo uma caixa de cerveja que alguém trouxe e gesticulo para uma. Eu abro imediatamente. Beba rápido. Isso é muito difícil.

“É terrível”, diz uma vozinha, “que eu não ficaria surpreso se fosse verdade?”

Ao meu lado, no banco abaixo do meu, vejo que é aquela garota que falou. Hannah, aquela do programa, aquela de quem Zac estava falando. Ela olha para mim e sorri rapidamente antes de desviar o olhar.

“Oh meu Deus”, diz sua amiga que está sentada ao lado dela, segurando seu braço. “O que você quer dizer?”

“Não! Deus não. Ele nunca fez nada comigo”, ela responde, “mas uma vez fiquei sozinha com ele depois de um jogo e ele me assustou totalmente”.

"Como?" Eu pergunto. Dominic me lança outro olhar, me fazendo perceber que estou sendo muito intenso. "Quero dizer, por que, o que ele fez?"

"Oh, hum," ela gagueja, corando como se estivesse surpresa por eu estar falando com ela. "Não foi exatamente nada que ele fez", ela continua. "Apenas uma sensação, não sei." Ela dá de ombros. "A maneira como ele estava olhando para mim, talvez? Tipo, estranho. Tipo de . . ." Ela faz uma pausa e olha para o lado como se estivesse tentando se lembrar com mais clareza.

E por um segundo — uma fração de segundo, agora que estou realmente olhando para ela — vejo algo nela que de alguma forma me lembra o Éden. Eu tomo um gole. Não é que ela se pareça com ela; ela não. É algo mais profundo, e acho que deve ser uma timidez nos gestos que me lembra dela. Isso me atinge com muita clareza enquanto espero ela terminar de falar. Kevin também deve ter visto essa qualidade, seja ela qual for, nessa garota. Assim como ele deve ter visto no Éden. Como se alguma parte dela estivesse desprotegida, vulnerável. A ideia de que eu possa estar vendo algo que ele viu me assusta.

"Predatório", ela termina com confiança, mas depois balança a cabeça e solta uma pequena risada. "Tanto faz, eu não sei. Só sei que isso me fez não querer ficar sozinha com ele novamente. Como sempre."

"Sim, isso provavelmente é uma coisa boa." Eu aceno, reprimindo mais palavras. Alguém está me entregando outra bebida. Estou bebendo demais, rápido demais, mas tomo mesmo assim. Dominic está fazendo algum tipo de gesto com a mão, como *diminuir a velocidade*, mas se ele tivesse alguma ideia de como isso é difícil agora, ele não me culparia.

"Bem, tudo isso faz muito sentido", diz a amiga de Hannah. "Sempre achei Kevin Armstrong super gostoso. E só me sinto atraído por psicopatas completos. Então, sim, isso rastreia.

Todo mundo ri como se tudo fosse uma grande piada.

Eu levanto muito rápido e o mundo balança. Tenho que me agarrar ao corrimão para me manter equilibrado.

"Onde você está indo?" Zac grita atrás de mim. "Ei, Miller!"

Eu nem o reconheço. Apenas concentre-se em caminhar descer estes degraus sem derramar minha bebida. Chego ao fundo e, de alguma forma, Dominic aparece de repente, parado na minha frente. Eu me viro para olhar — ele não estava lá em cima com o resto deles? E quando me viro para encará-lo, ele coloca a mão no meu ombro como se estivesse me firmando.

"Ei, você está bem?"

"Sim, estou bem", minto. "Vou voar sozinho um pouco, só isso."

"O que?" ele pergunta, parecendo completamente confuso.

"Você sabe, aquela coisa da metáfora *da águia*?"

"Você está confuso agora e ainda usa a palavra 'metáfora'", ele me diz, balançando a cabeça. "Como você já está tão bêbado?"

"Eu não bebo, membro?"

"Escute, vou precisar ficar sóbrio um pouco antes de poder nos levar. Você realmente está bem sozinho por um tempo?"

"Estou bem. Eu só... vou dar uma caminhada.

"Você vai dar um passeio?" Ele repete.

"Tome," eu me corrijo, enunciando com cuidado. "Sim! Ir. Seriamente. Esteja com o seu. . . cara", eu resolvo depois de vasculhar "garoto" e "amigo" e "namorado" e "cara" e "amigo" na minha cabeça.

"Oh, ele é meu homem agora? OK." Dominic ri histericamente. "Estou te dando uma merda por isso mais tarde."

"Você é um bom amigo, sabia disso?"

"Está bem, está bem. Você também. Vá conversar, partiremos em breve, certo?"

Caminho de volta para a escola e não sei realmente para onde estou indo até estar ali, com esse trecho de grama entre eles. a quadra de tênis e o estacionamento estudantil. Vou tomar outro gole, mas percebo que a lata está vazia. Eu mastigo e aponto para a lata de lixo na entrada da quadra de tênis.

"Ele atira," eu digo em voz alta. "Ele *marca*."

Ouçoo palmas atrás de mim; Eu me viro.

"Belo tiro", diz ela. Ana.

"Oh. Não vi você lá.

"Tudo bem se eu me juntar a você?" ela pergunta, tirando um frasco da bolsa. "Trouxe as coisas boas."

"Claro", digo a ela com relutância, apenas para manter Zac longe dela.

Sentamo-nos no mesmo lugar em que me sentei com Eden no dia em que ela disse que sairia comigo. Havia dentes-de-leão crescendo por toda parte; tivemos essa coisa toda com dentes-de-leão e pedidos. E ela estava fazendo sua rotina de garota durona, mas me deixou entrar só um pouquinho de qualquer maneira. Posso fechar os olhos e vê-la sentada aqui ao sol com tanta clareza.

Passo as mãos pela grama. Está recém-cortado. Nada crescendo aqui agora.

"Gostei do que você disse lá atrás", ela me diz enquanto segura o frasco.

Eu pego dela e levo aos meus lábios. Uísque. *Pequenos goles desta vez*, digo a mim mesmo. Dou de ombros e devolvo para ela. "Acho que já superei toda essa cena."

Ela balança a cabeça e toma um gole muito mais longo, franzindo o rosto enquanto engole.

"Eu tenho que te dizer, eu tinha uma queda por você quando estávamos na escola. Tenho certeza de que você não sabia que eu existia.

Ela me devolve o frasco e tomo um gole antes de tentar descobrir como responder.

"Deus, eu tornei isso totalmente estranho, não foi?" Ela ri e cobre o rosto com as mãos, depois abre dois dedos para me espiar.

"Uh, não," eu finalmente digo. — Não, só não estou em condições de... quero dizer, estou lisonjeado em ouvir isso, mas...

"Mas você tem namorada, certo? Claro que sim, por que não?"

"Na verdade não, mas não estou..." Paro no meio da frase porque não sei como dizer o que é. É verdade que não tenho namorada, mas também não me sinto disponível. "Quero dizer, acho que é mais ou menos. . ."

"Complicado?" ela termina com uma risada consciente.

"Exatamente."

Ela toma um grande gole, me devolve e, enquanto estou bebendo, ela olha em volta e diz: "Bem, somos só nós aqui agora".

"Você parece muito gentil, eu só..."

Ela se inclina tão rápido que não consigo impedi-la. Sua boca está molhada na minha, o gosto de uísque forte em sua língua, fazendo com que eu me sinta ainda mais bêbado. Estou beijando-a de volta, embora não devesse. E é bom mesmo que eu não queira. Não beije ninguém desde aquele dia, há quatro meses, quando beije Edén. . . ou ela me beijou.

Ela está subindo no meu colo, com as pernas montadas em mim, a saia longa puxando para cima. Ela pega minhas mãos nas dela e as passa pelas coxas. Não consigo deixar de pensar nas pernas nuas de Edén mais cedo. A pele dela é tão quente. Macio. E agora as mãos dela estão no meu peito, me empurrando para o chão. E eu a puxo para baixo comigo. Estou me afastando, minha cabeça tão confusa. Eu gostaria de tê-la beijado esta noite. Eu gostaria de ter encontrado as palavras certas para contar tudo a ela. Ela estava bem ali. Bem aqui em meus braços. E eu a deixei ir. De novo.

Sinto-me sendo puxado de volta para o meu corpo enquanto abro os olhos. Estou de costas na grama agora, e não é o corpo dela pressionado contra o meu, nem o cabelo dela em que minhas mãos estão emaranhadas. Ela está se segurando em cima de mim e está rindo, dizendo: "É Hannah, na verdade. "

"O quê?"

"Você acabou de me chamar de Édén."

"Merda, me desculpe," eu digo, tentando recuperar o fôlego. "Minha cabeça está... não estou pensando com clareza. Eu sei seu nome, eu prometo.

"Está tudo bem", diz ela, esfregando a mão na minha calça jeans. "Beije-me assim de novo e você pode me chamar do que quiser."

— Não, eu... eu não estou realmente em condições de... eu só... Estou ficando nervosa, minha cabeça parece tão cheia enquanto luto para me sentar. "Deus", murmuro para mim mesmo, "foda-me".

"Sim." Ela ri. "Isso é o que estou tentando fazer." Ela se inclina para me beijar novamente, e tenho que tirar suas mãos de cima de mim.

"Não mesmo. Não posso." Eu me afasto dela e me levanto, abotoando minha calça jeans e rapidamente enfiando meu cinto de volta na fivela. Ela olha para mim, tão estranhamente, tão confusa. "Sinto muito, realmente não é você."

Ela não diz nada enquanto se levanta e vai embora. Nem olha para trás.

"Não é você", eu grito atrás dela. "Realmente."

Não é ela. Ela não é Édén.

Chuto a grama e bato no frasco de metal, quase caindo quando me curvo para pegá-lo. Sento-me, tomo outro gole e tiro meu telefone do bolso.

ÉDEN

Estamos cochilando assistindo a um filme passando no laptop de Steve quando meu telefone vibra na mesa de cabeceira. Eu levanto minha cabeça de seu peito para ver as horas.

Ele aperta os braços em volta de mim enquanto nos acomodamos novamente. Mas então, na próxima batida, de repente ele está sentado, me largando de cima dele. "Seriamente!" ele grita, olhando para o meu telefone enquanto a tela escurece. "Por que ele está mandando mensagens para você à uma e meia da manhã?"

"Eu não sei," eu digo. "Você realmente quer que eu verifique?"

"Não", ele diz abruptamente.

Estendo a mão sobre ele e viro meu telefone, virado para baixo, fingindo que não me importo que ele tenha olhado meu telefone sem minha permissão, que não me importo com o que quer que Josh tenha dito. Steve está olhando para mim como se eu precisasse de algum tipo de explicação.

"Ainda estamos nisso?" Eu pergunto. "Porque se vamos ter essa briga de novo, prefiro ir para casa."

Relutantemente, ele se deita ao meu lado. Ele vibra pela segunda vez e nós dois o ignoramos. Na terceira vez, Steve se senta novamente. "Oh meu Deus, o que diabos ele quer?"

Pego meu telefone e desta vez desligo-o, mas não antes de vislumbrar o início de cada mensagem iluminando a tela:

Foi legal. . .

Me desculpe se eu... . .

Posso ver você . . . ?

"Não sei. Eu não me importo," eu minto. "Esqueça isso", digo a ele. Embora eu já esteja tentando preencher o final de cada frase, mesmo que tudo que eu queira fazer seja olhar para as palavras e pensar demais em cada uma delas por horas a fio.

"Desculpe", diz Steve, fechando seu laptop e colocando-o no chão. "Isso meio que arruinou o clima." O clima já estava arruinado antes mesmo de chegarmos aqui. Ele se deita ao meu lado bufando.

"Mais uma vez, sinto que você está me culpando ou algo assim. Não é como se eu tivesse pedido para ele me mandar uma mensagem."

"Eu sei", diz Steve. "Eu não estou culpando você. Eu *o culpo*, acredite em mim.

Hesito em dizer o resto, ou seja, somos amigos e amigos trocam mensagens de texto e não gosto que ele pense que tem alguma palavra a dizer sobre o assunto. Mas, em vez disso, pergunto a ele: "Você ainda me quer aqui?"

"Claro", ele responde, suavizando um pouco enquanto olha para mim.

"Bem, posso pegar emprestada uma camiseta ou algo para dormir? Eu não tinha planejado não ir para casa esta noite."

"Oh sim. Desculpe, eu deveria ter oferecido", diz ele, lembrando que ele deveria ser um cara legal. Ele pula da cama e eu o sigo até sua cômoda, onde ele abre uma gaveta

transbordando com suas camisetas gráficas nerds, todas em vários estados de desdobramento. "Faça sua escolha."

Procuro até encontrar aquele que o vi usar tantas vezes ao longo dos anos de amizade, depois de não ser amigo, depois de ser meio amigo de novo, e agora isso, o que quer que estejamos tentando ser agora. Tem a foto de um gato segurando um osso, com a legenda ENCONTREI ESTE ÚMERO . Coloco-o na minha frente e me viro para olhar para ele. "Que tal este?"

Ele ri e acena com a cabeça. "Perfeito."

E começo a relaxar pela primeira vez desde que soltei a mão de Josh hoje à noite. Cara a cara, acho que ambos percebemos ao mesmo tempo que nenhum de nós sabe exatamente o que fazer. Já nos vimos sem roupa algumas vezes, mas não foi assim, apenas parados um na frente do outro.

"Hum," ele diz, empurrando nervosamente a mão pelo cabelo. "Quer que eu me vire ou..." . ?"

"Não," eu digo incerta enquanto tiro minha camisa pela cabeça e a coloco em cima da cômoda. Só que agora estou me sentindo um pouco constrangida só de ficar aqui de sutiã, então começo a desabotoar e abrir o zíper do meu short para ter algo para fazer com as mãos. Steve tira a calça jeans e a coloca ao lado da minha camisa, nos deixando empatados. Agora ele está vestindo apenas sua boxer e a camiseta da banda de antes. Ele pega a camisa do úmero e a levanta sobre minha cabeça para que eu possa facilmente colocar meus braços nela. Felizmente é grande o suficiente para passar da minha bunda.

"Obrigado."

Termino de tirar o short e enfio a mão por baixo da camisa para tirar o sutiã. Entramos na cama e ele olha para mim, sorrindo daquele jeito tímido que me lembra a versão rechonchuda e desajeitada de Steve, do primeiro ano, de quem eu era amigo.

"O que?"

"Eu nunca teria pensado que aquela camisa poderia parecer tão sexy."

Estendo a mão para apagar a luz, rindo. Mas ele me beija com força, engolindo o som. Ele move as mãos sobre a camisa com mais confiança e liberdade do que jamais me tocou nos três meses em que estamos oficialmente juntos. Ele geralmente fica tão tímido quando as coisas esquentam, mas o jeito que ele puxa todo o meu corpo para mais perto dele meio que me tira o fôlego. Talvez seja por causa da morte de seu pai, ou de Josh, ainda sem dúvida em sua mente.

Não sei. Seja o que for, quero me deixar levar. Não quero lutar contra isso, não quero ficar esperando que tudo pareça certo antes de poder aproveitar isso. O beijo e o peso dele, a proximidade. Ele empurra a camisa até minha barriga e tira a sua pela cabeça, então ficamos pele com pele. Ele puxa minha perna em volta de sua cintura, esfregando-se contra meu quadril, sua coxa pressionando entre minhas pernas.

"Você gosta daquilo?" ele sussurra.

Aceno com a cabeça no pequeno espaço entre nós.

Eu não me importo se eu não o amo. Eu gosto dele; Eu confio nele. Praticamente, de qualquer maneira. Mesmo que os acontecimentos da noite apenas tenham mostrado para mim que ele claramente não confia em mim, tento tirar o resto desta noite da minha mente. Ele passa a mão pela minha barriga, dentro da minha calcinha, e geme enquanto seus dedos deslizam contra mim.

"Eu tenho camisinha", ele diz com os lábios nos meus. "Se você quiser tentar novamente."

Já tentamos fazer sexo três vezes, mas sempre algo dá errado. Na primeira vez fui eu que surtei, na segunda vez ele, e na terceira, nós dois estávamos muito nervosos e não durou o suficiente para contar como tendo acontecido. Eu diria sim agora mesmo se achasse que seria fácil. Mas essas coisas nunca são simples para ele, e acho que não posso aguentar mais um golpe emocional hoje.

“Espere,” eu digo, puxando a mão dele da minha calcinha. “Podemos ficar assim por enquanto?” — pergunto a ele, aproximando seu corpo com meus braços e pernas. “Isso é muito bom.”

“Eu farei o que você quiser.” Ele está me beijando enquanto se reposiciona entre minhas pernas para que todo o seu corpo esteja contra mim agora, apenas algumas finas camadas de roupa íntima entre nós para entorpecer a sensação de quão forte ele está me pressionando, a fricção de nossos corpos mal absorvida pelo tecido. “Isso é bom?” ele pergunta, sem fôlego.

Eu suspiro: “Sim”.

Ambos estamos respirando mais pesado e nos movendo mais rápido. E enquanto suas mãos passeiam por baixo da minha camisa agora, não consigo tirar Josh da cabeça. Não consigo parar de pensar nas mãos *dele* me tocando, nos braços, na respiração, na voz, no corpo dele. Abro os olhos no escuro para tentar me lembrar de onde estou, mas não adianta porque vira o quarto de Josh.

Um gemido escapa da minha boca e fico com medo de que de alguma forma ele consiga dizer que não é para ele. Ele empurra com mais força, porém, e começo a me perguntar se talvez a cabeça dele também esteja em outro lugar. Não posso deixar de pensar em como se estivéssemos realmente fazendo sexo e não nos agredindo sem cerimônia, ele realmente estaria me machucando. Mas não estamos, digo a mim mesmo, não estamos, então ele não está. Tudo bem.

“Deus, estou perto”, ele está dizendo enquanto penso em tudo isso.

Fecho os olhos novamente e tento agora, tento ao máximo, pensar em Josh e não em Steve. Sou uma pessoa má, eu sei. Mas não quero que isso acabe. Não sei quando poderei me sentir assim novamente e quero saborear isso o máximo que puder. Ele está me empurrando com tanta força que estico os braços acima da cabeça, alcançando a parede atrás de nós, só para ter algo sólido em que me segurar.

“Estou tão perto”, ele respira contra meu pescoço.

Mas antes que eu possa sequer considerar o quão perto ou longe estou, ele agarra meus braços tão abruptamente que me traz de volta à realidade.

“Steve.” *Isso é muito difícil*, quero dizer, mas está tudo acontecendo muito rápido. Ele envolve meus pulsos com as mãos e segura meus braços contra a cama. “Steve?” Repito, mas ele não está olhando para mim, não está me ouvindo. Eu empurro e puxo meus braços. Eu tento me mover. Não posso. Aperto minhas pernas em volta dele, tentando fazê-lo diminuir a velocidade. Tento chamar seu nome novamente, mas minha voz está desgastada e não consigo volume.

Parece que algo em meu coração se estica e se rompe como um elástico, alguma força correndo em minha direção como se mãos me puxassem para baixo da água. Água escura e gelada, através da qual não consigo ver.

Sou puxado por esta escuridão até voltar lá novamente. E não é mais Steve; não é Josh. Meus pulsos estão presos, torcidos juntos, presos com tanta força que temo que estejam se quebrando lentamente. De novo. Outra mão em volta da minha garganta. De novo. Uma voz

me dizendo para calar a boca. *De novo*. Estou me afogando. Eu não posso lutar contra isso. Eu luto contra ele. Grite para ele parar – acho que sim, pelo menos. Não estou respirando. Por muito tempo, não estou respirando. Estou me afogando, devo estar. E então, quando tenho certeza de que vou simplesmente me soltar, afundar, morrer, aquelas mãos que me seguram se soltam e eu quebro a superfície da água escura, ofegando, me debatendo.

De pé, acendo a luz novamente. Estou respirando pesadamente, tossindo, andando de um lado para o outro, tentando afastar as memórias que invadiram minha mente, meu corpo, sem aviso prévio.

Steve me observa por vários segundos, sentado na cama, com um travesseiro no colo. “Edy!” ele grita, com os olhos arregalados, como se esta não fosse a primeira vez que ele disse meu nome. “Edy, onde você estava agora?”

“Onde *você estava*?” Eu atiro de volta nele.

“Eu estava aqui”, diz ele. “Eu... eu estou aqui.” E ele está me olhando tão inocentemente que não aguento. Eu me viro e coloco minhas mãos contra sua mesa, tentando me preparar, e solto um suspiro lento e trêmulo. Eu me olho no espelho. Bordas claras e ásperas. Sem desfoque, sem atos de desaparecimento. Estou totalmente aqui.

“Por favor, volte para a cama, Edy”, Steve diz gentilmente.

Encontro seus olhos no espelho e tenho que desviar o olhar novamente. “Preciso de um minuto”, consigo dizer a ele entre respirações. E então observo seu reflexo sair da cama e caminhar cautelosamente atrás de mim.

“Você está me assustando”, ele diz. “Diga-me o que eu fiz. Por favor?”

“Nada,” eu sufoco. “Não foi você.”

“Tinha que ser”, ele rebate. “Estava tudo bem – bom, você disse que era *bom* – e então algo aconteceu.”

Eu balanço minha cabeça. Ele coloca as mãos em meus ombros, lentamente me virando para encará-lo. Ele pega minhas mãos nas dele. “Jesus, você está tremendo.”

Eu os pego de volta e os sacudo. “Estou bem.”

“É um ataque de pânico ou de ansiedade ou algo assim?” Ele congela, parecendo genuinamente preocupado. “O que devo fazer?”

— Apenas... apenas fique aí — digo a ele, esticando os braços para que ele não se aproxime. “Por um segundo.” Eu suspiro. “OK?”

Ele concorda. Ele não se move. Dou um passo para trás e me encosto na mesa novamente. Fechar meus olhos. Inspire e expire. Dentro e fora. Entra e sai até meus pulmões funcionarem novamente.

Quando abro os olhos, Steve está sentado na beira da cama. Ele vestiu a camisa novamente.

“Volte, vamos apenas nos abraçar, ok?” ele diz, enquanto segura o cobertor para eu subir. Eu me apoio nele e ele se envolve em mim. Ele é sempre bom nessa parte. “Eu não sou ele”, ele diz suavemente, alisando meu cabelo para trás. “Você sabe disso, certo?”

Se eu falar, posso chorar, então apenas aceno com a cabeça. Porque eu sei do que ele está falando. Ele não é Kevin. Claro que não. Mas ele também não é Josh.

JOSH

“Ele é um cara muito legal”, ouço Dominic dizer. “Sério, o melhor amigo que já tive. Ele só está confuso por causa dessa garota, eu acho. Além disso, ele quase nunca bebe, então ele está apenas desleixado esta noite.

“Não, entendi”, outra pessoa responde. “Esteve lá. Bem, não por causa de uma garota, mas... você sabe... .”

Abro os olhos. As luzes da rua brilham pelas janelas do carro. Estou de lado, encolhida no banco de trás do carro de Dominic. Eu me ouço gemer. Cada som ecoa na minha cabeça.

“Ei, bela adormecida”, diz o admirador secreto de Dominic, sorrindo enquanto se vira para olhar para mim do banco do passageiro.

“Bela Adormecida, minha bunda,” Dominic diz. “Não vomite no meu banco de trás.”

Pego meu telefone, a tela embaçada enquanto tento me concentrar. São três da manhã. “Ela não me respondeu”, murmuro.

“Luke, você vai tirar isso dele? Não precisamos dele bêbado ligando para a ex.”

“Aqui, por que você não me dá isso agora?” Ele é tão educado e gentil que eu entrego imediatamente.

“Luke,” repito seu nome. “Eu sou tão rude que não me apresentei.”

“Você se apresentou, Josh”, responde Luke.

“Umas cinco vezes”, acrescenta Dominic.

“Ela não mandou mensagem”, ouço-me dizer novamente.

“Eu sei”, Dominic responde. “Tudo bem.”

A próxima coisa que sei é que estou entre Dominic e Luke. Eles estão me segurando de cada lado, com os braços debaixo dos meus, e estou tropeçando nos degraus da frente. Dominic está enfiando a mão no bolso em busca das chaves, como se eu não conseguisse pegá-las. E quero dizer a eles que eles realmente não precisam fazer tudo isso, mas não consigo pronunciar as palavras.

Então estamos arrombando a porta e eu estendo a mão para agarrar a maçaneta para que ela não bata na parede e acorde minha mãe, mas de alguma forma tropeço e todos caímos uns em cima dos outros.

Estou rindo, embora esteja tentando ficar quieto. Dominic está me *calando* .

Em seguida, eles estão me jogando no sofá.

Então Dominic e Luke estão parados do outro lado da sala, de costas para mim, o tempo avançando novamente, minha mãe e meu pai aqui agora, de roupões de banho e chinelos. Eles estão todos falando baixo demais para eu ouvir.

Agora eles estão parados em cima de mim, e mamãe está com a mão na boca, balançando a cabeça. Papai está olhando para mim como se houvesse algo muito errado comigo, como se eu estivesse terrivelmente desfigurado ou algo assim. Levo a mão ao rosto com dificuldade, procurando meus olhos, nariz e boca, que parecem estar no lugar certo.

Deixei meus olhos se fecharem novamente.

ÉDEN

Ele acorda quando estou chegando perto dele para pegar meu telefone, ainda desligado. "O que você está fazendo?" ele me pergunta, a voz áspera e grogue enquanto aperta os olhos contra a luz do dia. "Ah, não. Por que você tirou minha camisa?"

"Eu preciso ir para casa," eu sussurro.

"É sábado", ele geme, estendendo a mão para mim. "Por que você já está vestido?"

"Eu tenho que ir," digo novamente suavemente.

"Não, por favor, não vá. Ficar um pouco. Qual é, quando poderemos fazer isso de novo?"

Sento-me na cama ao lado dele e deixo que ele me puxe para perto, porque não sei quando faremos isso de novo. *Se* fizermos isso de novo. Minha cabeça está apoiada em seu ombro; seu braço está em volta de mim. Fecho os olhos e sinto o subir e descer do seu peito. Seria fácil ficar assim. Quase me deixei voltar a dormir, mas então ele inspira profundamente e diz: — Edy?

"Hum-hmm?"

"Podemos conversar sobre ontem à noite?"

Não tenho muita certeza sobre qual parte da noite passada ele quer falar — Josh, nossa briga ou nossa última tentativa triste e humilhante de intimidade —, mas sinto que a conclusão será a mesma, não importa o que aconteça.

"Nós temos que?" Pergunto-lhe.

"Bem, mais ou menos," ele diz, sentando-se, fazendo-me sentar junto com ele. Ele se movimenta para que fiquemos de frente um para o outro e esfrega os olhos para tirar o sono. "Certo?"

"Provavelmente", admito.

Ele pega minha mão e a beija. "Sinto muito", diz ele.

"Pelo que?"

"Tudo."

"Steve, pare, você não precisa..."

"Não, eu sabia que estava pressionando você para sair ontem à noite. Eu só queria você lá. Mas isso foi egoísta. E eu sei que estava realmente fora de linha quando disse aquela merda estúpida sobre você e... *ele*." Acho que ele não consegue dizer o nome de Josh. Às vezes eu também não consigo, mas acho que é por um motivo muito diferente no caso de Steve.

"Obrigado."

"E então aqui, na cama", ele começa, mas faz uma pausa, tocando a boca, suprimindo a vontade de roer uma unha. "Eu sinto que realmente errei."

"Não, você não fez isso."

"Eu te causei um ataque de pânico, Edy."

"Realmente não foi culpa sua", tento dizer a ele, mas isso não é inteiramente verdade.

"Por favor, apenas me diga o que eu fiz para que eu não faça isso de novo."

Ele está me olhando intensamente, prendendo a respiração, como se talvez o que quer que ele esteja pensando que tenha feito seja pior do que realmente aconteceu. "Não é... não foi *tão* ruim", começo, e ele se aproxima. "Você meio que agarrou meus braços."

"Tudo bem", diz ele, esperando mais de mim.

"Muito difícil", acrescento.

"Oh," ele respira, suas sobrancelhas franzidas.

"Quero dizer, você estava me segurando. *Muito* difícil."

"Bem, mas pensei que você queria assim." Ele olha para os lençóis amarrotados, para o local onde estávamos deitados, como se estivesse repassando. "Você estava gostando, pensei?"

"Eu... eu estava", asseguro a ele. "Até então, de qualquer maneira. Eu não conseguia me mover e fiquei com muito medo e estava tentando dizer para você parar e senti como se você não estivesse me ouvindo."

"Eu fiz, no entanto. Eu parei. Parei imediatamente."

Não me lembro disso. Não me lembro dele ter parado. Mas então, eu realmente não sei o que aconteceu entre aquela sensação de ser puxado para baixo da água e pular, já no meio de um ataque de ansiedade. "Você fez?" Eu pergunto.

"Claro", ele insiste, pegando minhas duas mãos agora. "Claro que sim. Juro que parei no segundo que você disse para parar. Você... você acredita em mim, não é?"

"Eu acredito em você; Simplesmente não consigo me lembrar", admito, e não tenho certeza de qual de nós está mais chateado com essa constatação. "Isso me fez pensar. . . o que aconteceu. Quero dizer, *ele* fez isso também. Kevin — acrescento, porque o promotor Silverman me disse que eu precisava praticar dizer o nome dele com confiança e parar de parecer tão inseguro.

"Meu Deus, eu não percebi", diz Steve, esfregando a testa. "Eu sinto muito."

"Eu sei. Isso é-"

"Mas você sabe que eu deixaria você ir. Quero dizer, para começar, nem pensei que estivesse te segurando com tanta força. Achei que você poderia se levantar se... ." Mas suas palavras desaparecem quando balanço a cabeça. Acho que ele só está percebendo agora o quão facilmente ele poderia me dominar se quisesse, porque ele se inclina sobre meu colo e beija meus dois pulsos no lugar onde suas mãos estavam. Quando ele se senta, seus olhos estão brilhantes. "Você sabe que eu não iria te machucar ou tentar forçá-lo..."

"Eu sei, eu sei disso." Pelo menos minha cabeça sabe disso. Meu corpo ainda não recebeu a mensagem. "Mas, no momento, não era nisso que eu estava pensando."

Ele balança a cabeça e limpa a garganta como se fosse dizer mais alguma coisa, mas hesita antes de continuar.

"O que?"

"Eu te amo", ele diz calmamente.

Olho para nossas mãos e sinto uma pressão enorme subindo pelo fundo da minha garganta. Ontem à noite não me importei com o amor, mas esta manhã tenho que me importar.

"Você não precisa responder", acrescenta. "Mas eu amo, eu te amo." Cada vez que ele diz isso, sinto como se ele estivesse me apunhalando no coração. "Eu te amo desde a nona série do Yearbook Club, inferno, provavelmente desde o ensino médio."

"Não, Steve", eu digo, e solto uma de suas mãos para poder esfregar as lágrimas que se acumulam nos cantos dos meus olhos. "Você não."

"Não me diga como me sinto", ele argumenta gentilmente enquanto toca meu rosto.

"Ok, não vou dizer como você se sente, mas posso dizer o que penso?"

Ele concorda.

“Acho que você ama a pessoa que conheceu naquela época, a pessoa que você acredita que posso me tornar novamente um dia. Mas isso não é o mesmo que me amar do jeito que sou agora.”

“Edy, não diga isso. Isso não é-”

“Não, até isso, Steve. *Edy*. Não quero ser chamado de 'Edy', e todo mundo me chama assim de qualquer maneira. Mas eu não sou ela. Não posso me conter agora; Não posso fazer isso pela metade. “Eu não sou ela e eu... acho que não posso mais fazer isso.”

“O que você está dizendo?” ele pergunta, mordendo o lábio, como se tivesse medo de deixar as palavras saírem. “Você é . . . ? Você não está terminando comigo?”

Concordo com a cabeça e ele deixa a cabeça cair entre as mãos. Odeio que esta não seja a primeira vez que faço Steve chorar. “Desculpe.” Estendo a mão, mas não consigo tocá-lo. “Eu queria que isso funcionasse, eu juro, realmente queria.”

Ele olha para mim com lágrimas nos olhos. “Poderia se você tentasse”, ele implora.

“Você acha que não estou tentando?” Minha voz falha nas palavras, mas continuo. “A cada minuto estou tentando. Tão difícil. Demasiado difícil.” E agora estamos os dois chorando. “Você me odeia?” Pergunto-lhe. “Por favor, não me odeie.”

Ele balança a cabeça e agora se inclina para mim e, pela primeira vez, sou eu quem o segura. Meu braço adormece, mas não me movo.

“Steve?” Eu finalmente digo depois que nossa respiração desacelera e não há mais suspiros ou fungadelas.

“Sim?” ele responde, sua voz rouca.

“Você realmente tem dez anos, você sabe disso, certo?”

Ele ri. “Você é um mentiroso.”

“Eu não sou.”

Ele olha para mim e sorri.

“Posso te contar mais uma coisa?”

Ele concorda.

“Eu não vou voltar para a escola.”

Ele abre a boca, mas depois a fecha.

“Eu simplesmente não consigo lidar com isso”, explico. “Muita coisa aconteceu.”

“Eu sei”, diz ele, deitando a cabeça no meu ombro. “Podemos ficar assim mais um pouco?” ele pergunta.

“Claro”, eu respondo.

JOSH

Acordo na minha cama. A luz que entra pela janela é tão forte que parece que estou olhando diretamente para o sol. Fecho os olhos novamente e tenho um flash do meu pai e Dominic me acompanhando escada acima. Pela porta do meu quarto. Me jogando na minha cama.

Ainda com as roupas de ontem, procuro meu telefone nos bolsos. Não está lá. Sento-me e meu corpo está tão pesado que minha cabeça lateja. Apalpo toda a cama, olho embaixo dos lençóis, no chão. Eu me levanto e sou imediatamente derrubado pela gravidade.

Mais devagar desta vez, eu me levanto novamente. Verifico minha mesa, movo papéis, jogo livros no chão. Não está aqui. Começo a caminhar em direção à minha porta. Vou refazer meus passos. Devo ter deixado cair.

Minha mãe entra primeiro. "Josh, por que você está jogando coisas por aí?"

"Não estou jogando nada; Estou procurando meu telefone", digo a ela. "Você viu isso? Acho que caiu do meu bolso."

"Seu telefone pode esperar", meu pai responde, de repente, na minha porta. Eles entram como se estivessem no corredor a manhã toda, apenas esperando que eu acordasse. Mamãe vira as cobertas sobre minha cama e se senta em cima dela, dando tapinhas no lugar ao lado dela.

"Precisamos conversar, querido", diz mamãe. "Sentar-se."

Papai concorda com a cabeça e dá um passo à frente.

É isso. A última vez que me sentaram assim foi quando eu tinha dez anos e nosso primeiro gato morreu.

"O que aconteceu?" Eu pergunto.

"Você nos conta", papai responde.

"O que você quer dizer?"

"Josh", diz mamãe, subitamente irritada. "Noite passada. O que diabos aconteceu?"

"Nada aconteceu." Minha cabeça se abre a cada sílaba que eles me forçam a falar.

"Joshua", diz mamãe, retirando o nome completo. "Você não conseguiria passar pela porta sem..."

"É disso que se trata?" Tento rir como se não estivesse prestes a morrer. "Vocês estão exagerando. Bebi demais. Todo mundo lá bebeu demais.

"Oh, bem, se todo mundo estava fazendo isso" – mamãe levanta as mãos – "então não importa; está bem."

"Foi uma noite." Não acredito que eles estão me atacando assim. "Não é como se eu estivesse dirigindo."

"Também não é como se você estivesse chegando ao fim", papai acusa.

Eu me levanto agora. Não vou aceitar isso sentado. Certamente não dele.

"Posso não fazer uma merda?" Eu digo, sentindo meu coração bater mais rápido.

Eles apenas olham para mim.

"Não, na verdade estou perguntando", digo a eles. "Não fiz *nada* de errado no ensino médio, preciso lembrá-lo? Nunca faltei à escola, não bebi, nunca usei drogas, nunca fumei nenhuma vez. Inferno, eu nunca consegui uma detenção!"

"Você não está mais no ensino médio", diz mamãe.

"Multar. Exatamente. Eu não sou uma criança. Eu nem moro mais aqui. Tenho vinte anos e esta é a primeira vez que..."

"Esta não foi a primeira vez que você ficou tão bêbado, Joshua", mamãe interrompe, levantando-se agora também. "Embora eu esteja grato por você não ter voltado para casa espancado desta vez."

"Mãe", começo — como ela pôde tocar nisso? "Isso foi diferente."

"Uau, espere, o que você quer dizer?" Papai diz, dando-nos o sinal *de tempo limite* com as mãos, como costumava fazer quando treinava meus jogos peewee e o árbitro marcava uma falta sobre mim. "Quando ele foi espancado?"

"Férias de inverno. O último ano dele, Matt — diz mamãe, praticamente tirando a data exata da cabeça. Quando briguei com o irmão do Éden, ou melhor, quando ele brigou comigo; na verdade, não foi uma grande luta, já que eu mal conseguia reunir forças para me defender.

"É claro que você se lembraria da *única* vez em que ousei agir da minha idade, certo?" Eu respondo a ela, e seus olhos se arregalam com a minha traição — sempre estivemos no mesmo time.

"Voltando para casa bêbado, com os nós dos dedos ensanguentados e hematomas e um olho roxo não está agindo como *qualquer* idade. É agir de forma tola e perigosa. E não, você está errado. Esse..." Ela acena com as mãos sobre mim. "Isso é tudo muito parecido."

"Por que estou ouvindo sobre isso?" Papai pergunta, falando por cima da mamãe.

"Como isso é semelhante?" Eu digo, ignorando-o.

"Por que estou ouvindo sobre isso agora?" Papai repete, mais alto.

"Você estava lá, Mateus!" Mamãe grita com meu pai. "Como você pôde esquecer isso? O irmão daquela garota o atacou."

"Tudo bem, ele não me *atacou*", tento dizer, mas ela está focada em papai agora. *Claro que ele não se lembra*. Ele estava bebendo naquela época, entre outras coisas.

"Isso tudo acabou com a mesma garota da última vez", ela diz a ele, depois se vira para mim novamente. "Josh, toda vez que você se envolve com essa garota..."

"Você pode parar de chamá-la de 'essa garota', mãe?"

"Então, essa também é a mesma garota de alguns meses atrás?" Papai diz, recuperando o atraso muito devagar para a paciência cada vez menor de mamãe.

"Isso não acabou, Éden. Não acabou nada. Não é nada!"

Ela olha para frente e para trás entre nós, balançando a cabeça enquanto sai do meu quarto, murmurando: "Não posso com vocês dois agora. Eu simplesmente não posso."

Quando ela sai, o ar da sala parece um pouco mais leve. Eu exalo, giro meu pescoço de um lado para o outro. "Você viu meu telefone?" — pergunto a ele, retomando minha busca debaixo da cama.

"Não. Joshie", diz ele, todo exasperado. "Esqueça o maldito telefone e fale comigo."

"Falar de quê?" Sento-me na cama, de repente tonto depois de me curvar.

"Dominic disse que você encontrou a garota, uma ex-namorada, em algum show, e quando de repente é isso de novo, você está caindo de bêbado. Então o que aconteceu?"

Quando olho para ele, encontrando seus olhos, sinto uma forte vontade de rir. Porque é claro que ele quer falar sobre ela *agora*. "Pai, você sabe o nome dela. Se você chamá-la de 'a garota' mais uma vez, juro por Deus... Mas eu me contenho; não adianta discutir. "E além disso, eu já disse que isso não tem nada a ver com ela. Foi uma festa. Houve bebida. Fim da história."

"Éden", ele se corrige. "OK? Lembro que o nome dela é Édén. Qual é exatamente o problema com esse g-com Eden? ele pergunta. Então ele se aproxima, baixando a voz. "O que é? Apenas diga, Josh. Você pode me dizer."

"É o seguinte? Não sei o que você quer que eu diga."

"Ela está grávida?"

"O que?" Eu me levanto novamente. "Do que estamos falando?"

"Você a engravidou?" ele repete mais baixo, lançando um rápido olhar por cima do ombro. Ele está olhando para mim com tanta seriedade, tão preocupado e pronto para intervir e ajudar que eu rio agora. "Ei, estou falando sério aqui. É isso que está atormentando você? Porque podemos descobrir."

"Não, eu não a engravidei, pai. Mas esse foi um bom palpite. Você quer tentar de novo?"

"Estou tentando, eu prometo."

"Você realmente não se lembra de nada do que eu lhe disse, não é?"

Ele fecha os olhos, como se fosse eu quem o estivesse machucando, em vez de o contrário. Meu pai apagou grandes partes da minha vida, e a maioria delas eu não poderia me importar menos, mas essa era uma das grandes que eu precisava que ele lembrasse. E está claro que simplesmente não está lá. Ele não se lembra de eu ter aberto meu coração para ele, contado tudo, implorando por conselhos, garantias. Claro, só quando ele veio para o meu lado da mesa da cozinha e colocou o braço em volta de mim é que senti o cheiro de álcool nele. Só quando parei de chorar é que reconheci aquele olhar vazio em seus olhos.

"Eu queria falar com você sobre isso em dezembro. Eu vim até você então. Você se lembra de alguma coisa? Pergunto-lhe. "Eu entenderia se você não fizesse isso, já que descobri que você estava no meio de uma bebedeira naquele momento."

"Lembro que você estava muito chateado. Eu me lembro disso. Tentei falar com você sobre isso desde então, e você sempre me afastou. Você nem voltou para casa durante as férias, Josh..."

"Sim, eu realmente não queria ver você", digo a ele, sem me importar se magoei seus sentimentos.

"E sabe de uma coisa? Eu entendo isso", diz ele, "mas vamos lidar com isso agora".

"A mamãe sabe ou ela acha que você esteve sóbrio esse tempo todo?"

"Ela sabe da minha recaída, sim. Mas estou de volta aos trilhos agora e..." Ele enfia a mão no bolso e tira uma ficha que já vi tantas vezes antes. "Recebi meu chip de noventa dias na semana passada."

"Quer saber, pai? Eu não ligo. Ficar chapado. Beba até morrer. Sinceramente, não me importo. Eu não posso mais me importar." Começo em direção à porta. "Preciso encontrar meu telefone. Você se importa?"

"Joshie, vamos lá." Ele levanta as mãos como se não fosse para me deixar passar. "Estou ouvindo agora. Você precisava de mim e eu não estava lá para ajudá-lo. Sinto muito se o fato de não estar lá é o motivo pelo qual as coisas estão saindo dos trilhos para você ultimamente, mas você não pode estragar tudo o que tem a seu favor porque está com raiva de mim."

"Nem tudo é sobre você! Acredite ou não, tenho meus próprios problemas que não têm absolutamente nada a ver com você."

"Você está claramente se entorpecendo. Você foi imprudente. Você está jogando basquete fora – jogando fora seu futuro."

"Basquetebol?" Eu zombei. "O basquete não é o meu futuro."

“E se você tivesse sido expulso do time por ter aparecido bêbado naquele jogo do começo do ano, o que teria acontecido então, hein? Sua bolsa teria sido retirada. Você sabe quantas horas passei ao telefone com seus treinadores, com o reitor, com seu orientador, para ter certeza de que você só seria dispensado pelo resto do semestre?”

“Eu não estava bêbado”, minto. Eu estive naquele buraco negro, como D o chamava, durante todas as férias de inverno. Mal saí do apartamento. Eu estava doente por causa do Éden, por causa do meu pai, por mim - por não poder fazer nada a respeito. E eu estava cansado de me sentir mal. Então, tomei algumas bebidas antes do jogo. Funcionou. Eu me sinto melhor. Eu não pensei que estivesse *bêbado*, no entanto. Não pensei que alguém iria notar. Mas o treinador fez. Ele percebeu imediatamente e pediu a um dos assistentes que me levasse para casa antes que alguém notasse também.

Papai fica ali olhando para mim com a mandíbula cerrada, contendo as palavras.

“Eu estava doente”, digo a ele. Ele também acha que isso é mentira, mas não consigo explicar por que não é, então continuo: “E eu nunca pedi para você fazer isso – eu mesmo teria lidado com as consequências”.

“Você estava de *ressaca*”, ele diz, pensando que está me corrigindo. “Como você está agora.”

“Você de todas as pessoas?” Eu grito com ele. “Como você pode ficar aí e me dar um sermão?”

“Porque eu sei melhor do que ninguém!” ele grita de volta. “Não faça isso com você mesmo. Deus, você é tão parecido comigo”, ele murmura para si mesmo. “Por favor, não seja como eu.”

“Eu não sou nada como você; pare de dizer isso!” Toda a gritaria está fazendo minha cabeça latejar, meu coração bater forte, meu estômago enjoar. “Pai, mexa-se, vou vomitar”, consigo dizer, desviando-me dele.

Chego ao banheiro e, enquanto esvazio todo o meu corpo, papai continua dando tapinhas nas minhas costas. “Tire isso daqui”, ele está dizendo repetidamente. “Coloque para fora. Você vai ficar bem.”

Depois de ter certeza de que terminei, sento-me no chão com as costas apoiadas na parede. Os azulejos frios ficam bem na minha pele. Observo meu pai pegar uma toalha do armário e colocá-la na água da pia. Ele torce e depois se senta ao meu lado. Ele coloca a toalha na minha nuca.

“Pare, pai.” Afasto suas mãos.

“Só estou tentando ajudar.”

Jogo a toalha em cima do balcão porque uma parte de mim realmente não *quer* se sentir melhor. Mas não direi isso; isso só o faria pensar que há ainda mais coisas erradas comigo do que ele já pensa.

Ele suspira e, como não quero mais sermões, abro a boca. A primeira coisa que sai é “Mamãe está errada sobre o Éden”.

“Tudo bem?” ele pergunta. “Estou ouvindo.”

“Nada disso é por causa dela. Ok, talvez seja parcialmente por causa dela, mas não por causa de algo que ela fez. Ela não fez nada comigo. Eu acabei de...”

“Você o que?” Ele pergunta, me cutucando no braço. “Diga-me o que está acontecendo então. Por favor.”

“Ela é especial. Eu realmente me importo com ela.

"Mas?"

"Não conte a mamãe sobre isso, certo? Eu realmente não deveria estar falando sobre isso."

Ele levanta as duas mãos na frente do peito e balança a cabeça. "Você sabe que não posso prometer até saber o que é."

"Ela foi estuprada."

Ele estala a língua. "Jesus."

"Aconteceu antes de estarmos juntos. E só descobri depois que terminamos. Muito tempo depois de terminarmos. Ela me contou há alguns meses e..."

"Em dezembro?" ele pergunta.

Eu concordo. "E eu tenho estado tão..." .. Não sei. Fui a primeira pessoa a quem ela contou o que aconteceu e não sabia o que fazer ou dizer." Eu me impedi de dizer, *e é por isso que eu precisava de você*. "Eu me senti impotente. Inferno, ainda me sinto impotente."

"Sinto muito", diz papai.

"Acho que gostaria de ter sabido antes sobre o que aconteceu. De qualquer forma, sinto que deveria saber, sem que ela precisasse me contar. Como se talvez eu pudesse ter feito algo para ajudá-la. Não sei, é como se um milhão de pensamentos passassem pela minha cabeça ao mesmo tempo. Tipo, e se eu fizesse alguma coisa quando estávamos juntos para piorar as coisas para ela? Se eu não estivesse prestando atenção ou pressionasse..."

"Você quer dizer sexualmente ou..." ..?" Apesar de todos os seus defeitos, ele sempre foi tranquilo com esse tipo de coisa, então sei que sua pergunta é estritamente para maior clareza - sem envolvimento de julgamento.

Eu concordo. "Principalmente, sim. Mas outras vezes também."

"Vamos, Josh. Você sempre foi um cara de pé. Tenho certeza de que você foi um cavalheiro."

"Como você pode ter certeza? Eu não sou. Houve momentos em que fiquei muito bravo com ela, perdi a paciência. Mas só porque eu não entendia o que estava acontecendo. Agora que sei, questionei muito o que aconteceu entre nós. Às vezes eu gostaria de poder recomeçar todo o nosso relacionamento. Se eu pudesse fazer diferente, eu faria."

"Nunca é tarde para tentar novamente. Certo?"

Eu balanço minha cabeça. "Não sei, provavelmente é melhor continuarmos apenas amigos. Parece também. . . complicado," eu continuo, pegando emprestada a palavra de Hannah da noite passada. "Isto é, até eu vê-la, e então parece que seria tão fácil. Mas agora ela está com outra pessoa e, de qualquer forma, há uma diferença de idade..."

"Oh." Ele sussurra a palavra, a interrupção mais sutil, e posso ver a preocupação estampada em sua testa. "De quanta diferença estamos falando aqui, Josh?"

"Ela tem dezessete anos. Então, não é terrível, mas está... está aí. Tínhamos apenas duas séries de diferença na escola", tento explicar. "De qualquer forma, ela está prestes a se formar."

"Tudo bem", diz ele, parecendo relaxar um pouco. "Vá em frente, desculpe."

"Eu quero . . .", Eu começo. "Eu não sei, simplesmente não posso. . . Acho que pensei. . ." Mas nem tenho certeza do que estou tentando dizer, nem tenho mais certeza do que quero, do que penso. "Eu simplesmente pensei que tinha seguido em frente", finalmente admito.

Ele suspira e aperta meu ombro, abrindo espaço para que essas palavras existam por um minuto. "Bem, parece que você vai ter que encontrar uma maneira de realmente seguir em frente, amigo. Um jeito diferente desse — diz ele, gesticulando ao nosso redor — isso significa ressaca e meio morto no chão do banheiro."

"Sim, eu concordo.

"Tome um banho. Bebe um pouco de água. Tire um cochilo." Papai dá um tapinha nas minhas costas novamente enquanto se levanta. "Você vai ficar bem, eu prometo." E ele me deixa no banheiro, fechando a porta suavemente atrás dele. "Vou encontrar seu telefone", ele me chama do corredor.

ÉDEN

Espero até sair do banho, com roupas limpas, sentada à mesa do meu quarto, calma e serena, antes de finalmente ler suas mensagens.

Foi bom encontrar você esta noite. Senti falta de conversar com você.

Me desculpe se tornei as coisas estranhas com seu namorado. Ele parecia muito chateado. Espero que ele tenha entendido. . . como as coisas são entre nós. Você quer que eu diga a ele que não há nada acontecendo? Eu irei se você precisar. eu só quero que você seja feliz

Posso ver você novamente antes de voltar para a escola?

Eu senti falta de conversar com você também

Você não tornou as coisas estranhas, elas apenas... . . eram

Diga-me quando/onde. Eu estarei lá.

Espero uma hora. Eu até ligo. Espero mais trinta minutos. Enquanto caminho até a casa dele, repasso todas as vezes que fiz isso antes. No escuro. No frio. A casa deles nunca muda. Sua gata sai correndo da varanda quando me aproximo, descendo os degraus como se estivesse me esperando. Quando me abaixo para acariciá-la, vejo algo na fenda entre os degraus e os arbustos. E à medida que me aproximo, posso dizer que é um telefone. Eu o pego e viro em minhas mãos. O telefone de Josh. A tela está rachada; a energia está desligada.

A porta se abre antes que eu tenha a chance de bater.

"Oh!" Eu grito, pulando para trás e quase derrubando o telefone de Josh.

"Sinto muito", diz o homem que é basicamente uma versão mais velha de Josh. Fico momentaneamente mudo enquanto observo as semelhanças. Mesma estatura, mesma constituição, mesma estrutura facial, mesmos olhos. Se não fosse por suas feições desgastadas ou por seu cabelo grisalho e nariz ligeiramente diferente, este é Josh. "Posso ajudar?"

"Ah, hum, encontrei isso", digo a ele, segurando o telefone. "Estava caído na passarela. Mandeí uma mensagem para ele, mas acho que ele não entendeu. Eu liguei também. Obviamente foi por isso que ele não respondeu." Estou divagando agora e não consigo me

conter. “Mas pensei que talvez devesse ir vê-lo. Eu não tinha certeza de quanto tempo ele ficaria na cidade e não queria sentir falta dele.”

“Éden?” Ele pergunta, semicerrando os olhos para mim enquanto pega o telefone.

“Oh, certo. Desculpe, sim. Eu sou Éden.” Fico inquieto ali parado, ficando tão nervoso – não tinha pensado sobre os pais dele estarem aqui num sábado de manhã. Os pais tendem a me odiar. Como se eles pudessem sentir o cheiro de problemas em mim, com medo de que eu contagiasse seus filhos.

“Matt”, ele oferece, apontando para si mesmo, e imediatamente penso na vez em que Josh me disse seu nome do meio. *Joshua Matthew Miller*, ele disse, e achei que parecia o melhor nome do mundo. “O pai”, acrescenta ele quando não respondo.

“Certo, é claro. Oi,” eu digo estupidamente. “É, hum, Josh está em casa?”

A porta se abre mais e sua mãe dá um passo à frente. Eu a vi apenas uma vez antes, um dia, quando ela estava pegando Josh na escola, mas imediatamente vi Josh nela também. O mesmo nariz, a mesma boca bonita. Mas há uma tensão em suas feições, uma aspereza em sua mandíbula quando ela encontra meus olhos.

“Este não é um bom momento”, ela me diz.

“Ah com certeza. Ok, sim. Eu me atrapalho com minhas palavras. “Você pode avisá-lo que eu passei por aqui?” — pergunto, e instantaneamente me arrependo quando sua mãe me lança o olhar mais intenso que acho que já recebi de alguém e se afasta sem dizer mais uma palavra, deixando seu pai ali.

“Desculpe,” gaguejo involuntariamente, enquanto me afasto da porta. “Eu não queria interromper nada.”

“Não, espere”, diz seu pai, e sai para a varanda, fechando a porta atrás de si. “Não há necessidade de se desculpar, você acabou de nos pegar em uma manhã difícil aqui.”

Eu concordo. É claro que eu entendo. Eu também estou tendo uma manhã muito difícil. Eu não digo isso, no entanto. Olho em volta, tentando me orientar, e é aí que percebo que o carro dele não está aqui. “É Josué. . . OK?” — pergunto, meus olhos fixando-se novamente na tela quebrada de seu telefone na mão de seu pai.

“Ele vai ficar bem”, ele responde, o que me preocupa ainda mais.

Sinto minha mão ir ao meu coração enquanto ele começa a acelerar com meus pensamentos sombrios. “O carro dele não está aqui. Nada aconteceu, certo? Não houve algum tipo de acidente ou... quero dizer, ele está bem. Certo? Ele não está ferido nem nada?”

“Não”, ele responde rapidamente. “Deus não. Nada como isso. Ele está apenas cuidando de uma ressaca terrível esta manhã.”

“Josh é?” Minha voz chia. Nada disso faz sentido. “Mas eu o vi ontem à noite. Ele não estava bebendo. Ele não bebe — digo a seu pai, que continua olhando para mim de uma forma estranhamente semelhante à forma como Josh olha para mim quando parece pensar que sei mais do que estou deixando transparecer.

“Bem,” ele respira. “Ele com certeza fez isso ontem à noite.”

“Oh.” Expiro e deixo minha mão cair ao meu lado. “OK. Você pode dizer a ele que eu passei por aqui? Pergunto novamente, tenho certeza de que sua mãe não vai deixá-lo saber.

“Posso ver que você se preocupa com ele”, diz ele. “Não é?”

“Sim, eu me importo com ele mais do que...”. Sinto-me um pouco envergonhada pela minha honestidade, mas isso faz com que o pai dele dê mais um passo em minha direção e acho que talvez ele diga a Josh que estou aqui, afinal. “Qualquer um,” eu termino.

Mas ele não me deixa entrar; ele balança a cabeça sombriamente e se senta no último degrau da varanda. "Você tem um minuto?" ele pergunta.

Eu concordo. Ele faz um gesto para que eu me sente. Eu faço. Ele não diz nada a princípio, e começo a me perguntar se deveria estar falando. Eu realmente não conheço o protocolo parental aqui. Ele dá um tapinha na camisa bolso e tira um maço macio de cigarros, que parece amassado e amassado, como se já existisse há algum tempo. "Você se importa?" ele me pergunta, batendo o maço na palma da mão, um isqueiro caindo.

"Não", digo a ele. "Tudo bem."

Ele tira um cigarro do maço e o leva à boca. Ele acende, e enquanto a fumaça gira em torno de nós, sinto meu coração batendo forte, desejando aquele alívio, o imediatismo disso.

Ele inspira profundamente e diz, enquanto segura a fumaça nos pulmões: "Sempre tentando parar, mas..." . ." e então vira o rosto para longe de mim para soprar a fumaça de sua boca. De repente, estou tão tentado a pedir um, mas ele imediatamente o apaga no degrau de concreto depois de apenas uma tragada longa e profunda. Não tenho certeza se teria esse tipo de autocontrole.

"Lembro-me de quando Josh era criança, ele adorava histórias em quadrinhos." Ele faz uma pausa, sorrindo enquanto olha para o quintal. "Nós sempre os líamos juntos."

Eu sorrio de volta, mas de repente não tenho certeza sobre o rumo que essa conversa está tomando.

"Todo super-herói tem uma falha fatal", continua ele. "O problema com Josh é... ele sempre foi uma daquelas pessoas que limpa bem, se é que você me entende. Sempre tão juntos por fora, é fácil esquecer que isso não significa que ele realmente seja assim por dentro. Sempre pensei que essa fosse uma espécie de falha fatal dele."

— Eu sei — digo a ele, e ele olha para mim como se estivesse tentando descobrir se eu realmente sei isso sobre Josh ou se estou apenas concordando para ser agradável.

"Ele se tornou uma pessoa tão boa – não, graças a mim, tenho certeza que você também sabe disso", ele intromete-se, mas continua rapidamente. "Estou tão Tenho orgulho dele, mas estou preocupado com ele", admite. "Ele se preocupa muito com todos os outros. Ele quer que todos fiquem bem. Mas acho que ele pode ficar tão preocupado com as outras pessoas que não está se importando o suficiente consigo mesmo agora. O que me assusta."

Prendo a respiração e solto uma risada curta e nervosa. "Não sei dizer se você está me culpando ou me pedindo ajuda."

"Nenhum dos dois", diz ele, levantando-se e trazendo consigo o cigarro em curto. "Eu apenas pensei que você deveria saber."

"OK." Eu me levanto também. "Obrigado por me avisar."

"Foi um prazer conhecer você, Eden", ele me diz.

"Sim, o mesmo." Dou apenas alguns passos antes de me virar. "Hum, talvez não diga a ele que eu estive aqui, então. Eu só... posso conversar com ele outra hora, eu acho. Um momento melhor", acrescento, pensando nas palavras de sua mãe.

Ele me dá um clássico sorriso torto de Josh enquanto segura o telefone. "Vou garantir que ele receba isso."

PART

TWO

July

JOSH

Estou sentado na recepção do centro atlético, escaneando uma carteira de estudante a cada poucos minutos, certificando-me de que a foto no banco de dados corresponde à pessoa que entra no prédio. O sol da tarde entra pelas janelas do chão ao teto, deixando-me cansado.

As sextas-feiras são sempre mortas aqui, especialmente durante as sessões de verão, então finalmente tenho a chance de estudar. Estou lendo o capítulo sobre métodos de pesquisa para minha aula de psicologia, quando ouço o chaveiro revelador do treinador tilintando no corredor. Endireito-me, tomo um gole de café, tento parecer mais alerta do que estou.

Ao caminhar até a mesa, ele diz: — Segunda-feira de manhã bem cedo, certo?

“Sim”, concordo, “até segunda-feira”.

“Diga olá ao seu pai por mim”, acrescenta.

“Vou servir, obrigado, treinador. Tenha um bom fim de semana.”

Quase consegui voltar às boas graças do meu treinador. Acho que ele me conseguiu esse cargo de estudo e trabalho durante o verão, principalmente para ficar de olho em mim. Ele se esforçou para garantir que não houvesse tempo para estudar, nem para nada, exceto trabalhar duro para provar meu valor. O que significa basicamente ser mensageiro de todo o departamento. Alguém precisa de almoço, eu vou buscar. Um doador importante ou VIP visitante precisa ser buscado no aeroporto, sou o motorista deles. O equipamento da academia precisa de limpeza, eu sou o zelador. Atleta com dificuldades exige tutor - sou eu também. Ele pelo menos me deixou tirar o fim de semana para ir para casa; Eu disse a ele que era uma coisa de família e fiquei grato por ele não ter me pressionado para obter detalhes.

Acho que mereço o castigo, considerando o que fiz.

Mas todas as manhãs, quando meu despertador toca de madrugada para o treino, tenho um cabo de guerra na cabeça. Entre a parte de mim que sabe que tenho sorte de ter esta oportunidade e quer cumprir o meu compromisso. Porque assumi o compromisso de pegar a bolsa e jogar nesse time. Além disso, sei que isso deixa meu pai feliz. Depois, há a outra parte de mim que só quer dormir até tarde de vez em quando, quer ser um estudante regular, aqui para estudar em vez de jogar um jogo que raramente gosto.

A maioria dos caras da equipe só tem três aulas durante o semestre porque simplesmente não há horas suficientes no dia para mais do que isso, mas me forcei a fazer quatro no ano passado, contra a recomendação do meu orientador. Neste verão, estou tentando conseguir pelo menos mais duas aulas; caso contrário, acabarei na faculdade por mais um ano nesse ritmo, e não quero jogar mais do que o necessário.

Não é como se eu não soubesse no que estava me metendo, todo aquele sacrifício estúpido e pressão. Mas estar tão esgotado depois de dois anos e ainda não chegar nem na metade me dá vontade de deixar tudo para trás alguns dias. Basquete, escola até. Mas esta manhã, antes da aula, meu professor de psicologia me perguntou algo que eu não havia considerado antes e não parei de pensar desde então; ela queria saber se eu declararia menor de idade neste outono.

"Um menor?" Repeti: mal declarei a *especialização*. Medicina esportiva foi algo que Bella me convenceu no primeiro ano, e parecia lógico na época. Ela era estudante de medicina - ainda é, tenho certeza - e apresentou um caso muito convincente.

"Formada em psicologia", esclareceu a Dra. Gupta quando percebeu que eu não estava entendendo o que ela queria dizer. "Você já tem todos os pré-requisitos." Tive duas aulas com o Dr. Gupta e outra aula de psicologia no semestre passado para cumprir um requisito de ciências sociais. Eu tinha meus créditos avançados de psicologia no ensino médio, então não precisei fazer nenhum curso extra de introdução para começar a ter aulas de psicologia - fazia sentido. Afinal, estou interessado no assunto, mas não fazia parte de um plano maior. Simplesmente aconteceu. Então, eu não sabia como responder a ela.

"Pense nisso", ela me disse. "Deixe-me saber se você tem perguntas."

Mas agora que estou sentado aqui, realmente pensando sobre tudo isso, o argumento de Bella era principalmente que *eu* praticava um esporte e *ela* estava estudando medicina, então poderíamos ter algumas aulas juntos.

Pego meu telefone - ela me mandou uma mensagem no início da semana. É a primeira vez que tenho notícias dela desde que terminamos em dezembro. Ela escreveu:

Você está no campus durante o verão?

Quer tomar uma bebida algum dia, conversar?

Tenho adiado responder porque me sentiria mal se dissesse não, mas se dissesse sim, posso prever o que aconteceria. Ela me aceitaria de volta mesmo que eu a machucasse, e eu me deixaria levar porque fazíamos sentido no papel. E aquela parte racional de mim, aquela que cumpre meus compromissos mesmo quando não quero, às vezes se pergunta se joguei fora uma coisa boa com ela. Eu me pergunto o que teria acontecido se eu não tivesse atendido a ligação de Eden naquela noite. Tenho 99 por cento de certeza de que Bella e eu ainda estaríamos juntos e eu não teria descoberto o que aconteceu com Eden e ficaria felizmente ignorante sobre a recaída do meu pai e nunca teria estragado tudo no basquete no inverno passado, e estes últimos sete meses teriam sido tranquilos, tudo correndo como planejado.

Mas mesmo enquanto releio o texto dela agora, lembro-me das coisas que estavam no papel e que não funcionaram.

Ela perguntou se eu queria beber alguma coisa porque ela nem sabe que não gosto de beber. Porque eu nunca contei a ela. E eu nunca contei a ela porque então ela perguntaria por que e eu também teria que contar a ela sobre meu pai e como nas poucas vezes que bebi na minha vida, bebi demais e acabei muito me arrependendo e com medo de ser mais parecido com meu pai nesse aspecto do que gostaria de admitir. Porque embora morássemos juntos, nos demos bem e eu gostasse dela de verdade — a amasse, pensei —, ainda havia coisas que eu nunca poderia dizer a ela. Não como Éden.

Deixo a mensagem de Bella ali e mudo para a mensagem de Eden desta manhã, aquela que me fez literalmente rir alto no vestiário.

No trabalho, aperfeiçoando a arte do

design de espuma de café com leite

Ela enviou de sua casa uma foto de uma caneca de borda larga com o logotipo da Bean - ela havia mencionado algumas semanas atrás que conseguiu um emprego lá.

Eu sei eu sei. muitos baristas optam pelo
óbvio coração ou roseta, mas meu
formato característico é... A gota.

É muito gordinho (sp?). Starbucks não tem
nada no Bean

obrigado.

farei para você meu café com leite especial de baunilha
na próxima vez que você estiver aqui

Fico pensando se devo contar a ela que estarei em casa neste fim de semana. Nunca mais nos vimos durante as férias de primavera. Ela ligou, me deixou uma mensagem de voz, que ouvi muitas vezes nos últimos meses. Ela me disse que queria me ver. Dei desculpas a ela - telefone perdido, telefone quebrado, fiquei doente, tive que comprar um telefone novo, fiquei ocupado, tive que sair mais cedo - nenhuma das quais era exatamente mentira, mesmo que eu achasse que eram.

Ela tem enviado mensagens de texto com bastante regularidade, mas são coisas superficiais leves e arejadas, como se nossa comunicação tivesse acabado de repente. qualidade. Nunca foi assim com ela antes. Sinto que algo mudou, mas não sei o quê ou por quê, e estou com muito medo de perguntar a ela sobre isso. Felizmente, ela não fala sobre *Steve*, pelo menos. Acho que ainda não conseguiria lidar com isso... ou nunca.

Saio para casa na manhã seguinte e paro para abastecer no posto de gasolina onde sempre paro, a trinta quilômetros da viagem de cinco horas. Olho para o número na bomba. Dois. Exatamente o que usei na última vez que voltei para casa, em dezembro.

Estava nevando naquela tarde quando ela ligou pela primeira vez e desligou. Eu estava indo para o treino. Ela ligou e desligou quatro vezes seguidas. Eu apaguei o número dela do meu telefone anos atrás, mas pude dizer que era ela de uma só vez.

Tentei tirar isso da cabeça o melhor que pude, mas mais tarde naquela noite, estávamos sentados à mesa da cozinha, com os livros espalhados, estudando para as provas finais, quando a próxima ligação dela nos interrompeu. Eu atendi, mas ela desligou novamente, três vezes.

"Que diabos?" Bella disse, me dizendo na quarta ligação: "Apenas ignore."

Mas não consegui. "Éden, é você?" Eu respondi.

E então ela desligou na minha cara novamente.

"*Eden*, como sua ex-namorada Eden?" Bella perguntou, colocando o marcador na encadernação de seu livro. "O que *ela* quer?"

Balancei a cabeça e me levantei da mesa. Liguei para ela de volta. Eu estava ficando tão bravo enquanto esperava ela responder e eu nem sabia por quê - porque Bella estava ficando chateada ou porque eu estava começando a me importar se ouvia a voz dela ou não.

Ela atendeu, mas ainda não disse nada, e Bella estava ali ouvindo, então eu disse a ela para não ligar de volta. Mas então fiquei imediatamente aliviado quando ela ligou um segundo depois, de qualquer maneira.

"Ela está perseguindo você ou algo assim?" Bella sibilou, parecendo mais cruel do que eu já tinha ouvido antes. " *Não* responda isso, Josh, ela está brincando com você."

Mas eu fiz. E quando ela finalmente falou, sua voz quase me esmagou. Ela não parecia nada bem. Ela ficava dizendo "Eu me importava". Eu não sabia o que ela queria dizer, mas então ela repetiu. "Eu me importava com você. Eu sempre me importei com você."

Ela nunca tinha me dito isso antes, e ouvir isso agora, desse jeito, me assustou.

"Você sabia?" ela perguntou. "Você sabia que eu me importava?"

Eu não sabia o que dizer, então contei a verdade a ela. "Às vezes."

Ela falou sobre todas essas coisas aleatórias sobre as quais mentiu para mim e que pessoa horrível ela era e o quanto ela se odiava e como eu deveria odiá-la também. Ela estava sendo tão enigmática e errática e eu realmente esperava que fosse apenas porque ela estava bebendo ou algo assim, mas quando perguntei isso, ela riu e disse não, e eu percebi que ela estava começando a chorar.

Algo estava errado. Eu não sabia o quê, mas sabia que ela não estava brincando. Tentei mantê-la ao telefone, mas podia senti-la se distanciando cada vez mais a cada palavra que eu dizia a ela. Perguntei o que ela precisava, como eu poderia ajudar.

"Você não pode", ela gritou.

Comecei a ficar mais do que assustado porque ela estava desanimando, ou talvez acabando; de qualquer forma, eu a estava perdendo rapidamente. Ela estava dizendo coisas como "me desculpe" e "eu não deveria ter ligado". e tentei dizer a ela que estava tudo bem, mas era como se ela não pudesse mais me ouvir.

"Sinto muita falta de você às vezes e queria que você soubesse que eu me importo. Eu realmente queria", ela disse tão baixinho que tive que cobrir meu outro ouvido só para poder ouvi-la. "E não havia mais ninguém. Sempre. Espero que você acredite em mim."

"Espere, Eden", gritei, porque sabia que ela estava acabada. "Não desligue", eu disse, embora fosse tarde demais.

Bella estava me observando enquanto eu andava pelo nosso pequeno apartamento, tentando freneticamente ligar de volta para Eden, deixando mensagem após mensagem. Estávamos juntos há mais de um ano – eu estava planejando levá-la para casa comigo durante as férias de inverno para conhecer meus pais – mas ela nunca tinha me visto assim.

"Acalme-se", ela dizia. "Você está realmente exagerando agora."

Mas não consegui me acalmar. E eu não estava exagerando.

"Você ainda não a ama", ela disse a princípio, reprimindo uma risada. Ela não disse isso como uma pergunta; ela estava me contando. *Claro, você ainda não está apaixonado por uma garota do ensino médio que nunca foi realmente sua namorada*. Eu estava tentando dizer a mim mesmo a mesma coisa. Eu poderia passar meses sem que ela sequer passasse pela minha cabeça. Eu superei ela. Mas se isso fosse realmente verdade, então como é que ela pôde ligar do nada, depois de anos, e eu simplesmente desmoronar ao som de sua voz?

"Você não está," ela repetiu quando eu não respondi. "Josh?"

"Que Deus?" Eu gritei com ela, outra coisa que ela nunca tinha me visto fazer antes.

"Ei, não grite comigo", disse ela, levantando-se da mesa. Ela se aproximou e ficou diretamente no meu caminho, me estudando. "Por que você está pirando com isso?"

"Bella, apenas me dê algum espaço. Você não entende. Algo está seriamente errado, ok?"

"Bem, ajude-me a entender, então." Tão prática, ela esperou, parada na minha frente, como se eu pudesse *explicar* o Édén para ela. Como se este fosse um dos nossos problemas de

Cálculo Avançado que poderíamos descobrir se apenas nos uníssemos. Mas nunca consegui explicar o Éden a ninguém, nem mesmo a mim mesmo.

"Tudo bem", Bella disse, cruzando os braços enquanto eu permanecia ali, em silêncio. "Não acredito que tenho que te perguntar isso, mas há algo acontecendo entre você e ela?"

"Bella, vamos lá" foi a melhor defesa que consegui reunir. Porque é claro que havia algo acontecendo conosco, sempre houve. Nós nunca terminamos. Mal começamos.

"Não é uma pegadinha, Josh, apenas me diga a verdade", ela exigiu.

A verdade era muito complicada, porém, para ser capaz de contar a Bella, que, eu estava percebendo naquele momento, não entendia que *eu* era complicado também.

Mas a verdade sobre nós também era simples. Eden estava com raiva e eu triste, e não deveríamos ter trabalhado, mas trabalhamos. Trabalhamos como se não estivéssemos muito danificados para trabalhar. Talvez apenas às vezes, quando outras coisas não atrapalhavam. Como toda aquela tristeza, toda aquela raiva. E outras pessoas, um momento ruim e merdas mesquinhas de adolescentes. Claro, também havia mentiras dela. Os segredos que eu sempre soube que ela estava escondendo de mim.

Mas, apesar de tudo isso, liguei de volta para ela mesmo assim. Deixei o meu namorada em nosso novo apartamento no meio da noite – no meio de uma briga – de qualquer maneira. Lembro-me de pensar, mesmo naquele momento, que não deveria estar disposto a jogar tudo fora por ela. Eu não deveria ser capaz de deixar de ouvir quando minha namorada chora de verdade, implorando para que eu fique. Senti-la puxando meu braço e continuar mesmo assim. Ouvi-la, e acreditar nela, quando ela me dá o primeiro e último ultimato do nosso relacionamento: "Não se atreva a ir até ela, não se quiser voltar aqui". E nem mesmo ser capaz de pedir desculpas e ser sincero. Fechar a porta para ela e entrar no meu carro de qualquer maneira.

Tudo porque ela me ligou. Tudo porque eu estava com medo. Assustado porque de repente me ocorreu que talvez agora fosse eu quem estava com raiva e ela ficou triste - triste *demais*, talvez.

Deixei uma mensagem de voz para ela enquanto estava aqui no posto de gasolina, neste lugar, gelado, no meio da noite. Eu disse a ela que estava vindo e então orei a todos os deuses em todos os universos para que, quando o tanque estivesse cheio, ela me ligasse de volta e me dissesse para me virar. Eu queria que ela estivesse mentindo. Eu queria que ela me ligasse de volta e dissesse que estava bem. Ela não precisava de mim. Ela não se importou. Ela nunca fez isso.

Eu queria acreditar que o telefonema dela não era uma despedida dela – de forma permanente. Porque, das muitas coisas que eu não tinha certeza quando se tratava dela, eu tinha certeza disso. Ela era capaz disso. Não sei por que sabia disso, mas simplesmente sabia. E mesmo tendo passado tanto tempo sem ela, não sabia se conseguiria continuar sem ela no mundo.

"Por favor, Eden," eu sussurrei, as palavras saindo em uma nuvem branca de frio. "Basta ligar, porra."



A alavanca do acelerador abre e de repente sou empurrado de volta para a luz do dia, para o calor, o sol batendo em meu pescoço e ombros. Olho para meus braços, arrepios subindo pela minha pele, um arrepio percorrendo minha espinha.

Transfiro a bomba de volta para o suporte e observo enquanto os números na tela piscam e zeram. Respiro fundo e tento me livrar do frio que não percebi que ainda persistia em meus ossos daquela noite.

Entro no carro e pego meu telefone para responder a Bella:

Não acho que um encontro seria uma boa
ideia para mim. Mas espero que você esteja bem,
Bella. Desculpe.

ÉDEN

Os aplicativos eram um lixo, eu sabia disso. Enviei materiais idênticos para todas as escolas, completos com uma redação estúpida e padronizada que minha orientadora praticamente escreveu para mim, marcando todas as caixas, disse ela, do que essas escolas estão procurando. Lembro-me de ter pensado, fugazmente: *E o que estou procurando ?*

Todos, exceto aquele aplicativo que achei que não importaria.

Para isso, escrevi algo que provavelmente deveria ter sido guardado em um diário em algum lugar longe do mundo. Foi em parte um pedido de desculpas para mim mesmo, em parte uma carta de amor para Josh, em parte uma declaração sobre o impacto da vítima para qualquer um que quisesse ouvir. . . tudo na forma de minha redação para o escritório de admissões da Tucker Hill University. Era excessivamente precioso e excessivamente honesto e repleto de metáforas e muitas palavras brilhantes, mas eu estava orgulhoso disso. Tudo sobre segundas chances, tempo perdido, arrependimentos e esperança em relação ao futuro. E eu acreditei, escrevi com muita confiança, que meu futuro estava ali.

Eu quis dizer isso quando escrevi. Foi um tiro no escuro, um desejo que dificilmente se concretizaria. E a improbabilidade de isso realmente acontecer me fez sentir corajoso o suficiente para tentar.

Era o final de janeiro e eu estava voando alto sabendo que Kevin havia sido preso e as pessoas pareciam acreditar em mim e eu ainda achava que isso contava para alguma coisa. Achei que ele logo estaria preso e fora da minha vida — de *todas* as nossas vidas — para sempre. Eu me senti livre. Josh e eu estávamos conversando de novo, antes de eu sair da escola, antes de Steve, antes de as coisas ficarem muito mais difíceis. E então escrevi aquele ensaio na última hora. Eu não tinha ideia de que, meses depois, nada teria acontecido para levar adiante o julgamento ou que eu me sentiria menos livre, menos esperançoso a cada dia que passava.

Eu não tinha ideia de como funcionava qualquer uma dessas coisas legais, então quando o promotor Silverman e nosso advogado nomeado pelo tribunal, Lane, explicaram que não seria apenas um julgamento que consistia em mim, sozinho, contra ele, que era o estado contra ele e eu era apenas um pedaço de algo maior, me senti tão aliviado. Quase poderoso. Protegido mesmo. Como eram três contra um – eu, Amanda e Gennifer – finalmente as probabilidades pareciam justas. Força em números. Imaginei nós três entrando em algum tribunal chique como uma gangue ou algo saído de um pôster de filme: a ex-namorada, a irmã mais nova e a garota da casa ao lado, todas duronas e fortes, de braços dados em solidariedade.

Foi um sonho legal.

Mas esse sentimento não durou. Porque, como os promotores Silverman e Lane deixaram bem claro quando explicaram todo o processo de coleta de provas, audiência e julgamento: sob nenhuma circunstância foram permitidos conversar um com o outro sobre qualquer coisa relacionada ao caso, Kevin, ou sobre o que aconteceu com qualquer um de nós. Porque poderíamos ser acusados de. . . Não tenho certeza do quê, mentindo, eu acho, criando alguma narrativa idealizadora. Eles não perceberam que Kevin era o verdadeiro cérebro por trás de tudo?

Mal me lembro da pessoa que eu era quando escrevi aquele ensaio. Pensei nisso vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, durante semanas, até que uma compreensão fria e feliz tomou conta de mim: eu poderia parar de ter esperança. Uma olhada em minhas transcrições garantiria que ninguém jamais as leria.

É por isso que estou tendo problemas para processar o e-mail que estou vendo no meu telefone. Diz que fui retirado da lista de espera e estou recebendo uma oferta de admissão. Li as palavras dez vezes, mas ainda não as entendi. Deve ser algum tipo de confusão.

Procuro freneticamente o e-mail anterior.

Eu mal li da primeira vez. Meus olhos procuraram a palavra “infelizmente” e então fechei-o imediatamente – nunca mais olhei para ele. Mas não foi uma rejeição. Eles me disseram que eu estava na lista de espera. Volto ao e-mail de hoje. Sim, afirma claramente: *Temos o prazer de lhe oferecer admissão para o semestre de outono*.

“Oh meu Deus,” eu sussurro.

“O que?” meu irmão, Caelin, diz enquanto entra na cozinha, onde estou congelado, com a porta do micro-ondas ainda aberta, meu burrito esfriando, ainda com minha camisa pólo e viseira do Bean, o cheiro de café grudado em meu corpo. cabelo e minha pele.

“Eu... eu entrei”, gaguejo, olhando para ele. “Para a Universidade Tucker Hill.”

“Putá merda, Eeds.” Ele sorri quando entrego meu telefone para ele e percebo quanto tempo faz que não o vejo sorrir. “Sério, isso é incrível. Eu nem sabia que você se inscreveu lá. Tucker Hill é uma escola realmente decente.”

“Eu sei. É por isso que pensei que nunca conseguiria entrar nem em um milhão de anos.”

“Parabéns”, diz ele, e estende os braços como se fosse se inclinar para me abraçar, mas então para.

“Bem, mas não é como se eu pudesse realmente ir, posso? Quero dizer, é caro e está longe...”

“Eden, você tem que ir”, ele interrompe. “Realmente não é tão longe; nem está fora do estado. Devem ser quatro ou cinco horas, no máximo.”

“Tudo bem, mas é *caro*.”

“Oh, foda-se o dinheiro”, diz ele, balançando a mão no ar com desdém. “Há ajuda financeira e bolsas de estudo, subsídios. . . empréstimos”.

“É tão cedo, no entanto. Não tenho tempo suficiente para me preparar e com todo o resto acontecendo.” O julgamento deveria começar no outono, o que não discutimos, nós dois. Como será para ele ver seu ex-melhor amigo assim. . . irmã dele.

“Sim, esse é mais um motivo para você sair daqui: você pode voltar quando precisar”, diz ele, convenientemente não dizendo *para o julgamento*. “E você tem mais de um mês. Isso é bastante tempo.

“Mamãe e papai não vão achar que isso é uma boa ideia. Eu, sozinho, eles nem confiam em mim para pegar um carro emprestado para ir trabalhar. E isso é outra coisa. . . Eu não tenho carro.”

“Pare, pare, ok?” Ele junta as mãos como se estivesse rezando. “Primeiro, desde quando você se importa com o que eles pensam? . . ou o que *eu* penso, aliás?” Ele ri, e eu também, porque, claro, isso é verdade. “E você pode encontrar um carro. Inferno, vou te dar meu carro! Ele grita. “Pare de dar desculpas.”

“Você precisa do seu carro.”

“Para que preciso de um carro? Vou tirar o semestre de folga”, ele me lembra. “Você está fazendo isso.”

Estou tentando imaginar como isso poderia funcionar, como isso não é loucura. Solto uma risada e cubro a boca, balançando a cabeça enquanto olho para o meu telefone novamente. De repente, sinto-me tonto e enjoado com a sensação avassaladora de possibilidade florescendo em meu peito.

“Tucker Hill”, diz Caelin. “Não é para lá que Josh Miller vai?”

Eu aceno lentamente.

“Então, isso significa que você e ele são uma coisa de novo ou...” ..?” ele pergunta sem jeito.

“Ele tem namorada”, ouço-me responder automaticamente. É a frase que vem passando pela minha cabeça há meses, mesmo que não tenha sido exatamente isso que ele perguntou. “Quer dizer, somos apenas amigos”, concluo.

Levo meu burrito morno para o quarto, fecho a porta e abro meu laptop. Eu quero tanto um cigarro, porque estou sentindo todas essas emoções borbulhando, medo e excitação e alegria e pavor, todos lutando pelo maior faturamento.

Mas respiro lentamente, inspirando e expirando lentamente, e abro meu e-mail, verificando novamente, como se a mensagem tivesse mudado do meu telefone para o meu computador. Não aconteceu. Sigo o link para bolsas e bolsas do departamento de inglês. Inglês, eu disse que meu curso pretendido era Inglês. Tento me imaginar ali, como uma das pessoas nessas fotos idílicas online. Talvez eu pudesse ser aquela garota ali, sentada debaixo de uma árvore com um cobertor e um livro, lendo. Ou aquele garoto sorrindo na sala de aula. Eu poderia estar naquele grupo de pessoas caminhando juntas, conversando, rindo – amigos. Fecho os olhos e tento sonhar: grandes edifícios e vastas bibliotecas, viver numa cidade real.

E depois há a outra parte. Fecho meu laptop. A parte de Josh. Todo o Josh. . . *coisa*, como Mara disse na noite do show.

Estou mexendo na salada do meu prato naquela noite, tentando encontrar o momento certo para tocar no assunto. Caelin continua olhando para mim, esperando que eu diga alguma coisa. Mamãe está lendo em seu telefone. Papai, que quase não fala comigo ultimamente, está debruçado sobre o frango, comendo em silêncio, como sempre.

“Então”, anuncia Caelin, “Eden recebeu boas notícias hoje.”

Mamãe tira os olhos do telefone e leva o guardanapo ao canto da boca. “Boas notícias? Poderíamos ter boas notícias por aqui.

“Ah, sim. Acontece que entrei na Universidade Tucker Hill no outono.

“O que?” Papai diz, largando o garfo, olhando para mim e Caelin como se estivéssemos guardando algum tipo de segredo.

“Acabei de descobrir hoje”, acrescento.

“E você . . . querer . . . ir?” Mamãe pergunta, suas palavras saindo lentas e incertas.

“Quero dizer . . .”, eu começo, mas só o jeito que ela disse me faz sentir que eu não deveria querer ir, como se eu não tivesse o direito de querer isso.

Caelin interrompe. “É claro que ela quer ir.”

“Certo, claro que sim”, diz mamãe, e posso sentir um *mas* vindo em seguida.

“Isso é uma coisa boa”, diz Caelin em minha defesa, reforçando um pouco minha determinação.

“Sim, eu concordo. “Por que sinto que estou dando más notícias para vocês?”

“Não, são ótimas notícias. Sério”, diz mamãe. “Apenas um tanto inesperado.”

“Ok,” eu zombei. “Você está feliz por mim?”

“Claro!” Mamãe diz. “Sim, claro que estamos. Desculpe, só estou pensando em tudo que você está acontecendo. Você sabe, finalmente parece que as coisas estão se acalmando aqui para você, com seus *compromissos* e seu trabalho e... . . e você tem uma rotina. Só me preocupo que uma grande mudança não seja o que você precisa agora.”

“Ou é exatamente o que eu preciso. Já liguei para o consultório da minha terapeuta e posso continuar me encontrando com ela por telefone. Definitivamente posso encontrar outro emprego de meio período fazendo café caro. E posso voltar para a audiência, se isso acontecer – quero dizer, pode ser adiada novamente. Por que estou colocando toda a minha vida em espera?

Papai suspira alto, balançando a cabeça.

“O que?” Caelin pergunta ao nosso pai, e até eu ouço o desafio em sua voz.

Papai estreita os olhos para Caelin. “Com licença?”

“Eu disse a palavra ‘terapeuta’”, murmuro baixinho. “Eu mencionei a audiência – sei que deveríamos agir como se nada disso estivesse acontecendo.”

“Éden”, diz mamãe. “Ninguém é-”

Mas papai a interrompe. “Ela vai fazer o que quiser. Por que nos perguntar?

“Quem *eu* ?” Eu digo em voz alta, a ousadia de Caelin pegando, porque estou tão cansada de papai não falar comigo desde que tudo isso foi revelado, como se *eu* tivesse feito algo errado. “Então, você quer dizer que realmente me quer aqui? Porque você mal diz duas palavras para mim.

“Isso é . . .”, papai começa, afastando-se da mesa, olhando para mamãe. “Ela é muito jovem, Vanessa. Ela é muito jovem para ir embora. Isto é”, ele repete, “isso não está acontecendo”.

“Você nem olha para mim, sério?” Eu grito.

“Eden”, diz minha mãe. “Acalmar.”

“Oh meu Deus,” Caelin murmura.

“O que você quer que eu faça aqui?” — pergunto, e nem estou tentando controlar o volume da minha voz agora. “O quê, trabalhar no Bean pelo resto da minha vida, fazer aulas na faculdade comunitária de vez em quando. Eu sou capaz de fazer coisas, você sabe. Isso é algo que eu quero. Não sei por que você está agindo assim.”

Papai se levanta da mesa agora, está caminhando em direção à porta, pegando as chaves do carro.

E finalmente digo o que tenho guardado nos últimos sete meses. “Você acha que isso é tudo culpa minha, não é?”

Ele se vira e realmente olha para mim pela primeira vez em meses.

“Bem, eu não pedi que nada disso acontecesse. O que Kevin fez não é minha culpa, e estou farto de você me culpar todos os dias! Eu grito.

“Seu pai não culpa você.” Mamãe também se levanta agora. “Conner, diga,” ela exige.

Caelin também se levanta, olhando para meu pai e depois para mim, enquanto diz: “Não, ele me culpa, Eden”. Ele empurra a cadeira com calma e vai para o quarto.

Papai se vira, abre a porta e sai.

“Pelo amor de Deus”, minha mãe sibila. “Éden, já volto. Nós vamos descobrir isso, deixe-me apenas... . .” E então ela segue meu pai. Fico sozinho, sentado à mesa com quatro pratos de comida pela metade.

“Estou indo”, digo para ninguém.

Levo a noite toda para criar coragem para mandar uma mensagem para ele. Desde aquela conversa que tive com o pai dele na varanda da frente, tenho tentado ao máximo não despejar todas as minhas merdas nele. Tenho me esforçado tanto para estar lá caso *ele* precisasse de mim, para variar. Tentei perguntar a ele tantas vezes como ele está, mas ele não se abriu comigo. Comecei a me preocupar, talvez nosso tempo tenha chegado ao fim. Que perdemos muitas chances e finalmente ficamos sem elas.

Deito-me de costas, olhando para o borrão do meu ventilador de teto, deixando-o me levar a algum tipo de estado meditativo estranho. Eu tenho que desviar meus olhos. Rolo para o lado, sento-me e respiro fundo, acessando nossos textos pela milionésima vez. Se eu esperar mais, será tarde demais e terei que fazer tudo de novo amanhã.

Eu sei que é tarde. . . mas posso ligar?

Meu telefone vibra imediatamente na minha mão.

JOSH

Toca muitas vezes antes que ela responda, minha cabeça já girando com todos os tipos de cenários terríveis, muita adrenalina correndo pelo meu corpo.

"Ei," ela diz calmamente.

"Oi. O que está errado?"

Ela ri, dizendo: "Ok, por que 'o que há de errado' é a primeira coisa que você me diz?"

Tento analisar a voz dela. "Desculpe. É só que em todos os anos que te conheço, você só me liga quando algo está errado.

"Isso é verdade?"

"Ah, não sei", murmuro, não querendo que ela se sinta mal, não querendo pensar naquele telefonema novamente.

"Bem, não há nada de errado, eu só" – ela inspira profundamente e expira lentamente – "queria falar com você. Tudo bem?"

"Claro. Eu te disse, me ligue a qualquer hora.

"Eu sei que você disse isso, mas... ok, obrigado." Ela faz uma pausa. "Hum, sua namorada está aí?"

Nunca tive tempo de contar a ela que tínhamos terminado. Nunca pareceu haver um momento em que não fosse revelado que eu não tinha algum motivo oculto para tentar fazer com que ela ficasse comigo.

"Ela vai ficar chateada por eu estar ligando tão tarde?"

"Bem, *eu* liguei *para você*, então. . ." Mudo o telefone para o outro ouvido, como se isso pudesse me ajudar a pensar melhor. "Por que, seu namorado ficaria chateado?" Eu pergunto a ela em vez disso.

"Sim, Provavelmente." Ela dá aquela risada perfeita dela – a verdadeira. "Se ele ainda fosse meu namorado."

"Ah," eu respiro.

Ela ri de novo, esperando que eu me junte a ela, mas não consigo.

"Espere, isso é verdade?" Eu pergunto antes que meu coração se empolgue demais. "Vocês não estão mais juntos?"

"Sim", ela responde. "Quero dizer, sim, é verdade. Não, não estamos mais juntos."

"Ah", repito.

"Josh?"

"Desculpe. Hum, não, a única pessoa que ficaria chateada por estarmos conversando agora é Harley. Agora é minha vez de esperar que ela ria, mas ela não ri. "Você sabe, meu gato. . . Harley Quinn? Deixa para lá. Na verdade, estou em casa agora.

"Em casa como na casa dos seus pais?" ela pergunta.

"Sim, apenas para o fim de semana."

"Você não ia me contar?"

"Oh, é apenas uma viagem curta."

"Mas . . . você ia me contar?"

“Bem, eu não tinha certeza se teria tempo para ver você, então...” . .” Eu adormeço, esperando que ela diga alguma coisa, porque como vou contar a verdade a ela? *Não tenho certeza se confio em mim mesmo para estar perto de você* .

“Éden?”

“Sim, não, estou aqui”, ela diz gentilmente.

“E se . . . ?”

“E se o quê?”

“E se em vez disso falássemos pessoalmente?” Eu pergunto a ela. “Posso ir até aí?”

Prendo a respiração em meio ao silêncio do outro lado da linha. Ela nunca me deixou ir antes. Não sei por que perguntei. Eu deveria tê-la convidado aqui.

“Está tudo bem se você não...” começo, mas ela interrompe.

“Venha aqui.”

Troquei minha camiseta e escovei os dentes, e menos de dez minutos depois, estou parando em frente à casa dela. Em todo o tempo que a conheço, nunca a peguei ou deixei aqui, nunca entrei. A casa dela está muito escura, mas enquanto estou guardando as chaves do carro e andando pela entrada, a luz da varanda da frente acende.

Ela abre a porta quando me aproximo, saindo descalça. Ela sorri e desce para me encontrar no momento em que estou subindo, e nós meio que nos abraçamos desajeitadamente na escada, nós dois caindo um no outro e cambaleando.

“Oi,” ela murmura enquanto se afasta e se afasta. “Desculpe, eu fui para aquele abraço um pouco ambicioso demais, eu acho.”

“Não me importo com abraços ambiciosos se vierem de você.”

Essa foi literalmente uma das coisas mais estúpidas que já disse na minha vida, mas ela está usando shorts de novo – desta vez shorts macios tipo pijama, e posso ver que há uma regata combinando, que ela está usando por baixo de um moletom grande demais e eu estou tendo dificuldade em pensar em qualquer coisa além disso. Eu a sigo para dentro, tentando evocar um pouco de frio.

Há sapatos alinhados na entrada, então aproveito o taco e tiro os meus.

“Obrigada”, ela diz baixinho enquanto fica ali, mudando o peso de um pé para o outro, coçando a coxa e olhando por cima do ombro. Ela parece estranhamente desconfortável em sua própria casa. Ou talvez ela perceba que estou nervoso, e isso a deixa nervosa também. “Meus pais estão lá em cima”, acrescenta ela, sem sussurrar, mas me avisando que precisamos ficar relativamente quietos.

“Ah, tudo bem”, eu digo, balançando a cabeça.

“Estou por aqui.” Ela me leva até a sala e por um corredor onde posso ouvir sons abafados de TV vindos de um dos quartos, uma fina linha de luz sob a porta. “Meu irmão”, ela explica. Eu momentaneamente me lembro da festa de Ano Novo no meu último ano. Corriam boatos sobre o Éden, e eu estava tentando, sem sucesso, já que estava bêbado — a primeira vez na vida que bebi —, explicar que aqueles rumores eram apenas mentiras. Olhando para trás, tenho certeza de que só piorei as coisas. Então, quando o irmão dela me confrontou mais tarde naquela noite, tentei dizer a ele que ela não era apenas uma ligação comigo, mas antes que eu pudesse explicar completamente que eu realmente a amava, ele já tinha me derrubado no chão. Minha primeira luta. Meu primeiro olho roxo. Minha primeira ressaca.

Ela fecha a porta atrás de nós e tento dar uma olhada rápida por aí sem ser muito óbvio. Tudo é minimalista e esparso, mais parecido com um showroom do que com uma sala real. “Então é isso, meu quarto.”

“É diferente do que pensei que seria, de alguma forma.”

Ela olha em volta como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez também.

“Quero dizer, é legal,” eu recuo.

“Não”, ela diz. “Eu sei que é estranho. Não há mais muito de mim aqui.”

Não tenho certeza do que isso significa, e acho que isso transparece no meu rosto porque ela explica.

“Minha mãe, tipo, entrou nessa farra da IKEA e se livrou totalmente de tudo que estava aqui antes. Pinte e deixou tudo muito bonito. . . cinza. Acho que não passei muito tempo colocando meus próprios toques de volta. Exceto pela minha luminária”, diz ela, indo em direção à sua mesa para acender a pequena luminária de vitral, que é a única fonte de cor em todo o ambiente. sala. “Encontrei isso em um brechó. Estou muito orgulhoso disso. Mas estou divagando. Desculpe. Acho que estou nervoso.”

“Está tudo bem, posso estar um pouco nervoso também.” Eu faço uma pausa. “Estar aqui pela primeira vez me faz sentir como se estivesse no ensino médio novamente.”

Ela solta uma risada curta. Então ela se aproxima de mim para desligar o interruptor de luz na parede. A luz do teto se apaga e a luminária de sua mesa lança uma espécie de brilho amarelo pela sala. “Pronto, está melhor”, diz ela. “Não tão brilhante.”

“Sim,” eu concordo, observando-a enquanto ela está na minha frente na penumbra agora, parecendo ainda mais.... . *cativante* , é a palavra que fica piscando em minha mente.

“Nunca recebi ninguém aqui. Quero dizer, Mara, obviamente. Mas eu nunca tive um *menino* ”, ela sussurra através das mãos em concha, “na minha quarto assim. Antes.” Ela inspira profundamente e diz: “Desculpe, isso era para ser fofo, engraçado ou algo assim”.

“Não, foi”, digo a ela, mas, na verdade, estou pensando em *Steve* . Ele realmente nunca esteve aqui, e o que isso significa?

“Hum. Você quer sentar ou, ah, quer algo para beber?”

“Estou bem”, digo a ela. “Tudo bem.”

Ela diz: “Ok”, mas ainda está girando os dedos em torno dos cordões do moletom, que ela claramente vestiu por cima do pijama pouco antes de eu chegar aqui. E algo sobre isso envia minha mente na direção errada novamente. Eu tenho que desviar o olhar.

“Devemos começar de novo?” Eu pergunto. “Abraço adequado?”

Ela assente.

“Sim? OK. Venha aqui.” Estendo minhas mãos e ela as pega, se aproxima de mim e envolve meus braços em volta da minha cintura. Deixei meus braços cruzarem ao redor dela e descansar meu queixo em cima de seu cabelo, que tem um cheiro incrível como sempre. Ela pressiona o rosto contra o meu peito e segura com muita força. Ela continua respirando lenta e deliberadamente profundamente, como se estivesse tentando se acalmar. Parte de mim quer perguntar se ela está bem, mas está bem claro que ela não está, então tento respirar com ela, tento me acalmar também. Gradualmente, seu aperto afrouxa e nos afastamos um do outro.

“Desculpe, acabei de... tem sido muito ultimamente, mas estou feliz que você esteja aqui. Sempre gosto mais de conversar com você pessoalmente.

Ela não tinha mencionado nada em nossas mensagens *ultimamente*, mas acho que também não tenho sido exatamente aberto sobre minhas coisas. Sentamo-nos na cama dela, um de frente para o outro, da mesma forma que nos sentamos naquela mesa de piquenique.

"Então, sobre o que você queria conversar?" Estou perguntando, assim como ela diz: "Por que você está em casa?" Como sempre, conversamos um com o outro.

"Desculpe, você primeiro", digo a ela.

"Ok, então por que você está em casa agora?" ela repete.

"É meu pai. Ele está sóbrio há seis meses neste fim de semana. Há uma cerimônia e depois fazemos uma espécie de celebração familiar."

"Oh. Uau, seis meses. Isso é grande coisa, certo?"

Eu concordo. "Sim. Quero dizer, eu já o vi receber seu chip de seis meses algumas vezes antes, mas... ."

"Mas o que?"

"Provavelmente vou me arrepender de dizer isso, mas algo parece um pouco diferente com ele desta vez."

"Bom", ela diz, piscando lentamente, como se ela realmente quisesse dizer isso.

"Não sei, estou sendo cautelosamente otimista, eu acho."

"Estou muito feliz, Josh. Você merece isso."

"*Eu* faço?" Eu pergunto.

"Sim, você merece ter seu pai saudável e..." . . e lá para você. Quero dizer, eu sei o quanto isso machucou você ao longo dos anos." Ela estende a mão e pega a minha, aproximando-se de mim, e percebo esse brilho caindo sobre seus olhos. "Eu só" – ela faz uma pausa para fechar os olhos por um momento – "quero que desta vez seja diferente para você também."

Estendo a mão e pego a outra dela agora, pensando que posso finalmente entender algo importante sobre ela que não tenho certeza se já percebi completamente antes. Ela passou grande parte do nosso relacionamento escondendo suas emoções porque *é* assim que ela sente as coisas – profunda e completamente. Isso e isso: ela realmente sempre se importou.

"Eden", começo, mas não tenho mais nada a dizer, então resolvo "obrigado".

"Sinto muito pelo telefonema", diz ela. "Fiquei surpreso que você não mencionou que estaria aqui. Não é como se você *tivesse* que me contar toda vez que estiver na cidade."

"Não, eu queria te contar." Eu me aproximo um pouco mais dela agora também. "Mas as coisas parecem. . ." Tento encontrar a palavra certa. "Tensado. Desde a última vez. Ou talvez seja só eu, não sei."

"Não é só você."

Há um silêncio que sinto que é a minha vez de preencher.

"Tenho que ser honesto, foi difícil ver você com outro cara. Mas mais do que isso, senti que talvez devesse tentar deixar você em paz."

"Não", ela diz, apertando minhas mãos nas dela. "Eu nunca iria querer que você me deixasse em paz."

"Bem, pensei, se você seguiu em frente, eu deveria tentar fazer o mesmo, e talvez isso tornaria as coisas mais fáceis ou..."

"Se *eu* segui em frente," ela repete, sua voz ficando mais dura agora enquanto ela solta minhas mãos. "Você é quem tem uma namorada séria."

Balanço a cabeça enquanto ela fala. "Não, eu não. Isso não é... já acabou há algum tempo."

"O que?"

"Acabou", repito.

"Desde quando?"

"Desde que vim ver você naquela noite. Em dezembro. Na verdade, ela não estava bem com isso.

"Você mentiu para mim?"

"Sim", eu admito. Ela balança a cabeça lentamente, e eu observo enquanto ela puxa o lábio inferior entre os dentes e depois olha para as mãos no colo. o cabelo caindo sobre o rosto. Inclino a cabeça para tentar ver sua expressão, mas ela leva a mão à testa como se estivesse protegendo os olhos do sol. "Éden?" Estendo a mão e levanto seu queixo até poder ver seu rosto. . . *sorridente* .

"Oh, não fique tão chateado com isso", eu brinco.

Ela olha para cima agora e cobre a boca. "Não me desculpe. Não estou sorrindo", ela diz, mas está perdendo a voz enquanto abafa uma risada.

"Não, você está rindo!" O que só me faz começar a rir também porque é um absurdo. "O que é tão engraçado?"

"Não, nada, sinto muito!" Ela bate a mão no meu braço. "Pare com isso", ela exige, mas depois cai na gargalhada de novo.

" *Você para.*" A risada dela é uma droga. "Você é quem está rindo de mim."

"Me desculpe, não sei por que estou rindo. Sinto muito", ela repete. "Não estou rindo de você, eu prometo."

"Não, não se preocupe. Está tudo bem," eu provoco. "É apenas meu coração."

"Oh meu Deus," ela suspira, se recompondo. "Eu sou o pior."

Concordo com a cabeça, fingindo concordar, impedindo-me de dizer: *Não, você é o melhor*

Quando finalmente paramos de rir, de alguma forma ficamos ainda mais próximos um do outro. "É só que estou obcecado por você e por essa, tipo, *garota dos sonhos* , e agora..." . . " Ela balança a cabeça por um momento e depois me olha intensamente, com as bochechas coradas.

"O que?" Eu pergunto a ela.

"Eu me importo com o seu coração, você sabe." Ela estende a mão e a deixa pairar sobre o centro do meu peito, seus dedos mal tocando minha camisa. "Muito, na verdade."

Cubro a mão dela com a minha, pressionando-a contra meu peito. Estamos tão perto agora, e me pergunto se ela consegue sentir meu coração batendo forte através da camisa. Ela se aproxima de mim e toca meu rosto com a outra mão, do jeito que fez na noite do show, tão suavemente. Viro minha cabeça e beijo sua palma, e quando sua mão desce para meu pescoço, ela se aproxima de mim. Ela se inclina e pressiona os lábios na minha bochecha por um momento antes de se afastar para olhar para mim. Sua outra mão aperta o tecido da minha camisa e seus olhos mergulham para focar na minha boca. Observo enquanto ela toma um pequeno gole de ar — Deus, não sei como pude ter esquecido esse detalhe. Isso costumava me pegar sempre, o jeito que ela sempre respirava um pouco antes de me beijar. Fecho os olhos e posso sentir o calor de sua boca, nossos lábios quase se tocando.

Mal consigo recuperar o fôlego, porque isso está acontecendo, mas então, enquanto espero que ela diminua essa distância impossivelmente pequena entre nós, sua mão afrouxa minha camisa e pressiona meu peito agora. Abro os olhos para vê-la se afastando.

ÉDEN

Eu sou duas pessoas agora. A primeira quer se jogar nisso, nele. Sua visão limitada está focada apenas em quão bom será, quão certo, quão puro e honesto será. Mas a segunda garota? Ela não o vê, na verdade. Ela tem visão de raios X. Para ela, a sala está tão bagunçada com todas as coisas que aconteceram aqui que ele mal chega lá. Ela vê além das paredes recém-pintadas, dos móveis novos, dos lençóis limpos e de tudo em perfeita ordem monocromática, todas as cicatrizes escondidas por baixo.

Um de nós o puxa para mais perto, o outro o afasta, e eu odeio os dois porque nenhum deles se sente como *eu*.

"Sinto muito," eu respiro.

"Não, eu sou. Eu realmente interpretei isso mal?"

Não sei que palavras dizer para explicar. Mal entendo o que se passa na minha cabeça agora, mas pego suas mãos e as seguro com força, porque é tudo que posso fazer. "Você não interpretou mal qualquer coisa. É apenas . . . aqui não. Não posso. Aqui não", repito, olhando ao redor da sala como se as paredes estivessem nos observando. Eu sinto que eles podem fazer isso às vezes.

"Tudo bem," ele diz, tão gentilmente, embora deva estar ainda mais confuso do que eu.

"Aconteceu aqui", tento explicar. "Você . . . você sabe do que estou falando, certo?"

Vejo a onda de reconhecimento passar por seus olhos. Ele aperta minhas mãos e acena com a cabeça. "Sim", ele sussurra. "Certo. Claro."

"Era sobre isso que eu queria falar com você."

"Oh," ele respira, endireitando sua postura. "OK."

"Não não Isso . Não se preocupe."

"Não estou preocupado, você sabe que pode falar comigo sobre isso."

Fecho os olhos e balanço a cabeça. "Não. Quero dizer, obrigado. Mas não. O que eu quis dizer é que queria falar com você sobre o . . . a parte *aqui* de tudo."

"A parte aqui?" ele repete como se pudesse entender o que isso significa se dissesse em voz alta. "Tudo bem."

"Eu sei que não estou fazendo nenhum sentido e estou confuso."

"Está tudo bem, estou acompanhando", diz ele com um sorriso cauteloso. "Majoritariamente."

"Não estou tentando ignorar o que acabou de acontecer. Ou quase aconteceu. Não quero esquecer disso. *Não* estou esquecendo disso, acredite, mas... Puxo suas mãos em minha direção e me inclino para beijar as costas de cada uma delas. "Podemos colocar um alfinete nisso por um minuto? Ou seja lá o que for esse ditado. Porque eu realmente queria falar com você sobre uma coisa."

"Claro, podemos fazer isso. Sim."

"OK." Eu inspiro e expiro, tentando tirar um pouco dessa tensão de mim. Entre com o bem, fora com o mal, digo a mim mesmo, assim como meu terapeuta me ensinou. "Você sabe que tenho me esforçado muito para fazer as coisas funcionarem aqui."

Ele concorda.

“Mas simplesmente não é,” eu finalmente admito em voz alta. “E quanto mais penso nisso, mais tenho certeza de que não vai acontecer. Tipo, eu tento me imaginar aqui daqui a um ano e simplesmente não vejo nada.” Faço uma pausa para limpar a espessura que essas palavras deixam na minha garganta. “Eu não posso mais ficar aqui. Nesta casa, nesta cidade. Muita coisa aconteceu. Eu não me encaixo mais. Faz muito tempo que não faço isso.”

“Mm-hmm”, ele murmura, balançando a cabeça de forma encorajadora. “Eu posso entender por que você se sente assim.”

“Então, estou pensando em ir embora.”

“Saindo?” Suas sobrançelas se juntam e ele balança a cabeça levemente. “O que você quer dizer? Onde tu irias?”

“Bem, o que você pensaria se eu me inscrevesse na sua escola? Isso seria estranho para você ou...”

“Para Tucker?” ele interrompe. “Você está brincando? Não, isso seria. . .” Ele faz uma pausa, procurando por uma palavra. “Perfeito.”

“Sim?” Eu exalo. “Sério, você quer dizer isso?”

“Sério, estou falando sério. Cem por cento — mil por cento.”

Tento me impedir de sorrir assim, mas é difícil não fazê-lo quando ele está sorrindo para mim daquele jeito. “Ok, estou muito feliz que você disse isso porque eu disse.”

“Você fez?”

“E eu entrei.”

“Espere, você entrou?” ele diz, alto demais para quase meia-noite.

“E eu acho que realmente quero ir.”

“Você entrou”, ele repete. “Sério, Éden?”

Eu concordo.

“Isso é incrível!” Ele joga os braços em volta de mim e de repente já me sinto mais livre. “Estou tão feliz”, ele sussurra em meu cabelo. “Estou tão feliz por você.”

“Você é?” — pergunto, odiando o quão pequena e estúpida minha voz soa.

Quando nos separamos, ele prende meu cabelo atrás das orelhas e segura meu rosto entre as mãos por um momento, ainda sorrindo enquanto me olha nos olhos. “Não me pergunte isso; Você sabe que eu sou.” Ele beija minha testa rapidamente, um beijo doce e casto. Ele mantém meu olhar por mais um momento e depois se afasta de mim, desta vez com as costas contra a parede. Sento-me diretamente ao lado dele agora, de costas para a parede, meu braço contra o braço dele, minha perna contra a perna dele.

De repente ele está tão quieto.

“O que você está pensando?” Pergunto-lhe.

Ele balança a cabeça e diz: “Não sei, um monte de coisas”.

“Como o que?”

“Como se eu estivesse muito orgulhoso de você – isso é estranho de se dizer?”

“Não”, digo a ele. Mas observo enquanto ele engole em seco e olha ao redor do meu quarto, de maneira diferente de antes. “O que mais você está pensando?”

Ele vira a cabeça para olhar para mim e aperta os olhos um pouco. “Honestamente? Estou principalmente tentando *não* pensar em você. . . Nesse quarto . . . *ele*”, acrescenta, com a fala hesitante.

“Desculpe,” eu digo. Porque talvez não fosse justo colocar esses pensamentos na cabeça dele.

“Por que você está arrependido? Eu não quis dizer isso como você não deveria disse alguma coisa sobre isso; Estou feliz que você fez. Você não tem nada do que se desculpar.

“Parece um quarto tão bonito, não é?” Eu digo, e não sei se estou tentando esclarecer ou se estou perguntando genuinamente. Eu queria que ele entendesse o quanto eu preciso ir embora, mas é difícil vê-lo vendo ativamente minha vida do jeito que ela realmente é, do jeito que ninguém mais parece ver.

“Não, não importa”, ele diz imediatamente. “Desculpe, só não sei como você faz isso.”

“Fazer o que?”

“Mora aqui. . . depois de tudo.”

“Eu não. Na verdade. Quer dizer, não consigo dormir muito bem aqui. É uma cama nova, mas ainda acabo no sofá quase todas as noites. Está melhor do que antes. Durante todo o ensino médio, eu literalmente dormi no chão, em um saco de dormir. Eu... eu nunca contei isso a ninguém.

Ele exala uma longa corrente de ar e coloca o braço em volta de mim. Deixei-me inclinar para o lado dele. “A única vez que dormi em uma cama de verdade foi na casa de Mara ou...”

“Ou o que?” ele pergunta.

“Ou quando eu estava com você,” termino, lançando um rápido olhar para ele, e ele está me olhando com o olhar mais devastado no rosto. “Desculpe.”

“Não sinta.”

“Não sei por que estou dizendo tudo isso agora. Eu estou muito cansado.” Eu suspiro. “Eu sei que estou divagando e tornando tudo isso estranho e negativo, não estou?”

“Não, você não é. Por favor, não diga isso, ok?”

Antes que eu possa responder, ele está se afastando de mim, e penso por um segundo, talvez eu realmente tenha estragado tudo, mas então ele está deitado, com a cabeça no meu travesseiro e com o braço aberto para o lado. “Venha aqui, ficarei até você adormecer.”

“Realmente?”

“Se estiver tudo bem, sim.”

Concordo com a cabeça e rastejo para o espaço ao lado dele.

“Confortável?” ele pergunta.

Sento-me porque meu moletom está me deixando com muito calor. Só coloquei porque estava de pijama e sem sutiã, mas isso parece tão bobo agora, então abro o zíper e ele me ajuda a tirar os braços das mangas. Deito-me, descansando a cabeça naquele lugar perfeito que tentei encontrar em tantas outras pessoas, mas nunca me senti assim.

“Quer que eu apague a luz?” ele pergunta, estendendo a mão em direção à minha mesa para pegar a luminária de vitral.

“*Não*, não.” Sai rápido demais e ele retira a mão, quase assustado. “Quero dizer, você se importa se deixarmos ligado?”

“Tudo bem”, ele diz suavemente. “Isso é uma coisa que você faz? Mantendo a luz acesa?”

“Eu não tenho medo do escuro”, tento explicar, levantando a cabeça para olhar para ele. “Eu meio que estou aqui, só isso. Mais uma coisa que nunca contei a ninguém.”

Ele não fala, apenas assente. Deitei minha cabeça e deixei meu braço descansar sobre sua barriga enquanto seus dedos percorriam minha pele nua como uma canção de ninar.

“Éden?” ele diz tão baixo que mal consigo ouvi-lo. “Posso te perguntar uma coisa?”

“OK.”

Seu peito sobe enquanto ele enche os pulmões de ar, e posso sentir seu coração batendo mais rápido embaixo de mim. “Quando estávamos juntos, eu alguma vez. . . ?” Ele faz uma pausa e eu espero. “Quero dizer, eu percebo que nosso relacionamento mudou muito rápido e começou muito, hum...”

“Sexual?” Eu ofereço, já que isso é claramente difícil para ele.

“Eu ia dizer físico, mas sim.” Ele faz uma pausa novamente e engole antes de continuar. “E você era mais jovem do que eu pensava.”

“Porque eu menti para você.”

Ele ignora isso, continua como se eu não tivesse dito nada. “Eu já fiz alguma coisa que não estava bem para você ou que fez você se sentir...” .. ? Quero dizer, alguma vez eu não escutei ou pressionei você para...

Eu vejo onde ele quer chegar com isso, então eu o interrompo. “Josh, *não* .”

“Não, não...” ele diz, e pelo jeito que sua voz está tremendo, tenho que olhar para ele. “Não diga apenas o que você acha que eu quero ouvir. Eu realmente preciso saber a verdade. Isso está me matando”, acrescenta ele, suas palavras me dando um soco no coração.

“Estou te contando a verdade.”

“Às vezes penso no passado e não tenho mais certeza de quão bem tratei você. É que eu sabia que algo estava errado. Até a primeira vez que estivemos juntos. Eu sabia, mas não fiz nada...”

“O que você deveria fazer? Você tentou me perguntar sobre isso, e eu basicamente mandei você se foder.”

“Mas eu-”

“Parar. Você nunca *fez* nada de errado; Eu prometo.” Quando chego para tocar seu rosto, ele pega minha mão e a segura contra sua bochecha, olhando nos meus olhos.

“Você promete”, ele repete. “Realmente?”

“Eu faço.” Ele solta minha mão e eu me deito contra ele. “Por favor, nem pense nisso por um segundo, Josh. Na verdade, foi o oposto.”

“Tudo bem”, ele sussurra, acariciando meu cabelo com uma mão e segurando meu braço com a outra. “Vou deixar você dormir, me desculpe.”

“Está tudo bem.”

Ele acha que não ouvi quando sussurra, alguns minutos depois: “Obrigado”.

JOSH

Fico olhando para o teto dela por não sei quanto tempo. Eu deveria me sentir melhor, finalmente tendo minha resposta, mas as palavras dela continuam repetindo na minha cabeça.

"O oposto", ouço-me dizer em voz alta. "Qual é o oposto?"

"Hum?" ela murmura.

"Você disse 'na verdade, foi o oposto', mas o que isso significa?"

"Oh," ela respira, sua voz já pesada de sono. "Não sei. Você sempre me fez sentir. . . seguro. Muito seguro, talvez. Ela solta uma leve risada. "Meio que me arruinou para qualquer outra pessoa."

"Eu não sei como lidar com isso," eu sussurro, mas me agarro àquela pequena risada.

"É só que... você sabe, ninguém mais é como você."

Em segundos, sua respiração fica mais lenta, mais profunda, enquanto ela adormece.

"Ninguém mais é como você também," eu digo, mesmo sabendo que ela não vai me ouvir.

A próxima coisa que sei é que estou abrindo os olhos e posso dizer que estou apagado há um tempo. Eden ainda está dormindo, com a perna sobre a minha agora. Eu me movo lentamente, enfiando a mão no bolso de trás para pegar meu telefone. São quase quatro horas. Eu movo a perna dela primeiro e depois, com o máximo de cuidado que posso, deslizo meu braço de trás do pescoço dela. Não quero acordá-la, mas também não quero simplesmente ir embora. Em sua mesa, perto do abajur, há uma pilha de post-its e um pote de marcadores e canetas.

Continua . . . Durma bem, J.

Eu a cubro com o cobertor de tricô que está dobrado nas costas da cadeira e coloco o bilhete no travesseiro ao lado dela.

Ando na ponta dos pés pela casa dela no escuro, mal respirando. Não sei quem seria pior para encontrar no meio da noite: um dos pais dela, que não tem ideia de quem eu sou e pode pensar que sou algum tipo de intruso, ou o irmão dela. Chego até a entrada, onde pego meus sapatos e carrego-os pelo resto do caminho. Só quando fecho a porta atrás de mim é que finalmente me permito expirar. Encosto-me no corrimão e tento me equilibrar enquanto calço o tênis.

"Ei, Miller."

"Jesus, porra!" Quase caio nos degraus quando olho para cima e vejo o irmão dela sentado ali no escuro.

"Desculpe", ele diz. "Eu estava tentando *não* assustar você, na verdade."

"Não, está tudo bem," eu digo, lutando para calçar meu outro sapato rapidamente, apenas no caso de eu precisar fazer uma pausa. "Hum, eu sei como isso provavelmente é, mas não vou fugir nem nada parecido."

Ele ri lentamente. "Sim, isso é um pouco estranho, hein?" ele murmura enquanto acende um cigarro, iluminando seu rosto, e é aí que percebo que ele tem uma coleção inteira de garrafas ao lado dele.

"Você está bem, cara?" Eu pergunto a ele, porque ele parece áspero pra caralho. Nada como o MVP, o cara com maior probabilidade de ser um astro da NBA aos vinte anos com quem joguei no ensino médio; ele quase não se parece com aquele cara que me bateu na festa de Ano Novo.

Ele dá de ombros. "Você quer um?" ele pergunta, quase deixando cair a garrafa de cerveja que está tentando me entregar. Se algum dia eu precisasse de motivação para não beber de novo, talvez fosse isso.

"Não, eu estou bem. Está tarde; Eu provavelmente deveria ir para casa.

Ele balança a cabeça e abre a garrafa para si mesmo.

"Mas que bom ver você", digo a ele, embora seja realmente horrível vê-lo. Assim, de qualquer maneira.

"Moleiro?" ele diz, enquanto dou um passo para fora da varanda. "Você sabia?"

Não preciso perguntar a ele do que ele está falando. "Não, eu não sabia. Eu gostaria de ter feito isso, honestamente.

"Ela está bem, você acha?"

Não sei o que dizer, mas tento responder mesmo assim. "Eu acho que ela é. . . fazendo o seu melhor. Você deveria perguntar a ela você mesmo", acrescento.

Ele acena com a cabeça, mas não diz nada. Eu levanto minha mão para acenar e dou um passo para longe dele. "Ei, para que conste, Josh. . . ", ele grita atrás de mim. "Sinto muito por dar um soco na sua cara daquela vez."

"Está tudo bem", digo a ele. Eu dou outro passo, mas paro e viro ao redor novamente. "Sabe, eu realmente me importo com ela. Eu sempre tive. Nunca foi o que você pensou.

Caelin balança a cabeça novamente e se levanta, dando alguns passos instáveis em minha direção, estendendo a mão. E quando eu o pego, ele se aproxima de mim para dar um tapinha nas minhas costas, como faríamos depois de um jogo naquela época. "Estou feliz que ela tenha você. . . como amigo, ou algo assim", diz ele.

"Sim, bem, estou feliz por tê-la também", digo a ele, esperando que ele se lembre dessa conversa pela manhã. "Tome cuidado, certo?"

"Sim. Mais tarde."

Quando estou saindo de casa, ele já está lá dentro.

ÉDEN

Estamos na minha garagem. Todos nós. Como a cena de despedida em *O Mágico de Oz*. Só que, em vez de chinelos de rubi, meu transporte mágico é um Toyota bege emprestado. E, claro, não vou para casa; Estou deixando isso.

É incrível como o tempo passa rápido quando você está tentando colocar toda a bagunça da sua vida em ordem. Tive que largar meu emprego no Bean, me inscrever nas aulas, encontrar um lugar para morar, conseguir um novo emprego e marcar tantas consultas com meu terapeuta quanto pude. Estou além de exausto.

Mas eu consegui. E agora estamos aqui. O choro feio de Mara e, para surpresa de todos, meu pai também, e é mais difícil se controlar do que pensei que seria, mesmo depois de tomar um comprimido extra. Mas eu faço isso.

“Eden, você tem certeza de que não podemos segui-lo?” minha mãe pergunta novamente. “Só para você se instalar.”

“Não, está tudo bem. Realmente, tenho muita ajuda lá. E eu estarei casa novamente no próximo mês para o. . .” Faço uma pausa, encontrando o olhar de Caelin antes que ele olhe para seus pés. “Ouvindo,” eu termino.

“Tem certeza de que não esqueceu nada?” ela pergunta, olhando para trás, em direção à casa.

“Provavelmente, mas sempre posso conseguir na próxima vez.”

“Gostaria que pelo menos conhecêssemos esse Joshua com quem você vai morar”, meu pai murmura.

“Eu não estou morando *com* ele, pai,” eu corrijo, não querendo ser muito dura, já que essas são provavelmente as palavras que ele mais disse para mim, ou perto de mim, desde a briga na mesa de jantar. “Estaremos apenas no mesmo prédio.”

“Eu o conheço”, diz Caelin. “Ele é um cara decente.”

Isso parece deixar meu pai à vontade, o que acende uma pequena chama em meu peito. Porque por que *eu* não o conheço, atesto por ele, não confio nele, é bom o suficiente? Meu estômago se aperta com esse pensamento, extinguindo o fogo antes que ele chegue ao meu cérebro e eu diga algo pelo qual me sentirei culpado mais tarde. Não é assim que quero que isto acabe. Ou comece.

Todos nós olhamos um para o outro, depois para o carro de Caelin, cheio até a borda de caixas e sacolas e meu colchão ainda novo embrulhado em plástico e amarrado em cima com cordas elásticas.

“Bem”, diz mamãe, pressionando os dedos nos cantos dos olhos. “Eu odeio isso.”

“Eu também”, Mara soluça.

Eu vou para cada um deles – mamãe, papai e Caelin. Eu os abraço e digo que os amo. Mara, meu espantalho, deixo para o final. “*Acho que vou sentir sua falta acima de tudo*”, sussurro em seu ouvido.

“Pare”, ela ri, enquanto choraminga, “não acredito que você está indo embora”.

“É melhor você me visitar,” eu digo através de seus cabelos em meu rosto e seus braços em volta do meu pescoço, seu corpo inteiro tremendo de soluços enquanto eu a abraço de volta.

“Avise-nos quando chegar lá”, minha mãe me chama quando estou saindo da garagem.

Estou quase na estrada quando percebo que não sei para onde estou indo. Desço uma rua lateral e estaciono. Vejo uma mensagem de Amanda quinze minutos antes.

Tudo o que diz é: *você realmente está voltando bem*

Eu me pergunto se ela estava nos observando na minha garagem. Posso sentir o pânico vindo dessas palavras. Ela quer dizer voltar para a audiência. Quando perguntei à promotora se era necessário, ela disse que eles poderiam me obrigar. Embora ela tenha usado a palavra “obrigar”. Acho que Mandy não sabe disso. Não posso lidar com ela agora. Eu sacudo os calafrios e copio o endereço da mensagem de Josh e colo no meu navegador.

Respire. Começar de novo.

Vinte minutos depois de dirigir, quase morro quando desvio para a faixa da esquerda enquanto tento verificar minhas direções. O motorista do caminhão com quem quase colidi buzina duas vezes e me mostra o dedo indicador. Mas depois de ultrapassar os limites da cidade, estou me sentindo muito bem. A estrada está limpa e estou dirigindo rápido, com a janela aberta, o rádio ligado, a playlist que Mara fez para mim tocando todas as músicas que sei de cor. Começo a pensar que talvez não tenha sido uma ideia tão maluca, talvez isso possa realmente ser uma coisa boa. O céu está cinza, mas parece perfeito. Como o dia perfeito para tentar mudar.

Mando uma mensagem para Josh com meu HEC no meio do caminho, quando paro para abastecer e ir ao banheiro. Mantenho o rádio desligado durante a segunda etapa da viagem. Na verdade, eu não tinha chegado tão longe no meu plano. Quer dizer, eu conheço aulas começo em uma semana e naquela manhã de segunda-feira tenho orientação para novos alunos e um tour pelo campus com um grupo de calouros como eu. E que o nome da minha colega de quarto é Parker Kim, estudante do segundo ano da equipe feminina de natação, que mora no prédio de Josh.

Diminuo a velocidade até o limite exato de velocidade, tento me preparar.

Todas as nossas conversas e textos foram estritamente logísticos. Sobre a escassez colossal de moradias estudantis no campus e como todas as listas de apartamentos que enviei para ele verificar estavam aparentemente em bairros terríveis e longe do campus. Sobre a vaga no apartamento do amigo dele – a ex-colega de quarto dela acabou de se mudar com a namorada e ela precisava de uma nova colega de quarto rapidamente, quase tanto quanto eu. “É perfeito, certo?” Josh havia dito. E eu levei isso ao pé da letra, tentando não interpretar muito ou pouco sobre ele querer que eu estivesse tão perto.

Mas nas últimas seis semanas, durante todo o planejamento, preparação e idas e vindas, aquele quase beijo permaneceu firmemente preso no lugar, sem se mover. O mais perto que ele chegou de me dar qualquer tipo de sinal sobre o que está pensando foi quando me enviou um link para um trabalho-estudo na biblioteca, acompanhado de alguns emojis confusamente sugestivos.

Você deve se inscrever para isso. Lembro que você

costumava ser voluntário na biblioteca da escola

quando estava se escondendo de mim. . .

E sua  coisa de clube do livro 

Reli tantas vezes esse texto que até mandei Mara analisar. Ela tinha certeza de que ele estava flertando comigo, mas ainda não estou convencido. No entanto, candidatei-me ao emprego e, depois de uma entrevista por telefone de cinco minutos, consegui. Doze horas por semana. Eu ainda teria que encontrar outra coisa, mas seria um bom começo.

O GPS diz que estou a apenas dois minutos de distância agora. Paro a vários quarteirões do prédio, coloco um pouco de água mineral morna na boca e coloco uma bala de hortelã. Estou remexendo na minha bolsa quando minha mão faz contato com um dos meus agora três frascos de remédios. Um para depressão, um para dormir e outro para quando estou tendo um ataque de pânico. Considero pegar outro, só para aliviar a tensão. Mas, em vez disso, aplico um pouco de brilho labial, prendendo meu cabelo despenteado pelo vento em um coque um pouco menos bagunçado. Apenas no caso de. Do quê exatamente, não sei.

JOSH

Mal consegui dormir ontem à noite. Estou sentado com Parker no telhado do nosso prédio, tomando café, apesar de já ter bebido muita cafeína hoje.

"Sua perna balançando está prestes a me deixar louco", Parker me diz. "Eu preciso interromper você?" ela pergunta, apontando para a caneca tremendo em minha mão. Coloco-o na mesa e o café cai na lateral da mesa. Eu verifico meu telefone. De novo.

"Ela deve chegar a qualquer minuto."

"Posso apenas perguntar", diz Parker, olhando para mim por cima da borda de sua caneca de café, "essa coisa estranha e nervosa que você está fazendo é ansiedade ou excitação?"

Não tenho certeza do que dizer porque realmente não consigo distinguir entre essas duas emoções agora.

"Porque estou recebendo algumas vibrações de bandeira vermelha de você," Parker continua, mas estou muito ocupado olhando para a última mensagem de Eden, e a voz de Parker fica no fundo dos meus pensamentos.

"Josh!" ela grita, estalando os dedos na minha cara.

"Desculpe, o quê?"

"Ela é legal, certo?" ela finalmente pergunta. "Vou morar com essa pessoa e sua estranheza está me deixando em dúvida!"

"Não, ela é ótima, sério. Sou eu. Eu simplesmente não estou. . ."

"Legal?"

"Engraçado." Forço um sorriso. "Não, é só que deixamos as coisas pouco claras. Sobre o que somos. Os limites entre amizade e algo mais estão muito confusos agora, e não sei o que esperar."

"Bem, o que você quer que seja?"

Encolho os ombros, desejando poder dizer com certeza que a amizade seria suficiente.

"Quer dizer, vou aceitar tudo o que ela me der."

"Ótimo, isso parece saudável. Nenhum drama aí."

"Ok, obviamente, eu quero mais."

Ela apenas fica olhando para mim, um sorriso se espalhando por seu rosto. "Você" é tudo o que ela diz.

"Eu o quê?"

"*Você* . . ." Ela se levanta e aponta o dedo para mim. "É melhor não causar drama com *meu* colega de quarto. Porque então isso significa que há drama comigo . " Agora ela aponta para si mesma. "E eu não faço drama."

"Eu também não."

"Uh-huh." Ela não parece convencida.

Meu telefone toca. "Ela está aqui."

Desço correndo o primeiro lance de escadas, com Parker gritando atrás de mim: "*Corra, Josh-wah, corra !*" Citando o filme que assistimos em nosso Curso de História Americana, onde fomos emparelhados aleatoriamente para trabalharmos juntos em uma apresentação. Levei um ano inteiro antes de entender que ela não me odiava de verdade. Ela gosta de provocar, cutucar e cutucar.

E quando bato na porta e coloco a cabeça para dentro — “D, ela está aqui!” — me pergunto se tomei a melhor decisão ao arranjá-la com Parker. No fundo, eu sei que ela é uma pessoa legal, mas às vezes ela pode ter uma aparência tão rude.

“Sim, estou indo,” Dominic grita enquanto fecho a porta.

Paro e espero Parker me alcançar.

“O que?” ela diz.

“É só que você vai ser legal com ela, certo?” Tento perguntar o mais gentilmente possível.

“Eu sou sempre legal, seu idiota.”

“Tudo bem, mas ela tem muita coisa acontecendo e...”

“A maioria das garotas faz isso”, diz ela, me interrompendo. “Josh, ouça. Posso ler nas entrelinhas. Entendo. Serei legal com ela. E pela primeira vez, talvez, não há nenhum indício de sarcasmo em sua voz, nenhuma sombra de sorriso em seu rosto. “Só não tente controlar tanto.”

“Tudo bem,” Dominic diz, aparecendo no corredor entre nós, batendo palmas. “Estou pronto. Vamos fazer isso.”

“Tudo bem”, eu digo, para os dois.

Desço o próximo lance de escadas, forçando um passo mais lento, porque Parker está certo, não posso tentar controlar o que acontece a seguir. Lá fora, vejo o carro do irmão de Eden estacionado na rua em frente ao nosso prédio; é fácil de detectar, transbordando com um colchão amarrado na parte superior do carro. Mas não vejo Éden. Eu me abaixo para olhar pela janela do passageiro. O telefone dela está lá no porta-copos, a luminária do quarto dela saindo de cima de uma bolsa no chão.

“Relaxe”, Parker canta atrás de mim. “Além disso, acho que é ela ali, não é?”

Sigo na direção em que Parker está olhando, do outro lado da rua, para uma garota parada na faixa de pedestres. Ela está com o cabelo puxado para trás e usa óculos escuros, a alça da bolsa atravessada no corpo e carrega uma bandeja de bebidas do café da esquina. A princípio não a reconheço. Não sei por que exatamente. Acho que esperava que ela parecesse deslocada aqui, esperando ter que ajudá-la a se aclimatar, até mesmo protegê-la. Mas ela já parece pertencer, como se sempre estivesse aqui. O semáforo muda e ela começa a caminhar em nossa direção, acenando quando me vê.

“Oi!” ela diz enquanto se aproxima de nós. “Venho trazendo cappuccinos congelados.”

Parker dá um passo à frente e diz: “Oh, este é o começo de uma linda amizade, já posso dizer”.

“Você deve ser Parker”, diz Eden, levantando os óculos escuros com a mão livre.

“E você deve ser o Éden.” Parker avança de braços abertos, mas para. “Você é um abraçador?”

“Hum, claro,” Eden diz, seus olhos piscando para os meus só por um momento. “Sim.”

“Ouvi falar muito sobre você”, diz Parker, dando um abraço em Eden – algo que nunca vi Parker fazer com ninguém antes. “Bem-vindo ao prédio, a Tuck Hill, você vai gostar daqui, eu prometo.”

“Obrigado”, diz Éden. “Estou feliz por estar aqui.”

“Olá de novo, querido,” Dominic acrescenta, nem mesmo insinuando qualquer uma de suas muitas dúvidas que ele não teve vergonha de compartilhar comigo, enquanto puxa Eden para um breve abraço de um braço só. “Terei prazer em tirar um desses de suas mãos.”

“É bom ver você de novo”, ela diz enquanto lhe entrega uma das bebidas que está carregando, dando uma para Parker também.

E então seus olhos encontram os meus. Ela sorri tão abertamente que literalmente não consigo encontrar palavras para dizer, exceto “Ei, você”.

Nós nos aproximamos na calçada e, quando coloco meus braços em volta dela, Parker pega a bandeja de bebidas de Eden. E agora sinto as duas mãos dela pressionadas contra minhas costas, me puxando para dentro. Permito-me saborear isso por um momento, mas como ficaria assim o dia todo se pudéssemos, soltei-me primeiro.

ÉDEN

Sigo Parker escada acima para minha nova vida. Ela está conversando sem problemas durante os dois voos inteiros, enquanto eu luto para recuperar o fôlego. Acho que devem ser seus pulmões nadadores. Ou talvez eu esteja prendendo a respiração há tanto tempo que não sei mais como é respirar com facilidade.

“A lavanderia fica no porão. Josh e D ficam no andar acima de nós”, ela diz enquanto me leva por um corredor longo e estreito. “Ah, e depois disso, lembre um de nós de mostrar nosso lugar no telhado.”

“Ok,” eu consigo sair.

Bem no final do corredor, ela diz: “Aqui estamos, 2C. Lar Doce Lar.”

Parte de mim também se pergunta se meu coração acelerado é porque não estou acostumado com escadas ou com o efeito dos remédios para ansiedade, ou se isso pode ter algo a ver com Josh e a pressa de finalmente poder fazer isso. abraçá-lo, tocá-lo, à luz do dia, em público, sem medo de quem possa nos ver e do que possam pensar ou se estou fazendo algo errado ou fingindo que é algo que não é.

Ela empurra a porta e estende o braço, gesticulando para que eu entre primeiro. É uma sala grande, iluminada e aberta. Com janelas em duas paredes. Um sofá vermelho bem usado, antes vibrante, fica no meio. Uma pequena mesa com cadeiras incompatíveis no canto. Uma pequena cozinha com velhos eletrodomésticos brancos e um balcão estreito que separa o espaço.

“Eu sei que não é muito”, diz Parker enquanto olho em volta. “É pequeno e compartilhamos um banheiro, mas ainda assim é muito melhor do que uma moradia no campus.”

“Não, isto é...” É arrumado e limpo e nada como em casa. Quando dou um passo, o velho piso de madeira range sob meus pés. “Eu amo isso.”

“Seu quarto é por aqui”, diz ela, sorrindo enquanto me leva até uma porta de madeira no lado oposto do apartamento. “Meu antigo colega de quarto deixou algumas coisas. Apenas uma cômoda, estante, escrivaninha e cadeira. Podemos nos livrar deles se você quiser, mas pensei em deixar isso e ver se você precisa de algum deles primeiro.

Meu quarto.

O piso de madeira continua e, quando cruzo a soleira, parece que o quarto está me atraindo. É menor que o meu quarto em casa. Mas há uma grande janela com uma árvore do lado de fora, e os móveis antigos e lascados são aconchegantes e convidativos. Passo a mão pelo tampo da mesa e sinto os sulcos das marcas de caneta cruzando a superfície.

“O que você acha?” A voz de Josh diz atrás de mim.

Quando me viro, Parker se foi e Josh está parado na porta com duas de minhas malas aos pés, segurando minha pequena luminária de vitral em um braço como se fosse um bebê.

Nossos dedos se tocam quando eu o pego dele, o corpo de latão da luminária quente em suas mãos. Levo minha luminária até a mesa — *minha* mesa —, ligo-a na tomada da parede e giro o pequeno botão em forma de chave para acendê-la.

“Perfeito,” eu digo, virando-me para encará-lo. Ele se encosta no batente da porta e sorri como sempre faz. Aquele sorriso perfeitamente imperfeito dele. Mas desta vez algo desperta em mim, como aquele interruptor em forma de chave. Como se eu o estivesse vendo em cores

pela primeira vez. Meus pés estão congelados no lugar. Mas, na minha cabeça, estou caminhando até ele. Porque tudo que eu quero é puxá-lo para dentro do quarto, *meu* quarto, fechar a porta, pegar as mãos dele nas minhas e colocá-las em mim. Quero beijá-lo em todos os lugares, sentir sua boca na minha pele. Eu quero-

"Você está bem?" Ele pergunta, pegando as sacolas e andando em minha direção como se definitivamente não estivesse pensando em nada do que estou pensando agora.

Engulo em seco, observando seus braços trabalhando tão facilmente, tão suavemente, enquanto ele coloca as sacolas ao lado da porta do armário. "Sim. Eu estou apenas . . ." Levo as costas das mãos às bochechas. Eles estão em chamas. Sempre me senti atraída por ele, mas isso é diferente: essa agitação dentro de mim é como uma fome persistente, só que mais profunda. Normalmente tenho tantos firewalls ativados quando começo a pensar nele que a súbita vivacidade dessa fantasia me pega desprevenida. "Só quente. Quente," eu corrijo.

Eu não sei o que está acontecendo comigo. É assim que me sinto por ele quando não estou filtrando minhas emoções e censurando todos os meus pensamentos?

Ele passa por mim, seu braço apenas roçando o meu, enquanto vai até a janela. "Deixe-me ver se consigo abrir isso. Todas essas janelas velhas ficam muito feias no verão." Ele destranca a trava de metal no topo e dá um golpe forte na moldura de madeira antes que ela se abra, trazendo uma brisa fresca, que atinge minha pele, me esfriando apenas o suficiente para me impedir de correr até ele e representar as coisas que não param de acontecer. minha cabeça.

"Obrigada", digo a ele, estendendo a mão quando ele passa por mim. Meus dedos seguram a manga de sua camisa, minha mão agarra seu antebraço quando ele para. Quero puxá-lo, quero que ele me alcance também, mas ele fica ali e cobre minha mão com a sua por apenas um momento antes de soltá-la.

"Sem problemas", ele diz, todo indiferente, e vai até a porta como se eu estivesse apenas agradecendo por abrir a janela.

Desço as escadas, sentindo-me um pouco tonta enquanto meus sentidos se sintonizam com ele, apenas um passo atrás de mim. O dia todo ficamos em contato tão próximo, passando no corredor, apertando um ao outro nas escadas. Cada vez que quero estender a mão para tocá-lo. Mas ele não parece estar tendo o mesmo problema e não sei o que pensar disso.

O dia só fica mais quente e úmido quando me encontro sozinho lá fora. Tomo um último gole do meu cappuccino congelado, agora derretido, e decido que posso pelo menos tentar desfazer as cordas elásticas que prendem o colchão e o estrado de molas no lugar.

De pé na parte interna da porta do carro, esticando-me na ponta dos pés, enfio a mão embaixo do colchão, tentando sentir o local onde os dois ganchos se conectam. Não consigo ver, mas posso senti-lo bem na ponta dos dedos.

"Não seja um herói, Éden!" Parker chama, de repente atrás de mim. "Deixe os caras pegarem essa. Não é antifeminista, eu prometo. Ou se for, tanto faz, não vou contar a ninguém."

"Entendi", digo, mesmo sentindo meu aperto escorregar.

"Aqui," Josh diz enquanto vem atrás de mim. Sinto sua perna próxima à minha, sua mão apoiada nas minhas costas por um momento enquanto ele coloca o outro braço em volta de mim, seu corpo pressionado contra o meu agora. "Você quase conseguiu", diz ele, movendo a mão ao longo do meu braço até o lugar onde meus dedos quase alcançam o gancho. Ele

puxa as cordas para mais perto e diz, com a boca dolorosamente perto de mim: “Segure este lado”. Ele coloca o gancho na minha mão e depois estende a mão, pressionando com mais força contra mim, para soltar os dois.

Meu coração dispara ao sentir seu corpo em mim assim. Ele também deve estar sentindo isso.

Quando ele desce, perco o equilíbrio. “Ah, tudo bem?” ele diz, normal como qualquer coisa, enquanto coloca as mãos na minha cintura para me estabilizar. Se eu me virar, tenho medo de não conseguir olhar nos olhos dele sem beijá-lo.

E porque não acho que deveria fazer isso aqui, no meio da rua, apenas murmuro: “Sim, tudo bem”. Mantenho-me de costas para ele enquanto deslizo sob seus braços. Fico a uma distância segura na calçada com Parker enquanto observamos os dois tirarem meu colchão do carro.

Subo correndo os degraus para manter a porta da frente aberta para eles e, quando Josh passa, ele diz: — Obrigado.

Eu me permito olhar para cima por apenas uma fração de segundo, e posso dizer que ele tem todas essas perguntas em seus olhos, como se *eu estivesse* sendo estranho.

Quando a porta se fecha atrás deles, Parker dá uma risada.

“Bem então.” Ela solta um suspiro exagerado, quase um assobio. “Você poderia cortar isso com uma faca.”

“O que?” — pergunto, embora, é claro, eu saiba.

Ela inclina a cabeça e sorri.

Pressiono as mãos no rosto novamente, sentindo o sangue fervendo sob a superfície da minha pele. “Hum. Então, comida? Digo, em vez de reconhecer o que é aparentemente óbvio para todos ao nosso redor. “Vou pedir comida para nós. O que há de bom por aqui?”

Trinta minutos depois, estamos todos no terraço com uma pizza grande e dois litros de refrigerante. Dominic trouxe pratos de papel e copos de plástico e os entregou para cada um de nós.

Parker diz: “Você está destruindo o planeta com isso – você sabe disso, certo?”

Dominic não perde o ritmo. “Não, as empresas de energia e as grandes corporações estão destruindo o planeta. Estou sendo atencioso e tornando nosso suado jantar um pouco mais civilizado.”

Josh se senta no sofá de vime, abrindo espaço para eu sentar ao lado dele. “Você vai se acostumar com as brigas deles”, diz ele, sorrindo ao encontrar meus olhos. Parece que foi a primeira vez que ele olhou para mim o dia todo.

“Não, é legal”, eu digo. E isso é. Minha casa parece tão morta nos últimos meses, sem ninguém conversando. Ninguém está brincando. Ninguém rindo. “Este lugar todo é legal”, acrescento, observando esse pequeno espaço no telhado, cheio de móveis de exterior incompatíveis, uma mesa e cadeiras de pátio, vasos de plantas.

Com o sol finalmente se escondendo atrás dos prédios mais altos ao longe, um silêncio confortável toma conta de nós enquanto nos sentamos com nossas fatias de pizza. Até Dominic me ver tentando limpar os dedos oleosos em um local limpo do meu prato de papel manchado de gordura.

"Oh merda, esqueci. . ." Ele puxa um maço de guardanapos que tinha guardado no bolso e me entrega um. "Aqui você vai."

"Mais produtos de papel?" Parker grita durante sua última mordida.

"Bem, você pode usar suas calças apenas como guardanapo, se preferir!"

Parker levanta as duas mãos no ar e depois as desce contra as coxas, espalhando-as por toda a calça jeans. Dominic se levanta abruptamente, chamando a atenção de todos, levanta um dedo como se estivesse prestes a iniciar algum tipo de monólogo sério, mas então sua única resposta é "Eca".

Não posso deixar de rir, embora não tenha certeza do quanto eles estão brincando um com o outro. Ao meu lado, Josh dá uma risadinha curta, mas se contém.

Parker se levanta com um sorriso satisfeito no rosto. "Tudo bem, crianças. Vou tentar nadar antes que seja tarde demais."

"E eu tenho um encontro quente para o qual preciso me preparar", diz Dominic. "E por encontro quente, quero dizer uma videochamada no meu quarto." Minha confusão deve aparecer em meu rosto porque ele continua. "Eu e Luke – você o conhece, eu acho, Lucas Ramirez da escola?"

"Ah, sim", eu digo. "Ele estava um ano à minha frente."

"Estamos fazendo a coisa de longa distância por enquanto. Tentando convencê-lo a vir aqui como você fez, mas..." Ele para de falar de repente, e Josh meio que se contorce ao meu lado. "Bem, quero dizer, não que seja a mesma coisa. Não estou dizendo que você veio aqui só para ficar com..."

"Ah, *tudo bem*", Josh interrompe. "Não quer se atrasar, não é?"

Parker coloca as duas mãos nas costas de Dominic, guiando-o em direção à porta. "Estamos indo embora, mas vocês dois aproveitam esse pôr do sol totalmente nada romântico. Mais tarde, colega de quarto."

"Uau," Josh respira enquanto eles clamam pela porta, suas risadas ecoando depois que ela se fecha. "Sinto muito por eles. Eles estão sendo estranhos e imaturos."

"Eles estão bem." O que eu realmente quero dizer é que ele é estranho e imaturo. "Eu gosto deles."

Coloco meu prato de papel em cima da caixa de pizza vazia e me recosto nas almofadas, sentindo toda a tensão em meus músculos vindo à tona. Mas a vista é linda quando a luz atinge os prédios que compõem a pequena cidade da universidade e depois uma paisagem de colinas verdes logo além. Muito melhor do que a monotonia plana de casa.

A brisa sopra sobre nós e sacode as folhas das árvores próximas, esfriando minha pele quente e o suor do dia. Este seria o momento perfeito para ele me beijar, falar comigo, fazer literalmente qualquer coisa comigo.

JOSH

Eu estive esperando para ficar sozinho com ela o dia todo, tentando ao máximo agir com calma e não forçar nada ou tornar tudo estranho, mas agora finalmente estamos aqui e não tenho certeza do que fazer.

"Bem", diz Éden. "Ela não estava errada sobre o pôr do sol."

Viro-me para olhar para ela, como ela está observando o céu, a forma como ele lança uma luz dourada e cremosa sobre ela, mas a única coisa que consigo pensar como resposta é "Sim".

Ela suspira e se inclina para trás, colocando as pernas no assento e cruzando-as embaixo dela. Virando a cabeça de um lado para o outro, ela se senta ereta, depois curva as costas e começa a massagear os ombros com as mãos. "Deus, estou realmente fora de forma", diz ela com uma pequena risada.

Não há nada que eu possa pensar em dizer sobre o formato dela que não me incrimine de alguma forma, então fico aqui sentado, tentando não olhar para ela.

"Acho que não estou acostumada a levantar e carregar", ela continua, girando os ombros para frente e para trás.

"Ah, certo," eu consigo.

"Josh?"

Quando olho para cima, ela parou de se mover e agora está olhando para mim. "Você está bem?"

"Meu?" Eu pergunto. "Sim porque?"

"Não sei. Você esteve muito quieto o dia todo. Ela faz uma pausa. "Eu fiz alguma coisa? Você não está feliz por eu estar aqui?"

" Não ." Então, minha atitude de calma saiu pela culatra completamente. "Oh meu Deus, não. Estou feliz que você esteja aqui; Só estou tentando lhe dar espaço."

"Por que, você quer que eu *lhe dê* espaço?"

"Não", quase grito. "Não é nada disso. Você acabou de chegar aqui e não quero que sinta que há muita pressa para descobrir o que estamos fazendo.

"Oh." Ela balança a cabeça, parecendo pensar sobre isso por alguns segundos. "Sim, eu não entendi nada."

"Desculpe," murmuro. "Eu provavelmente deveria ter dito isso, hein?"

"Você não deveria ser o bom comunicador neste relacionamento?" ela diz com uma risada curta, mas depois acrescenta rapidamente: "Quero dizer, não *relacionamento-relacionamento* - você sabe o que quero dizer". Ela alcança a nuca novamente, apertando os músculos enquanto vira a cabeça.

"Acho que estou escorregando." Eu me sinto um pouco mais relaxado depois de deixar isso claro. . . e vê-la se atrapalhar com a palavra relacionamento. "Você precisa de uma mão?"

"Sim por favor." Ela gira no assento de modo que suas costas fiquem voltadas para mim. "Achei que você nunca iria perguntar. É como se aqui" – ela passa a mão do pescoço até o ombro – "onde dói".

Sua pele está quente quando minhas mãos mergulham sob a gola de sua camiseta, e tenho que me controlar para não me inclinar e beijar aquele lugar. Sinto todo o seu corpo exalar e

começar a balançar e derreter sob as minhas mãos. Ela faz esses pequenos gemidos toda vez que pressiono. Estou feliz por estar sentado atrás dela para que ela não veja o quanto seus ruídos estão me afetando. Se eu não a conhecesse melhor, parte de mim se perguntaria se ela estava fazendo isso de propósito para me excitar, mas ela não pensa assim. Ela nem sabe o que está fazendo comigo. Ela nunca fez isso.

"Tudo bem", digo, parando abruptamente porque quero demais isso agora.

"Oh, não pare," ela geme, olhando por cima do ombro para mim. "Isso foi tão bom."

"Sim, estava me sentindo um pouco bom demais também", murmuro.

"O que?" ela pergunta, e não sei se ela não me ouviu ou se simplesmente não entende o que quero dizer.

Limpo a garganta, tentando decidir se devo contar a ela ou não. "N-nada."

"Não o quê? Diga-me." Ela se vira para ficar de frente para mim agora.

"Eden, você..." começo, mas não consigo deixar de rir. "Você era..."

"O que?" ela repete.

"Você estava fazendo... ruídos sexuais."

Sua boca se abre e ela engasga, e vejo seu rosto corar bem diante dos meus olhos. Mas posso dizer que ela está tentando não rir também. "Oh meu Deus, Josh!"

"O quê, você estava!"

"Eu não estava!" ela grita, me dando um tapa antes de cobrir o rosto com as mãos.

"Você também estava, eu saberia."

Sua risada desaparece enquanto ela fica olhando para frente e para trás entre mim e os últimos resquícios de cor que sobraram do pôr do sol.

"Desculpe", digo a ela, tentando manter o clima alegre por mais um pouco. "Eu não aguentava muito."

Ela se recosta novamente e olha para o céu escuro, balançando a cabeça e soltando uma pequena gargalhada de vez em quando. "Barulhos sexuais", ela zomba. E então ela se vira para mim novamente. "Hum, está bem. Então, falando em... isso", ela começa. "É hora de tirar o alfinete, você acha?"

"Honestamente, a decisão é sua." Estou tentando manter a bola do lado dela, mas é muito difícil saber quando estou dando a ela muito espaço ou pouco. "Para mim, vai aguentar. Quero dizer, se você quiser esperar ou precisar de mais tempo, podemos conversar sobre isso quando não estivermos totalmente exaustos."

"Certo." Ela suspira e imediatamente boceja. "Foi um grande dia."

"Sim, eu concordo. "Acho que provavelmente deveríamos entrar, hein? Tenho certeza que você tem muitas coisas para desfazer as malas e outras coisas."

Ela balança a cabeça enquanto se levanta e estende a mão para me ajudar a levantar. Eu aceito, e nós meio que ficamos de mãos dadas enquanto atravessamos o terraço.

Chegamos primeiro ao meu andar.

"Então, esta sou eu", digo a ela. "Quer que eu acompanhe você até a sua?"

"Não, está tudo bem."

Ficamos na frente da minha porta e ela se aproxima para me abraçar primeiro, estendendo a mão para envolver meu pescoço. "Estou muito feliz que você esteja aqui", digo a ela mais uma vez.

"Eu também", ela sussurra, com a boca perto do meu ouvido. "Eu tenho saudade de voce." Ela dá um beijo leve e leve na lateral do meu pescoço antes de se afastar, deixando-me com ondas de choque irradiando do meu coração.

"Ok," eu digo sem motivo algum, provavelmente corando e sorrindo como uma idiota. "Bem, você sabe onde me encontrar se precisar de mim."

Ela pega minha mão enquanto se afasta, dando-lhe uma pequena pulsação antes de me deixar escapar de seu alcance. "Você também", ela acrescenta, e há algo em seu tom, em seu sorriso – ela está flertando comigo? *Deus, não me tente.*

"Boa noite," eu grito atrás dela. Ela se vira quando chega ao final do corredor na escada e acena.

Lá dentro, posso ouvir Dominic conversando com Luke atrás da porta do quarto. Ainda posso sentir a pressão de seus lábios contra meu pescoço. Eu olho a hora no meu telefone. São apenas oito e meia. Que porra estou fazendo aqui? Por que simplesmente não disse a ela que não consigo parar de pensar nela, que a única coisa que quero saber no mundo é o que ela pensa de nós? *Para mim, vai durar* – foi isso que eu realmente disse? Quer dizer, vai. Tem . Durante meses, anos.

Percebo que estou andando. Eu forço meus pés a parar. Vou até a porta, mas minha mão se recusa a girar a maçaneta. Eu deveria esperar. Eu posso esperar. Não, não posso. Abro a porta e corro pelo corredor, desço as escadas, até a porta dela. Levanto a mão para bater, mas não siga em frente. Começo a voltar por onde vim, mas paro novamente. Volte. E agora estou essencialmente andando de um lado para o outro, mas desta vez no corredor dela.

Ela está bem ali, digo a mim mesmo.

Volto para a porta dela. Eu estou fazendo isto.

Levanto a mão e bato, muito alto e rápido.

Há algum barulho do outro lado da porta e, quando ela a abre, parece surpresa ao me ver parado ali. O cabelo dela está solto agora, meio bagunçado, e isso só faz com que ela pareça ainda mais bonita para mim.

"Oi", ela diz.

Respiro fundo, ignoro uma saudação e deixo escapar: — Eden, você poderia, por favor, sair comigo amanhã à noite?

"Um encontro?" ela pergunta.

"Uh-huh. Um encontro. Comigo. Amanhã. Por favor."

Ela olha para os próprios pés e sorri, e preciso de tudo para manter minhas mãos nos bolsos e não estender a mão para tirar o cabelo do rosto.

"Tudo bem", ela concorda, finalmente levantando a cabeça para olhar para mim novamente.

"OK?" Eu repito.

"Tudo bem", ela diz novamente, e solta uma pequena risada.

"OK." Começo a recuar e quase tropeço nos próprios pés como se tivesse doze anos e esta fosse a primeira vez que convidei uma garota para sair.

"Boa noite", ela diz. "De novo."

"Boa noite novamente."

Ela fecha a porta e eu estou no meio do corredor, sentindo-me completamente reenergizado depois deste dia exaustivo de tentativas. para observar cada movimento, palavra e pensamento meu. Mas eu poderia correr uma maratona agora. Aumento o ritmo,

preparando-me para subir as escadas de dois em dois, para queimar um pouco dessa excitação, quando ouço uma porta clicar e fechar atrás de mim.

"Josh, espere!"

Eu me viro e a vejo pulando atrás de mim. Quando ela chega até mim, ela para rapidamente e respira fundo algumas vezes e fica bem perto, parando por um momento antes de pegar minhas mãos. "Eu acabei de . . . hum," ela começa, mas não termina. Em vez disso, ela deixa suas mãos percorrerem meus braços, até meus ombros, meu pescoço e meu rosto, onde posso sentir seus dedos tremendo levemente contra minha bochecha, seu polegar roçando meu lábio inferior.

Ela abre a boca e parece que vai dizer mais alguma coisa, mas então ela respira fundo que eu tanto amo e inclina a cabeça para mim. Seus olhos procuram os meus em busca da minha resposta. Acho que não conseguiria falar, mesmo que tentasse, mas aceno com a cabeça, porque seja qual for a pergunta, o que quer que ela queira, minha resposta sempre será sim.

Seus lábios são tão macios quando se separam dos meus, sua boca é quente, e quando minha língua prova a dela, ela me beija com mais força. Nós respiramos um ao outro, mais pesado e mais profundo e ela está fazendo aqueles sons do telhado novamente, e eu nem consigo acreditar como é bom beijá-la. Estar *apenas* beijando-a.

Minhas mãos querem seu rosto, cabelo, braços e quadris, tudo ao mesmo tempo. Ela segura minha cintura e empurra contra mim enquanto eu a puxo para mais perto, até que estamos recuando contra a parede, onde meu cotovelo cai com um baque. "Oh," Eden respira em minha boca enquanto coloca a mão entre meu cotovelo e a parede. E não tenho ideia de por que um gesto tão simples faria meu coração bater forte incontrolavelmente assim, mas acontece, e eu quero tanto que ela me leve de volta para o quarto dela que dói.

Alguém abre a porta e nos separamos bem a tempo de ver o homem mais velho que mora na 2E colocar a cabeça para fora e murmurar: "Arrume um maldito quarto" antes de fechar a porta novamente.

Nós nos olhamos e, por mais que eu queira continuar beijando-a aqui, assim, por pelo menos mais algumas horas, nós dois caímos na gargalhada.

"Desculpe!" Eden chama na direção da porta fechada. "Não sinto muito", ela sussurra para mim.

Eu balanço minha cabeça. "Definitivamente não."

Ela leva as duas mãos aos meus ombros e me puxa para baixo apenas o suficiente para me beijar mais uma vez, suavemente, lentamente. Descansando a cabeça no meu peito, ela suspira, e posso sentir o calor de sua respiração através da minha camisa. Ela olha para mim, colocando a mão sobre meu coração. "Continua?" ela pergunta.

Concordo com a cabeça, mas não consigo falar, não consigo me mover. Mesmo quando ela se afasta e tira a mão de mim, eu a substituo pela minha, exatamente onde estava a dela, não querendo que a sensação dela me tocando desapareça. Ela vagueia pelo corredor, virando-se uma vez para sorrir. Ela cobre a boca enquanto solta uma breve risada e corre de volta para a porta. Fico ali por pelo menos um minuto inteiro, caso ela volte. Mas enquanto subo as escadas, lentamente, uma de cada vez, tudo que consigo pensar é: é assim que sempre deveria ter sido, como deveria ter começado entre nós.

ÉDEN

Passei o dia todo mandando para Mara fotos de todas as combinações de roupas que tenho no meu guarda-roupa atual, que não é muita coisa. Ela ficava dizendo que eu deveria usar o único vestido que trouxe comigo, mas um vestido parecia muita pressão para o nosso primeiro encontro de verdade. Já há pressão suficiente depois de esperar por isso por quase três anos, não preciso acrescentar mais nada.

Então, opto pelo short jeans que usei na noite do show. Eles são novos e eu sei que o peguei examinando minhas pernas neles naquela noite. Uma camiseta simples com pequenas flores amarelas. Bonito, mas não sexy. Sandálias. Raspo minhas pernas e axilas. Porque, apenas no caso. Tento acompanhar esse vídeo que Mara me enviou sobre estilos fofos para cabelos na altura dos ombros. Eu consigo algo com um toque e grampos que parece decente o suficiente - pelo menos de frente. Brilho labial, rímel, pulseira, colar, brincos.

Ele me pega às oito em ponto, como ele disse ele faria isso, e ele parece e cheira tão bem que quase não quero ir a lugar nenhum com ele, exceto para dentro. Mas então ele se inclina e me beija na bochecha, o que me faz rir por algum motivo. E quando saímos para a calçada, ele pega minha mão, só que é tão terno, inesperado e honesto que quase me dá vontade de chorar.

Ficamos de mãos dadas enquanto caminhamos, sorrindo e olhando um para o outro durante os três quarteirões que levamos para chegar ao restaurante.

Nonna's Little Italy é o nome do lugar. É pequeno, escuro e aconchegante, e eu podia sentir o cheiro das ervas, do queijo assado, do alho e do óleo vindos da rua. Se a comida reconfortante pudesse ser um ambiente completo, seria esse. A mulher que nos senta o faz sem muitas palavras, mas sorri calorosamente para nós dois quando nos entrega os cardápios. Um segundo homem, mais jovem, chega para deixar uma cesta de pão recém-assado embrulhado no mesmo tipo de guardanapo de pano onde estão guardados os talheres.

Depois de fazermos nossos pedidos, Josh diz: “E daí?” puxando cuidadosamente a toalha do pão, como se estivesse tentando não rasgar o papel de embrulho de um presente. “Como está indo o encontro para você até agora? E não deixe que o fato de eu estar tentando planejar isso basicamente desde que nos conhecemos influencie sua resposta de alguma forma.”

“Bem, para começar, você chegou na hora certa. Parecendo muito bonito, devo acrescentar. Faço uma pausa porque acabei de dizer *bonito* em voz alta? Eu sinto que deveria ficar envergonhado por mostrar minha mão tão facilmente, mas então... . esperamos muito pelos jogos. Isso é algo que o velho Éden faria. Então, me forço a acrescentar: “O beijo na bochecha também foi um toque legal”.

“Ah, que bom”, diz ele, corando. “Eu não tinha certeza se isso aconteceu como eu esperava.”

“Não, aconteceu”, asseguro a ele. “E este lugar. Você poderia muito bem ter lido minha mente. O Nonna's Little Italy pode ser meu novo restaurante favorito, e ainda nem experimentei o pão.

Ele empurra a cesta em minha direção e eu arranco um pedaço, ainda quente demais para ser tocado. Mas a manteiga derrete perfeitamente. Ele espera que eu dê uma mordida.

“E agora que você provou o pão?” ele pergunta.

Eu demoro mastigando e engolindo e abro a boca como se fosse responder, mas depois dou outra mordida, o que o faz rir, o que me deixa toda quente e inexplicavelmente macia por dentro. “O melhor encontro que já tive”, respondo.

“Uau. Isso é melhor do que eu pensava”, diz ele.

“Bem, divulgação completa. Este também é o *único* encontro em que já estive.

“Steve não levou você para sair?”

Eu meio que esqueci que Josh sabia sobre Steve. Na minha cabeça, eu estava pensando mais na infinidade de caras aleatórios com quem fiquei depois de Josh – aqueles que conheci em festas ou outros encontros sórdidos de bêbados e drogados. Sem rosto, principalmente. Sem nome. Pessoas que nunca mais vi, muito menos com quem saí. “Na verdade não”, eu finalmente respondo. “Mas não por falta de tentativa da parte dele”, acrescento, em defesa de Steve.

Josh olha para seu prato e, quando olha de volta para mim, está meio que fazendo uma careta. “Ok, isso deve ser como a regra número um do primeiro encontro, certo? Não mencione o ex da outra pessoa. Jesus, talvez este seja meu primeiro encontro também”, ele tenta brincar, tomando um gole de água.

“Não, está tudo bem.” Mas agora que isso foi divulgado, sinto-me obrigado a dizer algo. “Steve era uma pessoa muito boa. Devíamos ter sido apenas amigos, só isso.”

Josh está balançando a cabeça e, quando está prestes a dizer alguma coisa, nossa comida chega. Começamos a comer em silêncio, e eu me preocupo por ter estragado tudo de alguma forma, mas então Josh finalmente fala. “Então, isso significa que você ainda é amigo dele?”

“Você quer dizer que você e eu ainda somos amigos?” Eu pergunto.

“Mais ou menos”, ele admite.

“Não. Nós somos amigos. Mas não somos amigos como você e eu somos *amigos*. Se você souber o que quero dizer?”

Ele sorri, ao mesmo tempo brilhante e ousado, mas um pouco tímido, tudo ao mesmo tempo. “Acho que sei o que você quer dizer, sim.”

“Bom.” Enrolo um pedaço da minha massa no garfo e enfio na boca para parar de falar.

“E só para você saber”, diz ele, “também não sou *amigo* de mais ninguém no momento”.

“Observado.” E até eu tenho que rir de como estamos sendo nerds e estranhos. “Obrigado pela informação”, acrescento.

“Você é muito bem-vindo.”

Cheios de macarrão, molho, pão e queijo, saímos da casa da Nonna, mas quando saímos, Josh começa a andar na direção oposta de onde viemos.

“Não é por aqui?” Eu pergunto.

“O encontro ainda não acabou”, diz ele.

“Tem mais?”

“Sim, há todo um tema.”

“Tenho um encontro *temático* ?” — pergunto, genuinamente impressionado, até mesmo lisonjeado. “Qual é, o tema?”

“É mais um tema solto ou. . . ou um tema dentro de um tema”, diz ele, gesticulando com as mãos enquanto tenta explicar.

Caminhamos cerca de meio quarteirão, passando por alguns prédios de apartamentos que se parecem muito com o nosso, com vitrines no térreo que já estão fechadas. Árvores antigas alinham-se nas ruas aqui, suas raízes empurrando o cimento da calçada para formar pequenas montanhas que tornam o terreno irregular. Josh pega minha mão novamente e eu deixo. Mas ele continua aguentando mesmo depois de passarmos pelos pedaços quebrados da calçada.

“Nunca fizemos isso”, ele ressalta, entrelaçando os dedos nos meus. “Você sempre se afastava quando eu tentava segurar sua mão.”

Eu concordo. “Eu gosto agora. É legal.” Mas é mais do que legal. E eu mais do que gosto disso. Só não sei exatamente como dizer isso.

Ele sorri para o chão e eu aperto sua mão uma vez. Ele aperta de volta. Como uma espécie de código Morse privado entre nós dois. Viramos em uma esquina escura e o vento de repente fica mais forte, soprando nossas roupas e cabelos. Tenho o claro pensamento de que não gostaria de andar aqui sozinha à noite sem ele.

“Estamos perto”, diz ele, como se pudesse dizer o que estou pensando.

Paramos em frente a uma lojinha que a princípio acho que é uma cafeteria, porque o letreiro de néon na vitrine diz MAIOR QUE > TERRENO . Quando entramos, uma campainha toca. Não há ninguém à vista e, quando nos aproximamos do balcão, vejo que há pelo menos vinte sabores diferentes de sorvete alinhados no congelador. A placa escrita à mão no caixa diz: VENHA PARA O CAFÉ, FIQUE PARA O GELATO .

“Hum, sorvete para sobremesa?” Eu pergunto.

“Eu me arrisquei”, ele diz, meio semicerrando os olhos, meio olhando de soslaio para mim, como se estivesse prendendo a respiração. “Você gosta de sorvete, então?”

“Bem, sim. Eu gosto de sorvete, então. . .”

Uma garota surge de trás do balcão e proclama, enquanto ajeita os copos: “Gelato não é sorvete. Sorvete não é gelato. Gelato é mil vezes melhor que sorvete. É apenas um fato.”

“Eu concordo,” Josh diz, mas ele mal olha para ela, essa garota que meio que me lembra de mim mesmo de uma forma estranha. Talvez sejam apenas os óculos, o cabelo e a altura semelhantes, mas me pego imaginando-a como uma versão minha de um universo alternativo.

Ela calça um novo par de luvas de plástico e diz: “Meu nome é Chelsea. Serei seu barista hoje.” E então ela suspira, como se dizer o nome dela fosse a pior parte do seu trabalho. “Deixe-me saber se você quiser provar algum sabor.”

“Obrigado”, Josh diz a ela enquanto examinamos as seleções.

Não posso deixar de olhar para ela. Ela está olhando para Josh – é claro, eu entendo o porquê – e quando ela me vê notando, ela levanta os óculos, como eu sempre fazia quando estava nervoso.

“Hum, posso experimentar o pistache com hortelã?” Eu pergunto a ela.

Ela pega uma pequena colher de plástico e a entrega para mim do outro lado do balcão. Pelo canto do olho, posso ver que Josh está me observando colocar o remédio na boca. “O que?”

“Nada. É só pistache e hortelã? O que você é, um idoso?”

“É bom! Aqui, tente”, digo a ele, passando a colher na frente de seu rosto.

“Nojento, fique com sua hortelã de pistache de velho.” A barista, Chelsea, suspira novamente, completamente descontente. Parte de mim se pergunta se ela está olhando para

mim e para Josh e se perguntando como — *por que* — ele está aqui comigo e não lhe dá uma segunda olhada quando somos tão parecidos.

“Posso experimentar a manteiga de amendoim com chocolate?” Josh diz, ou não percebendo o aborrecimento do barista ou simplesmente não se importando. Ela dá a amostra para Josh, e nós dois o observamos enquanto ele pressiona a colher na língua e fecha os olhos.

“Manteiga de amendoim com chocolate, sério? É isso que faz por você?”

“O que há de errado com manteiga de amendoim com chocolate? É uma combinação clássica de sabores.”

“Eu sei que estou em minoria, mas há algumas coisas que não combinam.”

O barista diz, completamente monótono: “Oh meu Deus, retire isso”.

Josh olha para o barista, depois para mim, e por um segundo me pergunto se ele também viu. Mas então ele diz: “Ok, sinto muito, mas isso não vai dar certo, afinal”. Ele se vira como se estivesse indo em direção à porta, e tento rir porque sei que ele está brincando, mas então, do nada, esbarro nessa parede de pânico que toma conta de mim ao pensar que ele vai dizer isso de verdade algum dia.

Estendo a mão para ele, mas ele flutua entre meus dedos porque eles estão formigando. O tempo parece se expandir no segundo que ele leva para parar e se virar e me puxar para seus braços.

“Brincadeira”, ele sussurra em meu cabelo. Ele olha para mim e beija meus lábios, rapidamente. O tempo é redefinido. E *estou aqui*, digo a mim mesmo, *estou bem*. Posso me manter aqui.

Entendo : Josh. *Eu sinto* : Josh. *Eu ouço* : Josh. *Eu cheiro* : Josh. *Eu gosto* : Josh.

Ele leva a mão ao meu pescoço e inclina meu rosto em sua direção. “Você sabe que estou apenas brincando, certo?” ele diz baixinho, passando o polegar pela minha bochecha.

“Sim,” eu respiro, encontrando minha voz novamente. Não desaparecendo. Não essa noite. Não com ele.

A barista pigarreia e diz em voz alta: “Então, um pistache de menta e um de manteiga de amendoim com chocolate?”

Olho para ela novamente e talvez não veja mais tanta semelhança. Ela é apenas uma garota chamada Chelsea que tem vida própria e provavelmente nunca mais pensará em nós depois que sairmos daqui. “Sim, por favor”, respondo, me afastando de Josh e sentindo meus pés, mãos, pernas e braços recuperando a força enquanto ando até o caixa.

“Eu posso atender, Eden”, diz Josh.

“Não, eu insisto”, digo a ele. “Você tem jantar; Vou pegar a sobremesa.

“Tudo bem”, ele concorda. “Obrigado.”

Chelsea desliza nossas xícaras de sorvete pelo balcão e diz: “Tenha uma boa noite”, acrescentando, baixinho: “Tenho certeza que você vai”.

Levamos nossos copinhos de papel de sorvete e pequenas colheres planas para viagem, comendo enquanto Josh nos conduz pela rua. “Então, tive a sensação de que aquela garota não gostava muito de nós”, ele diz rindo.

“Bem, em defesa dela, estávamos sendo um pouco. . . *bonitinho* .”

“Você quer dizer *que* você estava.” Ele me cutuca no braço, mas eu evito o comentário doce, porque mesmo que eu esteja tentando aqui, ainda sou eu, e ainda não consigo reconhecer nem mesmo o elogio mais inocente.

“Então, eu gostaria de adivinhar o tema da noite.”

“Tudo bem”, diz ele, raspando as laterais do prato e lambendo a minicolher.

“Algo italiano, obviamente”, digo, batendo no queixo com o dedo e fingindo dar a isso toda a minha atenção séria e exclusiva. “Deliciosas comidas italianas?”

“Perto”, diz ele, prolongando a palavra. “Lembre-se, porém, que é mais um tema dentro de um tema. Ainda temos mais uma parada.”

“Você vai me levar para a Itália a seguir?”

“Sim.” Ele sorri enquanto joga seu copo em uma lata de lixo. “Eu desejo.”

“Dou mais uma mordida na minha hortelã pistache. Tem certeza que não quer tentar? É muito bom, eu prometo. Eu não te orientaria mal.

Ele estuda o conteúdo da minha xícara e diz: “Ok, vou tentar”.

Pego uma colherada e não consigo decidir se devo entregá-la a ele ou alimentá-lo. Ele ri da minha estranheza e abaixa a cabeça para encontrar a colher, segurando minha mão enquanto a leva à boca. Ele me observa enquanto prova. E há algo quase insuportavelmente íntimo neste momento, parado na calçada de uma rua vazia, o vento soprando ao nosso redor, minha mão ainda na dele enquanto paramos, provamos, saboreamos.

Lentamente, ele começa a assentir. “Hum.”

“Hum . . . bom?”

“Diferente”, diz ele, lambendo os lábios. “É diferente do que pensei que seria, mas até gosto. Na verdade, eu realmente gosto disso.

“Ver?”

Ele pega meu copo e colher vazios e os joga no Lata de lixo a alguns passos de distância e, quando ele volta, fica na minha frente e toca minha bochecha novamente, como fez na loja. Ele pressiona seus lábios nos meus suavemente, sem pressa como antes, e quando eu o beijo de volta, posso sentir todos os sabores.

“Eu queria compensar aquele beijo estranho e inesperado lá atrás e mal podia esperar até o final da noite.” Ele estende a mão para que eu a pegue novamente e acrescenta: “Desculpe”.

“Não fique. Eu gostei dos dois.” Aperto sua mão novamente, e ele aperta de volta enquanto continuamos andando em direção ao campus.

Entramos em um ambiente semelhante a um parque logo na rua. Eu li a placa em voz alta. “Jardim Memorial Tucker Hill. Isso faz parte da escola?

“É, sim. Eu morei aqui no meu primeiro ano”, diz ele, apontando mais adiante na rua. “É assim que eu chegaria ao campus todos os dias.”

“É muito bonito aqui”, digo a ele. Continuamos por este pequeno caminho pelo jardim. São diversos tipos de plantas e flores, com bancos estacionados sob as árvores de vez em quando, pequenas luzes que brilham pelo caminho, placas gravadas com nomes de pessoas enfeitando tudo que está à vista.

— Confissão — diz Josh, apertando minha mão. “Na verdade, eu costumava pensar em você o tempo todo quando passava por aqui.”

“Você fez?” — pergunto, sentindo meu coração disparar ao pensar nele aqui, pensando em mim.

Ele concorda.

“Por que?”

Ele dá de ombros. “É sempre tranquilo e lindo aqui – cada estação tem coisas diferentes florescendo. Também é um pouco triste, mas pacífico. Acho que pensei que esse poderia ser o seu tipo de coisa.

Deixo suas palavras serem absorvidas enquanto pego um galho longo e extenso de um jovem salgueiro e o deixo cair em minha mão enquanto caminhamos. Quando viro a cabeça para olhar para ele, ele já está me observando. Soltei sua mão e envolvi meu braço no dele, querendo-o mais perto.

"O que você está pensando?" ele pergunta. "Estou falando demais?"

"Não, adoro quando você fala comigo." Ele me puxa para mais perto e nossos pés meio que tropeçam um no outro. "Isso me pega desprevenido toda vez que você faz isso."

"Fazer o que?"

"Apenas . . . me pega. Tão certo, com tanta frequência.

"Bem, não posso ficar com todo o crédito", diz ele, desta vez parecendo evitar meu elogio. "Há mais uma parte aqui que merece a maior parte."

Não consigo imaginar o que ele quis dizer com isso, mas à medida que continuamos pelo caminho ladeado de folhagens, vejo que há uma luz à frente, uma clareira que se abre para um espaço maior. À medida que nos aproximamos, posso ouvir a água correndo e espirrando.

"Uau," eu digo, soltando o braço de Josh para ver melhor. É uma fonte em forma de maçã, feita de pedra e metal e assentada sobre um círculo gigante de granito, sem barreira que impeça alguém de caminhar até ela. E então eu faço. Mas quando chego muito perto, jatos de água começam a borrifar ao redor, como um desafio para tentar caminhar e permanecer seco. O exterior da maçã é vermelho brilhante como um carro de bombeiros, e a água espirra do topo, onde o caule se curva para cima e para o lado da maçã, uma folha de metal balançando ao vento, presa ali por um fio ou corrente de algum tipo.

Mas enquanto ando para ter uma visão completa, vejo o outro lado. A parte superior da maçã é esculpida, para parecer que foram retiradas mordidas gigantes da fruta, deixando para trás o formato de ampulheta do núcleo, e as sementes, feitas de um metal escuro, transbordando de água. Dentro da parte redonda da maçã há um banco com dois assentos esculpidos em formato de folhas, assim como a folha metálica do caule, protegida das cachoeiras. Isso me lembra a carruagem de abóbora da *Cinderela*, só que mais corajosa e menos elegante. . . mais perigoso e até sensual, de alguma forma.

Josh fica parado, esperando que eu volte – acho que ele já viu isso muitas vezes. "Isso é realmente. . . ", eu começo enquanto caminho de volta para ele. "Nunca vi nada assim. É estranho. . . lindo."

Ele está sorrindo enquanto me observa e então aponta para algo no chão à sua frente. Eu fico ao lado dele e olho para baixo. Há uma placa lá que diz:

FONTANA DELL'EDEN / FONTE DO ÉDEN .

"Oh meu Deus," eu digo.

"Veja, não posso ficar com todo o crédito", ele repete.

"A coisa da maçã faz mais sentido agora", digo, olhando novamente para a fonte.

"Estou feliz que você gostou."

"Estou surpreso que *você* tenha gostado – é tão nervoso e estranho."

“Eu gosto de coisas ousadas e estranhas,” ele diz enquanto move a mecha de cabelo que caiu da minha tentativa meia-boca de fazer um penteado. “Minha pessoa favorita no mundo é um pouco nervosa e estranha.”

“Josh,” começo, mas realmente não sei o que dizer.

Ele olha para a água, as luzes brilhando por baixo, lançando reflexos de movimento ao nosso redor.

“Todos os dias, quando eu passava, vendo o seu nome ali, eu meio que sonhava com você estando aqui. Ou eu trazendo você aqui.

“Você sabe que pensei em você também, certo?”

Ele balança a cabeça, pegando minhas duas mãos.

Mas eu preciso que ele realmente saiba. “Mas não é que eu tenha *pensado* em você. EU...” *Dolorido* é a palavra que estou tendo dificuldade em pronunciar.

“Eu sei”, ele diz suavemente, mas me pergunto se ele realmente sabe. “Sabe, sempre pensei que se tivéssemos uma segunda chance, eu queria fazer certo desta vez”, ele continua, juntando as sobrancelhas. “Você sabe o que eu quero dizer?”

Desta vez eu aceno.

“Porque eu quero isso com você”, diz ele, com os olhos fixos nos meus. “Eu realmente quero.”

“Eu também”, digo a ele. “Mais do que nada.”

Ele sorri agora, e posso ver todo o seu corpo relaxar, o aperto em minhas mãos afrouxando. “Então . . . estamos fazendo isso de verdade desta vez?”

JOSH

Minhas palavras ficam no espaço entre nós, meu coração dispara enquanto espero. Fico imaginando que estou perdendo a resposta dela no som da água caindo. Mas então ela começa a balançar a cabeça.

"Sim", ela finalmente responde.

Ficamos ali de mãos dadas, sorrindo um para o outro. Eu me inclino e tento beijá-la, mas ela recua alguns passos. Estou confuso. Ela não solta minhas mãos e também não para de sorrir. *É ela . . . brincando comigo?* Ela mudou – não é a primeira vez que penso nisso nos últimos meses, mas é a primeira vez que tenho certeza de que é verdade.

"Não?" Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça.

"Sem beijo, nem mesmo depois do meu grande discurso?" Eu brinco com ela, tentando o meu melhor para entrar no jogo.

"Você vai ganhar seu beijo, não se preocupe", diz ela, me puxando para perto. o braço enquanto ela se aproxima da fonte. "Venha comigo."

Ela me leva até o lado oposto da fonte, nossos passos desencadeando uma série do que devem ser jatos de água ativados por movimento saindo da plataforma e formando um arco sobre a passarela.

"Está vendo aquele banquinho lá dentro?" Ela aponta para o banco de metal feito de videiras e sai do outro lado da cascata de água. "Vamos," ela diz, segurando minha mão com mais força.

"Ir?"

"Sim, podemos conseguir."

Eu olho em volta. Não há ninguém aqui e provavelmente ninguém por perto num domingo à noite, quando o semestre ainda nem começou. "Eu não acho que deveríamos..." Mas antes mesmo de eu terminar a frase, ela solta minha mão e corre para baixo do túnel de água. "Espere, o que você está fazendo?" Eu grito atrás dela.

Ela ultrapassou, no entanto. Ela se vira e solta um *grito adorável* debaixo da maçã, ainda seca. "Vamos!" ela chama, apontando para mim com as mãos.

Eu rio comigo mesma porque vou ter que fazer isso agora.

"Preparar?" ela grita. "Ir!"

Eu começo, mas paro.

"Josh, vamos! Você tem que apenas fazer isso. Correr. Agora!"

Então eu faço. Eu corro, muito rápido ou muito devagar, e acabo sendo atingido em cheio por cada jato de água. Quando chego até ela, minhas roupas estão encharcadas.

Ela está cobrindo a boca, rindo. "Opa," ela murmura através de sua mão. "Ou talvez você devesse ter esperado."

"Ah, isso é engraçado?" Eu a envolvo em meus braços e ela solta esse grito ofegante enquanto minhas roupas frias e molhadas pressionam contra ela, meu cabelo escorrendo em seu rosto enquanto ela olha para mim.

“Ok, ok”, ela grita. Então ela empurra meu cabelo para trás e desliza as mãos pelo meu pescoço, deixando-as repousar sobre meus ombros. E como sempre, ela respira um pouco, soltando-o lentamente enquanto me beija, mais profundamente, mais completamente.

Minhas mãos seguem pela curva de suas costas até a cintura, encaixando-se perfeitamente em seus quadris. Ela me deixa puxá-la ainda mais para perto, ficando na ponta dos pés para alcançar minha boca. Aperto meus braços ao redor dela e a levanto apenas o suficiente para que nossas bocas se encontrem. Nosso beijo se aprofunda e, ao sentir todo o peso do corpo dela contra mim agora, só quero mais dela.

“Segure-se em mim,” eu sussurro, e ela cruza os braços em volta do meu pescoço. Eu me abaixo e coloco minhas mãos sob suas coxas e as levanto em volta da minha cintura. Ela inspira profundamente e solta um grito suave e ofegante.

“Ok,” ela diz, seus lábios se movendo contra os meus. Posso sentir os músculos de seus braços e pernas se contraírem ao meu redor. “Não estou mais rindo.”

“Nem eu,” digo a ela entre beijos, minha respiração ficando mais rápida, com a dela. Sinto seus pulmões se expandirem contra meu peito enquanto ela abre a boca para respirar fundo. Beijo seu pescoço, úmido com os jatos de água que batem nas paredes.

“*Deus*”, ela exala.

Eu olho para ela, e seus olhos estão tão brilhantes, mesmo no escuro, e acho que nunca quis nada ou ninguém, nem mesmo ela, mais do que agora.

Ela olha para mim como se fosse dizer mais alguma coisa, mas em vez disso, me beija. Dou alguns passos para nos levar até a parede, para poder segurá-la melhor, mas quando suas costas pressionam o formato de cúpula da maçã, ela solta um grito curto. Todo o seu corpo fica tenso e estremece, e eu percebo que acabei de levá-la direto para dentro de um riacho, que agora cai em cascata sobre ela.

Eu me afasto e a coloco no chão, e ela fica parada por um momento, de boca aberta. “Sinto muito”, digo a ela.

“Frio”, diz ela, encharcada da cabeça aos pés. “Isso foi *muito* frio.” Ela engasga enquanto olha para mim. “Você fez isso de propósito?”

“Eu juro, eu não teria interrompido propositalmente o que estava acontecendo.” Mas agora sou eu quem cobre a boca para rir.

“Ah, entendo”, diz ela, pegando minhas mãos. “Você estava apenas me seduzindo para poder se vingar.”

“Não...” eu começo a dizer, mas então ela me puxa para frente em seus braços, de modo que nós dois estamos diretamente sob a água. “Oh!” Eu estremeço. “Putá merda, isso está congelando.”

“Eu sei que é!” Ela ri e me beija mais uma vez. “Você pode me levar para casa agora?”

“Sim”, digo a ela, e estendo meu braço.

“Você vai ficar comigo esta noite?”

Tentamos ficar quietos ao entrar em nosso prédio, mas quando chegamos à porta dela, deixando poças em nosso caminho, nossos sapatos rangendo e chapinhando, nós dois estamos rindo histericamente.

“Oh meu Deus,” Eden geme, enquanto ela limpa sob o olho e puxa a mão com uma mancha preta nele. “Como estou agora?”

“Lindo”, eu respondo.

Mas ela meio que revira os olhos com desdém e começa a soltar o cabelo. “Você vai me dar alguns minutos?” ela pergunta. “Eu só vou cuidar de. . . esta situação aqui”, diz ela, flutuando a mão em um círculo na frente do rosto.

“Você está linda”, tento novamente.

Ela não reconhece o que eu disse, mas me beija.

“Ok, vou subir e cuidar dessa” – olho para minhas roupas encharcadas – “situação também.”

Ela ri silenciosamente, mas depois diz, mais seriamente: “Mas você vai voltar, certo?”

“Claro.”

“Se eu não tiver saído do banheiro, entre e espere no meu quarto, ok?” ela sussurra. “Vou deixar isso desbloqueado.”

Dominic está na cozinha comendo cereal quando entro. ele diz, virando-se para olhar pela janela. “Está chovendo?”

“Não”, digo a ele, passando correndo sem explicar.

Escovo os dentes e tomo o banho mais rápido do mundo para tirar o cheiro de cloro da minha pele. Penduro minhas roupas molhadas atrás da porta e visto as limpas. Camiseta, cueca boxer, porque são confortáveis e também li em algum lugar que as mulheres as acham mais sexy, uma estatística que eu não achava que me importava ou mesmo lembrava antes, bem, neste exato momento. Eu fico indo e voltando sobre jeans versus shorts - a voz de Dominic em minha cabeça me dizendo que cargas deveriam ser proibidas - mas se estivermos apenas no quarto dela, dormindo, pode ser casual. Decido usar um dos meus novos pares de shorts esportivos. Hesito na minha mesa de cabeceira, sem saber se devo trazê-los. É presunçoso ou apenas está sendo preparado? Abro a gaveta e decido pegar um, só para garantir.

Na cozinha, Dominic está me observando correndo.

“Estou bem?”

“Tudo bem para. . . *o que* ?” ele pergunta, uma expressão horrorizada, mas perplexa, torcendo seu rosto.

“Dormindo aqui,” eu admito.

“Você realmente quer ter essa conversa?”

“Na verdade não.” Pego uma garrafa de água na nossa geladeira. “Obrigado. Tenho que ir.”

“Divirta-se, garanhão”, ele grita atrás de mim. “Lembre-se, pratique pela manhã – não se esforce demais!”

Estou de volta à porta dela em dez minutos. Bato silenciosamente antes de abri-la e ando na ponta dos pés pela cozinha, passando pela linha reta de luz sob a porta do banheiro.

Entrei no quarto dela. Eu sentaria, mas ela tem um monte de roupas espalhadas na cama e na cadeira. Então, em vez disso, fico no centro do seu minúsculo quarto. Está escuro, exceto pela luz fraca que vem da pequena luminária em sua mesa, e isso me lembra de quando eu estava em seu quarto em casa. Quão opressivo parecia lá dentro.

Mas esta sala já parece o Éden. Admiro as coisas dela espalhadas ao acaso. Ela está com seu laptop aberto em sua mesa com um aplicativo de música em pausa e uma cópia do catálogo de cursos deste ano e alguns outros livros e artigos oscilando perigosamente perto

do limite. Mas é aí que outra coisa em sua mesa chama minha atenção. Três frascos de remédios, escondidos atrás de um tubo de loção e alguns produtos para cabelo.

Não é da minha conta, Deus, como eu sei disso.

Mas, meu cérebro insiste.

Porque tudo o que meu estúpido cérebro consegue pensar é em meu pai e seus problemas, em todas as vezes que ele escondeu comprimidos e frascos – todas as vezes que tivemos que escondê-los *dele*. Ela não é meu pai, no entanto. Ela me disse que tudo isso estava no passado e eu acredito nela.

O som do chuveiro sendo desligado permeia o silêncio do apartamento.

“Tudo bem”, digo em voz alta, respirando fundo e me forçando a olhar para outra coisa. Sua estante. Perfeito. Vou até lá, mas não consigo me concentrar o suficiente para ler um único título. Volto até a mesa dela e olho para a porta fechada mais uma vez.

Não preciso saber *o que* são; Eu só preciso saber que eles são dela. Com cuidado, pego o primeiro, memorizando suas posições exatas. O nome dela está na etiqueta. E o segundo. E o terceiro. Tudo prescrito para ela. Por um médico da nossa cidade natal. Não há nada de errado com nada disso. Não é absolutamente da minha conta.

Mas novamente.

Agora eu preciso saber, pelo menos, o que eles *não são*. E ainda ouço o ventilador do banheiro.

Deus, eu me odeio.

Volto para a mesa dela. Os rótulos não dizem para que servem, mas também não reconheço os nomes, o que é bom. Os únicos nomes de medicamentos que conheço – por causa do meu pai, é claro – são as perigosas substâncias controladas relacionadas à dor. E pelo menos não são isso. O primeiro diz para tomar uma vez ao dia, o segundo um comprimido à noite e o terceiro diz conforme a necessidade. Todos têm recargas. Eu os coloquei de volta em seus lugares.

Não há razão para eu me fixar nisso. Não é mesmo surpreendente que ela estivesse tomando algum tipo de medicamento depois de tudo que passou. Porra, *eu* provavelmente deveria ser medicado também.

Só então, o ventilador desliga e ouço a porta do banheiro se abrindo. Rapidamente, paro em frente à estante dela, me abaixando para tirar um dos livros, como se estivesse aqui lendo a capa o tempo todo.

“Ei,” ela sussurra. “Você está aqui.”

E quando me viro para ver seu rosto, os gloriosos aromas de frutas e flores seguindo atrás dela, quase consigo esquecer as coisas que não são da minha conta. “Claro que estou aqui”, digo a ela, largando o livro enquanto ela começa a caminhar em minha direção.

Mas então ela para, olhando para sua mesa, e meu coração começa a disparar, como se ela pudesse perceber que manuseei as garrafas. “Sinto muito que esteja tão bagunçado aqui.” Ela se vira e junta todas as roupas da cama e as joga em cima da mesa, cobrindo todas as coisas que agora tenho certeza de que ela não queria que eu visse.

“Não, eu... eu não me importo. Quero dizer, não é realmente bagunçado”, minto.

Ela vem até mim agora e envolve os braços em volta da minha cintura. “É uma bagunça, mas só porque eu estava super nervoso me preparando para um encontro importante com um cara de quem gosto muito.”

E agora eu realmente me odeio. Mas confessar tudo não me faria sentir menos culpado e apenas a faria pensar que não confio nela ou que ela não pode confiar em mim. Não há razão para estragar o que foi uma noite incrível, porque estou paranóico com a possibilidade de que todos que amo se tornem viciados.

Limpo a garganta, inspiro-a e digo: — Ah, é? Quando ela olha para mim, eu me inclino para beijá-la. "Acha que o verá de novo?"

Ela sorri e solta uma pequena risada enquanto pressiona a bochecha contra meu peito, seu cabelo molhado deixando uma mancha úmida na minha camisa.

"Esta noite foi a mais divertida que já tive em muito tempo", digo a ela, com uma verdade diferente. E *foi* divertido, mas também foi igualmente sexy, romântico e significativo, mas não sei como dizer tudo isso.

"Hmm, eu também", ela canta. "Mas—"

"Mas o que?" Eu pergunto, começando a ficar preocupado. Ela já está tendo dúvidas?

"Você tem que me dizer o tema."

"Oh." Expiro com muita força, mas ela não parece notar.

"Quero dizer, restaurante italiano. Sobremesa italiana. Fonte italiana. Esse é o tema da parte do tema, certo?"

"Certo."

"Então, qual é o tema maior? Ainda acho que não entendi."

"Você. Estar aqui. Meu. Estar tão feliz por você estar aqui. Acho que esse é o verdadeiro tema que eu estava procurando."

"Oh." Ela faz uma pausa. "Bem, então acho que entendi, afinal."

"Bom." Eu toco suas bochechas onde elas estão coradas. "Sabe, sinto que estou conseguindo ver todo esse outro lado seu aqui", digo a ela, passando as mãos pelos cabelos molhados.

"Realmente?" Ela coloca as mãos em volta do meu pescoço e olha para mim com um sorriso fácil. "Você não sabia que eu poderia ser divertido antes?"

"Eu fiz, mas estou percebendo que você também é meio.... . . selvagem."

"Meu?" ela engasga. "E *você*?"

"Quanto a mim? Garanto-lhe que ninguém jamais me acusou de ser selvagem. Responsável, confiável, sensato? Conto-as nos dedos enquanto listo as palavras. "Sim. Selvagem? Nunca."

"Preciso repetir a filmagem daquela cena de beijo na fonte fumegante?" ela pergunta, e seus dedos são tão leves enquanto dançam para cima e para baixo em meus braços que me sinto momentaneamente tonta. "Porque isso parece estar acontecendo na minha cabeça agora. A parte antes de você me levar até uma cachoeira gelada, quero dizer. Ela faz uma pausa para deixar seu sorriso desaparecer antes de continuar, mais séria. "A parte logo antes disso foi. . . *intenso* ."

Eu me inclino para beijar seu pescoço só para que ela não veja meu rosto ficar vermelho, mas me recomponho e olho para ela novamente, para que ela saiba. "Eu nunca teria feito isso com outra pessoa."

"Nem eu."

Minhas mãos vão para seus braços nus. Ela está vestindo apenas uma regata fina e shorts, e quando me inclino para beijar o outro lado de seu pescoço, não posso deixar de notar que

ela não está usando sutiã. Ela toca meu rosto e traz minha boca até a dela enquanto seus dedos sobem pela minha barriga, por baixo da minha camisa.

"Podemos tirar isso?" ela me pergunta enquanto suas mãos começam a empurrar minha camisa para cima. Algo em mim se derrete um pouco com a maneira como ela disse "nós".

Então nós fazemos. Tiramos minha camisa pela cabeça e a deixamos cair no chão, mas antes que eu possa começar a beijá-la novamente, sinto sua boca plantando beijos suaves e quentes em meu peito e estômago, causando arrepios por todo o meu corpo.

"Oh Deus," eu respiro. "Isso é tão bom."

Ela tira minhas mãos de onde perdi a linha de pensamento e as deixou empoleiradas preguiçosamente em seu cabelo e as pressiona contra ela por cima da frente de sua camisa. Levanto sua blusa apenas o suficiente para tocar sua pele, e então suas mãos também estão lá, movendo minhas mãos para baixo do tecido, sobre a curva suave de sua barriga.

"Esta certo?" — pergunto, embora tenha sido ela quem colocou minhas mãos ali. "Nós podemos . . . ?" Começo, de repente incapaz de terminar a frase. "Podemos tirar isso também?"

"Mm-hmm", ela murmura, com a voz abafada enquanto tira a camisa pela cabeça. Ela coloca os braços na frente do peito e se aproxima de mim antes que eu possa realmente olhar para ela. A sensação de sua pele nua, seu corpo pressionado contra o meu, faz meu coração bater tão rápido. Mesmo que eu já tenha visto cada centímetro dela nu tantas vezes antes, isso parece totalmente novo. Porque não foi apenas a atitude dela que mudou durante todo esse tempo separados, mas também o corpo dela - cada parte dela mais cheia, mais forte, mais macia, desde o arco das costas até o formato dos ombros, coxas, quadris e cintura... Preciso deste minuto para me preparar. Respiro fundo enquanto seus dedos trabalham sob a barra do meu short, as mãos percorrendo suavemente minha calcinha cuidadosamente selecionada, gradualmente deslizando o short esportivo sobre meus quadris.

"Posso?" ela pergunta enquanto se afasta para deixar espaço entre nós.

Finalmente olho para ela, e ela é muito mais magnífica do que me lembro, tudo que consigo fazer é concordar. Ela desliza meu short pelas minhas pernas até o chão, depois rapidamente tira o dela também, e eu seguro suas mãos enquanto ela sai delas. E ficamos um diante do outro, só de cueca, pela primeira vez em anos.

"Você é tão linda," digo a ela, apertando suas mãos nas minhas como fizemos a noite toda. "Eu sei que você vai continuar me ignorando quando eu disser isso, mas eu gostaria que você não fizesse isso, porque eu realmente falo sério."

"Desculpe." Ela balança a cabeça, mas sorri daquele jeito raro e tímido que ela faz às vezes, apenas por um momento. "Estou nervosa", ela sussurra.

"Está tudo bem, eu também estou", asseguro a ela. Já fiz sexo com cinco pessoas na minha vida - duas casuais, três relacionamentos, incluindo ela - e me sinto tão nervoso como se fosse a primeira vez.

"Não pensei que ficaria tão nervosa", diz ela.

"Não precisamos fazer nada esta noite."

Ela faz uma pausa, estudando meu rosto.

É quase como se ela estivesse tentando determinar se eu realmente quis dizer isso ou não — ela deveria saber que estou falando sério, mas caso não saiba, acrescento: — Já lhe disse que você beija muito bem?

Ela sorri. "Não, você nunca mencionou isso."

“Bem, você beija melhor do mundo – ei, você está rindo, mas estou falando sério”, digo a ela. “E eu ficaria *seriamente* mais do que feliz em simplesmente deitar com você aqui e continuar beijando você. Nós realmente não precisamos fazer mais nada.”

“Eu sei. Obrigado por isso. Ela inspira profundamente e expira antes de continuar. “Mas eu quero. Quero dizer, se você fizer isso.

“Ah, eu quero.” Olho para baixo, sentindo que deveria de alguma forma me desculpar por não ter mais controle sobre mim mesma. “Obviamente, sim. Mas não há pressa.”

Ela balança a cabeça, colocando minhas mãos em seus quadris como se soubesse o quanto eu amo a maneira como eles se sentem. E quando ela estende a mão, passando as mãos pelo meu rosto e pelo meu peito e estômago, ela nem está tentando esconder o fato de que está olhando para o meu corpo. Olhando fixamente. Olhando. Tenho vontade de fazer algum tipo de piada idiota, tipo *ei moça , meus olhos estão aqui em cima* , porque ficar na frente dela assim, sob suas mãos, com os olhos em mim, é intenso - essa foi a palavra que ela usou antes – quase intenso demais para suportar.

“Você é tão lindo”, ela sussurra.

“O-o quê?” Eu gaguejo. Não há literalmente nada que ela pudesse ter dito que teria me chocado mais. Ela nunca me disse nada remotamente parecido com isso antes. Quase acho que ela está brincando. Mas então ela deixa suas mãos flutuarem pelas minhas costas e descansarem em meus quadris. E não parece uma piada.

“Você ao menos sabe?” ela pergunta, e seus olhos encontram os meus novamente como se ela estivesse esperando uma resposta.

ÉDEN

Houve um tempo em que tive medo de olhar para ele muito de perto. Com medo de quão bonito era seu corpo, com medo das coisas que ele poderia fazer, das maneiras como ele poderia me machucar com isso.

Mas não agora, não mais. Neste momento não tenho medo de nada. Não consigo parar de observar seu rosto enquanto o toco. Seus olhos estão fechados como antes, com o gosto do sorvete derretendo em sua língua.

“Éden. . . — ele diz, sem fôlego, enquanto puxa minha mão e a coloca em seu peito.

“Desculpe, isso não foi—”

“Oh meu Deus, não.” Ele alisa meu cabelo para trás e toca meus lábios. “Aquilo foi . . .” Ele balança a cabeça quase imperceptivelmente, e posso sentir seu coração disparar sob minha mão. “Eu só preciso de um segundo. Já faz um tempo que não faço isso. E . . . Eu só preciso desacelerar por um segundo.”

“Oh,” eu digo sem jeito, “tudo bem”. Afasto-me dele e tento me cobrir com os braços enquanto me sento na beira da cama. Mas então ele está ali comigo um momento depois, como se fosse uma dança coreografada, de repente se ajoelhando no chão na minha frente, então ficamos no mesmo nível dos olhos. Ele beija meus joelhos e solta um longo suspiro, deitando a cabeça no meu colo. É tão estranho, doce e vulnerável que estendo a mão e passo as mãos pelas costas dele, pelos cabelos ainda úmidos.

Ele levanta a cabeça lentamente e beija minhas coxas, passando as mãos para cima e para baixo em minhas pernas, avançando enquanto eu as separo, querendo deixá-lo se aproximar. Deito na cama e o puxo para cima de mim. Posso sentir meu pulso em todos os lugares, ao mesmo tempo. Ele coloca o braço atrás das minhas costas – se ele me disser para *segurá-lo* novamente, posso ter uma parada cardíaca – mas ele não o faz; de alguma forma, ele consegue nos colocar graciosamente na cama para que minha cabeça fique apoiada no travesseiro.

“Obrigada,” eu sussurro.

Começamos esse tipo de beijo lento, balançando nossos corpos juntos, e é tão bom estar tão perto dele. Estou prendendo a respiração enquanto sua mão percorre meu corpo até que ele me toca por cima da minha calcinha. “Está tudo bem?” ele sussurra, beijando meu pescoço bem debaixo da minha orelha.

Consigo reunir ar suficiente nos pulmões para dizer “Sim”.

E então sua mão, tão quente contra minha barriga, mergulha sob minha calcinha, e eu mudo de respirar mal para respirar muito rápido. Meu coração dispara enquanto ele demora. Descendo meu corpo lentamente beijando, beijando em todos os lugares, e quando ele passa os dentes ao longo do osso do meu quadril, eu nem sei que som involuntário é isso que eu faço. Ele pega minha calcinha e não sei o que mais posso aguentar. Eu tenho que fechar meus olhos.

“Posso?” ele pergunta, seus dedos enrolando sob o elástico. Concorro com a cabeça, e ele deve estar olhando para o meu rosto porque sussurra “Tudo bem” e começa a deslizar minha calcinha para baixo. Abro os olhos novamente e ele está ajoelhado entre minhas pernas, beijando meus tornozelos, depois minhas panturrilhas e joelhos. Quando ele chega na parte

interna das minhas coxas, sua boca se aproximando cada vez mais, começo a me perder. Ele se abaixa de bruços e passa os braços em volta das minhas pernas, as mãos pressionando meus quadris. Cada parte de mim quer isso, mas quanto melhor me sinto, mais estou fugindo.

Já fizemos tudo isso antes, porém, lembro a mim mesmo. É seguro com ele, é seguro deixá-lo se sentir bem. É seguro ficar neste lugar.

Eu me abaixo para encontrar alguma parte dele para segurar – seu cabelo, sua nuca, seus braços, seus pulsos – e quando suas mãos encontram as minhas, é como uma âncora, nossos dedos entrelaçados, me puxando para trás. Ele está me empurrando até o limite, mas não consigo me soltar. Porque estou olhando para o meu teto, e ele se parece demais com muitos outros tetos desconhecidos sob os quais já estive, e mesmo sendo ele, *nós*, é diferente agora do que era naquela época.

Pratiquei muito em manter Kevin fora da minha cabeça nesses momentos e, na maioria das vezes, consegui. São os outros, porém, desta vez. Os anônimos e sem rosto, me arrastando para longe daqui. Fecho os olhos novamente, tentando me concentrar em como isso é bom, sua boca, sua língua, o calor, a adrenalina de tudo isso, mas...

Soltei suas mãos. "José. . . ?"

"Sim?" Ele rasteja de volta para mim. "O que foi, você está bem?"

Concordo com a cabeça e tento o meu melhor para sorrir. "Estou bem, eu só..."

"Isso foi demais, muito rápido, não foi?" ele diz. "Desculpe."

"Não, não foi. Foi tão bom, realmente; Eu estava começando a entrar um pouco na minha cabeça. Já faz um tempo que não faço isso também."

"Oh," ele respira, olhando para mim como se não tivesse considerado isso. "OK. Bem, apenas me diga o que você precisa."

"Você pode ficar aqui comigo, perto de mim, quero dizer?"

"Sim claro." Ele se deita ao meu lado, beija meu ombro e diz: "Vou ficar aqui. Você quer parar? Pudermos. Eu prometo que não vou me importar."

Balanço a cabeça e pego sua mão, deslizando-a pelo meu corpo novamente, guiando-o para onde eu o quero. "Eu não quero parar", digo a ele. Eu quero estar aqui para isso – tudo isso. Eu quero sentir tudo. Não quero deixar esses malditos fantasmas na minha cabeça vencerem.

Eu tinha esquecido a maneira como ele presta atenção, como se nada existisse além de nós. Eu o puxo para perto, para poder sentir seu peso contra mim. Não há medo, impaciência ou constrangimento em seu toque. Ele se mantém firme, observando meu rosto, me mantendo com ele. Sinto minha respiração ficando mais rápida, tremendo quando ele me leva ao limite de uma forma que nunca conheci antes, sentindo isso de alguma forma além do meu corpo, até mesmo. E então ele está beijando meus lábios, meu pescoço, meu peito.

"Você é incrível," ele está sussurrando, respirando pesadamente agora, como se estivesse prendendo a respiração o tempo todo. "Deus, eu quero tanto você - desculpe, posso dizer isso?"

"Sim", respondo, tentando recuperar o fôlego enquanto me impedia de sorrir com suas palavras. Abro os olhos, sem nem perceber que os fechei. "Mas você tem alguma coisa, certo?"

Ele olha para nossas roupas no chão. "Eu faço. Você quer que eu pegue agora?"

Eu concordo.

"Já volto", ele sussurra. Observo enquanto ele se aproxima e tira a camisinha do bolso do short. Do jeito que ele olha para mim enquanto volta para a cama – como se eu fosse a melhor

coisa que ele já viu – eu poderia simplesmente morrer. “Apenas me diga se precisamos parar, ok?”

"Eu vou."

Ele está indo devagar, tomando cuidado. A maneira como ele está me observando tão de perto, seus olhos escuros, profundos e calorosos, me deixou meio hipnotizada. Tenho uma montagem em minha mente de todas as vezes em que ele me olhou desse jeito, me fazendo sentir fraca e forte, tudo ao mesmo tempo. Ele se move suavemente, com a respiração regular e compassada agora, e posso dizer que ele está tentando se conter.

"Eu te amo tanto", ele diz baixinho, sua boca contra a minha. "Você sabe disso, certo?"

Concordo com a cabeça porque eu sei. Mas não consigo falar porque sinto as paredes da minha garganta desabarem de repente, pesadas com muitas emoções conflitantes e palavras ali esperando, tentando descobrir como sair de mim. Agarro seus ombros enquanto nos movemos mais rápido, juntos, respirando um ao outro.

É gentil. Delicado. Isso dar e receber.

Nunca estive tão presente. Nunca tão ligado a ninguém, nem mesmo a ele. Estou segurando-o com tanta força que tenho que enterrar o rosto em seu pescoço porque, percebo, estou chorando. Chorando porque nunca me senti assim antes. Sobre ele, sobre mim. Eu nem sei o que é, mas sinto isso no meu corpo, no meu coração, na minha mente, em todos os lugares – é tudo.

E então eu sei, de uma só vez: esse sentimento é liberdade.

Mesmo quando ele termina, ele ainda está sendo tão gentil comigo. Nós ofegamos um contra o outro por alguns momentos antes que ele tente se levantar do meu corpo. Mas eu aguento, mantenho-o por perto. "Não, fique", digo a ele.

"Olhe para mim, Eden", ele sussurra, afastando meu cabelo. Viro o rosto porque não sei como explicar. "Você está chorando."

"Não, não estou", tento dizer, mas ouço minha própria voz, toda úmida e rouca.

"Sim você é." Suas mãos estão no meu rosto agora, seus olhos procurando os meus. "Fale comigo. Será que eu... .?" Ele faz uma pausa. "Eu machuquei você?"

"*Não*", eu suspiro, e as lágrimas estão vindo mais rápido agora. "Não, estou chorando porque nunca me senti assim. Sempre. Eu nunca me senti assim. . ." *Tão feliz, cuidada, respeitada, até* . Mas então eu digo o que todas essas coisas realmente significam: "Tão amado".

"Oh," ele exala, aliviado, parecendo entender. "Você é. Quer dizer, eu quero. Eu te amo", ele diz novamente. "E eu... eu também nunca me senti assim antes."

Deixo que ele enxugue as lágrimas do meu rosto e, quando ele olha para mim, até seus olhos ficam brilhantes. Ele sorri e pisca rápido. "Jesus, você vai me fazer chorar agora."

"Desculpe." Eu fungo, quase rindo de mim mesma.

Ele solta uma risada também. "Tudo bem."

Reajustamos nossas posições e, quando ele se levanta para jogar fora a camisinha, pergunta se quero que ele deixe a lâmpada acesa — não quero, não vou precisar se ele estiver aqui. Ele sobe na cama e nos cobre com o lençol, deitando a cabeça no meu peito enquanto nos abraçamos.

"Josh?" Eu me ouço dizer na escuridão.

"Hum?" ele diz, sua voz toda solta e sonolenta.

"Eu também te amo."

Ele levanta a cabeça e olha para mim, semicerrando os olhos, como se estivesse confuso ou não tivesse me ouvido direito, mas então beija meus lábios suavemente e diz: — Eu sei o quão difícil foi para você dizer isso.

Eu balanço minha cabeça. “Não, não foi.”

PART THREE

September

JOSH

Deixei-a dormindo na minha cama esta manhã. Ela nem se mexeu quando meu despertador tocou às cinco. Fiquei tão tentado a ficar com ela. Mas ainda não estou fora da lista de merda do treinador, então não posso me dar ao luxo de me atrasar para um único treino ou treino se tiver alguma esperança de jogar nesta temporada.

O primeiro mês do semestre passou voando. Entre minha agenda de treinos e o trabalho no Éden, além da carga horária dos cursos, parece que temos cada vez menos tempo um para o outro todos os dias.

Faço o treinamento matinal das seis às oito, depois a reunião da equipe antes da minha primeira aula, às nove. Eu mando uma mensagem de bom dia para ela no caminho. Mas ela geralmente chega tarde demais; ela não responderá a mensagem até que sua primeira aula termine, às dez e meia. Eu só tenho uma hora de intervalo entre as aulas da manhã e depois volto para me preparar para o treino novamente.

Eu odeio que não haja tempo para apenas relaxarmos juntos. Não sei como nos veríamos se não estivéssemos no mesmo prédio. Ela conseguiu um segundo emprego no café do outro lado da rua do nosso apartamento, mas o gerente já está sendo um idiota com a disponibilidade dela. Não sei o que ele espera. Esta é uma cidade universitária; os horários de todo mundo são uma loucura. Já fui lá estudar quando ela trabalha nos finais de semana. Digo a ela que é para que eu possa passar um pouco mais de tempo perto dela. Isso é verdade, mas também não confio no cara. Parece que ele briga com ela sem motivo, criticando tudo o que ela faz, querendo que ela chegue cedo, fique até tarde.

Eu estava lá uma vez quando ela deixou cair uma caneca no chão e ela quebrou.

Ela riu por cerca de dois segundos de vergonha - era charmoso e fofo e todos pensavam assim, dando-lhe acenos e sorrisos solidários. E então, quando ela estava literalmente ajoelhada no chão para limpar tudo, o gerente apareceu todo vermelho e jogou um pano ao lado dela, murmurando: "Não tem graça. Preste atenção no que você está fazendo. Se você não puder ser mais cuidadoso, não poderá trabalhar aqui."

Porém, do jeito que ele disse isso, ele estava com muita raiva, muito mais raiva do que deveria por causa de uma caneca de cerâmica barata. E a maneira como ela olhou para ele. Eu vi algo brilhar em seus olhos. Ela estava assustada, por apenas um segundo, eu poderia dizer. Levantei-me e me aproximei, sem nem saber o que iria fazer ou dizer, mas tive uma vontade intensa de agarrar o cara pelo avental idiota e empurrá-lo contra a parede, arrastá-lo para fora. Não é um sentimento familiar para mim; Não gostei da rapidez com que isso aconteceu.

"Olha, eu a distraí", eu disse a ele. "Vou pagar pela caneca."

Ele nem falou comigo; ele apenas olhou para nós dois e foi embora.

Agachei-me ao lado dela e disse baixinho: "Você absolutamente não precisa aturar essa merda".

"Por favor," ela zombou. "Já lidei com babacas maiores que ele. Mas você provavelmente deveria ir. Você não me fez largar a caneca, mas seu rosto *distrai* muito. Além disso, todas essas garotas continuam te observando. Estou ficando com ciúmes.

Eu olhei em volta. Ninguém estava me examinando. Mas alguém *a estava examinando*. Um cara na cozinha estava olhando para ela pela janela onde os garçons pegavam a comida, seus olhos demorando um pouco demais. Eu o encarei até que ele se afastou.

Eu realmente quero que ela largue o segundo emprego. Não só porque eu odeio seu chefe e seus colegas de trabalho assustadores, mas ainda não completamos um mês inteiro de semestre e ela já está se esgotando. A única parte boa de estar tão ocupado é que isso faz com que o tempo que temos pareça mais especial.

Suas aulas são todas no lado oposto do campus. Na maioria dos dias, podemos pelo menos caminhar juntos para casa. Às vezes podemos almoçar escondido. Hoje passo no sindicato estudantil para comer sanduíches e depois tenho que correr até a biblioteca se quiser chegar a tempo de vê-la antes de ter que voltar ao centro atlético para pegar um lanche. alterado para o treino da tarde.

Contrabandeio o saco de papel com comida em minha mochila e subo para o quarto andar da Biblioteca de Artes e Ciências. Encontro-a no final de um dos corredores, perto do nosso lugar no canto dos fundos, onde normalmente conseguimos alguns minutos de privacidade. Eu fico lá e a observo por um minuto. Ela tem um carrinho de livros devolvidos que deveria estar guardando, mas está em cima de um deles. pequenos banquinhos de plástico, folheando as páginas de um livro, antes de estender a mão para colocá-lo no local designado na estante. Então ela pega o livro ao lado e começa a folhear as páginas. Olho para os títulos enquanto ando em direção a ela. Biografias, parece. Ela está tão absorta que nem percebe que estou bem ao lado dela.

"Com licença senhorita?" Eu sussurro.

"Deus!" ela grita, e o livro que ela segurava cai no chão.

"Shh", digo a ela, me abaixando para pegá-lo. "Isto é uma biblioteca."

Ao pegar o livro de mim, ela sorri e diz: "Quando você vai parar de me espiar?"

"Eu não estava tentando – você está apenas muito focado."

Ela olha para os dois lados antes de estender a mão para me puxar para mais perto e se inclina para me beijar. "Então é assim que é ser alta", ela reflete, ainda de pé no banquinho e cinco centímetros mais alta que eu. "É um mundo totalmente diferente aqui."

"Quer que eu comece a carregar um banquinho para você onde quer que vamos?" Eu pergunto.

"Por que eu acho que você não está totalmente brincando?"

"Ei, se você realmente quisesse isso, você sabe que eu faria isso." Eu seguro suas mãos enquanto ela desce e a puxo para um abraço. "Com fome?" Eu pergunto.

Ela balança a cabeça e verifica novamente para ter certeza de que ninguém vai nos ver, enquanto vamos até o final do corredor e seguimos para a nossa mesa de canto, que está escondida da vista. Enquanto desembulho nossos sanduíches, ela inclina a cabeça em meu ombro e geme: "Gostaria que pudéssemos ir para casa e ficar deitados na cama o dia todo".

"Eu também", suspiro. "Você estava com frio esta manhã. Até que horas você ficou acordado ontem à noite?"

"Não sei", diz ela, esfregando os olhos. "Tinha muita leitura para colocar em dia."

Toco seu rosto; ela tem essas olheiras sob os olhos. "Querido, você parece tão cansado."

"Está tudo bem, posso dormir até tarde amanhã; Não preciso estar no café até a tarde. Ainda temos um encontro hoje à noite, certo? ela pergunta.

"Definitivamente", digo a ela. "O treino termina às seis, mas se eu me apressar, provavelmente poderei estar em casa por volta das seis e quarenta e cinco."

"Você não precisa se apressar", diz ela, cobrindo a boca enquanto dá uma mordida no sanduíche. "Nossa reserva é só às oito."

"Reserva? Chique." Espero um pouco, tento avaliar um pouco melhor o humor dela. "Você está propondo casamento?"

Ela tosse e arregala os olhos para mim. "Não é *tão* chique."

Eu ri. Mas se ela fosse, eu diria totalmente que sim.

"Você é louco, sabia disso?" ela diz com um sorriso.

"Meu? Você é quem está propondo casamento depois de um mês", eu brinco.

"Vamos pelo menos esclarecer as coisas; são mais uns três anos."

"Então, você *está* propondo casamento?"

Ela balança a cabeça, tentando não rir. "Oh meu Deus, você é ridículo."

Eu cutuco seu ombro com o meu. "Você adora."

Ela assente. "Hum-hmm. Você está certo, eu tenho."

Estamos nos beijando quando alguém pigarreia.

"Ah", Éden diz. "Ei."

"Ah, desculpe." Um garoto que parece jovem demais para estar na faculdade é parado ali, posso ver que ele tem o mesmo crachá de trabalho e estudo que Eden tem. "Precisamos de ajuda lá embaixo, no balcão de circulação."

"Claro, sim. Desculpe. Eu estava apenas fazendo uma pausa rápida."

Ele dá de ombros e volta pelo corredor.

Ela se levanta e dá mais uma mordida antes de embrulhar a segunda metade do sanduíche, tentando enfiá-lo no bolso do moletom. "Óbvio?" ela pergunta.

"Não," eu minto. "Apenas certifique-se de terminar isso em algum momento."

"Eu vou." Ela aperta minha mão antes de ir embora, virando-se para sussurrar e gritar: "Vou pegar você às sete e quarenta e cinco, não se esqueça."

Termino meu almoço e verifico meu telefone. Esqueci que meu pai mandou uma mensagem quando eu estava na fila da lanchonete.

Sua mãe e eu estamos ansiosos para

ver você no seu aniversário na próxima semana. Os

grandes 21! Terça-feira ainda está bom? Mal posso esperar

para conhecer Éden.

Só que não contei exatamente a Eden que meus pais estarão aqui ou que querem nos levar para jantar, para conhecê-la. Não quis estressá-la ou colocar qualquer pressão extra sobre ela. Mas vou ter que fazer isso. Essa noite. Vou contar a ela esta noite.

ÉDEN

Sento-me no fundo da sala de aula para poder sair alguns minutos mais cedo sem chamar muita atenção. Cheguei mais cedo para cada uma das minhas aulas esta semana para explicar por que, tão cedo no semestre, eu teria que sair na próxima semana. Consegui a folga com a biblioteca e meio que com o Capitão Douchebag no café. Troquei de turno com alguém, mas ele disse que ainda precisava aprovar.

Neste ponto, deixe-o me despedir. Há pelo menos mais cinco cafeterias em um raio de dez minutos do campus. Tenho certeza de que pelo menos um deles está contratando.

Caminho para minha próxima aula, rápido, em uma missão. Esta é a última explicação formal que preciso dar. *Sou testemunha num processo judicial na minha cidade natal; Tenho que comparecer a uma audiência na próxima semana, então precisarei faltar à aula*. Essa foi a afirmação que eu e meu terapeuta levamos a maior parte da minha última sessão telefônica de cinquenta minutos para descobrir. E foi isso que eu disse a cada um dos meus professores. Cada vez, é passou muito bem. Não há perguntas ou preocupações reais de acompanhamento. Nenhuma manifestação emocional da minha parte.

Tenho minhas falas memorizadas.

Desço as escadas até a sala de aula, onde minha professora está no pódio tentando conectar seu laptop ao projetor, murmurando: "Maldita coisa!" E há algo tão humano nela, toda frustrada, que me lembra minha mãe.

"Hum, oi, desculpe," eu digo enquanto me aproximo.

Ela olha para mim e tira os óculos do topo da cabeça, colocando-os antes de falar. "Olá, o que eu posso fazer por você?"

"Meu nome é Eden McCrorey. Estou na sua seção de História Mundial esta tarde.

Ela balança a cabeça e olha para seu laptop, sem prestar muita atenção. "OK . . . e?" ela murmura, distraída. Mais uma vez me lembrando da minha mãe.

Respiro fundo. "É que vou ter que faltar à aula na próxima semana."

Ela tira os óculos e olha para mim, como se dissesse: *Ah, é mesmo?*

Abro a boca para continuar, mas percebo que já estraguei a ordem das minhas falas.

"Quero dizer", tento recomeçar, "tenho que comparecer como testemunha em um julgamento em minha cidade natal. Ou não um julgamento. Eu tropeço e caio nas palavras. "Ainda assim, de qualquer maneira. Na verdade, é apenas uma audiência." Mas então tenho a voz do meu terapeuta na minha cabeça, dizendo: *Não minimize, não peça desculpas*. "Bem, não que seja *apenas* uma audiência", acrescento.

Ela dá um passo em minha direção e vira ligeiramente a cabeça, como ela está tendo dificuldade em me entender. Não estou explicando isso direito. Não era isso que eu deveria dizer.

"É... é apenas uma audiência preliminar", gaguejo. "Para ver se vai haver um julgamento."

Respiro fundo e aperto a ponta do nariz. Duro. Tentando conter as lágrimas que estou sentindo percorrendo meu crânio. "Hum. . . desculpe, eu só...

Meus pulmões ficaram sem ar de repente e estou tendo dificuldades para reabastecê-los.

"Oh," ela murmura. "É o Édén, certo?"

Concordo com a cabeça, incapaz de responder por algum motivo. E então ela dá um passo em minha direção, com os braços estendidos. Eu não entendo. Ela está me abraçando antes mesmo de eu perceber que comecei a chorar.

“Oh, desculpe,” eu fungo através de seu cabelo fofo na minha cara.

“Está tudo bem”, ela diz, e meio que me balança para frente e para trás. Sinto minha bochecha cair em seu ombro, deixo meu peso cair sobre ela. “Está tudo bem”, ela repete.

Do nada, estou chorando como uma criança nos braços dessa estranha – ela é menor que eu, e posso realmente sentir meu corpo balançando o dela enquanto agarro os ossos afiados de seus ombros. Mas não consigo me conter. “Oh meu Deus, eu realmente sinto muito,” eu falo, me afastando dela. Puxo as mangas sobre as mãos e enxugo os olhos. Mas é um choro feio, todo arrogante e nojento.

Ela se vira e vai até sua pasta, remexendo por um momento antes de tirar um pequeno pacote retangular de lenços de papel. “Aqui,” ela diz, puxando um e entregando para mim.

“Sinto muito”, repito. “Esta é apenas a quinta vez que tenho que explicar isso. É a primeira vez que chorei, sorte sua.” Tento rir.

“Está tudo bem, Éden.” Ela me dá um sorriso carrancudo, uma inclinação de cabeça e um tapinha final nas costas. “Não há problema. Por que você não vem ao meu escritório horas depois de voltar, e vamos descobrir uma maneira de compensar o tempo?”

“Isso seria ótimo,” eu suspiro, minha respiração irregular. “Obrigado.” *Obrigada*, digo a ela silenciosamente, *por não perguntar por que estou chorando ou se estou bem*.

Ela me entrega o pacote inteiro de lenços agora. “Se você precisar perder a palestra de hoje, posso pedir a Lauren, minha professora assistente, que lhe envie a apresentação.”

“Não, está bem. Estou bem, de verdade”, digo por padrão.

“O autocuidado é mais importante do que ficar sentado aqui me ouvindo falar por duas horas sobre a política da Roma antiga. Sério”, ela diz. “Por favor.”

Diga sim, eu imploro a mim mesmo. *Apenas diga sim*.

“Na verdade” – suspiro, suspiro, suspiro – “Acho que isso pode ser útil se você tiver certeza de que não se importa. Foi uma semana muito longa.” Meu terapeuta ficaria muito orgulhoso de mim por aceitar esta pequena oferta de graça.

Mas agora são três horas da tarde e não tenho nada para fazer. É uma sensação estranha e inquietante, depois de meses de correria e de intermináveis coisas que precisam ser feitas para ter tempo. Pego um café e decido parar na loja a caminho de casa, pensando que talvez precise estocar alguns pacotes de lenços de viagem se vou ficar espontaneamente feio chorando em público.

Passo pelo balcão de atendimento ao cliente na frente da loja e olho as prateleiras de cigarros guardadas em segurança atrás do balcão. Eu poderia comprar um pacote. Basta ter um, jogar o resto fora e sentir muito mais capaz de lidar com tudo agora. Entro na fila, atrás da mulher mais velha que segura sua pilha de raspadinhas de loteria. Mas não vou querer apenas um, eu sei disso. E Josh sentiria o cheiro da fumaça no meu cabelo, sentiria o gosto na minha língua. Então ele se preocuparia. Observo enquanto a senhora na minha frente entrega seus bilhetes premiados e o caixa de vinte e poucos anos os examina, recitando quanto cada bilhete deve valer.

Eu saio da linha. Diga a mim mesmo que não preciso dos cigarros. Digo a mim mesmo que talvez sejam apenas hormônios – comecei a tomar pílula há apenas algumas semanas. Nunca tomei anticoncepcional antes e Mara me avisou que isso poderia mexer com minhas emoções. Eu não preciso exatamente de mais interferência nesse aspecto, mas com a quantidade de sexo que Josh e eu temos feito, não posso arriscar que nada aconteça. Digo a mim mesmo que é isso e não que estou me desfazendo lentamente à medida que a audiência se aproxima.

Estou andando pelos corredores, sem nem ter certeza do que estou fazendo. Sinto o cheiro de um pacote de morangos e o coloco de volta na mesa. Pego uma pêra e aperto delicadamente. Provei um cubo de queijo cheddar espetado com um palito.

Escolho um saco de café orgânico que é muito caro e carrego-o como um bebê enquanto continuo pelo corredor. E então vejo misturas de bolo, brownie e muffin. Troco o saquinho de café por uma mistura para bolo de chocolate.

Estou surpreendendo Josh com um jantar divertido neste lugar hibachi que ele me disse que seus pais o levaram em seu aniversário no ano passado. Estou tentando fazer algo especial para compensar preventivamente a falta do aniversário dele na próxima semana. É claro que não contei a ele que irei embora, porque ainda não contei a ele sobre a audiência. Venho dizendo a mim mesmo há semanas: *Amanhã. Vou contar a ele amanhã*. Mas então o amanhã nunca chega.

Eu pego meu telefone. Mal toca antes de minha mãe atender.

"Olá?" ela responde, parecendo alarmada. Não me lembro da última vez que liguei para ela em vez de mandar uma mensagem. "Éden, você está aí?"

"Oi. Sim. Está ocupado?"

"Não, de jeito nenhum", diz ela, embora eu possa ouvir telefones tocando ao fundo em seu trabalho. "O que está acontecendo?"

"Nada, só tive a tarde de folga e estou no supermercado."

"OK..."

"Estou tentando conseguir coisas para fazer um bolo. Para o aniversário de Josh — acrescento. "E pensei que talvez você tivesse algumas ideias. Eu quero fazer algo como um sabor de chocolate com manteiga de amendoim.

"Isso parece bom", diz ela. "Então, as coisas estão indo bem com ele? Com Josh", ela insere, fazendo questão de dizer o nome dele.

"Sim," eu digo a ela. "É bom. As coisas estão bem."

"Bom."

Há uma pausa dolorosamente estranha.

"Hum, então eu tenho uma mistura para bolo de chocolate, mas não vejo nenhum tipo de cobertura de manteiga de amendoim. Não sei, só lembro que você sempre fazia coberturas com sabores diferentes para nossos bolos de aniversário quando éramos crianças."

Ela ri. "Melancia baunilha. Esse foi seu nono aniversário", diz ela.

"Certo. Eu lembro. Essa foi boa."

"Deixe-me ver." Posso ouvi-la digitando em seu computador de trabalho. E enquanto espero, ouvindo-a respirar ao telefone, meio que cantarolando para si mesma enquanto rola a tela, gostaria que ela estivesse comigo agora. "Ah, aqui vamos nós. Eu acho que encontrei algo. Sim, esta é uma receita fácil de glacê. Tudo que você precisa é de manteiga de amendoim, cobertura batida, calda de chocolate e mini copinhos de manteiga de amendoim

- tudo isso que você realmente deveria ter estocado em sua cozinha, como estudante universitário.

Demoro um segundo para perceber que ela realmente fez uma piada. "Oh." Eu ri. "Eu pensei que você estava falando sério por um minuto."

"Eu estou sério! Você deveria ter muita comida lixo por perto para todos os seus estudos noturnos.

"Ok, vou resolver isso."

"Vou lhe enviar a receita por e-mail", diz ela, e posso ouvir o sorriso em sua voz. "Ou eu poderia tentar enviar uma mensagem de texto."

"E-mail está bem. Posso obtê-lo no meu telefone de qualquer maneira.

"Enviando agora." Eu a ouço digitando novamente.

"Obrigado, vou deixar você saber como ficou."

"Bem, deixe-me saber se precisar de ajuda."

"OK."

"Vejo voce na proxima semana. E, Éden? Ela adiciona. "Você consegue."

Não tenho certeza se ela está falando sobre o bolo ou sobre a audiência, e não sei se concordo com nenhum dos dois, mas digo a ela: "Obrigado, mãe".

Um minuto depois de desligar, recebo uma notificação do meu banco informando que minha mãe me enviou trinta dólares com o bilhete: *Para o fundo do bolo de aniversário!*

Desde que estive fora, ela tem me surpreendido com esses pequenos gestos que me dizem que ela realmente se importa que eu esteja bem aqui.

Decidi comprar tudo - tigelas, uma assadeira, um batedor, uma espátula, copos medidores - porque presumi corretamente que não tínhamos nenhuma dessas coisas no apartamento.

É bom não ter que pensar em nada além de bater os ovos, a água e o óleo na mistura de chocolate em pó. Estar fazendo algo por outra pessoa.

Parker chega em casa no momento em que estou colocando o bolo no forno.

"Uau, o que está acontecendo aqui?" ela pergunta, parando na ilha da cozinha para passar o dedo pelo interior da tigela. "Sinceramente, nem sabia se aquilo funcionava."

"O quê, o forno?"

Ela balança a cabeça e lambe a massa do bolo do dedo, murmurando: — Hum.

"Estou fazendo um bolo de aniversário para Josh."

"Ah, colega de quarto." Ela me dá esses olhos grandes de corça. "Isso é realmente muito fofo."

"Você ainda vem esta noite, certo?" Pergunto a ela pela vigésima vez.

Ela hesita. "Na verdade, eu estava pensando em ficar porque esta semana foi um chute na minha bunda, mas tudo bem. Você me convenceu com esse maldito bolo. A que horas devo estar lá?

"Oito. Afiado. Não, sete e quarenta e cinco. Você e Dominic estão trazendo os balões para que ele não suspeite de nada.

"Então, o que você está dizendo é que eu realmente nunca tive escolha, não é?"

Eu sorrio, balanço minha cabeça. "Não."

"Tudo bem, você é um mestre da manipulação", ela diz, e arrasta a bolsa atrás dela enquanto se dirige para o quarto. "Tirando uma soneca. Acorde-me às sete e quinze.

“Ok,” eu digo atrás dela.

Nunca tive um amigo como Parker. Mas então, eu realmente não tinha muitos tipos diferentes de amigos. Eu gosto dela, no entanto. Ela não é muito sensível às emoções ou excessivamente educada ou calorosa, mas de alguma forma isso é bom. Ela não parece se importar que Josh esteja aqui o tempo todo ou que eu passe metade do meu tempo lá. Ela está confortável com quem ela é e, por algum motivo, isso também me faz sentir confortável. Tipo, nenhum de nós precisa fingir ser outra coisa senão quem somos. Embora tenhamos criado um alter ego para comida para viagem, combinando nossos nomes “Kim McCrorey” e “Eden Parker”. Rimos muito sobre isso outra noite, quando um entregador apareceu em nosso apartamento e disse que tinha um pedido de Kimberly.

Vou pegar a receita da cobertura e vejo que tenho uma mensagem da minha mãe:

Olá, Éden, mamãe aqui. Lembre-se que
é preciso deixar o bolo esfriar por pelo menos
duas horas antes de cobri-lo. Deixe descansar
em temperatura ambiente por 30 minutos e
depois coloque na geladeira pelo
resto do tempo. Com amor, mãe

Se isso não fosse tão novo para nós, talvez eu cutucasse ela, diria algo como, *você não precisa usar saudações formais em seus textos*. Mas eu apenas escrevo de volta: OK, eu irei. THX

Sigo as instruções, passo a passo, medindo e misturando a manteiga de amendoim, a cobertura batida, a calda de chocolate e os mini copinhos de manteiga de amendoim. Coloco na geladeira para esfriar e sento no sofá vermelho desbotado enquanto espero o bolo terminar de assar.

Ainda restam vinte e três minutos no cronômetro do forno.

Vinte e três minutos para sentar e não fazer nada.

Meu cérebro aproveita a oportunidade para me aterrorizar com dúvidas e perguntas para as quais não tenho respostas. Pego os e-mails de Lane que venho evitando ler no último mês. Ela se ofereceu para ligar comigo várias vezes para conversar durante o processo de audiência. E é só agora, às cinco e meia da última sexta-feira, antes de tudo começar na manhã de segunda-feira, quando ela certamente estará fora do escritório, que finalmente sinto a necessidade urgente de falar com ela. E-mail de hoje de Lane:

Feliz sexta-feira, Éden:

Apenas um lembrete de que visitaremos o tribunal às 8h de segunda-feira. Tente passar algum tempo neste fim de semana revisando o relatório policial e o depoimento que você deu ao Det. Dodgson, então está tudo fresco em sua mente. Eu sei que o DA Silverman enviou uma cópia impressa, mas em anexo você encontrará um PDF para sua conveniência.

Certifique-se de vestir algo confortável e natural (modesto, por falta de palavra melhor). Pense em negócios casuais. Deixe-me saber se você tiver alguma dúvida.

Vejo você em breve,

Faixa

Eu me pergunto se ela enviou a mesma coisa para Mandy e Gennifer. Muitas vezes me perguntei se os advogados realmente saberiam se conversássemos, me perguntei se conseguiríamos contornar as regras. Porque em um nível muito profundo, eu queria saber o que ele fez com eles e queria que eles soubessem o que ele fez comigo. Não o detalhes, mas mais o *como*. Não sei por que — acho que é porque ainda não tenho certeza, mesmo depois de tantos anos, de como isso aconteceu comigo.

Mas eu resisto.

Em vez disso, pesquiso o termo business casual e vejo muitos blazers sobre tops de cores vivas. Estou pensando que qualquer coisa brilhante não é o caminho a seguir. E eu não possuo um único blazer.

Finalmente mandei uma mensagem de volta para Amanda agora. Penso em me desculpar por demorar tanto. Estou tentando inventar uma desculpa para explicar por que demorei um mês para entrar em contato com ela, mas ela provavelmente não se importa com isso; ela só quer minha resposta, então eu dou a ela.

Sim. Eu voltarei.

Vejo imediatamente os três pontos ao lado do nome dela, dançando como átomos excitados. Aguardo uma resposta. Isso não vem.

O temporizador do forno dispara. Jogo meu telefone no sofá e corro, abrindo a porta do forno e enfiando a mão dentro, esquecendo o novo conjunto de luvas de forno que coloquei no balcão.

"Merda!" Eu sibilo. "Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se", eu sussurro enquanto abro a torneira e passo a mão sob a água fria. Olho novamente para o bolo ali, a porta do forno aberta como uma boca, e então observo duas linhas vermelhas florescendo na palma da minha mão esquerda, uma marca de mordida de algum tipo de animal raivoso.

JOSH

Ela bate na minha porta exatamente às sete e quarenta e cinco. Abro, pronta, mas não preparada para a aparência dela. "Ah, uau."

Ela ri. "Oh, uau para você também."

"Desculpe, mas você parece. . ." Ela olha para si mesma. Ela está usando um vestido – a única vez que eu a vi usando um vestido foi a primeira vez que ela veio à minha casa. Era para ser nosso primeiro encontro, só que ela não queria ir a lugar nenhum. "Você parece realmente. . ."

"Realmente?"

"Realmente incrível."

"*Você* está realmente incrível", ela diz, e me puxa para perto dela para um beijo. "Esta pronto?"

Ela desce as escadas e vai até seu carro. "Estavam dirigindo?"

"Não é muito longe, mas. . ." Ela levanta o calcanhar de uma forma adorável que a faz parecer que está prestes a dançar. "Não com esses sapatos."

"Tem certeza de que isso não é chique?"

"Oh meu Deus, não estou pedindo em casamento, Josh!" Ela ri enquanto destranca as portas.

Eu entro e aperto o cinto. "Eu me sinto mal vestido."

"Você não está, estou apenas vestido demais."

"Hum, bem. . . para mim, você está sempre vestido demais."

"O que você quer dizer?" Ela me olha de soslaio enquanto se afasta do meio-fio. "Eu nunca me visto bem."

"Não", digo a ela, estendendo a mão para tocar seu joelho nu. "Quero dizer, vestido demais, você está sempre usando demais."

Ela engasga, fingindo estar escandalizada. "Bem eu nunca!" Ela deixa a mão flutuar até o coração e percebo que está enrolado em um curativo. "Tire sua mente da sarjeta, Miller." Ela ri. "Ou pelo menos tenha a decência de esperar até que eu faça a proposta."

"Ok, mente oficialmente fora da sarjeta." Pego a mão dela e tento ver ao redor do curativo. "O que diabos aconteceu com sua mão?"

"Oh, nada", ela diz, balançando a cabeça. "Acabei de ter um pequeno acidente na cozinha."

"Você se cortou?"

"Não, é como uma pequena queimadura. Está bem."

"Tem certeza? Isso não parece minúsculo."

"Sim eu tenho certeza. Eu sou durão, você sabe. Posso aguentar um pouco de queimadura."

"Eu sei que você é durão." Levo a mão dela aos meus lábios e beijo a parte externa do curativo, meio chocada com o quanto estou chateada por saber que ela se machucou de alguma forma. "Mas ainda."

Ela retira a mão e toca meu rosto enquanto olha para mim. "Você se preocupa muito."

"Acostume-se com isso", digo a ela. "Esse é todo o meu truque."

Ela sorri, mas não diz nada. E estou observando-a tão de perto que nem percebo que o carro parou até que ela se vira para olhar para mim e diz: "Chegamos".

"Aqui?" Eu olho pela minha janela. "Espere, estamos indo para cá? A Tigela Flamejante. Eu amo esse lugar."

"Eu sei", ela diz com uma risadinha. "É por isso que eu trouxe você."

Entramos alguns minutos antes das oito. Eden dá seu nome ao anfitrião e somos direcionados para a área do bar para esperar até que nossa mesa esteja pronta. Pego a mão de Eden, mas ela fica tensa e se afasta suavemente. "Merda, desculpe. Eu esqueci."

"Está tudo bem", ela diz suavemente, e se move para o outro lado de mim, oferecendo a mão direita. "Eu não vou quebrar."

Vejo Éden olhar para trás e sorrir, mas antes que possa perguntar por quê, ouço duas vozes distintas, uma em cada ouvido, sussurrando: "Surpresa!"

Eu pulo e giro. Dominic e Parker estão gritando e gritando: "Oh meu Deus, sua cara!"

"Você viu isso?" Parker exclama, puxando Eden para um abraço enquanto ela entrega um monte de balões, com barbantes amarrados, flutuando sobre nossas cabeças.

"O que . . . o que é isso?" Eu pergunto.

"É a sua festa surpresa de aniversário!" Eden grita, jogando os braços em volta de mim.

"Meu aniversário é só na próxima semana."

"Eu sei, essa é a surpresa", diz ela, rindo. "Você está realmente surpreso?"

"Sim!" Estou definitivamente surpreso.

"Graças a Deus você finalmente está aqui. Alguém já me parou para perguntar onde ficava o banheiro", diz Parker, tomando um gole de seu pequeno copo de saquê de cerâmica.

"Por que alguém perguntaria onde ficava o banheiro?" Éden pergunta.

"Bem, porque sou asiático, devo trabalhar aqui."

"Oh meu Deus, o que você disse?"

Dominic começa a rir, e eu também.

"O que estou perdendo?" Éden pergunta.

"Isso acontece muito, você vai ver. Então minha resposta é dizer a eles em coreano que *eu não trabalho aqui, idiota*. Eles vão embora bem rápido."

"Isso é brilhante!" Eden bate palmas e ri com todo o corpo.

Olho para Dominic, sorrindo enquanto ele me observa observando Eden. "O que?" Eu pergunto a ele, aproximando-me para ficar ao lado dele.

Ele balança a cabeça e me passa uma Coca-Cola com limão, que já pediu para mim no bar. "É muito bom ver você feliz, só isso." Ele levanta o copo. "Feliz aniversário cara."

"Obrigado."

Durante todo o jantar, conversamos e rimos e Eden faz questão de contar a todos que é meu aniversário. E o chef continua me chamando de "o aniversariante" mesmo enquanto ele faz toda a encenação da refeição, equilibrando, cortando e jogando ingredientes e colocando fogo na grelha inteira. Eu normalmente me sentiria estranho com a atenção especial – eu nunca deixava meus pais dizerem aos restaurantes que era meu aniversário quando eu era mais jovem, por medo de que toda a equipe aparecesse e cantasse "Parabéns pra você". E é exatamente isso que acontece. Parker grava um vídeo. Eu ficaria envergonhado, com todo o restaurante aplaudindo para mim, mas posso dizer que isso está deixando Eden muito feliz. E então ela me beija bem ali na frente de todos — me beija de verdade — e todos explodem em aplausos estridentes.

Eu me inclino e digo: "Eu te amo".

Ela apoia a cabeça no meu ombro por um momento e diz rápida e baixinho: “Você também”.

Depois da arte performática que é o hibachi, resta terminar de comer. Eden diz: “Reservem espaço para a sobremesa, pessoal”.

Parker larga os hashis e diz: “Ah, sim. Dei uma espiada e definitivamente vamos querer economizar espaço.”

Todos nós entramos no carro de Eden, com nossos contêineres para viagem e os balões enchendo o banco de trás.

“Obrigado”, digo a eles novamente. “Esta foi uma surpresa de aniversário muito divertida.”

Dominic diz: “Era tudo sua namorada”.

Minha namorada, repito mentalmente, adoro o jeito que isso soa.

“E . . .”, acrescenta Eden. “Ainda há mais uma coisa.”

“Mais?” Eu pergunto.

“Sim, você não é o único que pode planejar encontros com várias partes.”

Quando chegamos em casa, Eden instrui Dominic e Parker a me acompanharem até o telhado. “Levantarei em um minuto”, diz ela.

Enquanto esperamos no telhado, Parker pigarreia e anuncia: “Então, estamos conversando esta noite e só queremos que você saiba que achamos que você realmente encontrou uma boa.”

“Eu sei que tive muitas dúvidas antes”, admite Dominic, “mas vocês claramente fazem um ao outro delirantemente feliz, então não há como discutir isso”.

“Não que você precise da nossa bênção ou algo assim”, acrescenta Parker. “Pensei em lhe dar um pequeno feedback não solicitado.”

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Eden está passando pela porta do telhado e, quando ela se vira e deixa a porta se fechar atrás dela, vejo que ela está carregando um bolo com velas acesas por toda parte. Eles começam a cantar para mim pela segunda vez hoje à noite, e enquanto ela coloca o bolo na mesa de vime, vejo que há copinhos de manteiga de amendoim misturados à cobertura.

“Oh meu Deus, você não fez isso,” eu digo. “Pote de creme de amendoim?”

“Faça um pedido”, ela responde, apertando-se ao meu lado no sofá de dois lugares, passando o braço em volta do meu ombro.

Eu olho para ela e penso: *não tenho mais nada a desejar*. Mas eu não digo isso. Eu me inclino para frente e apago as velas de qualquer maneira. Ela me beija na bochecha, depois se levanta para pegar uma sacola no canto e tira pratos e utensílios – não papel – que ela deve ter trazido aqui antes.

“Você realmente planejou tudo isso, não foi?” Eu pergunto a ela.

Ela dá de ombros, mas não consegue esconder o sorriso enquanto tira as velas do bolo e as coloca em um guardanapo. “Tudo bem, já que é seu aniversário, você tem que fazer o primeiro corte, e depois o próximo aniversário tem que tirar a faca.”

“Nunca ouvi falar disso”, diz Dominic.

Parker balança a cabeça. “Nem eu.”

“Realmente?” Eden pergunta. “Sempre fizemos isso na minha família.”

“Gosto dessa tradição”, digo a ela. Tento posicionar a faca para fazer uma fatia de tamanho decente.

“Maior”, grita Parker.

"Ok, como é isso?"

"Perfeito", diz Édén. "Então, quem é o próximo aniversário?"

Dominic levanta a mão e diz: "Julho".

"Abril", acrescenta Parker.

"Acho que sou eu, então. Novembro", explica Eden, colocando a mão sobre a minha no cabo da faca.

Ela distribui os pratos de bolo e distribui os garfos, e não consigo deixar de pensar que este é o melhor aniversário que já tive. Ela me observa enquanto eu dou uma mordida. "Você gosta disso?" ela pergunta.

"É delicioso." Dou outra mordida e agora ela também. "Mas eu pensei que você fosse anti-manteiga de amendoim e chocolate?"

"Você poderia ter me convertido."

"Josh", diz Parker, "você sabe que Eden fez esse bolo, certo?"

"Espere, *você* fez isso?"

"Bem, não do zero, mas sim."

"Oh meu Deus, parece que vem de uma padaria de verdade."

Ela dá outra mordida. "Ok, é muito bom. Para manteiga de amendoim com chocolate.

Quando entramos no meu quarto, Eden coloca a bolsa na minha cômoda e tira os sapatos, tira o suéter dos braços e pendura-o nas costas da minha cadeira. Eu amo que ela pareça confortável aqui. Se não fosse tão cedo, eu pediria a ela para morar comigo.

"Obrigado por esta noite." Envolver meus braços em volta de sua cintura por trás. "Você é tão atencioso, sabia disso?" Beijo seu cabelo, seu pescoço. "Tão doce."

"Realmente?" Ela se vira para me encarar. "Atencioso *e* doce? Ninguém me diz isso há muito tempo."

"Bem, você é."

"Não, você vai", diz ela, tocando a lateral do meu rosto com a mão sem curativo.

"Você é fisicamente incapaz de aceitar um elogio, não é?"

Ela olha para cima e sorri de um jeito que me faz sentir quase tonto quando ela coloca os braços em volta dos meus ombros. Minhas mãos encontram seus quadris automaticamente, e nós meio que balançamos desajeitadamente de um lado para o outro enquanto nos aproximamos.

"O quê, estamos dançando ou algo assim?" ela pergunta.

"Por que não?" Eu pergunto de volta, balançando-a mais intencionalmente.

"Não há música", ela ressalta.

"Bem, tem música tocando na minha cabeça," eu brinco, me comprometendo com essa vertigem cafona crescendo dentro do meu peito.

Ela joga a cabeça para trás de tanto rir. "Oh meu Deus, você realmente acabou de dizer isso?" Ela ri, todo o seu rosto se iluminando enquanto ela se aproxima para me beijar. "Seu nerd gigante."

Tiro a mão dela do lugar onde ela está apoiada em meu pescoço, levanto-a no ar e giro-a desajeitadamente em um círculo lento. Quando eu a puxo de volta, ela se empurra contra mim, ficando na ponta dos pés para me beijar novamente, sem rir desta vez.

"Olhe para mim", diz ela, segurando meu queixo. "Eu amo tudo em você."

Gosto de pensar que sou tão nivelado o tempo todo, mas às vezes ela pode surgir do nada, como agora, e dizer algo tão maravilhoso e estonteante que me faz desmoronar completamente. Ela tira minha camisa pela minha cabeça, sua boca na minha pele, e eu movo minhas mãos por todo o vestido, testando de cima a baixo, tentando descobrir de que maneira ele sai. “Como você... eu não vejo. . . ?”

“Zíper.” Ela ri e se vira para que eu possa descompactá-la vestir. “Mas espere, há um pequeno gancho no topo que você precisa desfazer primeiro.”

“Eu vejo isso.” Com cuidado, destravo o delicado prendedor de olho e lentamente abro o zíper do vestido. Eu traço a curva de suas costas enquanto os dois lados se separam. Ela estende a mão para tirar o cabelo da presilha e, enquanto passa os dedos por ele para sacudi-lo, posso sentir o cheiro de seu xampu ou o que quer que seja que nunca deixa de me fazer desejá-la ainda mais do que sempre desejo.

Ela se move em cima de mim enquanto subimos juntos na cama, seu cabelo caindo sobre minha pele nua enquanto ela beija meu peito, meus braços, minha barriga. Não sei como ela consegue me relaxar e me excitar ao mesmo tempo – algo que eu nunca soube que estava perdendo antes dela. Posso sentir sua respiração enquanto ela dá pequenos beijos no centro do meu corpo, sinto sua boca sorrindo quando ela alcança meus lábios. Então ela se apoia no cotovelo, passando para o meu lado, as mãos tão quentes na minha cintura enquanto ela olha para baixo. “Você sabe que eu realmente te amo, certo?”

“Eu sei”, digo a ela, deixando meu dedo traçar o formato de seus lábios. “Eu realmente amo você também.”

Ela encosta a cabeça no meu peito e inspira profundamente, acomodando-se em meus braços. “Podemos ficar aqui por um minuto?” ela sussurra.

“Podemos simplesmente ficar deitados aqui a noite toda.”

Ela levanta a cabeça. “Sim?” ela pergunta.

“Na verdade, estou muito cansada”, admito. “Quero dizer, não me entenda mal, eu definitivamente poderia me recuperar.”

Ela solta uma pequena rajada de ar contra meu pescoço, uma risada silenciosa, enquanto abaixa a cabeça. “Eu também poderia”, diz ela, enquanto se estica ao lado do meu corpo, colocando a perna sobre a minha. “Mas isso é bom”, ela sussurra.

“Sim,” eu concordo, meu braço encontrando um local de descanso perfeito ao longo de suas costas.

Este seria o momento de contar a ela sobre a visita de meus pais. Coloquei minha outra mão em cima da dela no meu peito, sentindo a bandagem transparente por baixo. “Você queimou a mão fazendo meu bolo, não foi?”

“Erro amador”, diz ela. “Esqueci as luvas de forno.”

Beijo a palma da mão dela. “Você colocou algo nele, como aloe vera ou algo assim?”

Ela assente. “Sim, não se preocupe.”

Acordo com um estranho som de chocalho que não consigo identificar. Abro os olhos e rolo na cama. Demoro um segundo para lembrar que estamos no meu quarto e não no dela. Ela não está na cama. Aperto os olhos enquanto olho para o outro lado da sala.

Está muito escuro para ver muito mais do que a silhueta de Éden pela luz da lua que entra pela janela. Estou prestes a dizer a ela como ela está linda, ali parada, de costas para mim.

Mas então percebo qual era o barulho.

Comprimidos. Ouço o barulho do plástico raspando na tampa sendo colocada de volta na garrafa. E vejo o braço dela se abaixar para enfiá-lo de volta na bolsa. Ela leva a mão em concha à boca e pega uma velha garrafa de água na minha cômoda e a leva aos lábios.

Quando ela se vira, fecho os olhos. A cama range quando ela se senta ao meu lado novamente. Seu corpo está frio agora quando ela se apoia em mim e puxa meu braço em volta de sua barriga. Eu a sinto inspirar profundamente e depois suspirar.

"Ei. Você está bem?" Eu pergunto a ela.

"Mm-hmm", ela cantarola.

Beijo sua nuca e a puxo para mais perto. "Eu sei que não é da minha conta, mas. . . — eu começo, e ela se vira para me encarar. "O que você está pegando?" Eu sussurro.

"Oh," ela respira. "Não é nada."

"Bem, já vi você fazer isso algumas vezes, quando você pensa que estou dormindo." Empurro seu cabelo para trás da orelha e tento ser gentil. "Eu sei que não é da minha conta", repito. "Mas você está bem?"

"É só para me ajudar a dormir."

"Você está tendo problemas para dormir de novo?"

"De novo não", ela me corrige. "Ainda."

Como eu não sabia disso? "Oh. Me desculpe," eu sussurro. "O que posso fazer?"

Ela se enrola em mim e diz: "Isso".

Aperto meus braços ao redor dela e decido não mencionar as outras pílulas que vi em seu quarto.

"Não é da sua conta, Josh", diz ela. "Eu ia te contar; Eu só não queria que você se preocupasse."

"Obrigado por me contar agora. Na verdade, isso me deixa um pouco menos preocupado só de saber."

"Realmente?" ela pergunta, sua voz soando baixa no silêncio da noite.

Eu concordo.

"Há mais uma coisa que preciso lhe contar."

"Tudo bem?" — respondo, tentando me preparar para parecer surpreso com as outras pílulas.

"Uma das razões pelas quais eu queria comemorar seu aniversário mais cedo", ela começa, "é porque tenho que estar ausente na próxima semana".

E agora ela me surpreendeu pela segunda vez esta noite. "Espere, onde? Por que?"

"Há uma audiência. Terei que voltar para casa por pelo menos alguns dias. O promotor disse que eu deveria planejar a semana inteira, só para garantir."

"O que?" Eu digo muito alto. "Mas eles não podem simplesmente esperar que você desista de tudo no último minuto."

"Sim", ela sussurra, olhando para baixo enquanto passa os dedos ao longo da minha clavícula, pescoço, mandíbula. "Eu sei disso há alguns meses."

Eu não sei o que dizer. Não sei por que ela não teria me contado. Mas isso não é o mais importante agora, então tento tirar isso da cabeça. "Eu vou com você, obviamente."

"Não." Ela para de tocar meu rosto e finalmente encontra meus olhos. "Realmente não é grande coisa."

“É um grande negócio.” Eu sento agora. “Posso apenas perguntar, por que você não me contou antes?”

Ela também se senta e puxa o lençol para perto do corpo. “Não fique bravo—”

“Não, não estou bravo”, interrompo. “Não estou nem um pouco bravo com você; Eu estou apenas...” Eu me impedi de dizer “preocupado” e optei por “confuso”.

“As coisas têm sido tão maravilhosas”, diz ela, esfregando a cabeça como se estivesse doendo.

“Sim, eu concordo. “Eles têm. Eles são.”

“Bem, eu não queria estragar tudo falando sobre toda essa merda.”

“Ok, mas também não podemos simplesmente ignorar isso.”

“Você acha que eu não sei disso?” ela grita comigo.

Eu balanço minha cabeça. “Não, claro que não. Isso não foi o que eu quis dizer.”

Ela suspira. “Eu sei, desculpe.”

“Tudo bem.”

“Jesus Cristo. Ver?” ela diz, com a voz trêmula. “Isso é por que. É exatamente por isso que eu não queria deixar isso entrar.” Ela balança a mão no ar, neste pequeno espaço entre nós. “Isso estraga tudo.”

“Ei, me escute”, digo a ela, pegando sua mão. “Está tudo bem, ok?”

Ela começa a balançar a cabeça.

“Conosco, quero dizer. Está tudo bem conosco. Nada pode estragar isso.” O que não digo é que *já* existe. Sempre existiu. “Deixe-me ir com você, no entanto.”

“Não.”

“Éden-”

“Não poderei fazer isso se você estiver aí, Josh.”

Não consigo imaginar o que meu rosto está fazendo agora, mas tento o meu melhor para limpá-lo de qualquer reação.

“Não, o que quero dizer é que não quero que você ouça os detalhes. Sinceramente, não quero que ninguém ouça nada disso.” Ela faz uma pausa e olha para mim, esperando, debatendo. “Ele vai estar lá. Você realmente quer estar na mesma sala que ele? ela pergunta, mas não espera por uma resposta. “Eu não.”

“Então, você vai fazer isso sozinho?”

“Sim.”

“E sua mãe? Tenho certeza que ela iria querer...”

Ela balança a cabeça. “Ela também está testemunhando, então ela não pode estar presente para mim; Eu não posso estar lá para ajudar ela. E eu não gostaria que ela fosse lá de qualquer maneira. A única maneira de conseguir fazer isso é sozinho.” Ela olha para mim. “O que? Por que você está olhando assim para mim?”

“Não, nada. Estou apenas pensando. Só estou tentando entender. Por que ela prefere fazer isso sozinha quando estou me oferecendo para estar com ela? Tenho tantas perguntas que mal sei por onde começar. “Mas pensei que sua mãe não soubesse de nada sobre o que aconteceu. Ela não fez isso, certo? Eu pergunto, porque seria incrivelmente fodido se ela fizesse isso. Mas o que eu digo é: “Sobre o que ela vai testemunhar se não soubesse?”

“Josh,” ela geme, “por favor, por favor, eu não quero...”

“Eu só quero ajudar, Éden.” Toco seu rosto e beijo sua testa antes que ela possa se afastar. “Eu só quero saber o que está acontecendo.”

Ela rola de costas e olha para o teto. “Minha mãe não sabia. Mas ela viu alguma coisa. Algo que ela pensava ser outra coisa.”

“O que isso significa?” Eu pergunto. “O que ela viu?”

“Na manhã seguinte, ela viu sangue na minha camisola e nas pernas, nos lençóis.”

Sangue. A palavra ecoa na minha cabeça. Meu coração começa a disparar — não, ele acelera, depois para abruptamente, gaguejando.

Eden limpa a garganta e continua, mais quieta. “Ela presumiu que eu acabei de menstruar. Eu acho. Quero dizer, por que ela pensaria outra coisa? ela acrescenta, mais para si mesma. “E naquela manhã, eu meio que tentei contar a ela, ao meu irmão também, mas na verdade não contei a eles. Eu... eu não fui claro. Eu queria que eles adivinhassem. Eu não queria ter que dizer isso. Eu não sabia como dizer isso. Então, eu não sei. Acho que eles querem saber sobre aquela manhã do ponto de vista da minha mãe e de Caelin.”

Estes são os detalhes. Camisola. Pernas. Folhas. Sangue. É por isso que ela não me quer lá. “Ver?” ela pergunta. “Você não se sente melhor sabendo disso, não é?”

“Isso não é... isso não importa, eu. . .” Tento encontrar a coisa certa a dizer, mas não consigo.

“Estou ficando cansada”, diz ela, virando-se para pressionar as costas contra mim, puxando meu braço ao redor dela novamente, encerrando a conversa. Ela leva minha mão à boca e beija suavemente as pontas dos dedos. “Obrigado por oferecer, de verdade.”

Tento o meu melhor para relaxar, mas todo o meu corpo está tenso agora. Eu a seguro enquanto ela adormece e tento não pensar no sangue, na camisola, nas pernas ou nos lençóis. Procure não pensar nela esperando que alguém veja, para adivinhar, o que aconteceu. E, finalmente, tento não imaginar o que faria se algum dia me encontrasse novamente em uma sala com ele.

ÉDEN

Preciso de toda a minha força de vontade para me arrastar para fora da cama de Josh na manhã seguinte. Coloco meu vestido de volta e pego minha bolsa, suéter e sapatos. Ele está deitado de bruços com os braços em volta do travesseiro. Sento-me na beira da cama dele, me permitindo esse raro momento de silêncio para admirá-lo. Passo a mão pelas costas dele e me inclino para beijar seu ombro, mas ele está tão cansado que não acorda.

Lá embaixo, Parker está na cozinha, se espreguiçando, com os fones de ouvido ainda colocados — ela já saiu para correr esta manhã —, bebendo um de seus saudáveis smoothies verdes, parecendo toda brilhante e vibrante, comparada a mim. Estúpida e exausta com a maquiagem de ontem e o cabelo bagunçado, o zíper do meu vestido descendo pelas minhas costas a cada movimento que faço.

Ela tira os fones de ouvido e ri quando me vê. “Ei, colega de quarto”, ela diz. “Vejo que você está abraçando esse passo de orgulho esta manhã.”

“O quê?” Murmuro, colocando minha bolsa no balcão e deixando meus sapatos caírem no chão.

“Você sabe, a jornada do triunfo, o passeio sensual, o saque-”

“Você está inventando isso agora?” Eu pergunto com uma risada.

“Você precisa tirar o nariz da chamada *literatura importante*”, ela diz, no que eu acho que deveria ser um sotaque britânico. “Pegue uma revista de vez em quando, mulher.”

“Para sua informação”, digo a ela enquanto me sirvo de um pouco de água da geladeira. “Tivemos uma sessão de aconchego muito agradável ontem à noite.”

“Aconchega-se, claro”, ela diz, se espreguiçando. “Você quer um smoothie?”

“Ugh, nojento. Não. Vou tomar um café no trabalho.”

“Ah sim. Café e sem comida, o café da manhã dos campeões.”

Abro o armário e tiro uma barra de granola. “Feliz?”

Ela passa um braço sobre o peito e depois o outro, dizendo: “Eu acho”.

“Você precisa entrar aí?” Eu pergunto, apontando para o banheiro. “Tenho que me preparar.”

“Todo seu”, ela diz enquanto começa a correr em direção ao seu quarto. “Estou prestes a ir para a piscina de qualquer maneira.”

“Ei, Parker, hum, posso... ..?” Começo, sem saber bem como terminar.

Virando-se, com as mãos perto da cabeça, prestes a colocar os fones de ouvido de volta, ela olha para mim. “O que?”

“Não é grande coisa nem nada, mas eu queria te dizer que estarei fora por alguns dias na próxima semana. Eu só preciso ir para casa para fazer alguma coisa.”

“Oh.” Ela deixa as mãos caírem e dá um passo em minha direção. “Está tudo bem?”

“Yeah, yeah. É só... — eu poderia contar a ela. Neste momento eu poderia contar a verdade a ela, mas algo me impede, como sempre. “Está tudo bem, só estou avisando.”

“Tem certeza que?”

“Sim.” Concordo com a cabeça e sorrio e começo a puxar a embalagem da minha barra de granola. Ela me observa por alguns segundos, até que eu dou uma mordida, mastigo e engulo. “Realmente, isso é tudo.”

“Ok,” ela diz lentamente, então finalmente se vira para entrar em seu quarto.

Como o resto da minha barra de granola e entro no chuveiro. Quando saio, Parker já se foi e entrei em pânico só de pensar no que vai acontecer esta semana. Meu coração está acelerado e estou respirando pesado. Entro na cozinha de toalha, pingando água por toda parte, jogando todo o conteúdo da minha bolsa no balcão para encontrar meus comprimidos. Eu levo dois. Não tenho tempo para um maldito ataque de ansiedade agora.

Chego às 12h02 e o Capitão Babaca está parado nos armários, esperando para me dizer que esta é a terceira vez que estou atrasado e que devo considerar isso como meu aviso verbal.

“Desculpe,” murmuro.

“Não se desculpe,” ele grita para mim. “Basta chegar aqui na hora certa. Não é tão difícil.”

Ele se afasta e, enquanto coloco minhas coisas no armário e tiro o avental para amarrar na cintura, percebo que um dos cozinheiros, Perry, acaba de me pegar revirando os olhos para o nosso gerente. Mas ele apenas balança a cabeça e ri silenciosamente, felizmente entendendo. Eu meio que dou de ombros e sorrio de volta.

No meio do meu turno, às quatro horas, tem uma garota na fila, um pouco mais velha que eu. Ela está olhando para mim. Quando chega a sua vez, ela vai até o balcão e sorri daquele jeito estranho. Como se eu devesse conhecê-la, mas não conheço.

“Oi,” ela diz hesitante, os olhos baixando para ler meu crachá. “Éden.”

Eu sorrio de volta. “O que posso começar para você?”

“Ah, hum. . .” Ela olha ao redor, confusa, como se de repente se encontrasse dentro de uma cafeteria por acaso e não estivesse preparada para ouvir essa pergunta. “Posso apenas pedir um. . . ? Ah, não sei, qual é a sua bebida favorita?”

“Meu favorito?” Eu repito. “Huh, ninguém nunca me perguntou isso. Acho que você não pode errar com o café com torta de abóbora. Às vezes adiciono um pouco de baunilha, o que adoro, mas...”

“Parece ótimo”, diz ela, com os olhos fixos em mim com tanta intensidade que tenho que desviar o olhar.

“Ótimo”, repito. “Para cá ou para ir?”

“Aqui”, ela diz, mas depois acrescenta rapidamente: “Não, na verdade, vou embora. Eu penso. Sim, para ir.

“Tudo bem, posso saber um nome?” — pergunto, marcador na mão, ponta já pressionada contra o copo.

“É Gen,” ela diz calmamente. “Com um G.”

Meu coração luta para acelerar, pesado sob a dose dupla de remédios que ainda atuam em meu corpo. Eu olho para ela mais de perto agora, do jeito que ela está olhando para mim. Eu procurei por ela online meses atrás. Na minha mente, ela existe apenas como uma estática imagem na tela. Eu a reconheço agora, mas é diferente vê-la pessoalmente. “Você é Gennifer?” Eu respiro. “Gen,” eu corrijo.

Ela balança a cabeça e sorri de novo — percebo que ela tem um sorriso muito bonito, do tipo que pode encobrir todo tipo de coisa terrível. “Você não seria capaz de fazer uma pausa rápida ou algo assim, não é?”

Perry cobre o balcão para mim enquanto me sento em frente a ela em uma mesa no canto.

“Desculpe”, ela começa. “Eu estava de passagem voltando para a audiência e sabia que você trabalhava aqui. Seu irmão mencionou isso, eu prometo que não estou perseguindo você ciberneticamente ou algo assim. Ela faz uma pausa e meio que ri. “Definitivamente posso ver a semelhança familiar.”

“Oh” é tudo que consigo dizer. Não sei por que pareço ter esquecido que meu irmão a conhece — eles eram amigos, ele me disse isso. Eles ainda são, ao que parece.

“Acho que não queria que a primeira vez que nos encontrássemos fosse em um tribunal. Não sei, isso é estranho? ela pergunta, tomando um gole de seu café com leite. “A propósito, isso é muito bom.”

“Não, não é estranho”, digo a ela.

“Eu sei que não devemos conversar, mas...” . . . Ela olha pela janela, seu sorriso desaparecendo. “Você já se perguntou por quê? Por que ele faria isso... Ela começa, mas para. “Tipo, essa é a parte em que estou preso. Eu até tentei perguntar a ele. No dia seguinte. Fui para casa naquela noite e contei à minha colega de quarto o que aconteceu, e ela me levou ao hospital. Fiz o kit de estupro e foi tão horrível, mas eu não queria denunciar naquele momento porque tinha certeza de que deveria haver um *motivo* . Você sabe o que eu quero dizer?”

“EU . . . Sim, acho que sim”, digo a ela, porque mesmo sabendo não deveríamos estar fazendo isso, conversando, quero desesperadamente ouvir o que ela tem a dizer.

Ela se senta um pouco mais reta. “Eu queria acreditar que ele de alguma forma não deve ter percebido ou foi algum tipo de ruptura mental ou. . . mas descobri que eu...” Ela para abruptamente, tomando outro gole de seu café com leite. “Eu simplesmente não o conhecia. De forma alguma.”

É estranho essa compreensão deslizar pelo meu cérebro enquanto a ouço. Acho que nunca me *perguntei* por quê. Porque no fundo, naquele lugar além do pensamento lógico, eu achava que sabia. Ele fez o que fez porque *eu* fiz algo para que isso acontecesse. Eu nunca consegui definir o que era, se era apenas uma coisa ou uma combinação de coisas. Minha cabeça poderia discordar o dia todo, me dizer que não foi minha culpa, mas meu coração sempre soube que era eu.

Até agora, talvez.

“Eu realmente pensei que sim - pensei que o conhecia”, ela repete. “Eu realmente confiei nele.”

“Eu também”, ouço-me dizer.

Ela olha para mim e tenta sorrir novamente, mas desta vez não me engana. “Desculpe, estou despejando isso em você.”

“Está tudo bem”, digo a ela. “Quero dizer, entendi.”

“Sim”, ela diz suavemente. “Eu pensei que você poderia.”

Só posso concordar porque há muitas coisas que quero dizer, mas nenhuma delas é algo que posso dizer a ela.

“Eu sei que você precisa voltar ao trabalho; Espero não ter arruinado o seu dia inteiro ou feito você se sentir...”

“Não, você não fez isso. Estou feliz por termos nos conhecido. Assim, em vez disso.

“Acho que só queria dizer cara a cara que estou realmente...” . . . Ela faz uma pausa, traçando um círculo ao redor de sua xícara enquanto encontra seja qual for a palavra que ela está procurando. “Grato. Para não ter que fazer isso sozinho.

“Eu também”, digo a ela. “Se não fosse por você e Amanda, eu não teria conseguido. . .”
Balanço a cabeça – não consigo nem terminar a frase.

“Tenho a sensação de que você poderia ter feito isso”, ela me diz, enquanto estende o braço sobre a mesa e desliza o recibo do café com leite para mim, com seu número já escrito nele. “Para quando tudo isso acabar, se você quiser?”

Enquanto a vejo sair, entrar no carro e ir embora, percebo que há uma versão disso em que Gen nunca diz nada. Ela deixa passar e fica se perguntando por quê. Onde Amanda fica assustada, irritada e magoada e continua me culpando por tudo. É a versão em que me perco para sempre e nunca mais encontro o caminho de volta. E pela primeira vez, acho que entendo – na minha cabeça e no meu coração – por que estamos realmente fazendo isso.

Para nós.

Estamos fazendo isso por nós. De alguma forma, isso torna tudo muito mais real, mais assustador.

JOSH

Estou sentado na cama lendo quando ouço Dominic chamar do outro quarto: "Sua namorada está aqui!" Eu olho para o meu telefone; ainda não são cinco horas.

Ela entra no meu quarto e fecha a porta atrás dela, ainda usando o avental.

"O quê, o Capitão Douchebag deixou você sair mais cedo?" Eu pergunto.

Ela balança a cabeça e deixa cair a bolsa no chão como se fosse pesada demais para segurar por mais um segundo. Há um olhar distante em seus olhos enquanto ela tira os sapatos e caminha em minha direção. Coloquei meus livros na mesa de cabeceira para abrir espaço para ela, porque ela está rastejando no meu colo sem dizer uma palavra, enrolada em mim.

"Ei, você está bem?" Posso sentir o cheiro de café em seu cabelo quando coloco meus braços em volta dela – ela nem passou no apartamento antes de vir para cá. Minha mente imediatamente vai para seu gerente idiota, para aquela cozinheira que está sempre olhando maliciosamente para ela. "Éden, aconteceu alguma coisa?"

"Não", ela sussurra. "Senti sua falta."

"Tem certeza?"

"Sim," ela murmura contra meu pescoço.

"Você me diria se um daqueles caras do café mexesse com você, certo?"

Ela finalmente olha para mim, examina meu rosto, claramente não tem ideia do que estou falando. "O que você quer dizer com que caras?"

"Não, deixa pra lá", digo a ela, balançando a cabeça. "Nada."

Passamos o resto do fim de semana na cama, metade do tempo cochilando, a outra metade explorando um ao outro à luz do dia, para variar. Mais dormindo, fazendo amor, alimentando um ao outro com sobras de bolo. Paraíso.

A tarde de domingo se transforma em noite de domingo e sei que tenho que deixá-la ir, mas continuo querendo apenas mais alguns minutos com ela. Ela me deixa reparar sua queimadura e eu a observo fazendo a mala. No carro, tento mais uma vez convencê-la a me deixar ir.

"Eu ouvi você, ok?" Eu digo. "Não preciso estar no tribunal se isso não vai ajudar, mas pelo menos deixe-me estar lá antes e depois."

"Você *está* aqui comigo antes." Ela pega minhas mãos. "E você estará aqui me esperando depois, certo?"

Eu concordo. "Estarei aqui."

"Obrigada, é isso que preciso de você", diz ela, e tento acreditar nela.

Nós nos despedimos e meu coração dói ao pensar em não vê-la por possivelmente uma semana inteira. É meio assustador como estou apegado depois de apenas um mês juntos novamente.

"Você tem permissão para mudar de ideia, ok?" Digo a ela enquanto me abaixo e me inclino para a janela do carro. "Se você decidir que me quer lá, eu estarei lá."

Ela sorri e diz "Tudo bem", embora eu tenha a sensação de que ela não mudará de ideia.

Eu a beijo mais uma vez, aperto sua mão, digo "eu te amo" uma última vez.

E então fico ali parado na calçada, com a mesma sensação de desamparo que tive antes de me enterrar mais fundo no estômago, enquanto observo o carro encolher cada vez mais à distância.

ÉDEN

Mamãe leva eu e Caelin ao tribunal pela manhã para uma visita. Lane nos encontra do outro lado do posto de segurança e nos acompanha até o tribunal onde estaremos. Há menos madeira do que eu esperava de todos os tribunais de TV, menos tudo - o espaço é utilitário, sem calor, personalidade ou ornamentação. de qualquer tipo. Posso ouvir nós três respirando, ninguém querendo conversar, então a sala engole nossa respiração.

DA Silverman aparece alguns minutos depois, com seus saltos altos e terno impecável, que decididamente não é casual de negócios. Atrás dela estão Amanda e sua mãe, e Gen, parecendo mais jovens hoje, de alguma forma, do que no café. Há um homem mais velho com ela que presumo que seja o pai dela.

Os pais se cumprimentam como se estivessem em um funeral, em sílabas pequenas, tudo em voz baixa e sutil. Gen se aproxima de mim e por um segundo fico com medo de que ela vá me abraçar ou algo assim e possivelmente revelar o fato de que nos conhecemos outro dia. Mas não é isso que ela faz; ela puxa meu irmão para um breve abraço.

E ele parece outra pessoa ao dizer: “Ei, Gen, Mandy, Sra. Mas quando Amanda e sua mãe acenam com a cabeça e sorriem educadamente para Caelin, percebo que ele realmente parece ser ele mesmo – seu antigo eu, aquele que não vejo há meses. É estranho vê-lo aqui, não apenas meu irmão, mas alguém que é *importante* para toda essa gente também.

Nós três – eu, Amanda e Gen – trocamos nossos cumprimentos estranhos e olhamos um para o outro como se estivéssemos olhando para algum tipo de espelho distorcido de uma casa de diversões para nós mesmos. Nós nos revezamos sorrindo um para o outro, depois franzindo a testa e desviando o olhar.

“Então”, diz DA Silverman, sua voz cortando toda essa emoção tomando todo o ar. “Queremos apenas explicar a todos o que vai acontecer esta semana, apenas para ter certeza de que estamos todos na mesma página, e se alguém tiver alguma dúvida, podemos respondê-la agora. Todos sabemos que os testemunhos começam amanhã. E como você sabe, todos devemos permanecer separados. Temos uma sala privada no final do corredor, onde você esperará até chegar a sua vez.

O pai de Gennifer, cujo nome já esqueci, diz: “Então, não há júri neste momento, correto?”

“Isso mesmo,” Lane responde, sua voz muito animada. “Uma audiência realmente não é tão diferente de um julgamento. Pense nisso como um pré-julgamento, sem júri. Essa parte vem depois.”

“Mas ele estará aqui, no tribunal, enquanto as meninas testemunham?” ele pergunta.

Vejo a mandíbula da Sra. Armstrong apertar. Eu me pergunto se o pai de Gennifer percebe que ela também é mãe de Kevin. Eu me pergunto o que ela pensa agora, toda vez que ouve o nome do filho. Não pode ser bom.

“Sim”, diz o promotor Silverman, e nos leva até o banco das testemunhas e nos diz para tomarmos cuidado. “Então, Kevin estará sentado lá com seu advogado.” Ela aponta para uma das mesas à nossa frente. “Estarei aqui deste lado.”

“E eu estarei sentado aqui”, diz Lane, apontando para uma área de assentos. “Do seu lado, com os detetives que trabalharam em seus casos e com quem mais você tiver aqui para ajudá-

lo. Então, se você precisar de algum lugar para procurar a qualquer momento, basta olhar para mim.”

Não consigo parar de olhar para a mesa onde Kevin estará sentado.

“Você está bem?” minha mãe diz baixinho.

“Isso é muito próximo” é tudo o que digo. O que aconteceu com todos aqueles grandes e sofisticados tribunais de TV? Isso é minúsculo. Claustrofóbico. Preso na década de 1980. Eu quero levantar minha mão. Eu tenho uma pergunta: *por que aquela mesa está tão perto do banco das testemunhas?* Eu quero gritar. *Quem projetou este lugar?*

“Então, iniciaremos o processo amanhã”, diz o promotor Silverman com um aceno autoconfiante. “Apenas lembre-se de manter a calma e ser honesto. Se você não sabe algo que lhe perguntaram, não há problema em dizer que não sabe. Mantenha seus telefones por perto. Se houver alguma alteração na programação ou pedido, avisarei por mensagem de texto.”

Depois, mamãe leva Caelin e eu para tomar café da manhã no IHOP, o mesmo, perto da rodovia, onde Josh me trouxe naquele dia de dezembro passado, quando veio me buscar. Foi aqui que contei a ele sobre Kevin, sobre mim, sobre tudo isso.

Nós escolhemos nossa comida principalmente em silêncio.

Estou distraída com as decorações de outono por toda parte — abóboras, fantasmas e cornucópias — pensando na forma como o tempo passa. Parecia que demorou muito para chegar a esse ponto, mas agora está aqui e mal me sinto pronto. Não era apenas verão? Apenas primavera? No inverno anterior, quando estive aqui pela última vez, naquela cabine bem ali perto da janela, confiando em Josh meu coração, alma, mente, tudo.

No carro, mamãe olha para nós dois e diz: “Vocês sabem que seu pai nunca foi bom em falar sobre os sentimentos dele, mas ele não culpa nenhum de vocês pelo que está acontecendo. Vocês precisam saber disso, vocês dois. Ele ainda está com muita raiva”, ela tenta explicar.

“Sim, em *quem*?” Caelin pergunta. “Essa é a verdadeira questão.”

“Você não”, diz mamãe. E então ela se vira para olhar para mim no banco de trás. “E você também não.”

Concordo com a cabeça, com uma espécie de compreensão — esse tipo de raiva, esse tipo de silêncio — muito bem.

Ligo para Mara assim que voltarmos para casa. Eu estava pensando em brincar com ela sobre negócios casuais. *Tipo, o que é isso?* Eu podia me ouvir dizendo. Perguntando se ela tem um blazer que eu poderia pegar emprestado, mas quando ouço a voz dela na linha, algo muda.

“Ei,” eu digo. “Você está ocupado em algumas horas?”

Em vez disso, peço a ela que me encontre em nosso parquinho. Aquele onde brincávamos quando éramos crianças e depois saíamos para beber, fumar e nos drogar com randos, tudo pós-Josh e pré-Cameron.

Nosso gigante castelo de madeira – nosso reino mágico particular – ainda está de pé depois de todo esse tempo.

Quando entro no estacionamento, ela está lá esperando por mim, sentado em um balanço de pneu em forma de cavalo, balançando para frente e para trás, sela lateral. Meus faróis iluminam ela. Quando saio do carro, ela corre e bate em mim, abraço de corpo inteiro.

"Oh meu Deus, senti sua falta", ela lamenta. "Estou tão feliz em ver você, Edy."

"Eu também senti sua falta", digo a ela, e estou falando sério, mas as coisas parecem diferentes de alguma forma. Faz apenas um mês desde que a vi, mas muita coisa mudou para mim.

Subimos até a torre mais alta e nos sentamos, de pernas cruzadas, um de frente para o outro. Ela fica dando aquela risada estranha e nervosa que eu não sei o que fazer. "Então, Josh está sendo bom com você?" ela pergunta. "Tratando você como uma rainha, espero."

"Ele está sendo muito bom comigo", digo a ela, mas não consigo forçar um sorriso agora do jeito que ela está. "Ele realmente queria vir comigo. Esteja aqui para a audiência. Mas eu disse não."

Ela finalmente acena com a cabeça, séria, e diz: "Por que não?"

Eu dou de ombros. "Não sei."

Mara olha para as próprias mãos. "Edy, posso te perguntar uma coisa?"

"Claro."

"Por que você nunca me contou?"

Abro a boca para responder, mas mudo de ideia. "Sabe, eu quase disse 'não sei' de novo? Porque por muito tempo eu realmente não sabia. Acho que dizer 'não sei' é mais fácil do que tentar listar todas as razões."

"Quero saber todos os motivos", diz ela. "Porque eu teria acreditado em você."

"Esse é provavelmente o maior deles. Você teria acreditado em mim e, se soubesse, eu não poderia mais fingir e teria tido que fazer algo sobre isso. E eu não consegui. Ou pelo menos não achei que conseguiria."

Ela balança a cabeça, mas morde a parte interna da bochecha como se estivesse tentando não dizer alguma coisa.

"E você era tudo que eu tinha. Eu não queria que nada mudasse."

"Não teria acontecido", ela argumenta.

"Mas tem. Você sente isso, não é? As coisas são diferentes agora."

Ela olha para baixo novamente. "Você nunca me deu a chance de ser um bom amigo para você. Por mais que eu ame você, também estou brava e sei que isso me torna uma vadia total. Estou bravo porque estaria ao seu lado se soubesse."

"Eu sei."

"Mas eu também entendo", acrescenta ela. "Quem pode dizer que eu não teria feito a mesma coisa?"

Dou de ombros, aceno com a cabeça e digo: "Acho que sim".

Ficamos ali sentados por um momento, olhando para esse pequeno trecho que já guardou tantas coisas da nossa infância, nossas indiscrições do ensino médio. Em algum lugar ao longe, uma buzina de carro toca, um alívio abafado do devaneio agri-doce deste lugar.

"Posso te pedir um grande favor, Mara?"

"Qualquer coisa."

"Você virá à audiência?"

"Claro", ela diz, sem hesitação.

"Realmente?"

"Sim. O que eu tenho que fazer?"

"Sente-se aí", digo a ela. "Deixe-me olhar para você enquanto testemunho. Você pode fazer aquilo?"

Ela assente.

"Terei que repassar tudo o que aconteceu. Os detalhes. Tipo, provavelmente tudo o que aconteceu entre mim e... Eu tusso e limpo a garganta. "Eu e ele. Eu e Kevin — digo finalmente. "Mas especialmente o que aconteceu naquela noite, eu acho. É só isso, ele vai estar lá, e eu não quero acidentalmente olhar para ele e depois congelar, desmoronar, ficar furioso ou algo assim."

"Ajudaria se você me contasse agora?" ela pergunta. "Como prática?"

"Talvez."

Conto a ela sobre o jogo Banco Imobiliário naquela noite, como ele flertou comigo, embora eu realmente não entendesse que era isso que ele estava fazendo naquele momento. Conto a ela que acordei com ele no meu quarto às 2h48 da manhã - olhei para o relógio porque não fazia sentido o motivo de ele estar no meu quarto. Como pensei a princípio, ele devia estar fazendo algum tipo de brincadeira. Como ele subiu em cima de mim e cobriu minha boca, prendendo meus braços para baixo. Como ele estava me esmagando, me machucando, como ele me disse para calar a boca. Ele colocou a mão em volta da minha garganta. Ele não estava rindo. Ele estava falando sério. Não foi uma piada.

Mara está apertando minhas mãos com muita força.

"Então o que aconteceu?"

Mara olha para mim e balança a cabeça, com os olhos arregalados, sem piscar, do outro lado da sala agora.

"Ele puxou minha calcinha pelas minhas pernas e puxou minha camisola com tanta força que rasgou", eu digo. "E então ele enfiou na minha boca."

"Por que ele fez isso?" DA Silverman pergunta.

Pelo canto do olho, vejo a cabeça de cabelos brancos do advogado aparecer, a mão erguida no ar, mas mantenho os olhos em Mara. "Especulação", diz ele.

"O que aconteceu então, com a camisola na boca?" ela pergunta em vez disso.

"Eu estava tentando gritar, mas não consegui."

"E do que você se lembra a seguir?"

"Ele estava chutando minhas pernas, tentando separá-las. Soltei um dos braços e bati nele, mas ele apenas me segurou com mais força e apertou a mão em volta da minha garganta. Ele ficava me dizendo para parar, para ficar quieto. Mas eu não fiz isso, e ele estava ficando cada vez mais irritado." Eu limpo minha garganta.

"Ele estava gritando?"

"Ele estava sussurrando, mas diretamente no meu ouvido. O rosto dele estava bem próximo ao meu e ele disse: 'faça isso, porra', e eu me lembro disso porque não sabia o que ele queria que eu fizesse."

"Você pode nos dizer novamente quantos anos você tinha naquela época, no dia 29 de dezembro?"

"Eu tinha acabado de completar quatorze anos em novembro."

"E Kevin estava a poucas semanas de completar vinte anos?"

Eu olho nos olhos dela. Isso era verdade? Ele era tão velho então? Não sei. Mas não tenho chance de responder porque o advogado dele levanta a mão de novo, desta vez rindo. "Meritíssimo, relevância?"

"Você já fez sexo antes?" ela pergunta em vez disso.

"Não. Eu nunca tinha beijado ninguém."

"De novo." Mão. "Relevância?"

Ela gira nos calcanhares e olha diretamente para Cabelo Branco, praticamente cospe as palavras "Estou tentando estabelecer por que, quando o homem de *vinete* anos disse à menina de *treze* anos para 'fazer isso', ela não fez isso. Não sei o que isso significa.

Agora ele está de pé. Tira os minúsculos óculos de armação de arame e balança a cabeça, até deixa a boca aberta por um momento, como se não tivesse palavras para expressar o quão profundamente ele se opõe. "Meritíssimo . . ." é tudo o que ele diz.

"Retraído", ela diz, e se vira para mim. "Depois que ele disse 'faça isso, porra', o que aconteceu?"

Eu fecho os olhos com Mara. "Ele forçou minhas pernas a se separarem. Eu... eu estava ficando mais fraco. Eu não conseguia respirar."

"Por causa da camisola na sua boca?"

"Sim, e porque ele estava apertando minha garganta cada vez mais."

"O que você lembra de ter acontecido a seguir?"

"Ele . . . hum. . ." Eu fecho meus olhos. Imagino o playground de madeira. Só eu e Mara. A suavidade da noite ao nosso redor. A mão de Mara segurando a minha.

"Você precisa de uma pausa?"

Abro os olhos. "Não."

"O que aconteceu depois?" ela repete.

"Ele me estuprou", digo finalmente, a palavra parecendo pequena e simples demais para transmitir seu próprio significado.

"Ok, e ele machucou você?"

"Sim."

"Ele sabia que estava machucando você?"

"Meritíssimo." Ele levanta a mão e se levanta agora. "Novamente, especulação."

"Vou reformular. Você poderia indicar a ele de alguma forma que ele estava machucando você?"

"Eu estava chorando. Quer dizer, eu não conseguia falar ou gritar porque ele ainda estava me sufocando, e não conseguia me mover porque ele estava me segurando, mas eu estava chorando, e só soube mais tarde, mas estava sangrando. Ele sabia que estava me machucando – ele queria me machucar."

Cabelo Branco levanta a mão novamente, quase entediado agora, sem sequer se preocupar em tirar os olhos da pasta. "Mova-se para atacar tudo após a primeira frase, 'Eu estava chorando'. Ela já havia respondido à pergunta.

Vejo o rosto de Mara ficando vermelho.

Quero tanto olhar para o homem, quero fazê-lo olhar para mim enquanto apaga minhas palavras do registro. Mas mantenho os olhos em Mara, deixo que ela fique com raiva de nós dois. Tenho certeza de que tomei a decisão certa agora. Eu não poderia ter Josh aqui ouvindo isso. E eu também não conseguiria fazer isso sozinho.

"Você sabe há quanto tempo ele estava estuprando você?"

"Cinco minutos."

"Como você sabe?"

"Olhei para o relógio quando pude me mover novamente. Lembro-me de pensar que pareceram horas. Achei que o relógio devia estar errado.

"E o que aconteceu depois?" ela pergunta. Penso muito, tentando colocar os acontecimentos na ordem certa, mas meu cérebro continua avançando até o fim. "Qual é a próxima coisa que você lembra?" ela reformula, de alguma forma lendo minha mente.

"Ele soltou minha garganta e arrancou a camisola de minha boca e eu começamos a tossir e ele ficava me mandando calar a boca. Ele estava tirando meu cabelo dos olhos – ele estava grudado no meu rosto porque meu rosto estava molhado de tanto chorar. Ele queria que eu olhasse para ele.

Levante a mão.

"Ele disse : 'Olhe para mim'", eu me corrijo. Eu estava entendendo: emoções não são permitidas aqui, sentimentos não são fatos. "Ele me disse para ouvir e segurou meu rosto para que eu olhasse em seus olhos."

"Ele disse para você ouvir... o que ele disse?"

"Ele disse: 'Ninguém jamais acreditará em você'".

"Então o que? Ele saiu?"

"Não. Ele se sentou, mas ainda estava ajoelhado entre minhas pernas, olhando para mim – para o meu corpo. Tentei me cobrir, mas ele afastou minhas mãos. Ele me fez prometer que não contaria a ninguém."

"E você prometeu?"

"Sim."

"Por que?"

"Ele disse que se eu contasse a alguém, ele me mataria. Ele disse: 'Juro por Deus, vou te matar', e dado o que tinha acabado de acontecer, eu acreditei nele."

"Então ele foi embora?"

"Não." Ouço minha voz tremendo, sinto minha garganta desabar, assim como aconteceu naquela noite.

"O que aconteceu depois?"

Não consigo nem olhar para Mara — deixei essa parte no parquinho de madeira. Tusso, tento limpar a garganta. "Ele, hum. . . Ele me beijou. E então ele se levantou, vestiu a cueca e me disse para voltar a dormir."

"E então ele foi embora?"

"Sim."

"Obrigado. Nada mais."

Deixei-me expirar. Eu me permiti pensar que talvez eu estivesse bem. Mas então o advogado dele se levanta, abotoa o paletó e sorri para mim, assim como Kevin sorriu para mim naquela noite, entre enfiar a língua na minha boca e vestir a cueca – eu tinha esquecido de dizer isso. *Ele me beijou, sorriu para mim e então se levantou* . Tarde demais.

"Boa tarde, Eden", ele começa, fingindo ser um ser humano. "Vou ser breve; Eu só tenho algumas perguntas.

"Há quanto tempo você conhece Kevin?"

"Desde que eu tinha uns sete ou oito anos. Foi quando meu irmão se tornou amigo dele."

"E você não tinha uma queda por ele?"

"O que?"

"Uma queda." Ele dá de ombros. "Você sabe, uma paixão divertida."

"Talvez quando eu era mais jovem, mas isso não significa..."

"Apenas sim ou não."

O problema de uma paixão é que você a tem porque, em algum nível, é inatingível, e se você for honesto consigo mesmo, você realmente não a desejaria, mesmo que pudesse tê-la. Mas tudo o que há espaço para dizer aqui é "Sim".

"E naquela noite você disse que queria jogar com Kevin. Monopólio, certo?"

Eu não disse que queria jogar com ele – foi ideia dele. Quando eu disse isso? Eu disse isso hoje? Não consigo me lembrar. Mas espere, por que isso é importante?

"Eden, você pode responder à pergunta?"

"Jogamos Banco Imobiliário."

"O jogo de tabuleiro?"

Claro, a porra do jogo de tabuleiro. Eu olho para o promotor, essas questões são sérias? Pensei que íamos seguir o que disse no relatório policial.

"Éden?"

"Sim, o jogo de tabuleiro Monopólio."

"E naquela noite, quando você estava brincando, você não disse a Kevin que queria um namorado?"

"Eu não disse isso."

"Mas você perguntou se Kevin tinha namorada, certo?"

Eu balanço minha cabeça. De onde vem isso?

"Eu não..." Fecho os olhos, tento lembrar. "Não. Não, estávamos falando sobre meu irmão ter namorada. Ele estava ao telefone com ela e é por isso que éramos só eu e Kevin. Foi ele quem lançou o jogo — acrescento, lembrando com mais clareza agora. " *Monopólio* ."

"Certo, e então você perguntou se Kevin tinha namorada."

"Talvez eu-"

"Sim ou não."

"S-sim."

"Você disse anteriormente que tinha quatorze anos na época?"

"Sim."

"E você sabia quantos anos Kevin tinha na época?"

"Ele tinha quase vinte anos", digo, repetindo o que o promotor havia dito.

"Então, ele tinha dezenove anos, certo?"

"Certo."

"Mas você sabia na época quantos anos ele tinha? No momento?"

Exceto que agora estou duvidando de mim mesmo. Eu pensei que ele tinha dezoito, dezenove, vinte? "Quer dizer, eu realmente não sei se sabia exatamente."

DA Silverman se levanta e suspira. "Isso vai a algum lugar?"

"Ele sabia quantos anos você tinha na época?"

Ela se senta e depois se levanta novamente. "Especulação, Meritíssimo."

"Você conversou sobre quantos anos você tinha?"

"Bem, ele sabia que eu estava na nona série."

"Sim ou não, você conversou sobre idade?"

"Não."

E assim continua pelo que parecem horas. Perguntas inúteis misturadas com perguntas importantes, sempre com *acerto* ou *não*, acrescentadas até o final. Dissecando todas as minhas frases em fragmentos cada vez menores até que quase não façam mais sentido.

"Uma última pergunta, Éden. Você já disse não?"

"Diga não?"

"Você alguma vez disse não verbalmente em algum momento daquela noite?"

"Eu não conseguia falar. Ele cobriu minha boca imediatamente, e então ele..."

"Você disse não?"

"Eu lutei com ele, bati nele, chutei ele, eu..."

"Mas você já disse a palavra não?"

Olho para Mara, depois para Lane e depois para o promotor.

"Eu... eu já disse que não conseguia falar."

"Meritíssimo, por favor instrua a testemunha a responder à pergunta."

"Por favor, responda à pergunta", diz o juiz.

"Não mas-"

"Obrigado", ele diz, e sorri novamente, como se eu tivesse acabado de entregar a ele a porra de um cappuccino ou algo assim. "Não tenho mais nada."

E quando ele se vira e caminha de volta para a mesa, cometo o erro de observá-lo – esse monstro fossilizado velho, frágil e de cabelos brancos – e quando ele se senta, meus olhos se afastam demais até perceber que estou olhando para ele. ele. Kevin. E ele está olhando para mim. Ele me prendeu como um inseto morto montado em um bloco de espuma, apenas com os olhos, como fez naquela noite.

Eu ouço esse som em meus ouvidos como o oceano. Eu fecho meus olhos. Vou. Deixando meu corpo. Desaparecendo. Perdido. A próxima coisa que sei é que estou no banheiro, com Lane ali, me contando como eu me saí bem. "Ótimo" foi a palavra que ela usou. Isso ecoa na minha cabeça. *Ótimo ótimo ótimo*. E ela está sorrindo para mim no espelho.

Olho para minhas mãos — estou lavando-as na pia. Rasguei meu curativo em tiras, a fita se soltou, os dois vergões vermelhos na palma da minha mão, apenas começando a formar crostas, agora machucados e sangrando em manchas. Não me lembro de ter feito isso. Não me lembro de ter saído do tribunal.

"Como aquele maldito advogado dorme à noite?" Mara diz.

"Eu quero ir", digo em voz alta para ninguém em particular.

Lane toca meu ombro e eu estremeço. "Desculpe querida. Você se saiu muito bem, estou falando sério.

"Tanto faz, eu não me importo. Acabou. Eu só quero ir.

JOSH

Eden me ligou ontem à meia-noite para me desejar feliz aniversário. Ela disse que pensou no que eu disse a ela sobre fazer isso sozinha e pediu a Mara que fosse com ela. Fiquei no telefone com ela até ela adormecer. Ela não disse isso, mas eu poderia dizer que ela estava muito nervosa. Eu queria que ela simplesmente tivesse me deixado gozar.

Fiquei distraído o dia todo esperando notícias dela. Eu me distraí durante a reunião da nossa equipe esta manhã, e o treinador me repreendeu na frente de todos. Até Dominic me puxou de lado no vestiário para perguntar o que estava acontecendo comigo.

"Nada", eu disse a ele. "Eu só estou cansado." O que era verdade; mesmo depois que Eden finalmente adormeceu, por volta das duas horas, e eu desliguei o telefone, não consegui dormir.

Mande uma mensagem para ela antes do treino da tarde para verificar.

Quando saio às seis, ainda não tive notícias dela. Ligo e deixo uma mensagem de voz.

"Ei, só eu. Pensando em você. Espero que tudo esteja bem. Bem, me ligue quando puder. Eu te amo. Sinto sua falta."

No caminho para casa, mal presto atenção em nada - nem em outras pessoas, nem no trânsito ou nas placas de rua - fico olhando para o meu telefone o tempo todo.

"Josh!" a voz da minha mãe me chama, rindo. "O que você está fazendo?"

Eu olho para cima. Passei direto pelo meu prédio, pelos meus pais, esperando na varanda da frente, cada um segurando xícaras de café do trabalho de Eden.

"Cabeça muito nas nuvens?" Papai diz enquanto se aproxima e me abraça.

Mamãe se levanta e passa o café para papai. Ela coloca as mãos em meus ombros e me segura com os braços estendidos, sorrindo enquanto me estuda por um momento. "Feliz aniversário, docinho."

"Feliz aniversário, Josh", papai ecoa.

Sinceramente, não sei se já fiquei mais feliz em vê-los em minha vida.

"Você parece cansado", diz mamãe enquanto caminhamos até o apartamento. "Você está dormindo o suficiente?"

Eu dou de ombros. "Não sei."

"Você não sabe?" ela repete, sua voz uma oitava mais alta que o normal. E quando olho para trás, vejo-a olhando para meu pai, com os olhos arregalados.

"Mãe," eu gemo. "Estou bem."

Destranco a porta do meu apartamento e os deixo entrar.

"Então, onde está Dominic?" Papai pergunta.

"Ele foi jantar com alguns dos outros caras da equipe."

Mamãe diz, com sua melhor voz casual: "E o Édén, Onde ela está?" Então parece que ela está procurando evidências de que ela esteve aqui.

Sento-me no sofá da sala e eles me seguem.

"Escute, ela não vai conseguir vir esta noite."

"O que?" Mamãe grita enquanto se senta no sofá ao meu lado e ajusta o volume. "Ela não vai comparecer no seu aniversário?"

"Comemoramos na sexta-feira. Ela teve que sair da cidade."

"Fora da cidade?" ela repete, como se isso fosse a coisa mais absurda que ela já ouviu. "No meio do semestre?" Ela balança a cabeça. " *Joshua* ."

"Não, não diga meu nome assim."

"Como o que?"

"Como se eu fosse ingênuo ou estivesse sendo aproveitado ou mentindo ou algo assim. Eu não sou. Não é desse jeito."

"Bem diga me." Ela cruza os braços e olha para meu pai como se ele devesse estar chateado junto com ela. "Como é então?"

Olho para meu pai, sentado na poltrona ao lado do sofá. Ele me dá um meio sorriso, um aceno de cabeça, meio que semicerrando os olhos, juntando as sobrancelhas e inclinando a cabeça na direção de mamãe.

"O que é isso?" Mamãe pergunta, sem perder nada. "O que está acontecendo com vocês dois?"

Papai suspira. "Apenas diga a ela, Joshie."

"Querido Deus, me diga o quê?" ela diz, segurando a gola da camisa. "Ela não está grávida, por favor, me diga que ela não está grávida..."

"Não!"

"Obrigada, obrigada, obrigada", ela sussurra em suas mãos entrelaçadas.

"Por que essa é a primeira coisa que vocês fazem? Você realmente acha que sou tão irresponsável?"

"Não", diz mamãe. "Mas merda acontece, Josh. Você pode ser cuidadoso noventa e nove por cento do tempo e basta um..."

"Oh meu Deus, por favor", eu digo, levantando a voz. "Todas as conversas sobre sexo seguro ficarão gravadas na minha memória para o resto da vida, garanto. Podemos abandonar isso agora?"

"Não até você me contar o que está acontecendo", insiste mamãe. "Eu não gosto disso. Eu tenho que ser honesto. Não gosto dessa garota para você, Josh, eu só..."

"Tudo bem," eu cedi. "Por favor, pare de dizer isso."

Então eu conto tudo a eles. E quando termino, eles estão sentados um de cada lado de mim no sofá, o braço da mamãe em volta de mim, a mão do papai apoiada no meu joelho. Quando olho para mamãe, ela tem lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Desculpe", diz ela, enxugando o rosto com as costas das mãos. "Isso é muito, Josh."

"Eu sei", concordo, "tem sido muito para ela".

"Bem, para você também", diz mamãe.

"Não, vamos lá." Eu balanço minha cabeça. "Não estou comparando nada que possa estar sentindo com o que ela está passando."

Papai fala. "Ninguém está dizendo que você deve comparar nada, mas apenas reconheça, tudo bem, isso não é algo fácil de lidar em qualquer relacionamento."

Eu concordo. Eu sei que ele está certo. Mas não sei como explicar que quando estamos juntos não parece difícil. Quando estamos juntos, parece que podemos lidar com isso — podemos lidar com qualquer coisa.

Pedimos comida e ficamos em casa. D e Parker se juntam a nós. Parker mostra aos meus pais o vídeo do restaurante hibachi de todos cantando "Parabéns pra você". Eden me beijando no final, com total abandono. Todos torcendo.

"Deixe-me ver isso." Mamãe pega o telefone e assiste ao vídeo mais duas vezes, sorrindo ao final. "Você parece feliz, Josh," ela diz calmamente.

Eles saem para ir para o motel às onze. Lá fora, no carro, papai diz: "Vamos, abraço coletivo". E os dois me envolvem em um abraço gigante. Num dia diferente eu poderia ter dito algo estúpido como *não estou ficando um pouco velho para isso*, mas hoje não. Hoje eu apenas deixo e me sinto grato.

"Você precisa de mais descanso." Mamãe enfia o dedo no meu peito. "Me ouça?"

"Sim."

"Nós amamos você", diz papai.

"Amo vocês também."

Observo enquanto eles se afastam, o braço do meu pai saindo da janela do passageiro para acenar para mim durante todo o caminho. Desço até o final do quarteirão e volto, só para queimar um pouco dessa ansiedade que acumulei em mim o dia todo. Pego meu telefone novamente, caso eu de alguma forma tenha sentido falta dela.

Nada ainda.

Lá em cima, tento adormecer, mas me reviro.

ÉDEN

É quase meia-noite quando acordo no sofá da sala, no escuro. Josh me mandou uma mensagem há um minuto.

Espero que você esteja dormindo bem agora. Fale

amanhã? Eu te amo

Eu ligo para ele de volta. Ele responde imediatamente.

"Ei", ele diz, e tenho vontade de começar a chorar ao som de sua voz. "Aí está você."

"Oi," eu sussurro, com a garganta arranhada e desgastada por toda a conversa anterior. "Desculpe. Deitei-me depois de chegar em casa e ninguém me acordou."

"Tudo bem. Como . . . ?" Ele faz uma pausa. "Como vai você? Como foi?"

"Foi um show de merda." Forço uma risada amarga apenas para não começar a chorar novamente.

"Éden, querido. . . — ele diz tão suavemente que deixo sua voz me envolver. "Posso estar lá de manhã se você..."

"Não, não se preocupe com isso. Acabou."

"O que você quer dizer?"

"Não, não *acabou*, mas minha parte já foi feita. Minha mãe e Caelin vão amanhã. Eu estava pensando em ficar mais um dia e voltar na quinta..." Começo a tossir e pego o copo de água em temperatura ambiente que está na mesinha ao meu lado.

"Você está bem?" ele está perguntando enquanto eu afasto o telefone do meu rosto.

"Sim, desculpe," eu resmungo, e engulo a maior parte do copo em um só gole, minha garganta está tão seca. "Quinta-feira", termino. "Quinta-feira cedo."

"Ei, você está ficando doente?" ele pergunta.

"Não, eu não penso assim. Minha garganta dói demais de tanto falar. Fiquei conversando por horas hoje. Parecia que eles me fizeram mil perguntas."

Ele faz um som que não consigo decifrar.

"Eu não vou ficar com você, ok? Fico feliz em ouvir sua voz, mesmo que seja áspera."

"Espere, Josh." Tento rir, mas acabo tossindo de novo. "Não desligue. Não estou tentando desligar o telefone. Conte-me sobre o seu dia. Como foi seu aniversário?"

"Ah", ele diz. "Estava tudo bem. Quero dizer, o fim de semana passado foi realmente o evento principal. Com você. Melhor aniversário de todos."

"Hum."

"Você parece exausto."

"Eu gostaria de estar aí com você agora," eu sussurro.

"Eu também, você não tem ideia."

"Josh?"

"Sim?"

"Eu sei que é idiota, mas você poderia ficar no telefone comigo novamente esta noite?"

"Não é idiota." Ouço algum barulho e o rangido de seu colchão. Fecho os olhos e consigo imaginá-lo acomodado na cama. "Acabei de colocar você no viva-voz."

"Eu te amo", digo a ele.

"Eu também te amo."

"Obrigado."

"Para quê, amar você?" ele pergunta, com uma pequena risada em sua voz.
Eu sorrio – meu rosto machuca. "Sim."

JOSH

Acordo de manhã com o despertador das cinco, como sempre. Ainda escuro, vejo uma mensagem da minha mãe já ali.

Esta é ela?

Com um link para um artigo no jornal local. A manchete diz TRÊS MULHERES TESTEMUNHAM CONTRA MVP DO BASQUETEBOL EM PESSOAS V. ARMSTRONG. Procuro rapidamente o nome dela. Lá não, felizmente. Eles não listaram nenhum de seus nomes. Há uma citação destacada, ampliada em negrito: “Angustiante. . . se for verdade.”

São essas reticências que me pegam. *Angustiante* —ponto ponto ponto— *se for verdade* . Como se alguém me empurrasse por trás. *Ponto ponto Ponto* . Mais difícil, mais difícil, mais difícil.

Agora estou de folga.

Existem outros artigos, e encontro todos e cada um deles. Um publicado por um jornal universitário, intitulado HE SAID, SHE SAID, BLAH BLAH BLAH . Outro chama a “falta de evidências físicas de chocante”. Aqui cometo o erro de rolar para baixo até os comentários.

Alguns comentaristas são contidos o suficiente para escrever apenas uma ou duas palavras, como “MENTIROSOS!” ou “coitado” enquanto outros escrevem comentários mais longos. “Cinco minutos, sério? Mandar um universitário para a prisão por algo que durou cinco minutos! Smh, aonde esse país está chegando?” E depois há as tiradas que abrangem vários parágrafos, algumas mais longas do que o maldito artigo em si, cheias de ódio e erros de digitação.

Sinto-me mal do estômago.

Só espero que ela não tenha visto nenhuma dessas besteiras.

Há uma batida na minha porta. “Ei, você está acordado?” Domingos. “Saindo para a academia. Você vem?”

Clico para desligar meu telefone. “Sim”, respondo.

Eu malho mais duro do que há algum tempo. Não sei dizer se é raiva, tristeza ou o que está me alimentando. Tudo que sei é que algo rastejou dentro de mim e está me fazendo querer lutar contra isso. O treinador passa e me dá um aceno de aprovação.

Parte de mim quer se levantar e dizer a ele que não dou a mínima para esse maldito time agora. Que eles são tão estúpidos em pensar que isso tem alguma importância. Mas então penso em meu pai, recém-sóbrio, passando horas ao telefone tentando me salvar de ser expulso do time. E eu simplesmente trabalho mais. Porque não sei mais o que fazer.

Ela não pode voltar logo.

ÉDEN

Quinta-feira de manhã, depois de tomar banho, sento-me à mesa da cozinha. Na minha sala de jantar com meu irmão, minha mãe, meu pai, tomando suco de laranja em um copo que já usei um milhão de vezes. Bacon, panquecas, café.

Mamãe pergunta se eu quero açúcar e creme. Eu faço, mas balanço minha cabeça negativamente.

Papai está perguntando quem quer ovos. Eu não. Mas quando ele entra na sala de jantar segurando a frigideira em uma das mãos, pegando uma porção de ovos mexidos e sorrindo para mim, estendo meu prato e pego mesmo assim.

Então estamos todos sentados aqui. Mastigando. Garfos raspando nos pratos, um silêncio constrangedor caindo sobre nós. Eu cutuco minha panqueca encharcada de calda. Nem mamãe nem Caelin disseram uma palavra sobre como foi para eles no tribunal ontem, mas pude ver seus olhos inchados e injetados esta manhã.

"Que porra de semana, hein?" Eu digo, apenas para quebrar a tensão.

Caelin ri, cuspidando o gole de suco que acabara de tomar. "Momento perfeito", ele murmura em um guardanapo.

Mamãe zomba e diz: "Edy, meu Deus".

"Então, quando você voltou para a escola?" Papai pergunta, fingindo que a tensão não está acontecendo. "Pelo menos levamos você para o fim de semana?"

Tomo um gole do meu café simples e deixo queimar o céu da boca. "Acho que vou sair em breve, na verdade. Talvez eu possa fazer minha última aula hoje e não terei que faltar amanhã."

Ele acena com a cabeça, mas não diz nada.

"Eu só não quero ter tanto para compensar."

— E tenho certeza de que você também quer voltar para Josh — acrescenta mamãe. "Seu irmão me mostrou a foto dele online—"

"Mãe", Caelin interrompe. "Eu não *mostrei* a ela", ele me diz. "Ela precisava de ajuda para procurá-lo no site da equipe..."

"Ah, tudo bem", mamãe o interrompe, jogando o guardanapo em sua direção. "Eu estava bisbilhotando."

"*Perseguição*", Caelin murmura através de uma tosse falsa.

Papai realmente ri.

"De qualquer forma, ele é um menino muito fofo", diz mamãe. "Eu não culpo você por querer voltar correndo para ele."

"Bem," eu começo. "Eu realmente tenho trabalho para compensar."

Ela sorri para mim do outro lado da mesa.

"Então, Eden", diz papai. "Quando vamos conhecer esse garoto tão fofo?"

"Talvez depois que todos vocês pararem de chamá-lo de garoto muito fofo."

"Ei." Caelin levanta a mão. "Para que conste, tudo o que eu já fiz chamei ele de um *cara decente*; Eu nunca o chamei de nada muito fofo.

E assim, tivemos nossa primeira interação familiar seminormal em anos. Envio um agradecimento silencioso por todo o estado para Josh, que provavelmente está caminhando

para sua primeira aula agora, por ser tão decente e bonito que deixou minha família salvar nossa última manhã juntos.

Depois do café da manhã ajudo a limpar, ligo a máquina de lavar louça, tento não agir como se estivesse com pressa de sair. Arrumo uma sacola com roupas de outono, meu cachecol macio e luvas combinando, um casaco pesado e alguns dos meus suéteres e mangas compridas do fundo do armário. Tenho que puxar meu velho estojo de clarinete para pegar as botas e, enquanto meus dedos se ajustam ao cabo, tenho um flashback vívido do primeiro ano, carregando essa coisa comigo aonde quer que eu fosse. Coloco-o na minha cama ao lado da minha outra bolsa e abro.

Como uma espécie de cápsula do tempo de outra vida, encontro a partitura em que estava trabalhando quando decidi desistir, o livreto ainda dobrado na página exata. Tiro cada item e os seguro em minhas mãos por um momento: o estojo de plástico para minhas palhetas; pano de polimento, macio contra meus dedos; a pequena chave de fenda que todos sempre precisavam me emprestar porque ninguém mais tinha uma; o tubo de graxa de cortiça quase vazio que Mara uma vez confundiu com protetor labial; o bocal, cano, sino, junta superior, junta inferior. . . todas as peças do clarinete desmontadas e arrumadas com cuidado. Exatamente como os deixei, sem saber que seria a última vez que jogaria.

Não sei por que, mas levo-o comigo, junto com minhas meias felpudas e roupas quentes.

Eu digo adeus. Caelin me abraça pela primeira vez em meses. Papai me disse que acabou de transferir duzentos dólares para minha conta, pela qual estou sinceramente grato. Mamãe me leva até o carro e me diz: "Cuide-se. Esteja a salvo. E me avise quando tiver notícias do promotor, ok?"

"Eu vou."

A viagem para casa, de volta para Josh e minha nova vida, que não tem nada a ver com a antiga, parece tão longa. Demasiado longo. Meus olhos só querem fechar. Só consigo fazer isso uma hora e meia antes de parar em uma parada para descanso. Empurro meu banco totalmente para trás e tiro um dos meus grandes suéteres da bolsa no banco do passageiro, enrolo-me nele.

No momento em que estou começando a adormecer, estou de volta ao tribunal, com os olhos fixos nos de Kevin. Então estou de volta ao meu antigo quarto, naquela noite, com ele olhando para mim.

Meus olhos se abrem.

A árvore embaixo da qual estou estacionado deixa a luz tremulante passar pelo para-brisa e atingir meu rosto. É tão gentil que me permito fechar os olhos novamente. O juiz está me dizendo que estou demitido. "Demitido." Essa foi a palavra. Que apropriado, pensei, mesmo então.

Como eu tinha esquecido essa parte?

Mas não consigo me mover. Não até que o advogado idiota de Kevin sussurre algo para ele, fazendo-o quebrar o contato visual comigo. Vejo Lane e Mara de pé, esperando. DA Silverman balançando a cabeça, observando-me enquanto desço do camarote.

Olho diretamente para os meus pés, mas ainda sinto seus olhos em mim o tempo todo.

Quando acordo, estou na sombra agora, com frio e de alguma forma mais exausto do que antes. Eu puxo meu assento para cima novamente e vesti o suéter até o fim, tentando reunir

um pouco de calor ao meu redor. Despejo minha caneca de viagem com café puro e frio da minha casa e entro na parada para comer algo com açúcar, cafeína e calorias.

Isso me ajuda durante o resto da viagem. Chego em casa no meio da tarde, enquanto todo mundo ainda está fora. Subo os dois lances de escada com os braços ocupados, destranco a porta, chego ao meu quarto e sento-me diretamente no chão.

Respirar. Eu preciso respirar.

Deito-me de costas, fecho os olhos e concentro-me no chão duro debaixo de mim, encontro os pontos onde o chão apoia o meu corpo, como o meu terapeuta me disse.

Coloco a mão na barriga e sinto-a expandir e contrair a cada respiração. Dentro e fora, repetidamente. Estou quase dormindo quando ouço meu telefone vibrar na minha bolsa e percebo que nunca mandei uma mensagem para avisar que cheguei em casa.

Sento-me rápido demais e coloco minha bolsa no chão, vasculhando-a até que minha mão encontra meu telefone. Mas a mensagem que está esperando não é de Josh ou da minha mãe; é do DA Silverman.

Eu tenho notícias . . .

Não.

Eu não vou abrir. Não posso. Seja o que for, não quero saber ainda. Ou nosso caso está morto ou está avançando. E não posso saber nenhuma dessas coisas agora. Eu levanto, deixando o telefone no chão. Ele acende novamente e desta vez eu o chuto para longe de mim. Ele desliza pelo chão e sob a cômoda, desaparecendo de vista.

Carrego minhas malas para a cama e começo a desfazê-las. Mantenha minhas mãos ocupadas – essa é outra dica que meu terapeuta me deu. Ainda posso ouvir a vibração do meu telefone, chacoalhando agora, encostado no rodapé.

Abro meu laptop e coloco minha playlist de garotas tristes e temperamentais. Florence + the Machine canta em uma dança sombria e lírica. Mas ainda posso sentir o telefone vibrando — agora, de alguma forma, dentro do meu peito. Aumento o volume.

Guardei todas as minhas roupas, literalmente dobrei todas as peças de roupa, até meus sutiãs e roupas íntimas. Combino cada meia com a outra e divido meia gaveta para todas as roupas de Josh que encontrei espalhadas por aí. Penduro meus suéteres no armário e alinho as botas com os outros sapatos. Com cuidado, coloco meu estojo de clarinete na prateleira de cima do armário. Em seguida, organizo minha mesa. Leve meu cabelo e maquiagem para minha cômoda. Alinho meus remédios em uma fileira, completando-os com o pacote de pílulas anticoncepcionais e o frasco de Tylenol que estou tomando como um doce a semana toda para minhas dores de cabeça intermináveis.

Tive uma reunião presencial com meu terapeuta na quarta-feira. Ela perguntou como eu estava me sentindo com os novos remédios, e eu tive que admitir que esqueço muito de tomá-los, então não tinha certeza se eles estavam realmente ajudando muito. Quando ela me perguntou por quê, não contei que é porque os mantenho escondidos metade do tempo; Eu apenas dei de ombros. A questão é que eu sei que Josh é literalmente a última pessoa no planeta que me faria sentir estranha com qualquer coisa assim — ele entendia dos remédios para dormir, assim como eu sabia que entenderia. Sou eu.

Então decido – me forço – a deixá-los ali, ao ar livre.

Minha playlist chega ao fim abruptamente, mergulhando-me no silêncio.

Eu olho em volta. Está tudo em ordem aqui. Cama feita. Livros alinhados em fileiras organizadas. Minha vida pronta para mergulhar de volta. Mas eu não mergulho. Eu me arrasto até minha cama. Não tenho nem energia para levantar as cobertas. Deito a cabeça no travesseiro, enrolo-me dentro do suéter e fico de frente para a parede, apenas esperando me sentir normal novamente.

JOSH

Depois do treino, o treinador nos chama para uma reunião no vestiário. Há um aperto, uma tensão no ar. Todos estão cansados, com fome e prontos para partir. Só quero pegar meu telefone para ver se ela já me respondeu.

“Tudo bem, pessoal”, começa o treinador. “Anúncio rápido. Isso vem diretamente do reitor. Estaremos conversando com todas as equipes, então não se sintam especiais. Ok, tenho certeza de que alguns de vocês já ouviram falar do caso de agressão sexual envolvendo um estudante atleta na Eastland U.”

Meu coração começa a acelerar.

“Obviamente, não há tolerância para esse tipo de coisa em Tucker Hill”, continua ele, olhando para sua prancheta e lendo. “Tolerância zero para qualquer forma de assédio ou a chamada ‘conversa de vestiário’ nesta equipe ou em qualquer equipe deste campus. Entendi?”

Eu olho em volta. Há cabeças balançando.

Alguém levanta a mão. “Uh, treinador, alguém reclamou, ou...” ..?”

“Não. Graças a Deus. O reitor queria que conversássemos preventivamente com todos vocês, como um lembrete de que essa merda não vai dar certo aqui.”

Ok, então este é apenas um PSA geral. Eu começo a relaxar.

O treinador aperta os olhos para a prancheta novamente. “A THU emitirá uma declaração formal sobre seu compromisso com. . .” Ele para, saltando à frente. “Então, basicamente, a moral da história é que os olhos estão voltados para times como o nosso agora, e não podemos nos permitir nenhuma má publicidade, senhores.”

Má imprensa, então isso é tudo o que importa aqui.

“Que besteira”, ouço alguém murmurar baixinho. Quando olho para cima, Jon, um dos jogadores do banco, tem um sorriso estúpido de comedor de merda no rosto. Ele se inclina para o cara ao lado dele, sussurra alguma coisa, e vejo os dois tremendo de gelatina e rindo silenciosamente. Algo dentro de mim se agita como uma onda crescente, e posso sentir meus punhos se apertando ao meu lado.

O treinador nos dispensa e eu olho em volta – perdi completamente o final da reunião.

Tento me livrar desse sentimento.

Estou terminando de me vestir no meu armário, verificando meu telefone – ainda nada dela – quando ouço a gargalhada idiota de Jon sobre os armários.

“Você sabe que ela queria isso, e então, quando ele não quis um relacionamento, ela decidiu estragar a carreira dele.” Essa onda retorna agora e posso sentir meu rosto ficando vermelho. “É exatamente por isso que você não mergulha seu pau em loucura.”

Eu sei que não deveria, mas aquela onda está me empurrando para baixo, e outra pessoa, esta outra versão de mim mesmo está surgindo. Viro a esquina e vejo Jon enxugando o cabelo enquanto apresentava dois calouros com suas opiniões.

“Não sei, cara”, um deles é ousado o suficiente para falar, “eu li que ele fez isso com três garotas. . .”

“Sim, bem, talvez ele se sinta atraído por psicopatas”, Jon diz, e dá de ombros. “As cadelas provavelmente querem um pagamento! Você sabe como é a buceta. . .”

Não consigo nem ouvir o resto da frase porque a onda está me empurrando quando passo atrás dele, perto demais, ela passa pelo meu peito, entra na minha garganta e sai pela minha boca. "Ei, você já calou a boca?"

Jon se vira, com um sorriso estúpido e cruel ainda no rosto, e atrás dele, os olhos dos calouros se arregalam – devo estar parecendo algo assustador para eles.

"Desculpe, foi mal, perturbei sua sensibilidade delicada?" ele diz, dando um tapinha no meu ombro fingindo conforto, o local que ele toca irradiando calor, praticamente vibrando. Eu sei que deveria ir embora, mas o outro Josh tem algo a dizer.

"Não, *sinto* muito, você tem algum tipo de problema em não assediar sexualmente mulheres, ou o quê?"

"Foda-se", ele murmura com desdém. "Você sabe qual é o meu problema?"

"Não, o que é isso?" Eu desafio. "Por favor, diga."

"Você." De alguma forma, isso faz a onda recuar. Eu posso lidar com isso.

"Meu?" Cruzo os braços. "OK."

"Sim, com você fazendo todos os treinos e desperdiçando um titular no time, e agora você está tentando *me fazer* ficar mal? Ele olha para a multidão, que de repente se reuniu ao nosso redor, e não consigo dizer se estão do lado dele ou não.

"Você fica mal sozinho."

"E você nem deveria estar aqui!" Ele grita. "Não depois do que você fez na temporada passada. Todo mundo pensa assim."

Dominic se aproxima e interrompe. "Ei, fale por si mesmo, Jon – por que você simplesmente não vai embora, certo?"

"Por que? É verdade", argumenta.

"Não, não é", diz Dominic.

"Qualquer que seja." Pego minha bolsa e fecho meu armário. "Não tenho tempo para isso."

"Claro, mas você tem tempo para forçar sua agenda sobre um bando de vadias chorando estupro? Por favor, você é tão..."

E essa onda está de volta – um maremoto agora – não há como combatê-la. É o zumbido na minha cabeça, um formigamento nos membros, essa onda doentia de adrenalina pulsando através de mim.

Está estranhamente quieto por um momento.

E então o som irrompe ao nosso redor, gritando, gritando.

Demoro um segundo para processar por que Dominic está entre nós. Por que alguém está segurando meus braços. Por que Jon está no chão. Por que o treinador está invadindo aqui, gritando: "Parem com isso, seus idiotas!"

Ele nos arrasta para seu escritório.

"O que você quer fazer?" ele está perguntando a Jon. "Você pode apresentar uma reclamação se quiser – está dentro dos seus direitos."

Jon olha para mim com uma espécie de sorriso malicioso, como se tudo isso fosse apenas uma diversão para ele. "Não", ele finalmente diz. "Foi só um empurrão. Realmente não é grande coisa."

"Multar." O treinador se levanta e aponta para a porta. "Vá você", ele diz a ele.

Começo a me levantar também, mas o treinador pressiona meu ombro. "Você", ele ordena, com os dentes cerrados, "sente-se".

Ele fecha a porta atrás de Jon e joga sua prancheta contra a parede, me fazendo pular.

"Que diabos está errado com você?" ele brada. "Eu juro, é um passo para frente, vinte passos para trás com você. Toda maldita vez. Me diga uma coisa, você quer mesmo estar nesse time?"

Cerro a mandíbula para não dizer: *Não*.

"Huh?" ele brada. "Bem e você?"

"Sim", eu minto.

"Então, estrague sua cabeça, acerte suas prioridades!" ele grita, as veias de seu pescoço latejando. "Você está em gelo fino – fino como papel. Mais um incidente e você está suspenso. Eu não me importo com o quão talentoso você é. Eu não dou a mínima para o que está acontecendo na sua vida pessoal. Quando você está aqui, você não *tem* vida pessoal!" ele brada. "Você me entende?"

"Sim eu entendo."

Está escuro no quarto de Eden, mas posso vê-la deitada na cama. Estou aliviado no início. Ela está aqui, ela está segura. Mas o modo como ela está enrolada em posição fetal, deitada tão imóvel, me dá novamente aquele arrepio de adrenalina em todo o corpo. Sinto-me instável enquanto ando em direção a ela.

ÉDEN

Acordo com o clique da minha lâmpada sendo acesa. Está escuro lá fora da minha janela. Ouço o trinco da porta se fechar e depois seus passos leves atrás de mim. O barulho silencioso dos tênis sendo removidos. Ele não precisa dizer uma palavra para eu saber que é ele. O suspiro em sua respiração poderia muito bem ser uma impressão digital.

A cama afunda quando ele sobe suavemente. Ele mexe meu cabelo e toca minha cintura enquanto fica ao meu lado, dobrando os joelhos nos meus, ajustando-se ao meu redor como uma peça perdida de um quebra-cabeça. Ele move lentamente o braço para que ele fique em cima do meu.

"Ei," eu respiro, puxando seu braço em volta de mim com mais força.

"Desculpe", ele sussurra, beijando minha nuca. "Eu estava tentando não acordar você."

"Não, está tudo bem," eu digo, minha voz ainda desgastada e rouca. "Que horas são?"

"São quase oito horas."

"Milímetros." Eu me estico um pouco e limpo a garganta. "Eu dormi a tarde toda."

Com o rosto no meu cabelo, ele inspira e diz: — Deus, senti sua falta. Ele agarra meu suéter, me puxando para perto. Há algo nisso, o jeito que ele está me segurando como se estivesse com medo de que eu fosse flutuar para longe, que me deixa nervosa.

"Josh?" Eu me viro para encará-lo. "O que está errado?"

"Nada." Ele toca meu rosto e sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos. "Não há nada de errado", ele repete, com tristeza em sua voz. "Eu realmente senti sua falta."

Eu o beijo. "Também senti sua falta."

Ele envolve os dois braços em volta de mim, me pressionando contra seu corpo, beijando meu cabelo, minha testa, minhas bochechas.

"Espere, deixe-me olhar para você." Eu me afasto dele o suficiente para vê-lo com mais clareza e tomo seu rosto em minhas mãos. "Ah, sua barba está de volta."

"Barba por fazer", ele corrige, e finalmente me dá um sorriso pequeno, mas verdadeiro.

"Ok, tudo bem, barba por fazer", repito. "Eu gosto disso."

"Eu na época da faculdade, certo?" ele pergunta, com uma leve risada em sua voz.

"Está mais para você da era sexy", provoco, embora não esteja realmente brincando.

Ele enterra o rosto no meu pescoço e ri.

"Eu adoro quando você fica todo tímido."

"Tímido?" ele repete lentamente, apoiando a cabeça no meu peito, como se estivesse tentando lembrar o que a palavra significa, se é uma coisa boa ou ruim.

"É muito fofo."

"Tudo bem", ele diz calmamente.

"Ei, você está realmente bem?" Pergunto-lhe.

"Sim." Ele levanta a cabeça para olhar para mim então. "Estou mais preocupado com como você está."

"Você parece meio triste."

"Não, eu estou bem. Só não dormi muito enquanto você estava fora e, não sei, fiquei preocupado quando não tive notícias suas antes."

"Oh. Desculpe, meu telefone..." Olho para minha cômoda. "Está lá embaixo. Esqueci de pegá-lo. Desculpe."

"Não, não se desculpe." Ele pega minha mão enfaixada e a beija – examina minha colocação aleatória de band-aids por um momento, mas não comenta sobre isso. "Estou feliz que você estava descansando."

"Estou feliz que você veio," digo a ele, passando a outra mão em seu rosto.

"Então, como você está se sentindo?" ele pergunta.

"OK." Eu me apoio para poder beijá-lo. Ele balança a cabeça como se quisesse mais de mim. "Melhor agora que você está aqui."

Ele me beija suavemente, rapidamente, como se conscientemente não quisesse que ficasse muito quente.

"Você não quer me beijar," eu digo. "O quê, estou com mau hálito ou algo assim?"

Ele zomba. "Não, vamos lá."

Ele rola de costas e tento dizer a mim mesma que ele não está se afastando de mim; ele está abrindo espaço para mim, me convidando para entrar. Então eu o beijo. Eu o beijo cada vez mais profundamente. Ele me segura, com as mãos nos meus quadris, mas não está me dando muito.

Empurro sua camisa para cima e beijo sua barriga – aquele lugar que sempre o faz se contorcer. Ele pelo menos solta um pequeno suspiro, uma inspiração profunda, um pequeno gemido. Eu fico em cima dele e me sento, com um joelho de cada lado de seus quadris, e tiro meu suéter. A camiseta que eu usava por baixo começa a cair, mas ele estende a mão e a puxa para baixo, seus dedos mal roçando minha pele enquanto ele cobre minha barriga de volta.

Ele olha para mim e abre a boca como se quisesse dizer alguma coisa.

"O que?"

"Nada." Ele coloca as mãos nas minhas coxas e observa enquanto tiro a camiseta.

Ele se senta agora, comigo no colo, e me beija uma vez, apoiando a testa no centro do meu peito. Estendo a mão por trás de mim para desabotoar meu sutiã, mas sua mão pega a minha e o traz de volta pela frente, segurando-o na sua.

"Éden." Ele respira meu nome lentamente. "Espere aí, você não quer conversar?"

"O que você quer dizer?"

"Bem, só para colocar o papo em dia, sabe?" ele diz tão gentilmente. "Você se foi."

"Ah", eu digo. "Meu Deus, estou parecendo um adolescente excitado agora ou algo assim?"

Ele abre um sorriso e balança a cabeça. "Quero dizer . . . Eu não diria assim."

"Sinto muito, ok," digo a ele, me aproximando para ficar sentada um pouco mais atrás em suas coxas, em vez de encostada nele. "Sim, por favor. Fale comigo."

"Não, eu quis dizer que quero que *você* fale comigo."

"A respeito?"

Ele vira a cabeça, meio que inclina as mãos abertas em direção ao teto. "Tudo. O que aconteceu enquanto você estava fora, com a audiência e tudo? Como foi estar em casa. Quero dizer, você sabe o que acontece a seguir? Você realmente não me contou nada.

Eu desço dele agora.

"Éden, não..."

"Não o quê?"

"Não me exclua", diz ele, estendendo a mão para mim.

"Eu sinto que é você quem está me deixando de fora agora", digo a ele.

Ele semicerra os olhos para mim. "Como estou *deixando* você de fora?"

"Você, tipo, claramente não está interessado em fazer sexo comigo," murmuro enquanto coloco meu suéter por cima da cabeça e enfio os braços nas mangas. "O quê, estou muito triste e patético?"

"Não, quem disse algo assim?"

"Muito danificado? Muito bagunçado? Continuo, ganhando força. "O quê, contaminado?"

"Ei!" ele diz, sua voz severa. "Você sabe que não é isso que eu penso." Ele faz uma pausa, seu peito entrando e saindo enquanto ele respira mais pesado. "Não coloque palavras na minha boca – não é isso que nós – nós não fazemos isso."

"Bem, sinto que você está me rejeitando ou algo assim."

Subo por cima dele para sair da cama. Vou até minha cômoda e sinto vontade de tomar um dos meus comprimidos. Aí tenho uma vontade maior de abrir a gaveta de cima e varrer tudo para dentro, fechar bem.

"Eu não estou rejeitando você; Eu simplesmente não vou fazer sexo com você quando não tenho ideia de onde está sua cabeça agora. Estou preocupado com você, ok?"

Olho para ele, sentado ali, tão no controle de suas emoções, tão perfeitamente racional o tempo todo, sempre fazendo a coisa certa. Sento-me na cadeira da minha escrivaninha, tento desacelerar meus pensamentos acelerados, tento me acalmar, tento sentir a cadeira embaixo de mim, sentir meus pés no chão.

"Eu sei, me desculpe."

"Não se desculpe", diz ele, indo até a beira da cama e pegando minhas mãos. "Sinto que estou no escuro aqui."

"Não quero falar sobre a audiência."

"OK." Ele alcança os braços da cadeira agora e me puxa em sua direção para que fiquemos de frente um para o outro. "Tudo bem, apenas me diga como você está se sentindo, então?"

"Eu sinto . . . ", começo, fechando os olhos, deixando-o segurar minhas mãos novamente. "Sinto-me como . . ." Procuro em meu cérebro qualquer coisa, um pensamento concreto, uma imagem fugaz. "Uma abóbora", digo a ele. *Isso é estúpido.*

"Uma abóbora?" ele pergunta. Ele junta as sobrelanceiras como se não tivesse certeza se estou falando sério ou brincando. Eu realmente não sei neste momento também.

"Não, não é uma abóbora, mas como uma abóbora. Você sabe?"

"Tudo bem", ele diz, balançando a cabeça.

"Como se alguém tivesse desenhado um rosto em mim e esculpido em minha pele. Recolheu minhas entranhas. Apenas escavado, tudo raspado. E então acendeu um fogo em mim e me deixou no frio. E eu simplesmente... ." paro porque estou me ouvindo e sinto minha boca se contorcer, como se eu pudesse começar a chorar ou a rir, mas não sei qual. Porque não sei se estou sendo ridículo ou se esta é realmente a metáfora perfeita e desleixada para o que sinto agora.

"E você o que?" Ele pergunta, dando um pequeno aperto na minha mão boa.

"E eu só, não sei, quero me sentir humana de novo", termino. "O mais breve possível."

Seus olhos ficam muito profundos enquanto ele me observa. E então sua linda boca meio que desmorona nos cantos. Ele se levanta e me puxa da cadeira também. Me abraça, pressionando meu rosto contra seu peito, beijando meu cabelo.

JOSH

Enquanto estamos no meio do quarto dela, posso sentir isso — aquela sensação de vazio — saindo dela e rastejando para dentro de mim.

“Sinto muito”, sussurro porque não sei mais o que dizer.

“Você não fez nada,” ela murmura em minha camisa, me abraçando de volta como se de alguma forma ela soubesse que eu poderia precisar dos braços dela em volta de mim agora, tanto quanto ela precisa dos meus.

“Ainda sinto muito.”

“Não sinta pena de mim, Josh.” Ela olha para mim, seus olhos tão cheios e abertos. “Por favor.”

“Não, não é que eu sinta pena *de* você. Só sinto muito por você ter que passar por tudo isso. Não é justo. E eu gostaria de poder fazer algo para... ajudar ou tornar tudo mais fácil.

“Você ajuda, no entanto.” Ela encosta a cabeça em mim novamente. “Você torna tudo mais fácil.”

“O que você quer fazer essa noite?” Eu pergunto a ela. “Está com fome ou você quer voltar para a cama. . . assistimos a um filme? É o que você quiser.”

“Poderíamos nos deitar?”

Enquanto nos despimos, ela começa a tirar as calças e olha para mim com um sorriso pequeno e travesso. “Eu prometo que não vou tentar fazer sexo com você de novo; Estou apenas vestindo pijama.

“Pare,” eu gemo, dobrando meu jeans nas costas da cadeira dela. “Você sabe por que eu disse isso.”

“Eu estou apenas mexendo com você.” Ela tira o suéter novamente e o pendura na maçaneta do armário, vai até a cômoda com sutiã e calcinha que não combinam, tão linda que quase desejo que ela tente fazer sexo comigo porque preciso me sentir humana novamente agora. também. Ela tira uma das minhas camisetas que eu nem tinha percebido que tinha deixado aqui. “Posso usar isso?” ela pergunta.

“Claro”, respondo, tentando não parecer muito entusiasmado por vê-la com minhas roupas. Mas enquanto a vejo tirar o sutiã e vestir minha camiseta cinza velha e surrada com um buraco na gola, meus pés não me deixam ir até ela. “A propósito, eu quero muito fazer sexo com você constantemente.”

“Ah, *constantemente*?” ela repete, rindo enquanto me afasta gentilmente.

“Eu não estou brincando. Penso nisso muito mais do que deveria.” Eu a sigo até a cama. “Na verdade, você ficaria ofendido se soubesse.”

Ela está sorrindo enquanto puxa as cobertas e entra primeiro, mas depois olha para mim com os olhos estreitados, como se estivesse confusa sobre o motivo de eu estar dizendo isso.

“Então, eu nunca rejeitaria você”, digo a ela enquanto subo ao lado dela.

“Ah,” ela murmura.

Eu a beijo do jeito que ela estava me beijando mais cedo – profundo e sério. “Nunca”, repito. “OK?”

“Tudo bem”, ela sussurra.

Enquanto estamos deitados aqui, ela se enrola em volta de mim, a cabeça no meu peito, o braço e a perna sobre mim. Começo a me sentir mais eu mesmo do que durante toda a semana. Nós inspiramos e expiramos juntos, e posso senti-la adormecendo quando seu telefone vibra em algum lugar do quarto, abafado. Olho em volta e percebo que ela limpou e reorganizou as coisas.

O telefone continua tocando. Ela suspira alto.

"Você precisa verificar isso?" Eu pergunto a ela.

"Eu não quero", ela lamenta.

"Pode ser importante."

"Eu sei que é importante, é por isso que não quero entender." Ela sai de cima de mim e diz baixinho: — Está embaixo da cômoda.

Não pergunto por que está ali embaixo; Eu simplesmente saio da cama e digo a ela: "Eu atendo". Mas quando caminho até sua cômoda, meus olhos vão diretamente para os comprimidos alinhados em cima dela. Olho de volta para ela. Ela me vê vendo eles.

"Minha farmácia completa", explica ela. "Insônia, depressão, ansiedade."

Eu concordo. "Ok," eu digo porque não sei se há mais alguma coisa que eu deveria dizer. Estou feliz que ela não os esteja mais escondendo, mas não posso dizer isso sem que ela saiba que eu já sabia sobre eles. Ajoelho-me e pressiono o rosto no chão, vejo o telefone encostado na parede, brilhando. Pego-o e retiro-o, tentando não olhar para a tela.

Volto até ela e lhe entrego o telefone, mas ela está apenas olhando para mim. "Isso te incomoda?"

"O que?"

"Aqueles", diz ela, apontando para a cômoda, os comprimidos.

"Não, eles não me incomodam. Por que eles me incomodariam?"

"Por causa do seu pai."

"Você precisa deles, Éden. É totalmente diferente."

"Sim", ela sussurra com tristeza, segurando o telefone voltado para baixo contra o peito. "Eu faço."

Ela se aconchega em mim novamente e respira profundamente, finalmente pegando o telefone.

Olho para baixo. Há uma tela inteira cheia de notificações que ela perdeu. Mensagens minhas, do irmão dela, Mara, de alguém chamado Lane, de duas ligações perdidas da mãe dela. E uma mensagem de "DA Silverman". Este é o que ela abre.

"Desculpe." Beijo sua cabeça e fecho os olhos. "Eu não estou olhando, ok?" Eu digo a ela.

"Você pode." Ela inclina a tela em minha direção. "Está acontecendo."

Tenho novidades e queria ter certeza de que

você será o primeiro a saber: vamos a

juízo. Parabéns, vocês meninas conseguiram!

Entrarei em contato quando souber mais, mas

planejo isso em dezembro, possivelmente

em janeiro. Fale logo.

“Eden, isso é muito bom”, começo, mas ela desliga o telefone, se aproxima de mim e o joga sobre a mesa. Ela a sacode cabeça e se puxa contra mim com mais força, abaixando a cabeça para que eu não possa ver seu rosto.

“Éden?” Tento fazer com que ela olhe para mim. “Bebê?”

Ela está segurando minha camisa, respirando pesadamente, fungando. E então sinto o corpo dela começar a tremer. Ela está chorando. “Eu não posso,” ela suspira, finalmente olhando para mim, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. “Eu não posso fazer isso de novo.”

Beijo sua testa, tento enxugar suas lágrimas. “Sim você pode.”

“Não”, ela respira. “Não posso. Eu realmente não posso.”

“Está tudo bem”, digo a ela, embora não tenha certeza disso. Não sei se está tudo bem ou se ela está bem ou se vai ficar tudo bem. Mas eu digo isso de qualquer maneira.

Ela fica repetindo: *não posso*. Ela diz isso repetidamente até que não soa mais como palavras, apenas respirando. E então, depois do que pareceu uma eternidade, ela finalmente se acalma e fica em silêncio. Acho que ela está dormindo, mas então ela diz, com a voz clara, calma agora. “O advogado dele me perguntou se eu alguma vez disse não.”

Eu levanto minha cabeça. “O que você quer dizer?”

“Como se ele presumisse que eu tinha uma escolha. Como se eu pudesse escolher dizer sim ou não. E eu não consegui explicar que não havia nada para dizer sim ou não – não havia chance de dizer isso – mas ele simplesmente continuou me interrompendo.”

“Foda-se,” eu digo.

“Mas só porque não pude dizer não, também não significa que disse sim.”

“Eu sei que.”

Ela me beija, depois toca meu rosto, apenas olha para mim.

“Eu te amo”, digo a ela, e começo a me preocupar, estou dizendo tanto isso que ela vai parar de acreditar que estou falando sério.

Ela sorri e fecha os olhos por um momento. “Não sei o que faria sem você, Josh.”

“Sim, eu concordo. “De volta.”

“É meio assustador”, ela sussurra, como se fosse um segredo, “o quanto eu preciso de você”.

“Não tenha medo”, digo a ela, embora também me assuste o quanto preciso dela. “Você nunca terá que ficar sem mim. Quero dizer, a menos que você queira isso.

Ela me olha nos olhos agora, segurando meu rosto firme em suas mãos. “Eu nunca iria querer isso.”

Acordo com ela gemendo durante o sono. Ela está se debatendo. Tendo um pesadelo. “Éden?” Eu sussurro.

“Não”, ela geme, chutando minha perna para baixo do cobertor. “Não.”

“Ei, ei, ei, Éden?” Eu tento. “Éden, acorde.”

Toco seu rosto, mas ela se afasta de mim. “Pare”, ela diz, sua mão batendo sem vida na minha barriga. “Por favor”, ela choraminga, chorando com todo o corpo.

Toco seu braço agora, tento esfregá-lo suavemente. “Eden”, repito, desta vez mais alto.

Ela começa a tossir, ofegar, e então sua mão vai para a garganta, todas as veias e tendões do pescoço visíveis como se ela realmente não conseguisse respirar. Eu tenho que fazê-la acordar de alguma forma. "Éden!" Eu balanço seu ombro.

Seus olhos se abrem e ela se levanta, balançando para mim. Ela coça meu pescoço com uma mão e meu peito com a outra. Eu agarro seus braços. "Éden, pare."

Ela grita: "Me solte, me solte!"

Eu faço, mas ela me bate repetidamente. Ela está respirando tão pesadamente, com falta de ar. Eu recuo contra a parede, mas ela também está recuando, prestes a cair da cama, então eu avanço para agarrá-la novamente. Ela está me chutando com os dois pés. Desta vez ela grita apenas uma palavra: "Mãe".

"Éden, acorde!" Eu grito, mas ela não me ouve.

Ela grita: "Pare". Não sei o que fazer – ela vai se machucar. Mas eu solto seus braços e não posso fazer nada além de vê-la cair. O som é terrível – ela bate na mesa e seu abajur cai, parte da cortina de vidro quebra, mas ainda está acesa, iluminando-a naquele ângulo severo que a faz parecer assombrada. Ela olha para mim como se eu a tivesse empurrado ou algo assim, como se lhe doesse olhar para mim.

"Éden?" Eu me esforço para cair no chão com ela, mas ela se afasta quando eu a agarro. Ela olha ao redor da sala: para o abajur, para mim, os joelhos esfolados sangrando, as palmas das mãos arranhadas. "Éden", repito. Ajoelho-me ao lado dela e ela estende os braços, mas não consigo dizer se ela está me alcançando ou tentando me manter afastado. "Ei, sou só eu. Sou só eu. Você está bem."

"O que?" sua voz chia. "O que aconteceu?"

"Você estava tendo um pesadelo. Você... você caiu da cama — gaguejo, tentando dar a ela a versão mais gentil da verdade.

Parker está batendo na porta agora, o que a faz dar um pulo. "Éden?" Parker liga. "Éden, você está bem?"

Eden olha para mim como se não tivesse certeza de como responder, mas acho que não deveria responder por ela porque também não sei.

"Éden!" Ela bate mais um pouco. "To entrando."

Ela abre a porta e seus olhos vão para a luminária quebrada, depois para Éden, encostada na parede, com os braços em volta dos joelhos, depois para eu, agachado ao lado dela. "O que está acontecendo aqui?" ela diz para mim e depois para Eden: "Você está bem?"

"Sim, eu... estou bem", Eden diz a ela.

Parker estreita os olhos para mim. "Você bateu nela?"

"NÃO!" nós dois gritamos ao mesmo tempo.

"Oh meu Deus, Parker, não," Eden diz, parecendo sair dessa, o foco voltando para seus olhos. "Está tudo bem, realmente. Eu estava tendo um pesadelo. Caí."

"Você estava gritando", diz Parker.

Éden balança a cabeça. "Eu não... eu não sei. Não me lembro disso.

"Vou buscar algo para esses cortes, ok?" Eu digo a ela. "Eu volto já."

Parker me segue até o banheiro. "Que porra é essa, Josh?" ela murmura baixinho.

"É como ela disse, ela teve um pesadelo muito ruim. Eu estava tentando acordá-la e a assustei ainda mais. Isso é tudo." Abro o armário de remédios, onde encontrei os curativos para a mão dela na semana passada. Recebo band-aids e um tubo de pomada. "Juro para você que nunca bateria nela."

— Ela bateu em você? ela pergunta.

"Não!"

"Josh, olhe para você mesmo", ela diz.

Fecho o armário e me olho no espelho. Eu estou sangrando. Arranhões no pescoço, no peito. Os vergões vermelhos dos primeiros hematomas em meus braços, peito e estômago. Olho para minhas pernas. Marcas nas minhas coxas e canelas. "Estou bem. Ela nem sabia o que estava acontecendo." Eu me afasto dela para molhar uma toalha na pia. Minhas mãos estão tremendo.

"Josh", diz Parker. "Você está bem?"

"Não quero deixá-la sozinha", digo a ela em vez de responder, porque a resposta é *Não, não estou bem, porra*. "Vai ficar tudo bem."

"Ok", ela diz, não convencida.

De volta ao quarto de Eden, ela não se mexeu; ela está apenas olhando para o chão. Pego o abajur dela e coloco-o de volta na mesa porque dói olhar para ela assim também. Coloco os band-aids, a pomada e o pano em sua mesa e estendo as mãos para ajudá-la a se levantar, mas ela nem olha para mim.

"Éden?" Sento ao lado dela no chão. "Você pode me ouvir?"

"O que aconteceu?" ela pergunta novamente, finalmente olhando para mim.

"Você estava apenas sonhando, ok?"

"Não, eu não estava – isso era diferente."

"Vamos levantar você. Segure-se em mim, certo? Braços em volta do meu pescoço."

Ela me deixa ajudá-la a se levantar do chão e colocá-la na cama. "Vou limpar isso bem rápido", digo a ela, pegando a toalha e pressionando-a contra seu joelho.

"Oh meu Deus, Josh." Ela toca meu pescoço, pressiona a mão contra meu peito. "Eu arranhei você. Eu sinto muito."

"Está tudo bem", digo a ela enquanto aplico uma fileira de band-aids em um joelho. "Foi estúpido da minha parte tentar te acordar daquele jeito. A culpa é minha, sinto muito."

"Achei que você fosse ele, não sabia."

"Não eu sei." Levo a toalha até o outro joelho e ela respira fundo. "Isso dói?" Eu pergunto a ela.

Ela pega a toalha de mim, dobra-a para limpar lado, e traz para o meu pescoço, esfregando suavemente, suas mãos tremendo muito. "Eu sinto muito."

"Estou bem", digo a ela enquanto termino de colocar band-aids em seu outro joelho. "Eu prometo."

Levanto-me e visto minha camisa. Ela já está assustada com os arranhões; ela não precisa ver os hematomas também. "Você quer manter a luz acesa?"

Ela balança a cabeça e volta para a cama.

Desligo a lâmpada, evitando os vidros quebrados.

Deitado ao lado dela, sinto-me desconfortável. Com medo. Não dela, exatamente, mas das coisas que a assombram. Ela deita a cabeça no lugar onde sempre deita e passa o braço sobre mim como sempre faz. Mas tudo parece diferente.

"Eu te amo", ela diz. "Josh?"

"Sim?"

"Eu te amo", ela repete.

"Eu também te amo."

"Você está louco?"

"Claro que não", digo a ela. Estou com muitas coisas agora, mas bravo – com ela, pelo menos – não é uma delas. "Eden, isso acontece muito? Tendo pesadelos como esse, quero dizer.

"Às vezes", ela responde. "Mas já faz muito tempo que não é tão ruim assim. Eu sei que te assustei. Desculpe."

"Você pode parar de se desculpar?" Mas então me preocupo se posso parecer muito duro. "Realmente, você não tem nada do que se desculpar."

"Ok, vou parar", ela sussurra. Ela toca meu peito no local onde me arranhou e beija minha camisa – dói quando o tecido roça minha pele aberta.

"Eden, posso te perguntar mais uma coisa?"

"Mm-hmm", ela murmura.

"Você está recebendo ajuda para tudo isso? Mais do que os remédios. Como aconselhamento ou algo assim?"

"Sim."

"Realmente?"

"Sim, eu tenho um terapeuta em casa. Conversamos uma vez por semana."

"Está ajudando?"

"Principalmente, eu acho."

"Bom, estou feliz."

Ela fica tão quieta por tanto tempo que acho que adormeceu. Mas então ela levanta a cabeça para olhar para mim e diz: "E você?"

"O que? Desculpe, e eu?"

"Você já viu alguém, quero dizer, pelas coisas com seu pai? Ou apenas em geral?"

"Oh." Lembro-me das reuniões do Alateen para as quais minha mãe me trouxe quando eu estava no ensino médio. "Quando eu era mais jovem, fui a algumas reuniões de grupo, mas. . ."

"Mas o que?" ela me pergunta.

Eu dou de ombros. "Eles simplesmente não eram para mim, eu acho." Mas enquanto estamos aqui, lembro-me com mais clareza. Não foi isso que aconteceu. As reuniões conflitavam com o basquete e parei de ir.

"Ei, você realmente deveria tentar dormir, ok?" Eu digo a ela. "Estarei aqui o tempo todo."

ÉDEN

Seu alarme toca às cinco, como todas as outras manhãs. Exceto que ele não acorda para isso. E ele não está me segurando como estava quando adormecemos. Ele está de costas. Estendo a mão para pegar seu telefone e adiar o alarme.

Sussurro seu nome e toco seu ombro, passando a mão pela lateral de seu rosto. Nada. "Josh?" Repito, um pouco mais alto.

Ele acorda acordado. "Oh, o que, o que há de errado?"

"Nada nada. Seu alarme disparou.

Ele respira fundo e rola de costas, pelo menos um pouco mais perto de mim. "Como já é de manhã?" ele geme.

"Eu sei." Eu me apoio ao lado dele e olho para seu rosto. Meus olhos viajam para os cortes em seu pescoço – eles parecem ainda piores. Eu me inclino e beijo as linhas vermelhas tão suavemente quanto posso.

Ele estende a mão e toca meu rosto, meu cabelo. "Está tudo bem," ele sussurra, lendo minha mente.

Deito-me contra ele, e ele fica tenso antes de colocar o braço em volta de mim.

"Tecnicamente, ainda tenho dia de folga", digo a ele. "Então, vou tentar ligar para meu terapeuta hoje."

"Ok, isso parece bom."

"Você poderia... não, deixa pra lá."

"Não o quê?" ele pergunta. O alarme dispara novamente. "Droga", ele diz, estendendo a mão para desligá-lo. "Eu faria o quê?"

"Você iria . . . ?" Eu ia perguntar se ele estaria na ligação, para contar a ela o que aconteceu, para *me contar* o que aconteceu também, mas sinto que não é justo pedir a ele para reviver. "Você poderia me abraçar por mais alguns minutos antes de ir?" Eu pergunto em vez disso.

"Sim, venha aqui", ele diz – claro que vem. Ele rola para o lado e me envolve em seus braços.

"Mais apertado," eu digo.

Ele me puxa para mais perto, beija meu cabelo e sussurra: "Eu te amo".

E por nove minutos felizes, as coisas parecem bem.

Mas então o alarme soa novamente.

Ele suspira. "Eu tenho que me levantar, querido."

Eu o observo enquanto ele sai da cama e acende minha luminária. Ele enfia a mão na bolsa em busca de roupas e, enquanto tira a camisa, percebo que ele está de costas para mim. "Josh?"

"Sim?" ele responde, ainda virado.

Saio da cama e vou até a frente dele. Ele rapidamente pega um par de tênis e os segura na frente do corpo como se estivesse tentando se cobrir.

"O que você está fazendo?" — pergunto, pegando as calças.

"Eden, não..." ele diz, mas depois os solta.

E então vejo o que ele está escondendo.

"Oh meu Deus," murmuro, minha mão sobre a boca. "Eu..." Engulo em seco. Sinto as lágrimas já inchando sob meus olhos enquanto elas cobrem os hematomas roxos escuros em todos os seus braços, peito, estômago e até mesmo nas pernas. "Eu fiz isso com você?"

"Venha aqui, venha aqui, venha aqui", ele diz, me puxando e me segurando com força. "Shh, não é culpa sua, ok? Estou bem."

"Não", eu digo, balançando a cabeça para frente e para trás. Porque isso parece muito familiar, os hematomas em seu corpo, assim como os meus na manhã seguinte. Pego minha cadeira e tenho que me sentar porque minhas pernas estão fracas.

"Por favor, olhe para mim." Ele se ajoelha no chão na minha frente. "Você não tinha ideia do que estava acontecendo, ok? Você não estava aqui; você estava lá."

Deslizo até o chão também e toco os hematomas. "O que eu fiz?"

"Você só estava tentando fugir de mim, dele, quero dizer", ele explica, mas ainda não consigo acreditar.

"Como eu pude ter feito tudo isso?" Eu digo em voz alta. Mas a outra parte da frase que não digo em voz alta é: Como pude ter feito tudo isso com ele, meu amor, a única pessoa com quem me sinto segura, quando não pude fazer nada para me defender de Kevin? aquela noite? E então percebo a diferença, enquanto ele me observa com aqueles olhos suaves e escuros. Josh não estava lutando comigo. Ele estava apenas aceitando.

"Eu agarrei você. Eu estava tentando ajudar, mas não sabia o que fazer, Eden. Então, eu agarrei você porque eu... ." Ele deixou suas mãos flutuarem pelos meus braços, até esses anéis roxo-avermelhados ao redor do antebraço do meu lado direito e do meu pulso do lado esquerdo. "Eden, eu juro que não significa machucar você. Você estava caindo e tive medo de que você se machucasse, e sei que piorei a situação. Ele olha para mim, seus olhos cheios de lágrimas agora. "Sinto muito", ele grita rapidamente enquanto se inclina para frente e cobre o rosto com as mãos.

"Não, sinto muito, Josh. Eu sinto muito. Sinto muito", digo a ele repetidamente. Eu o puxo para mim e sei que nunca vou me perdoar por isso. Caímos no chão, nos braços um do outro, ambos chorando agora. "Estou tentando, eu juro", digo a ele.

"Eu sei", diz ele. "Eu também."

JOSH

Faz apenas uma semana que estávamos no meu quarto dançando sem música, comemorando, e agora estou aqui no chão, com medo de perdê-la novamente.

Ficamos assim, enroscados um no outro, por tanto tempo que o sol nasce.

"Josh?" ela finalmente diz, se reposicionando para ficar sentada com as costas apoiadas na lateral da cama.

Eu me sento mais ereto também, e ela começa a tocar meu rosto com tanta delicadeza que a única coisa que quero fazer é voltar para a cama com ela e dormir.

"Eu quero que você saiba", ela começa. "Vou contar a Parker sobre o julgamento e tudo mais. Não suporto que ela pense nem por um segundo que você faria algo para me machucar. Vou explicar tudo para ela, ok?"

"Você não precisa fazer isso", digo a ela. "Não por minha conta. Realmente."

"Não, eu queria contar a ela há um tempo, de qualquer maneira. Simplesmente não consegui encontrar o momento certo – mas este é o momento certo, eu sei."

"Só se for o que você quer fazer."

"Isso é."

Respiro algumas vezes e pratico as palavras algumas vezes na minha cabeça primeiro. "Você pode ficar chateado", começo, "mas você deveria saber que contei aos meus pais sobre a agressão – o julgamento e tudo mais. Eu sei que não deveria estar falando sobre isso, mas..."

"Não, está tudo bem," ela diz tão baixinho que não consigo dizer se há algum desconforto por trás das palavras. "Tudo bem."

"É mesmo?" Eu pergunto. "Está tudo bem?"

Ela assente. "Quero dizer, eu confio no seu julgamento – Deus, eu confio mais no seu julgamento do que no meu. Eu sei que você não vai contar para pessoas em quem não confia, que não *precisam* saber, certo?"

"Certo. Não, claro", asseguro a ela. "Estava ficando difícil manter isso em segredo."

"Entendo. Tem sido um segredo por muito tempo. É apenas..."

Eu espero, mas ela não termina.

"Ei, eu sei que você provavelmente está preocupado em começar a praticar", diz ela. "Vá, sério, você deveria ir."

"Tudo bem", digo a ela, embora praticar seja a coisa mais distante da minha mente agora, mas irei se é isso que ela quer. "Tem certeza de que vai ficar bem aqui, sozinho?"

"Claro, sim", ela diz. Ela até sorri. "Eu prometo. Acho que provavelmente vou voltar a dormir um pouco."

Estou trêmulo quando me levanto. Sensação quase fraca e quebradiça quando pego a mão dela e a ajudo a se levantar do chão. Tonto enquanto me visto e me inclino para beijá-la. Assustado quando digo "eu te amo". Instável quando saio do quarto dela e fecho a porta atrás de mim.

Chego ao treino matinal com quase quarenta e cinco minutos de atraso. Jon balança a cabeça quando entro na academia. "Seriamente?" ele diz em voz alta, olhando em volta.

Não tenho forças nem para ficar brava com ele ou tentar me defender, então não digo nada.

Dominic me chama para o supino. “Ei, Miller. Identifique-me. Quando chego lá, ele diz, baixinho: — Você está louco para chegar tarde depois de ontem? Mal tenho energia para juntar duas palavras para explicar.

“Eu sei” é tudo que consigo administrar.

“Eu disse ao treinador que você teve um problema de última hora com uma tarefa.”

“Obrigado”, digo a ele.

Agarro a barra com as duas mãos – grata por não estar mais tão trêmula, meu sangue bombeando de volta pelo meu corpo novamente – e o ajudo na decolagem.

“Entendi”, diz ele.

Nós nos revezamos para nos localizarmos, e me sinto grata por ele saber que, de alguma forma, eu não deveria estar sozinha agora. Eu continuo pegando ele me observando muito de perto, mas felizmente ele espera até depois do treino para me perguntar, quando estamos sozinhos no vestiário.

“Parker me ligou no meio da noite, você sabe. Ela estava realmente assustada. Quando cheguei lá, acho que já tinha acabado. o que quer que tenha acontecido, mas. . .” Ele aponta para os arranhões no meu pescoço; Puxo minha gola para cima. “Seja sincero comigo, o que está acontecendo com você? Primeiro você começa uma briga com Jon. Agora, o que é isso com Éden?”

“Eu não comecei isso—”

“Não”, ele interrompe, erguendo as mãos. “Ele estava sendo um idiota total, eu sei, mas você colocou as mãos nele primeiro. Esse não é você.

“Eu sei”, suspiro. “É tudo uma coisa longa e complicada, não sei. . .”

“Eu tenho tempo.”

Então, faltamos às nossas primeiras aulas e tomamos café da manhã. Conto a ele tudo o que está acontecendo. Comigo, com Éden. O julgamento. Noite passada. Tudo.

“Droga, isso é uma merda pesada.” Ele balança a cabeça. “Eu não fazia ideia.”

“Sim, bem, eu não queria exatamente que você fizesse isso, mas sinto que estou perdendo a cabeça. Tipo, eu honestamente nunca estive tão assustado na minha vida. Eu não sei o que fazer. Se isso acontecer novamente, o que eu faço?”

“Isso é apenas uma pergunta, não estou tentando ser um idiota”, diz ele, prefaciando algo que tenho certeza que não vou gostar. “Mas ela vale tudo isso para você?”

“Claro”, respondo imediatamente – não há dúvida sobre isso.

“Não, quero dizer, sério, porque isso é muito. Muito para qualquer um, até para você.

“Dominic. Parar. Ela vale a pena. Mas sinto que estou ficando emocionado de novo – com raiva, triste, está ficando cada vez mais difícil saber a diferença. “Você sabe, tudo isso está acontecendo porque literalmente todos em sua vida a trataram como se ela não valesse a pena por tanto tempo.”

“Entendi”, diz ele. “Eu faço. Eu realmente quero. Ele faz uma pausa. “Se você está nisso há muito tempo, talvez precise conversar com alguém também. Porque você sabe que eu te protejo, mas não tenho ideia do que dizer nesta situação.

“Não sei. Talvez.”

“Você sabe que eu te amo, cara, mas como seu amigo, posso ser honesto?”

“Sim, ok.”

“Você está começando a entrar em espiral de novo”, diz ele. “Como antes.”

PART FOUR

November

ÉDEN

Já se passou mais de um mês desde o pesadelo e as coisas finalmente estão voltando ao normal. Eu tomei um comprimido para ansiedade antes de Parker e eu sairmos do apartamento. É muito lento para começar esta noite, porém, enquanto estou sentado na arquibancada sozinho, o caos irrompe ao meu redor.

Alguém me dá um tapinha no ombro e aponta para o assento ao meu lado. “Está ocupado, desculpe!” Eu grito, mas está tão alto aqui que mal consigo me ouvir. Coloco meu casaco no chão e tento criar uma bolha mental enquanto espero Parker voltar do banheiro. Mas não funciona; Ainda posso sentir o suor nas palmas das mãos. Posso sentir o cheiro de muitas pessoas em um lugar muito pequeno. Posso ver a quadra de madeira brilhando como um lago que pode engolir todos nós.

O jogo só vai começar daqui a meia hora e a energia aqui já é insana. Tudo é . . . demais. Acho que o primeiro jogo em casa da temporada é um grande negócio. É tão diferente do que me lembro da última vez que frequentei a escola secundária do meu irmão. jogos, quando eu ainda estava no ensino médio e podia me enfiar em um canto e ler, de alguma forma conseguindo bloquear todo o resto.

Quando estávamos deitados na cama esta manhã, Josh me disse que eu não precisava vir hoje à noite — ele sabia que eu teria problemas com uma multidão desse tamanho. Mas quando eu disse que queria, ele riu, lembrando-me que quando estávamos no ensino médio, uma vez eu disse a ele que nunca seria a garota torcendo por ele em seus jogos.

“Nunca”, ele enfatizou, me provocando.

“Oh meu Deus,” eu gemi no travesseiro. “Por que você gostou de mim naquela época?”

“Ei, achei engraçado”, ele me disse.

“Foi *cruel*.”

“Não, realmente, encontrei sua honestidade. . .” Ele fez uma pausa, olhando para o teto em busca da palavra. “Refrescante.”

“Sorte minha”, eu disse.

Ele sorriu para mim tão docemente que tive vontade de ficar na cama, mas precisava me preparar para meu turno no café. Quando saí do chuveiro e voltei para o meu quarto enrolada em uma toalha que apenas me cobria, pensei que ele tivesse adormecido novamente, então tentei ficar quieta enquanto começava a recolher minhas roupas.

Mas então ele suspirou baixinho através da palavra “*Deus*”.

Me virei para vê-lo me observando.

“O que?” — perguntei, mas só o som da voz dele, daquele jeito, já havia despertado todo aquele friozinho na barriga.

“Como faz tanto tempo que não vejo você assim?” ele perguntou, sentando-se.

“Temos estado ocupados”, eu disse a ele, mas isso é apenas parte da verdade. A outra parte foi a mais difícil de admitir – que algo aconteceu naquela noite da qual nenhum de nós se recuperou totalmente ainda.

Fui até a cama para beijá-lo, mas ele ficou lá, pegando minhas mãos, me puxando para mais perto. “Você cheira tão bem,” ele murmurou contra meu pescoço. Quando me afastei, a lateral

do rosto dele estava toda molhada por causa do meu cabelo. Eu ri e limpei seu rosto com a ponta da minha toalha.

Ele tocou minha barriga e levou as mãos aos meus quadris, depois até o ponto no centro do meu peito, onde enfiei a ponta da toalha para mantê-la no lugar. Então ele olhou para mim, um olhar que eu não via há algum tempo. "Você tem alguns minutos?"

"Alguns", respondi.

Ele se aproximou, abrindo espaço para mim. "Voltar para a cama um pouco?"

Quando me deitei ao lado dele, ele me beijou e depois estudou meu rosto por alguns momentos, passando o dedo pela cicatriz acima da minha sobrancelha, sorrindo enquanto se inclinava para beijá-la. Então ele beijou minha boca novamente, meu pescoço, descendo, sem pressa, mesmo que não tivéssemos tempo.

A toalha se soltou do meu corpo facilmente. Esqueci-me do relógio.

Porque o toque dele. . . sua boca na minha pele, suas mãos. Eu não conseguia me lembrar da última vez que pareceu fácil assim. Simplesmente ceder, deixar ir e se perder. Abaixei-me para tocá-lo também, queria que ele se sentisse tão bem quanto ele estava me fazendo sentir. Mas ele pegou minha mão e passou meu braço por cima da cabeça, mantendo-o ali, gentilmente, por apenas um segundo.

"Sinto-me ganancioso", expliquei.

"Ambicioso?" ele murmurou enquanto ria com a boca contra minha barriga. "Oh, se você tivesse alguma ideia do quanto estou gostando disso, você pensaria que sou o ganancioso. Além disso, nada de pré-jogo para mim.

"Ah, isso é uma regra?"

Ele concorda. "Tipo."

"E eu sei que você nunca quebraria uma regra."

"Bem, no entanto, não há regra sobre depois do jogo."

Tive problemas por estar quinze minutos atrasado para o trabalho, mas nada poderia estragar minha euforia. Nem meu gerente idiota, nem os empresários rudes ou as mães distraídas do futebol, nem mesmo derramando um café expresso na camisa de um cliente. Porque eu poderia simplesmente fechar os olhos, sentir meu coração disparar novamente e lembrar como todo o resto é sem importância.

Agora estendo meu telefone e tiro algumas selfies com a multidão ao fundo: uma com o polegar para cima, outra com uma piscadela, outra com um enorme sorriso brega e uma minha mandando um beijo para ele. Ele ama todos eles imediatamente e escreve:

Eu estive pensando sobre esta manhã o dia

todo

"Por que você está sorrindo?" Parker pergunta enquanto ela se espreme ao meu lado.

"Apenas um pequeno incentivo antes do jogo. O que você diz antes de um jogo? Não quebrar uma perna?"

"Deus, não, por favor, não diga isso! Que tal um simples 'boa sorte'", ela sugere, observando enquanto eu mando uma mensagem para ele. "Estou feliz que vocês estejam estou melhor", ela diz, e dá uma pequena sacudida no meu ombro – ela tem me apoiado tanto desde que eu a contei sobre tudo, como se fosse a irmã que eu nunca tive. Estou prestes a contar isso a ela,

quando as líderes de torcida saem e todos ao nosso redor se levantam, começam a bater palmas e gritar.

Elas são todas tão lindas com sua maquiagem brilhante e cabelos penteados e seus corpos perfeitos. Eu me pergunto se algum dos companheiros de equipe de Josh viu as selfies que acabei de enviar para ele. Eles diriam: *Huh, bem, ela não parece grande coisa*? Não comparado a essas garotas. Atletas podem ser implacáveis. Mas então, todos os caras podem ser implacáveis.

Quando as equipes saem, todos se levantam novamente e comemoram. Eu vejo Josh. Sua camisa é a 12, assim como era no ensino médio. *Como eu não sabia disso?*

Não consigo tirar os olhos dele o tempo todo. É como se eu estivesse vivenciando uma versão totalmente diferente dele. Ele parece tão gracioso, movendo-se rapidamente e pulando e passando a bola como se não fosse nada. Estou meio pasmo, como ele consegue se mostrar assim, se expor, na frente de todas essas pessoas.

Ele olha para mim quando eles estão no meio de uma reunião e sorri. Sinto-me lisonjeado e depois tonto. Mas há algo mais logo atrás. É uma sensação de aperto que se instala no meu estômago, no lugar onde aquelas borboletas estavam agitadas antes, como se alguém tivesse jogado um monte de cascalho em cima delas, sufocando o fogo, destruindo suas asas. E com essa imagem dou o nome ao sentimento: indigno. Estou estranhamente, de repente, profundamente indigno.

Fecho os olhos, tentando invocar aquela liberação leve, arejada, latejante e dolorosa que senti esta manhã. Mas já se foi. Tento dizer a mim mesmo que provavelmente são apenas os remédios para ansiedade fazendo efeito.

Depois, Parker e eu ficamos no vestiário, esperando por Josh e Dominic. E quando eles saem, há garotas – e garotos – esperando aqui também, prontos para se jogar em cima deles. Eu me afasto e espero que ele venha até mim. Ele me beija ali mesmo, na frente de todos, empurrando aquela pesada pedra de indignidade em meu estômago. Parte de mim quer impedi-lo, dizendo: *Josh, espere, o que eles vão pensar de você — estando comigo? Eu não sou nada. E você é...*

Olho para baixo por um momento e, quando olho de volta, ele tem um sorriso divertido no rosto. "O que?" Eu pergunto.

"Noite de garota tímida?" ele pergunta baixinho, me conhecendo tão bem. "Não precisamos sair com eles. Tudo bem."

"Não, vamos. Eu vou ficar bem."

"Sim?"

"Sim, além disso, deveríamos comemorar."

Ele balança a cabeça e ri. "Nós perdemos."

"Oh, certo." Eu sabia disso, mas acho que meu cérebro perdeu a importância de todo o conceito de ganhar-perder na tentativa de me fazer permanecer presente durante todo o processo. "Bem, e daí? Mais um motivo para comemorar."

"Ei, concordo com sua namorada, Miller", diz um cara que conheço deve ter jogado agora há pouco, mas na verdade não registrei ninguém além de Josh. Ele se apresenta e é bastante amigável, mas esqueço seu nome imediatamente.

Caminhamos até o restaurante, de braços dados, ficando atrás do resto do grupo. É o tipo de noite perfeitamente gelada, mas não muito fria, de início de novembro, que me faz adorar que meu aniversário esteja chegando em apenas alguns dias.

"Você está quieto", ele diz.

"Desculpe."

"Não, você não precisa se desculpar. Acabei de notar, só isso."

"Oh. Eu estava pensando no tempo. É muito bom sair.

Ele olha para o céu, as nuvens se movendo acima de nós, mais rápido do que andamos.

"Quer dizer, eu também estava pensando no jogo", acrescento. "Nunca assisti a um jogo de basquete inteiro antes, prestando muita atenção."

"Mesmo com seu irmão jogando todos esses anos?"

Eu balanço minha cabeça. "Nunca me importei muito. Mas, Josh," eu digo, mais sério. "Você foi tão bom."

Ele ri. "Mais uma vez, perdemos."

"Bem, me perdoe. Eu estava apenas observando você o tempo todo – eu realmente não estava acompanhando mais nada." *A maneira como você move seu corpo* – sinto minhas bochechas queimando.

"Meu?" ele diz com uma risada.

"Sim você." Eu o puxo para mais perto de mim, e nossos pés se arrastam em câmera lenta enquanto olhamos um para o outro. "Não sei, nunca pensei que fosse uma dessas garotas."

"Uma de que garotas?"

"Você sabe do que eu estou falando. Uma das quinhentas garotas aqui esta noite que provavelmente irão para casa e fantasiarão com você.

Ele sorri e estreita os olhos para mim, a cabeça levemente inclinada, como se não acreditasse que isso fosse uma coisa. Deus, ele é tão fofo quando não sabe o quão fofo ele é.

"Só estou dizendo que se você ficar cansado de mim, poderá fazer um upgrade em menos de um minuto."

Ele para de sorrir agora e revira os olhos, voltando a andar em um ritmo nada sonhador.

"Não, só estou dizendo. . . você tem opções.

"Você tem que fazer isso?" ele pergunta. "Não estou interessado em opções."

"Ok, mas só estou dizendo que havia uma dúzia de garotas muito bonitas nas minhas imediações que iriam..."

"Oh meu Deus," ele geme. "Parar."

"Só estou sendo honesto, pensei que você tivesse dito antes que gostava disso em mim."

"Bem, agora você está sendo cruel," ele sussurra, inclinando-se para perto de mim. "Para você mesmo."

JOSH

Sáímos com alguns membros da equipe depois do jogo para um restaurante próximo. Parker se junta, acho que para deixar Eden mais confortável. Lucas veio passar o fim de semana com Dominic. Eu disse a eles que sairia do apartamento — ficaria com Eden e lhes daria algum espaço.

Eu não tinha certeza se queria sair hoje à noite; parte de mim esperava que ela dissesse não, mas agora que estamos aqui, é realmente legal. Às vezes esqueço como adoro vê-la assim; Posso admirá-la de forma diferente do que quando somos só nós. Percebo coisas novas ou me lembro das antigas. Por exemplo, como ela não parece ter nenhum interesse em conversa fiada – algo que esqueço até vê-la em situações sociais como essas – a ponto de quase parecer um pouco rude. Mas então ela presta muita atenção quando está conversando com alguém, falando sobre algo real. Ela se compromete com isso e não se deixa distrair. Afinal, foi assim que ela me conquistou viciado nela para começar. Ela me forçou a ser real porque não gostava da outra versão de mim, aquela que conseguia bater um papo educado com qualquer pessoa, o dia todo, sem nunca dizer nada que importasse.

Ela está conversando profundamente com Luke agora – pelo que posso ouvir, parece que eles estavam em uma banda no colégio. Eu tinha esquecido que Eden me contou uma vez que ela tocava algum tipo de instrumento. Começo a ignorar minha própria conversa para participar da deles.

Grito no restaurante barulhento: “O que você usou para brincar de novo?”

Luke aponta para Éden e diz: “Clarinete, certo?”

“Sim!” ela grita, encantada. “Boa memória. E você estava. . . flauta, eu acho?”

“Como você se lembrou disso?” Luke pergunta a ela. “Você não saiu da banda depois do primeiro ano?”

Vejo isso em seu rosto: ela fica pálida e seus olhos ficam meio distantes por apenas um momento. Passei a reconhecer esse olhar. Significa que ela deve ter ido embora depois do que aconteceu, por causa do que aconteceu. Passa rapidamente, e ela balança a cabeça e sorri, mas pega minha mão por baixo da mesa.

Felizmente Dominic se junta a nós naquele momento.

“Espere um segundo”, diz ele. “Achei que flauta e clarinete eram a mesma coisa?”

Eden e Luke trocam um olhar, como se isso fosse a coisa mais maluca que já ouviram, e começam a rir histericamente.

Luke balança a cabeça, se inclina e beija a bochecha de Dominic. Então diz: “Não, querido. Eles não são a mesma coisa.”

Eu coloco a mão dela sobre a mesa agora e aperto uma vez. antes de deixar ir. Quando ela abre a mão, posso ver que as cicatrizes rosadas da queimadura estão quase invisíveis agora.

Somos os primeiros a sair. No caminho para casa, olho para vê-la sorrindo. Não para mim, apenas sorrindo.

“Parece que você se divertiu esta noite.”

“Na verdade, eu fiz”, diz ela. “Eu gosto de Lucas. Você sabia que eu literalmente nunca falei com ele na escola; não é estranho como as coisas podem mudar?”

"Sim, eu concordo. "Hum, então escute, eu queria sugerir algo para você", começo.

"Ok, isso parece sério", diz ela, diminuindo o ritmo enquanto olha para mim.

"Sério? Não sei." Eu dou de ombros. "Na verdade. Meus pais queriam que eu convidasse você para o Dia de Ação de Graças."

"Ah, uau", ela diz. "Conhecendo os pais. Isso é sério."

"É isso?" Eu pergunto – eu também pensei que fosse, mas não queria dar muita importância a isso. "Parece que é a hora certa, não é?"

Ela olha para baixo e sorri.

"Então isso é um sim?"

"Sim", ela responde, balançando a cabeça. Mas então ela solta uma pequena risada.

"O que?"

"Você sabe que uma vez me disse que nunca me deixaria conhecer seus pais, não é?"

"Eu disse isso?"

"Sim. Foi durante a mesma conversa que eu fui *tão honesto* e disse que não queria ser sua líder de torcida, sua namorada ou algo assim.

Eu penso no passado e me lembro de ter dito isso agora. Mas naquela época fiquei particularmente furioso com meus pais; eles estavam tentando esconder de mim a última recaída do meu pai. Eu senti que não podia confiar neles, e eu estava tão farto de suas merdas quando conheci Eden que não queria que eles se envolvessem em nada que pudesse se tornar importante para mim.

"Como você disse, as coisas mudam."

De volta ao quarto dela, a toalha ainda está torcida na cama de antes. Nós nem falamos sobre isso; nós apenas começamos a tirar nossas roupas. Não precisamos falar sobre isso. Parece tão certo, como se toda a distância, tristeza e medo do mês passado nunca tivessem sido reais.

Ela não para de me beijar o tempo todo. Estamos tão próximos, cheios de harmonia, ritmo e conexão como sempre antes daquela noite horrível e aterrorizante. Sem fôlego, ela diz meu nome a certa altura. Acho que ela está apenas dizendo isso no início, mas alguns segundos depois ela diz de novo. "Josh, eu..." . . .", ela começa, e segura meu rosto, olha profundamente em meus olhos, mas não diz mais nada.

"Sim?" Eu pergunto a ela, parando para ouvir.

Mas ela balança a cabeça e sorri, sussurrando: "Eu te amo".

Eu digo isso de volta. Repetidamente, eu digo isso de volta.

Adormeço com muita facilidade, com a cabeça apoiada em sua barriga, minha mão em seu quadril, seus braços em volta de mim. Não consigo me lembrar de uma época em que me senti mais em paz, mais bem com minha vida do que agora, meu corpo subindo e descendo com a respiração dela.

Acordo de madrugada e me espreguiço, rolando para fora de seus braços. Ela está deitada ao meu lado, olhando diretamente para o teto. "Ei," eu sussurro. Mas ela não se move nem responde. Eu me apoio e olho para ela mais de perto. Seus olhos estão bem abertos, sem piscar. Sinto uma intensa onda de adrenalina percorrer todo o meu corpo. Porque não há vida por trás dos olhos dela. Ela parece . . . *morto*. Eu agarro seu braço agora e digo seu nome,

mais alto. Ela pisca algumas vezes e depois se vira para olhar para mim. Ela está de volta à vida.

"Huh?" ela murmura.

"Você está bem?"

"Sim", ela respira e toca meu rosto suavemente. "Eu só estava pensando."

"A respeito?"

"Nada nada. Ficaré tudo bem."

"O que irá?" Eu pergunto. "O que está errado?"

Ela lambe os lábios antes de falar, como se eles tivessem secado enquanto ela estava deitada sem vida por sabe-se lá quanto tempo. "É só que... eu perdi alguns dias, eu acho, com meu controle de natalidade."

Uma onda fria de pânico passa por mim. "Espere, você acha ou sabe?"

"Saí correndo outro dia e não tive chance de pegar o refil."

Agora estou sentado, olhando para ela. Não sei que cara estou fazendo, mas ela franze a testa ligeiramente para mim.

"Bem, por quanto tempo?"

"Não sei, apenas alguns dias, talvez."

"Merda." Bastam alguns dias – eu definitivamente fiz minha lição de casa sobre tudo isso meses atrás, quando decidimos parar de usar preservativos. Quero dizer, parecia lógico na época. Se a pílula for mais eficaz, de qualquer maneira, por que fazer os dois? Mas isso só faz sentido desde que ela tome todos os dias, o que ela jurou que faria.

"Uma semana, talvez, no máximo."

"Merda!" Eu repito. "Você está falando sério?"

Ela se apoia nos cotovelos e fica meio sentada, muito calma. "Sim, bem, não parecia uma prioridade, já que não temos sido tudo isso. . . ativo ultimamente."

"Oh meu Deus," suspiro em minhas mãos. "O quê, e você acabou de perceber isso agora?"

Ela abre a boca, mas não diz nada.

"Você percebeu isso agora há pouco, certo?"

"Quer dizer, está tudo bem", diz ela, sem responder à pergunta. "Posso tomar a pílula do dia seguinte. É fácil."

"Tudo bem", eu digo. Pelo menos temos um plano. Mas há uma sensação no meu peito como um parafuso apertando. "Espere, você me deixou. . . quando você soube?"

"EU-"

"Você fez." Percebo enquanto observo seu rosto. "Isso é o que você ia me dizer. Quando você disse 'eu te amo'. Jesus Cristo, Éden! O que você estava pensando?"

"Não grite comigo", diz ela, com a voz ainda mais baixa. "Por favor."

"Por que você não me impediu?" Eu grito de qualquer maneira.

Ela estende a mão para mim. "Me desculpe eu-"

Não posso deixar de me afastar dela. "Você não pode me tocar agora?"

Ela fica muito quieta enquanto me observa sair da cama; Começo a me vestir, pegando roupas aleatórias enquanto as encontro espalhadas pelo chão.

"Josh, o que você está fazendo?"

"Preciso de um pouco de ar", digo a ela. Ela se move para se levantar da cama também. "Não me siga."

Mas ela está comigo no telhado alguns minutos depois. Ela vem e fica ao meu lado na grade, onde estou olhando para o campus, tentando processar o que acabou de acontecer. O vento sopra e ela se aproxima de mim. Quando olho para ela, vejo que ela está vestindo minha camiseta cinza de novo, aquela com um buraco na gola, e uma cueca boxer minha. Ela está tremendo quando coloca a mão no meu braço.

"Sinto muito", ela diz novamente. "É que parecia que as coisas estavam voltando ao normal. Eu pensei que tudo ficaria bem. Ou, não sei, acho que talvez não estivesse pensando. Mas vai ficar tudo bem, Josh. Já tomei o plano B antes e estava tudo bem."

Eu me viro para encará-la agora. "Comigo?"

"N-não", ela gagueja e olha para baixo. "Você não está realmente bravo, está?"

"Sim, Éden. Eu realmente estou bravo.

"Foi um acidente", ela argumenta.

"Não, não foi!"

Ela faz uma pausa. Eu posso vê-la pensando em algo. . . . Deus, por que ela não poderia ter pensado nisso cuidadosamente na noite passada? A raiva quente vem à tona agora, quase igualando o meu medo. "Bem, ok, então foi um erro. Mas posso salientar que se alguém deveria estar pirando agora, não deveria ser eu?"

"Você sabe o que?" Começo, tentando canalizar um pouco da calma do meu pai, pegando emprestada uma de suas falas. "Você pode, por favor, me dar um pouco de espaço?"

"Você está falando sério agora?" Ela grita.

"Sim, estou falando sério."

O cabelo dela voa pelo rosto, então não consigo dizer que tipo de olhar ela está me lançando. Mas ela se vira e caminha em direção à porta. "Você vai voltar, certo?" ela me chama.

Não respondi e não voltei. Em vez disso, fui para minha própria cama. Tentei dormir, mas não consegui. Então agora são 6h45 e estou esperando do lado de fora da farmácia antes mesmo de ela abrir. O que é incrível para mim é o quanto fico mais irritado a cada minuto que passa. Não estou me acalmando; Estou apenas ficando mais animado.

Sempre fomos muito cuidadosos. Não sou o cara que é descuidado, que sofre acidentes ou comete erros. Eu confiei nela para isso – esse foi meu erro. Caminhando até o caixa, sinto tanta vergonha que pego uma garrafa de água só para ter mais alguma coisa nas mãos.

Vou direto para o apartamento dela e bato na porta. Parker responde com uma máscara para os olhos colocada na testa, o rosto todo enrugado e um olho fechado. Tudo o que ela diz é "Eu te odeio".

Eden está sentada na cama quando entro, com os braços em volta dos joelhos. Ela se levanta e corre até mim enquanto fecho a porta. Quando me viro, ela está lá com os braços abertos, mas não consigo.

"Aqui." Em vez disso, coloco o saco plástico nas mãos dela.

"O que é isso?" Ela espia dentro e leva a bolsa de volta para a cama. "Eu teria cuidado disso sozinho, você sabe."

"Não, eu realmente não sei disso. Eu não sei de nada. Estou andando de um lado para outro em seu minúsculo quarto. "Por favor, tome a maldita pílula. Eu não estou brincando.

"Josh, não entendo por que você está tão bravo. Vai ficar tudo bem.

"Como você não entende por que estou tão bravo?" Eu estalo.

Ela zomba enquanto tira a caixa e a garrafa de água da bolsa. "Então, o quê, você vai ficar aí parado e me ver pegá-lo?"

"Por favor, faça isso."

Suas mãos tremem quando ela abre a caixa e tira o comprimido da embalagem. Estendo a mão para abrir a garrafa de água para ela. Ela coloca o comprimido na língua e murmura enquanto tira a água de mim: "Bem, você pensou em tudo". Ela me olha nos olhos enquanto engole. Então ela enxuga a água da boca com as costas da mão.

"Obrigada", digo, e sento-me na beira da cama, esperando o alívio chegar. Mas isso não acontece.

"Eu quase nem te contei", diz ela. "Mas eu queria ser honesto."

"Um pouco tarde para isso." Minhas palavras são más. Posso sentir o gosto da maldade na minha boca, mas não consigo contê-los.

"Por que você está agindo assim?"

"Por que você não me impediu? Você achou que eu *não iria* parar?"

"Não, eu só..."

"Então o que?"

"Isto . . . Não sei, foi bom."

"Estava bem?" Eu repito. "Oh, isso é maduro."

"Não me senti bem, fisicamente bem - quero dizer, foi - mas estou dizendo que foi bom estarmos juntos novamente. Estar naquele lugar." Ela faz uma pausa e tenta pegar minha mão, mas eu me afasto. "Ver? Coisas têm estado tão mal conosco. Eu não queria estragar tudo parando você, porque então eu teria que lhe dizer que não estou acompanhando a pílula e então você leria tudo como está fazendo agora e pensaria que eu 'Estou ainda mais ferrado do que estou - e agora aqui estamos.'" Ela levanta as mãos e acrescenta: "Aqui estamos, de qualquer maneira".

Deixei minha cabeça cair em minhas mãos, a explicação dela ainda ecoando em minha mente. Tento entender, mas...

"Não posso", ouço-me dizer em voz alta.

"Você não pode o quê?"

"Não posso . . . Confio em você", eu admito. "Eu não posso... eu não posso fazer isso." Ainda estou inclinado para frente, vendo o chão por entre os dedos, as mãos quentes contra a pele, não consigo olhar para o rosto dela.

"O que você está dizendo?"

As palavras saem, caindo pesadas como pedras. "Não sei, talvez precisemos fazer uma pausa ou algo assim."

"Dar um tempo." Ela ri. "Por cima disto?" Eu olho para cima e ela tem um meio sorriso no rosto, cheio de descrença, irritação. Acho que estou irritando ela, o que me irrita muito, provocando algo ainda mais profundo - ela não está levando isso a sério. Ela não está *me levando* a sério.

"Sim, acabou com isso!" Eu grito e estou de pé novamente.

Agora que estou gritando, vejo que ela está com aquele olhar distante, como ontem à noite no restaurante, mas agora isso só me deixa com mais raiva.

"Não", ela diz. "Se estamos fazendo isso, então pelo menos me diga a verdade. Dê-me seu verdadeiro motivo."

"Você está questionando *minha* verdade quando foi você quem mentiu?"

"Eu nunca menti. Eu acabei de . . ." Ela cruza os braços agora e diz: "Admita, você está querendo sair desde aquela noite".

"Que noite?"

Ela zomba e revira os olhos, mas suas mãos ainda tremem, traindo sua frieza. "Não se faça de bobo", diz ela, com a voz afiada. "Você sabe que noite."

"Isso não tem nada a ver com aquela noite", digo a ela. "Eden, como vou confiar em você depois disso?"

"Porque sou eu."

"Sim, exatamente," eu deixo escapar. "Este é você."

O jeito que ela olha para mim – como se eu tivesse dado um tapa nela, teria doído menos – me dá vontade de morrer. Eu tento voltar atrás. "Tudo bem, não... não olhe para mim desse jeito. Você sabe que não foi isso que eu quis dizer."

"Sim, foi", ela diz calmamente, olhando para a caixa de comprimidos, o saco plástico e a garrafa de água em sua cama. Ela começa a colocar tudo dentro da sacola. Estendo a mão para ela, mas ela se afasta. "Não. Você quer ir, apenas vá."

"Olha, eu não quero ir", digo a ela. *Retire tudo, retire tudo agora mesmo* . Dou um passo em direção a ela novamente e, quando ela olha para cima, posso ver que seus olhos estão cheios de lágrimas.

"Vá, Josh", ela diz, sua voz soando estrangulada enquanto ela enxuga os olhos rudemente com as palmas das mãos. "Lá está a porta. Eu não vou impedir você."

"Éden, não..."

"Ir!" ela grita, já perdendo a voz por causa das lágrimas. Ela joga a garrafa de água, mas ela não acerta. "Saia, Deus!" ela grita. "Vá, porra."

Parker aparece na porta e olha para mim, agora totalmente acordado. "Josh", ela diz com calma e firmeza, "você precisa ir embora".

Eu faço. Mas não posso me forçar a ir longe. Sento-me no corredor do lado de fora da porta dela, de costas para a parede. Vou esperar por ela o tempo que for preciso, digo a mim mesmo. Enquanto isso, estou apenas tentando lembrar como respirar. *Uma pausa* . Não me lembro de ter dito algo tão estúpido em toda a minha vida.

ÉDEN

Parker me preparou um smoothie verde naquela manhã. Mas não consigo recuperar o fôlego o suficiente para tomar um gole. Ela me trouxe uma tigela de sorvete naquela noite, mas então comecei a chorar de novo, pensando na porra do sorvete.

Cada vez que consigo parar, tudo que vejo, tudo que ouço, é ele parado no meu quarto, tão bravo, dizendo: *Este é você*. De novo e de novo. *Este é você*. Eu sou isso. Eu não poderia ter dito melhor, mas ele sempre foi melhor com as palavras do que eu.

Eu sou isso. . . desastre, eu sou essa coisa que é incapaz de não estragar tudo, sou essa maldição das pessoas que amo. Nunca pensei que alguém pudesse me machucar mais do que eu mesmo. Mas saber que ele pensa sobre mim as mesmas coisas terríveis que eu é demais para processar.

Visto sua camiseta cinza rasgada e fico deitada na cama, soluçando, chorando, hiperventilando, por quarenta e oito horas seguidas. E mesmo que tudo que eu quero é ele, recuso suas ligações, ignoro suas mensagens, digo a Parker para não deixá-lo entrar. Porque eu sou isso, e alguém precisa protegê-lo disso, mesmo que seja eu.

Perco as aulas na segunda-feira porque não consigo sair da cama fisicamente. Naquela noite ela entra no meu quarto com sopa. Peço a ela que me traga meus comprimidos. Eu levo os três.

E finalmente, durmo, sem sonhos.

Na terça-feira, meu aniversário, vou para a aula e trabalho na biblioteca e de alguma forma consigo não falar com ninguém o dia todo. Eu pulo minha sessão de terapia da tarde e nem atendo quando o escritório liga para saber como está. Em vez de ligar de volta, pego um turno no café. Já que não tenho mais planos para o jantar de aniversário.

Eu bagunço os pedidos, deixo cair um prato e sou rude com os clientes. No meio do meu turno, digo que vou fazer uma pausa de cinco minutos, mas fico fora por vinte. Porque começo a ter um ataque de pânico no banheiro quando lavo as mãos e vejo as cicatrizes rosadas e plásticas na palma da minha mão e de repente me lembro mais uma vez que tudo isso realmente aconteceu — ele realmente me amou, ele realmente me abandonou. E então estou chorando no chão sujo. Evito contato visual com qualquer pessoa quando saio e tento agir como se estivesse bem. Saio pela porta dos fundos e vou até a loja de conveniência no quarteirão seguinte e compro um maço de cigarros — legalmente, pela primeira vez, já que agora tenho oficialmente dezoito anos.

O caixa verifica minha identidade e me diz “feliz aniversário”. E na respiração seguinte, enquanto desliza os cigarros sobre o balcão: “Você sabe que essas coisas vão te matar”.

“Obrigada, eu sei”, murmuro de volta e dou-lhe um grande sorriso. Acho que por um breve momento não seria a pior coisa.

“Precisa de um isqueiro?” ela pergunta, e eu aceno.

Considero simplesmente ir embora e não voltar para o café, mas supondo que eu não morra por causa dessa faca invisível alojada no centro do meu coração, ainda precisarei desse trabalho. Quando volto, o Capitão Douchebag me diz que está me escrevendo. Multar. Faço pelo menos mais três pausas para fumar no beco ao lado das lixeiras, onde há uma mesa desativada com pernas irregulares e uma pintura desbotada e arranhada. Já faz quase um

ano que não fumo, já estou me sentindo tonto e fraco quando a porta dos fundos do café se fecha.

“Ah, ei, Éden.” É Perry, e agora me ocorre que ainda não sei se esse é o nome ou o sobrenome dele. Ele tira uma caneta vaporizadora do bolso da camisa. “Devagar esta noite.”

Eu concordo.

“Não sabia que você fumava”, diz ele.

“Sim, eu desisti, mas... não muito bem, eu acho.

Ele olha para mim, como se só agora estivesse me vendo — ele nunca tinha me dado uma segunda olhada antes. “Então, escute, você se importaria se eu fumasse algo um pouco mais forte que isso?” ele pergunta.

Balanço a cabeça e aceno com a mão.

“Aí está!” Ele aponta para mim e sorri. “Eu sabia que você era um garoto legal.” E então ele pega um vaporizador diferente agora – este eu posso sentir imediatamente – aquele aroma terroso, doce e pegajoso. Eu rio alto porque o universo deve estar me testando, oferecendo todos os meus vícios de uma forma tão organizada e óbvia.

“Hum?” ele murmura enquanto segura a fumaça nos pulmões. “O que é engraçado?” ele resmunga antes de expirar.

“Nada,” eu minto. “Só estou imaginando o que o Capitão Babaca diria se viesse aqui agora.”

“Oh, aquele idiota saiu há uma hora”, diz Perry.

Acendo outro cigarro. “Então não vou me apressar em voltar.”

“Então, capitão idiota, é assim que vocês o chamam hoje em dia?”

Eu dou de ombros.

Ele acena novamente e dá outro golpe.

“Ei, você quer um pouco disso?” Olho para ele e ele dá um passo mais perto. Ele é facilmente dez anos mais velho que eu. Devo estar emitindo algum tipo de hormônio de sinal de socorro de garota triste que os chama para mim como um farol, uma vibração de frequência de sonar ou algo assim. *Ei, aqui estou, sozinho, vulnerável, pronto para ser bagunçado! Venha até mim!*

“Bem, hoje é meu aniversário”, digo a ele, apesar de tudo.

“Feliz aniversário!” Observo enquanto seu rosto se ilumina. “Espere um minuto.” Ele volta para dentro por alguns segundos e sai com uma garrafa de champanhe aberta e duas taças. Ele coloca os copos na mesa bamba e enche os dois. Ele passa um para mim e levanta o seu, dizendo: “Saúde”. Hesito e ele acrescenta: — Se você não contar, não contarei.

O universo quer me testar? Multar. Pode vir. Vou falhar — é nisso que sou melhor.

“Saúde”, eu digo, e brindamos nossos copos. Josh ficaria tão decepcionado comigo – mais decepcionado comigo do que já está. Cigarros, maconha, álcool, rando. Verifique, verifique, verifique e verifique. *Este é você*. Isso continua tocando na minha cabeça. Este sou eu. É inevitável.

“Então”, ele diz, passando o vaporizador em seguida. “Namorado levando você sair mais tarde... o cara alto, certo? ele pergunta, levantando a mão acima da cabeça.

“Certo,” eu digo, e dou algumas tragadas. “O cara alto.”

Mas o jeito que ele está olhando para mim, sorrindo. Ele sabe, de alguma forma, que é temporada de caça.

Perco a noção do tempo enquanto ficamos ali sentados, perco a noção do que estávamos conversando. Nem percebo quando ele entra. Parece que limpo a mesma mesa centenas de

vezes. Eu varro o chão, parece uma eternidade. Da janela da frente posso ver meu prédio. Imagino meu apartamento com visão de raios X, como se eu pudesse ver até meu quarto, minha cama desfeita esperando por mim, me chamando.

Depois de fecharmos a noite, estou trêmulo. Champanhe com o estômago vazio, cigarros com o coração partido, maconha com a mente despedaçada. Não é uma boa combinação, mas me sinto lúcida de novo quando apagamos as luzes e viramos a placa de ABERTO-FECHADO na porta. Perry coloca a mão na parte inferior das minhas costas e pergunta se preciso de ajuda para chegar em casa. Odeio saber que seria muito mais fácil concordar com isso do que tentar ser forte e me defender.

Mas quando olho para ele, esse estranho, com o sorriso de expectativa no rosto enquanto se aproxima de mim, de repente não parece fácil, como costumava ser. "Não," eu digo calmamente. "Obrigado."

Ele continua andando ao meu lado de qualquer maneira.

"O que você está fazendo?" Pergunto a ele, parando na calçada, sentindo meu coração começar a bater daquele jeito que me deixa com medo do que vai acontecer a seguir.

"Eu te disse, só estou garantindo que você chegue bem em casa."

"Eu literalmente acabei de dizer que não precisava de ajuda."

"Sim, mas eu..."

"Escute, obrigado pela taça e meia de champanhe velho e sem graça que você roubou da cozinha. E obrigado por exatamente oito doses do seu vape e... ah, vamos ver, obrigada por me dar feliz aniversário", digo, ganhando força. "Realmente, obrigado. Muito mesmo, ok? Mas eu não devo nada a você."

"Uau, acalme-se. Você está com a ideia errada", ele tenta argumentar – ele tenta rir.

"Não", eu digo. "Não", eu grito. "Não!" Estou gritando na rua, cada vez mais alto. " *Não* ", eu grito a plenos pulmões.

Finalmente, ele levanta as mãos e começa a recuar.

Atravesso a rua e subo correndo os degraus do meu prédio, fecho a porta da frente atrás de mim e tento recuperar o fôlego. Minhas pernas parecem desossadas e fracas enquanto subo os dois lances de escada. E como se eu já não estivesse prestes a desabar, há um vaso de vidro transbordando de flores amarelas, ao lado da porta. Um cartão anexado, meu nome na letra dele.

JOSH

Tentei falar com ela uma centena de vezes. Ela não virá até a porta. Ela está bloqueando minhas ligações. Até deixei flores para o aniversário dela, e elas ainda estão lá uma semana depois, todas murchas e murchas.

Todas as manhãs, quando Dominic e eu descemos para o treino matinal, ele diz a mesma coisa quando nos aproximamos da porta. “Continue andando, apenas continue andando.”

Vou praticar, vou para a aula, volto para casa. Todos os dias, a mesma coisa.

Tivemos um jogo fora de casa esta semana e pensei que talvez quando voltasse ela estaria disposta a falar comigo. Eu disse aos meus pais que ela tinha aceitado o Dia de Ação de Graças, porque tinha certeza de que até lá já teríamos descoberto.

O treino desta noite ocorre normalmente. Quinze minutos de aquecimento, alongamento. Vinte minutos de arremesso, trabalho de habilidade, arremessos, rebotes. O técnico anda por aí, nos observando, gritando: “Velocidade do jogo, cavalheiros!” Nosso assistente técnico estuda meus arremessos, faz algumas anotações em seu tablet.

Uma hora em exercícios de defesa. Meia hora de ataque, repassando jogadas e sets. O assistente técnico está me observando de perto novamente, posso sentir, provavelmente tentando me pegar fazendo besteira. A seção ao vivo termina com uma luta de meia quadra que parece correr muito mais suavemente do que o normal. Todos estão jogando bem, dando as ordens, cooperando. Não parece uma luta tão grande apenas sobreviver como costuma acontecer. O treinador até está de bom humor para variar, o que ajuda.

“Isso foi decente hoje, pessoal – boa comunicação”, diz ele, batendo palmas algumas vezes. “Você realmente parecia uma equipe lá fora, para variar!” E então, para minha descrença, ele acrescenta, na frente de todos: “Bom trabalho, Miller”.

À medida que o treino termina, todos nós fazemos mais algumas filmagens. Faltando apenas alguns minutos para o final do relógio, todos estão relaxando, conversando, relaxando. “Rir demais significa que você ainda não deve estar cansado!” O técnico avisa, apita e acrescenta mais dez minutos. Mas eu nem percebo que acabou até que alguns outros caras param na minha cesta a caminho do vestiário.

“Droga, Miller”, um deles me diz enquanto passam.

“Você é uma máquina, cara!” o outro diz.

Eu pego a bola e paro. “Huh?” — pergunto, respirando pesadamente enquanto enxugo o suor do rosto. Olho em volta, sentindo-me subitamente desequilibrado, sem o ritmo da bola que corresponda ao meu pulso. Eles foram os últimos aqui. O treinador está parado ao meu lado, observando.

“Como noite e dia”, diz ele, caminhando em minha direção, balançando a cabeça. “É bom ver que você está de volta.”

“O que você quer dizer?” Eu pergunto.

“Oh, não procure elogios, Miller. Isso é desagradável.

“Não, eu não estava, eu...”

Ele me interrompe levantando a mão, me silenciando. “O que quer que você esteja fazendo, continue assim.” Ele me dá um tapinha firme nas costas e sai da quadra, satisfeito.

O que eu *estou* fazendo?

Estou me odiando a cada minuto de cada dia por machucar a última pessoa no mundo que eu quis machucar. Também estou dormindo demais e deixando minhas aulas passarem. Estou mentindo para meus pais sobre o Éden. E praticamente toda a minha vida está indo ao banheiro. Mas, caramba, eu posso jogar basquete. O único lugar onde sei o que devo fazer e posso fazê-lo bem e deixar as pessoas ao meu redor felizes.

Vencemos os próximos dois jogos. Sinceramente, nunca joguei melhor. Estou magicamente redimido aos olhos de todos agora – pelo menos de todos da equipe. Até Jon parou de olhar feio toda vez que olha para mim. Tudo que eu precisava fazer era ser perfeito. Fácil.

Mas de alguma forma costumava me sentir melhor.

É nisso que estou pensando quando saio para encontrar Dominic no carro dele depois desse jogo fora de casa – no qual esmagamos o time da casa, de forma vergonhosa.

“Ei, Miller?” Ouço o treinador me chamar no frio.

Paro e me viro. Ele está encolhido do lado de fora da entrada com os assistentes, conversando com os treinadores do outro time.

“Sim, treinador?” Eu respondo.

Ele dá um passo em minha direção, saindo de sua conversa por um momento, para prestar atenção extra-especial em mim. Então ele sorri, um sorriso raro e genuíno, e baixinho diz algo destinado apenas aos meus ouvidos: “Fico feliz em ver que você finalmente definiu suas prioridades, filho”.

Ele está esperando uma resposta, eu sei. Mas não consigo reunir merdas suficientes para dar-lhe uma, pelo menos não uma que ele aprove, então fico ali parada, vendo minha respiração me envolver em uma névoa.

“Vá em frente”, diz ele. “Descanse um pouco. Você ganhou. Aproveite o Dia de Ação de Graças com sua família.

“Obrigado,” eu consigo.

ÉDEN

Estou congelando no telhado à meia-noite. Só mais um cigarro. Então, prometi a mim mesmo, iria para a cama. Puxei uma das cadeiras de jardim até a beirada do telhado, onde me inclino contra a grade, deixando meu braço pendurado na beirada.

Ao inalar a mistura de ar frio e fumaça, pequenas alfinetadas surgem no interior dos meus pulmões. Ao expirar, a nuvem continua, mudando em algum momento da fumaça para a respiração. Continuo empurrando até que meus pulmões fiquem tensos, apertados. Os cantos da minha visão escurecem, até que meu corpo começa a queimar e não sai mais ar. Por um segundo penso em esperar só mais um pouquinho, me deixar desmaiar, encontrar algum tipo de paz. Mas meu corpo assume o controle e suga o ar, por mais teimoso que seja.

No momento em que estou apagando o cigarro, ouço a porta de um carro se fechar. Então outro. Vozes viajam através do frio vindo da rua. Na véspera do Dia de Ação de Graças, não há muita coisa acontecendo. Eu me inclino para pegar um melhor visualização. Eles tiveram que estacionar do outro lado da rua e na esquina.

Eu o observo daqui de cima. Conheço seu andar, sei de cor sua voz, mesmo quando não consigo entender suas palavras, eu sei disso. Já se passaram duas semanas e meia. Enquanto o observo agora, tudo o que quero fazer é descer correndo as escadas para encontrá-lo, pular em seus braços e dizer-lhe para me levar para a casa dos pais dele amanhã. *Vamos fingir*, eu diria. *Vamos dar um tempo nessa pausa ridícula*. Eu quero tanto isso. Mas mesmo enquanto tenho esse pensamento fugaz, uma espécie de paralisia toma conta da metade inferior do meu corpo, forçando-me a sentar, a permanecer imóvel. *Espere*, meu corpo me comanda. *Ficar*. Sempre vence.

Está completamente silencioso lá fora quando me permite mover novamente. Quando olho para baixo, o maço de cigarros está esmagado na minha mão.

Como prometi a mim mesmo que faria, vou para a cama.

Quando saio do meu quarto pela manhã, Parker tem uma mala e uma bagagem de mão na porta, pronta para ir para casa com ela. Ela está diante do liquidificador com seu casaco de inverno, enchendo duas canecas de viagem com sua clássica mistura de smoothie de proteína verde para o café da manhã, que ela tenta me impor todas as manhãs antes de sair para o treino de natação.

"Você está bebendo isso," ela ordena. "Você precisa de antioxidantes com todo o fumo nojento que tem feito."

"Na verdade", começo, mas ela me interrompe.

"Sem discussões, colega de quarto!"

"O que eu ia dizer é que desisti. De novo."

"Quando?" Ela pergunta, me olhando de soslaio.

"Noite passada."

"Bem, já era hora," ela diz, revirando os olhos para mim enquanto fecha a tampa de ambas as canecas de viagem, colocando a minha na geladeira. "Ok, agora que você não está se matando ativamente, vou lembrá-lo de que minha oferta para correr comigo ainda permanece."

“Talvez eu tente quando voltarmos. *Talvez* — acrescento, sentindo-me incapaz de fazer promessas a alguém, muito menos a mim mesmo.

“Tudo bem, venha aqui”, ela diz, e vem em minha direção com seu casaco gigante. Me dá um longo abraço. “Dirija com cuidado e cuide-se, certo?” Então ela franze o rosto como se sentisse um cheiro ruim e acrescenta: “Deus, em quem diabos estou me transformando, minha mãe?”

Meus músculos do riso estão fora de prática por negligência, mas bufam fracamente. “Tenha um voo seguro”, digo a ela. “Vejo você em alguns dias.”

Ela se dirige para a porta, mas se vira e meio sorri, meio franze a testa. “Querida, me faça um favor e pense em tirar essa camisa, ok?”

“Oh.” Eu olho para mim mesma – a camiseta cinza está saindo por baixo da gola do meu moletom – eu não tinha ideia de que era tão óbvio que eu usava a camisa dele por baixo das roupas todos os dias. “OK.”

“Te amo”, ela canta enquanto passa pela porta com suas malas e caneca, conseguindo fechá-la agilmente atrás dela.

Respiro fundo, mas mal tenho chance de soltá-lo novamente quando ouço sua voz no corredor. Vou até a porta e olho pelo olho mágico. No minúsculo círculo convexo de moldura larga, posso ver suas figuras distorcidas: Josh parado de um lado e Parker do outro.

Suas vozes são baixas, abafadas.

Parker diz: “Josh, não sei o que te dizer”.

“Pelo menos me diga se ela está bem?”

Parker coloca a mão no quadril e traz a outra mão para a boca dela – penso, fazendo o gesto de “shh”, porque ela aponta para a porta ao lado. Se ela disser alguma coisa, não consigo ouvir.

Josh leva a mão à cabeça. Eu o ouço dizer alguma coisa, seguido por “. . . para dizer a ela que sinto muito.

Parker balança a cabeça. Algo murmurou. Então, “Não. Apenas não faça isso.

Josh levanta as mãos e balança a cabeça. “Mas . . .” algo indecifrável.

Parker estende a mão e toca seu braço por um segundo. “Deixe ela vir até você.”

Ele diz algo curto e acena com a cabeça.

Observo enquanto Parker se afasta. Josh a observa partir. Depois de alguns momentos ele se vira em direção à porta e dá um passo à frente. Prendo a respiração enquanto o vejo colocar a mão em cada lado do batente da porta e olhar para o chão. Meu coração começa a acelerar com o quão próximos estaríamos se a porta não estivesse entre nós. Eu posso ouvi-lo suspirar. Então ele se afasta e passa as mãos no rosto – a barba por fazer agora, quase se transformando em uma barba de verdade desta vez. Ele olha para a porta mais uma vez, e parte de mim tem medo de que ele consiga perceber de alguma forma que o estou observando. Se ele bater agora, não tenho certeza se conseguirei não deixá-lo entrar. Sinto meus dedos alcançando a maçaneta – para me manter dentro ou ele fora, não sei qual.

Mas então ele vai embora.

E finalmente expiro.

Levo o smoothie verde para o banheiro comigo e tomo um gole enquanto me preparo para tomar banho. O frio atinge minha pele enquanto tiro a camiseta do corpo. Sinto-me mais nu do que nu mesmo, como se tivesse acabado de remover uma camada de pele e agora estivesse exposto a qualquer número de contaminantes perigosos do mundo ao meu redor. Mas deixei

a camisa cair das minhas mãos no cesto de roupa suja. Empilho minhas outras roupas em cima e amasso o mais forte que posso.

Quando saio do banho, recebo uma mensagem do promotor Silverman esperando por mim:

Feliz Dia de Ação de Graças, Éden. Eu queria

compartilhar isso imediatamente. Temos um encontro.

Limpe sua agenda para a segunda semana

de janeiro. Como sempre, deixe-me saber se você

tiver alguma dúvida. Obrigado, CeCe

CeCe. Como é estranho ver o nome dela ali. Acho que ir a julgamento nos coloca pelo primeiro nome. Já vi o nome completo dela na papelada como Cecelia Silverman, mas nunca imaginei na vida real que ela seria chamada de CeCe. Um apelido tão normal, até um nome fofo. Ela é fofa na vida real? Eu me pergunto. Tipo, não uma potência estóica de salto alto e terno com o cabelo preso para trás e brilhante. Ela faz coisas fofas como contar piadas, comer pipoca no cinema e cantar desafinado no carro? Respondo imediatamente, ainda pingando, deixando poças no chão do banheiro — não percebi que precisava dessa notícia com tanta urgência até que ela chegou.

Ok, obrigado pela atualização. Feliz

Dia de Ação de Graças para você também, CeCe.

JOSH

Paro na calçada em frente à nossa caixa de correio. Desligo o carro e limpo as mãos na calça jeans. Mesmo fechado dentro do meu carro, posso ouvir o barulho da porta da frente se abrindo. Eu sai. Tire minhas malas do porta-malas. Suba a calçada.

Observo meus pés o tempo todo; Não consigo olhar para eles, parados ali na varanda da frente. Papai desce as escadas para pegar uma das sacolas de mim e finalmente encontro seus olhos – eles estão cheios de todos os tipos de preocupações e perguntas.

Tento sorrir, mas não consigo.

Mamãe está no degrau mais alto, erguendo as mãos enquanto vira a cabeça, o início de uma palavra: “O quê...” . .” pairando no ar. *O que está errado?* ou *Onde ela está?* Tenho certeza de que virá em seguida, mas ela se detém.

Agradeço-lhes silenciosamente por pelo menos me deixarem entrar em casa antes que digam qualquer coisa.

Harley vem correndo até mim, esfrega a cabeça nas minhas pernas, ronronando alto. Eles me deixaram abaixar para pegá-la, tendo-a em meus braços como um amortecedor. E mamãe finalmente pergunta: “Bem, não nos deixe em suspense. O que está acontecendo?”

E então eles ficam ali, esperando uma explicação.

“Nós terminamos”, admito, finalmente, depois de todas essas semanas tentando negar.

“Oh, querido”, diz mamãe. “Venha aqui.” Ela me abraça e Harley salta dos meus braços. Papai me dá um tapinha nas costas.

Quando olho para ele, ele sorri tristemente. “Sinto muito, amigo.”

Eu concordo. *Não tanto quanto estou*, eu diria, se pudesse.

“Tudo bem”, mamãe começa. “Entre, tire o casaco. Você quer falar sobre isso?”

Eu balanço minha cabeça. “Na verdade.”

“Você não terminou vindo aqui, certo?” ela pergunta, provavelmente pensando que isso deve ter acontecido, já que é a primeira vez que eles ouvem sobre isso.

Eu rio enquanto caio no sofá. “Sim, eu gostaria.”

“Durante o julgamento?” Mamãe pergunta, sentando-se ao meu lado enquanto coloca a mão no meu joelho.

“Mãe?” Coloco minha mão em cima da dela. “Obrigado, de verdade. Mas não quero falar sobre isso agora.”

Ela olha para meu pai e depois para mim. “OK, querido.” Um cronômetro dispara na cozinha e ela se levanta.

“Preciso de ajuda?” Papai pergunta a ela.

“Não, está tudo sob controle. Estamos basicamente apenas esperando o peru neste momento.” E então ela faz um gesto não muito sutil de enxotar meu pai, como se dissesse: *Faça algo a respeito dele*.

Papai suspira e se senta em sua poltrona à minha frente. “Quer assistir a um jogo?” ele pergunta, virando a cabeça em minha direção dessa maneira gentil.

“Claro”, digo a ele. “Qualquer coisa menos basquete.”

Ele ri. "Negócio." Ele liga um jogo de futebol e nós dois assistimos, sem falar muito, mas é exatamente o que eu precisava. Estico-me no sofá e Harley volta para se aconchegar em cima do meu peito.

"Alguém sentiu sua falta", diz meu pai, apontando para o gato. Coço seu queixo e o ronronar começa como um pequeno motor. "Joshie, você sabe que estou aqui, certo? Se você quiser conversar.

"Sim", digo a ele. "Obrigado."

Adormeço, sem dormir, mas me lembrando de uma vez em que Eden dormiu aqui quando ainda estávamos no ensino médio. Nós nem subimos. Comemos pizza e assistimos TV e depois adormecemos aqui, no sofá, depois de conversar até altas horas da manhã. Nós nos conhecíamos há apenas algumas semanas e eu já sabia que estava começando a me apaixonar por ela naquela noite. Conte segredos para ela, sobre mim, sobre minha família, sobre o vício do meu pai. Coisas que eu nunca contei a ninguém. Porque eu confiei nela. Eu confiei que ela entenderia, e ela entendeu. Ela sempre fez isso.

Abro os olhos e olho para meu pai.

Ele está me observando.

"Eu realmente errei", digo a ele.

Ele balança a cabeça brevemente e depois diz: — Todos nós não?

Concordo com a cabeça em resposta, mas o que realmente quero dizer é: não, todos nós não, eu não - pelo menos, não devo fazer besteira - pelo menos não é *tão* ruim assim.

Antes que possamos avançar mais, minha tia e dois primos mais novos, gêmeos de dez anos, Sasha e Shane, estão chegando, com muito barulho e energia vindo com eles. Uma distração bem-vinda dos meus pensamentos sobre como eu imaginava que esse dia seria.

"Josh?" Minha tia diz enquanto me levanto para lhe dar um abraço. "Onde está a namorada?"

Papai balança a cabeça para tentar sinalizar para ela, passando o dedo pela garganta, mas é tarde demais.

"Oh," ela diz, colocando a mão sobre a boca. "Desculpe."

"Ela não vem", digo a ela.

"*Ohh*," ela repete, desta vez prolongando a palavra, com uma carranca e uma inclinação de cabeça simpática. "Sinto muito, querido."

Dou de ombros, tento o meu melhor para fingir que não estou arrasada.

"Josh, Josh!" Shane está pulando para cima e para baixo ao meu lado, empurrando uma bola de basquete na minha cara. Aquele cheiro familiar de nova bola química emborrachada inundando meu cérebro com memórias. "Josh, olhe. Olha minha nova bola de basquete. Acabei de ganhar de aniversário.

"Legal", digo a ele.

Sasha passa e murmura: "Você quer dizer *nosso* aniversário".

Shane revira os olhos e suspira para ela, e eu rio. Muitas vezes não penso que perdi alguma coisa por ser filho único, mas quando os vejo juntos, fico pensando.

"E o que você comprou, Sasha?" Eu pergunto a ela.

"Mamãe me comprou um clarinete", ela anuncia, orgulhosa de si mesma.

"Espere, você toca clarinete?" Eu pergunto. Claro que ela quer.

"Duh-uh", diz ela, cheia de atitude. "Apenas por dois anos inteiros agora. O que você saberia se algum dia fosse a algum dos shows da minha escola.

“Sasha”, minha tia interrompe. “Nossa, dê um tempo ao cara. Você sabe que os jogos dele sempre caem nas datas dos shows.”

“Desculpe, Sash”, digo a ela. “E se eu tentar fazer o próximo?”

Ela dá de ombros e vai para a cozinha. Ela provavelmente não se importa, mas me sinto péssimo. Eu nem percebi que isso era mais uma coisa que estava perdendo por causa do basquete. Não é como se tivéssemos uma grande família; eles não podem simplesmente me deixar não aparecer e nem me contar.

Viro-me para minha tia. “Ei, na verdade quero tentar ir ao próximo show dela. Você vai me avisar quando for?”

“Claro”, ela responde, parecendo surpresa. “Se você realmente quiser, mas, querido, tudo bem, todos nós sabemos que você está ocupado. Não deixe que a criança lhe cause uma sensação de culpa por causa disso.”

“José? Josh, Josh,” Shane começa novamente. “Quer brincar antes do jantar?” Ele dribla a bola duas vezes, e sua mãe olha para ele — arregalando os olhos e franzindo os lábios — é o mesmo olhar que minha mãe me deu tantas vezes ao longo da minha vida.

“Não em casa, sua pequena fera.” Ela aponta para a porta. Então ela se vira para mim. “Você se importa em satisfazê-lo um pouco, querido? É literalmente tudo o que ele falou durante toda a semana”, ela diz baixinho. “Meu primo Josh isso, meu primo Josh aquilo.”

“Claro”, digo a ela calmamente, feliz por ter uma desculpa para sair ao ar livre, onde a ausência de Eden não está ocupando tanto espaço. “Vamos, homenzinho,” digo a Shane. “Sasha, você quer brincar também?” Chamo na direção da cozinha.

“Eu odeio basquete!” ela grita de volta.

Tenho que rir da franqueza dela; ela faz parecer uma coisa tão fácil de dizer.

“Obrigada”, minha tia sussurra.

Sigo Shane até nossa garagem, onde ele corre e pula para arremessar na cesta de basquete que meu pai prendeu em nossa garagem quando eu era ainda mais jovem que ele.

“Bom tiro”, digo a ele. “Você pegou um pouco de ar naquele salto, não foi?”

Ele brilha quando me passa a bola. Nós nos revezamos em arremessos, passes e dribles. Dou-lhe algumas dicas aqui e ali, que ele parece encantado em receber.

“Enquadre seus ombros”, eu digo, e então mostro a ele o que quero dizer.

“Assim, Josh?” ele continua perguntando.

“Dobre os joelhos um pouco mais, é isso”, digo a ele. “Pés um pouco mais afastados. Cotovelos para dentro. Agora, quando você atirar, você precisa seguir com os dedos.”

E só quando meu pai aparece com algumas garrafas de água e eu olho para ele, sorrindo para nós, é que percebo que também estive sorrindo. Passo a bola para Shane e ele passa para meu pai.

“Tudo bem”, diz papai, driblando até a entrada da garagem. “Vá com calma comigo, pessoal. Eu estou ficando velho.” Mas então ele se vira e anda rápido, passando por nós dois para entregar a bandeja mais perfeita, deixando Shane maravilhado. E talvez eu também, um pouco.

“Velho?” Eu repito. “Okay, certo. Você viu isso?” Eu pergunto a Shane.

“Tio Matt, eu não sabia que você conseguia pular tão alto”, diz ele.

Concordo com a cabeça.

Papai continua brincando conosco, trazendo uma nova energia agora, como sempre fazia quando eu era mais novo. Em pouco tempo percebo que meus pulmões estão doendo de

tanto respirar o ar frio e rir, gritar, brincando com os dois. Faz tanto tempo que não é assim entre nós, quase esqueci que *poderia* ser assim. A razão pela qual me envolvi com basquete foi por causa desse sentimento. A diversão, a conexão que tínhamos. Não sei quando isso parou.

Eu levanto minha mão para sinalizar que vou pegar um copo de água. Mamãe sai e fica ao meu lado, colocando o braço no meu ombro. "Como você está, querido?"

Eu concordo. "OK."

Ela olha para mim e sorri. "O jantar está pronto, pessoal", ela grita.

E quando meu pai passa por mim, ele levanta a mão. Dou-lhe um high five, e ele me puxa para um abraço rápido e beija minha testa, dessa forma que me faz sentir como se realmente tivesse dez anos de novo. Shane passa por mim e depois joga a bola no ar por cima do ombro. Eu o pego e, enquanto fico ali na passarela, observando-os entrar, gostaria de poder congelar esse momento.

Quando nos sentamos para jantar, meu coração parece mais leve do que há semanas, meses, na verdade. Desde aquela noite. Eden estava parcialmente certo sobre aquela noite. Não que eu quisesse sair. Eu não... ainda não. Mas desde então, parece que alguém colocou a mão dentro do meu peito, apertando meu coração, cada vez mais forte, sempre que eu tentava sentir algo bom. E agora me pergunto se é assim que ela deve se sentir o tempo todo. Se for, acho que talvez eu possa entender agora. Por que sentir-se bem, esquecer o mal, seria suficiente para arriscar tanto, apenas para aguentar mais um pouco.

ÉDEN

"Você perdeu peso?" minha mãe pergunta enquanto eu a ajudo na cozinha, colocando todos os acompanhamentos em tigelas separadas e tentando vasculhar as gavetas em busca de talheres combinando.

Olho para meu corpo rapidamente. Não tenho ideia se perdi peso, ganhei peso, ainda tenho todos os meus apêndices. Tenho evitado ao máximo olhar nos espelhos. Porque toda vez que faço isso, estou apenas olhando em meus próprios olhos, invariavelmente pensando: *Este é você, este é você, este é você*, e desejando poder desaparecer sob comando pelo menos uma vez.

"Uh, acho que não", digo a ela para que ela não se preocupe.

Ela pergunta sobre Josh, se ele vai jantar com a família esta noite.

"Mm-hmm", digo a ela, não querendo mentir, mas também incapaz de dizer a verdade. Meus avós estarão aqui em breve, e se eu começar a chorar agora, não terei tempo de tirar o fôlego e parecer normal novamente antes de eles chegarem. Pelo menos, essa é a razão que me dou por não contar a ela que terminamos.

"Bem, você pelo menos se lembrou de perguntar se ele poderia se juntar a nós um pouco mais tarde, para a sobremesa?" ela tenta.

"Provavelmente não", digo a ela. "Acho que eles estão fazendo uma grande coisa lá, então. . ." Ainda assim, não é exatamente uma mentira.

"Oh, que pena", ela suspira. "Bem, pergunte a ele se ele tem tempo para passar por aqui no fim de semana."

Fecho-me no banheiro e me seguro na pia. Tente *não* se olhar no espelho enquanto abro o armário de remédios para pegar meus comprimidos. Eu já tinha tomado um antes, mas acho que não era páreo para a conversa de Josh. Tomo outro agora. E então eu inspiro e conto até cinco, expiro até cinco, inspiro, expiro, repetidamente. Não saio até ouvir meus avós chegarem. Pelo menos eles não sabem nada sobre o que está acontecendo com o julgamento, então essa parte deve facilitar as coisas.

"Oi, Vovó," eu digo, revezando-me para dar um abraço em cada um deles. "Ei, vovô."

Minha avó estende meu braço e me examina de cima a baixo, como se estivesse catalogando tudo de errado comigo em sua mente. "Meu Deus, Eden Anne", ela diz, me dando o nome do meio. "Você parece terrível."

"Oh" é tudo que posso dizer. Tento rir, mas não consigo fingir que não estou magoado com a franqueza dela.

Gpa apenas dá de ombros e balança a cabeça. "Bem, você está linda como sempre para mim, pelo que vale a pena."

"Obrigada," eu digo, forçando um sorriso.

"Sim, adorável," Vovó concorda, batendo a mão no ar. "Mas, querido, você claramente não está bem."

Eu limpo minha garganta. "Acho que estive muito ocupado e não dormi o suficiente."

"Vanessa!" Vovó grita. "Olhe para o Éden."

"Por favor, não vamos." Viro-me para Caelin, que está atrás de mim. "Caelin", pergunto, murmurando para ele, "uma ajudinha?"

“Ei, vovó.” Ele a abraça e então nosso avô estende a mão para apertar sua mão em vez de aceitar um abraço. Verifico o rosto de Caelin, mas ele não parece surpreso – me pergunto quando isso mudou. Tipo, que idade Caelin tinha quando o vovô decidiu que não era mais aceitável abraçá-lo? Eu não tinha notado.

“Oh meu Deus,” Gma engasga, puxando o braço de Caelin para que ele fique na frente dela novamente. “E olhe para você.” Ela coloca a mão na bochecha dele. “O que está acontecendo por aqui? Você também está horrível.

Trocamos um olhar e começamos a rir.

“Não, não é engraçado”, ela nos diz. “Onde estão seus pais, se escondendo de mim, presumo?”

“Chegamos bem aqui, mãe”, diz papai, entrando na sala segurando duas taças de vinho – uma vermelha para o vovô, uma branca para o vovô. Mamãe atrás dele, sorriso falso estampado no rosto.

Todos nós nos sentamos à mesa, e a minha aparição e a de Caelin são a primeira ordem de conversa. “O que você está alimentando para eles, Vanessa?” ela pergunta. “Eles precisam de dietas balanceadas. Meu Deus, eles são apenas... .” Ela faz uma pausa e estende a mão sobre a mesa em nossa direção. “ *Definhando* ”, ela termina.

Não consigo localizar a definição precisa da palavra “definhando” em meu vocabulário no momento, mas faço uma nota mental para procurá-la, porque algo me diz que é uma palavra apropriada para descrever nosso estado atual.

Mamãe diz baixinho: “Eu sabia que de alguma forma seria minha culpa”.

“Eu não disse isso”, insiste Gma. “Conner, o que *você está* alimentando para eles?” ela dirige, incisivamente, ao meu pai agora, sempre o insultador igualmente oportunista.

“Você vai deixar isso passar?” Papai finalmente diz. “Eles são estudantes universitários, pelo amor de Deus; eles estão apenas desgastados.

Então acho que o julgamento não é o único segredo que escondemos deles. A parte sobre Caelin não voltar no último semestre nunca deve ter entrado em um dos telefonemas semanais de domingo à noite do meu pai para a avó no ano passado.

Olho para Caelin e ele suspira. “Na verdade”, ele começa, mas papai lhe lança um olhar severo que o fecha imediatamente. Caelin balança a cabeça e se serve de uma generosa taça de vinho, toma um grande gole e enche novamente. Ninguém parece notar. Ele coloca entre nós e inclina a cabeça em minha direção, me dá um pequeno aceno de cabeça. Tomo com prazer um gole gigante, que, também, ninguém parece notar.

Gpa pergunta sobre o trabalho do papai, e isso tira o foco de nós por enquanto. Mamãe se ocupa em levar pratos para a cozinha e reabastecê-los com comida. Eu colho meu purê de batatas só para não beber com o estômago vazio, mas nada realmente me atrai com todas essas mentiras preenchendo as lacunas entre nós.

“Oh”, diz Vovó, erguendo o dedo indicador como se tivesse acabado de se lembrar de algo. “Caelin, estávamos lendo no jornal sobre Kevin Armstrong. Diga-me, este não é aquele garotinho que sempre andava por aqui? ela diz, balançando a cabeça, já incrédula. “Seu colega de quarto?”

Caelin limpa a boca no guardanapo antes de responder. “É, na verdade”, ele responde. “O mesmo.”

“Oh meu Deus,” Gma respira. “Ele está em um mundo de problemas, pelo que entendi.”

Caelin acena com a cabeça e toma um gole de vinho. “Sim, eu espero que sim.”

E então, do nada, papai bate a mão na mesa. Todos estremecem, os talheres saltam dos pratos. “Droga”, ele grita. “Podemos apenas ter um jantar decente em família pelo menos uma vez e não desenterrar todo esse lixo?”

Respiro fundo e prendo-o, incapaz de soltá-lo.

“Conner!” minha mãe grita.

“O que é tudo isso?” Gma pergunta, olhando ao redor da mesa. “O que foi que eu disse?”

Então, de repente, todos estão gritando uns com os outros. Eu nem sei mais o que estão dizendo ou quem está de que lado de qual problema. Vovó ainda está olhando em volta, esperando que alguém lhe conte o que está acontecendo. Eu me levanto da mesa e ando para lhe dar um beijo na bochecha. Eu faço o mesmo com o Gpa. E então continuo pela cozinha, pego meu casaco no cabide perto da porta dos fundos, calço os sapatos e saio. O ar frio e úmido da noite entra em meus pulmões, e é um alívio tão grande respirar novamente que rio.

Sento-me no assento de madeira do nosso antigo balanço e deixo meus pés balançarem embaixo de mim, deixo meu corpo balançar para frente e para trás ao vento. Inclino-me totalmente para trás e olho para as estrelas, estudando as nuvens brancas da minha respiração, contando novamente, desta vez lentamente. De um a cinco, entrando e saindo, indefinidamente.

Ouçõ a porta dos fundos abrir e fechar. Sento-me e vejo meu irmão caminhando em minha direção, carregando o restante de uma garrafa de vinho.

“Bem, eles foram embora”, ele diz enquanto se senta no banco ao meu lado, me oferecendo a garrafa.

Eu balanço minha cabeça. “Obrigado, acho que já chega.”

“Você está bem?”

Eu dou de ombros. “Isso.”

“Tudo bem?”

“Sim”, eu respondo. “Você?”

“Bem, além de parecer uma merda, eu também estou bem.”

Começo a rir e ele também.

“Cara”, diz ele, tomando um gole da garrafa. “Nós realmente colocamos a ‘diversão’ no disfuncional, não é?”

“Praticamente”, eu concordo. “Além disso, você acabou de me chamar de ‘cara’?”

“Bebi muito”, diz ele rindo, balançando a cabeça.

“Ei, você deveria desacelerar um pouco com isso?” — pergunto, apontando para a garrafa entre suas mãos. É como se trocássemos de lugar em algum momento. Agora ele é o bagunceiro, e eu deveria ser o bom, mas não acho que ele perceba que ainda não terminei de ser o bagunceiro. Nossos pais devem estar muito orgulhosos.

“Sim, eu sei”, diz ele, me dispensando. “Eu vou.”

“Quando?”

“Quando aquele filho da puta estiver atrás das grades”, ele responde, e dá outro gole.

“Bem, mas e se isso não acontecer?” Eu pergunto. “Então o que?”

“Nem diga isso”, ele me diz. “Nem divulgue isso.” Ele balança o braço em direção ao céu, *lá fora*, para o universo, e o vinho derrama sobre nós dois. “Desculpe”, ele diz. “Desculpe.”

“Está tudo bem”, digo a ele, sacudindo o vinho da manga do meu casaco.

Ele coloca a garrafa no chão, encostada na perna do balanço, e tira um maço de cigarros do bolso do paletó. Acende um e me oferece.

"Tentador," eu admito. "Mas não, obrigado."

"Bom", ele diz. "Isso é realmente bom." Ele inala, e a ponta vermelha do cigarro brilha na escuridão. Ele se inclina para trás e exala a fumaça para longe de mim. Depois segura o cigarro à sua frente e olha para ele por um momento antes de colocá-lo na garrafa de vinho, onde ele chia e sibila. Ele olha para mim em busca de aprovação, e eu estendo minha mão para dar um pequeno soco, que ele retribui.

"Ei, aposto que você lamenta que Josh não tenha podido comparecer à nossa adorável reunião de família esta noite?" ele diz, sorrindo. "Ele sabe que somos loucos?"

"Oh sim." Eu não posso deixar de rir. "Ele definitivamente sabe *que sou* louca, de qualquer maneira. Hum, nós terminamos, na verdade," digo em voz alta pela primeira vez.

"Ah, não", ele diz, sua voz suavizando com preocupação genuína. "Por que?"

"Acho que minha loucura deve ser um pouco demais para o coitado", tento brincar, mas não tem graça, nem para mim.

"Você precisa que eu vá chutar a bunda dele de novo?" ele pergunta. "Eu vou."

"Não, a culpa é minha." Olho para baixo e arrasto o pé pelo pedaço de terra sob o balanço. "Eu fiz algo muito errado que realmente o machucou, e. . ." Dou de ombros e fungo, tentando conter as lágrimas. "Só não sei como seguiremos em frente, na verdade."

"Sinto muito", diz ele, mas, felizmente, ele não pressiona para obter detalhes sobre o que eu fiz de tão confuso.

"Sim eu também."

Agora, se eu pudesse descobrir como dizer a Josh que sinto muito.

No dia seguinte, estou com Mara no carro dela, comendo tacos drive-thru. Ela me conta sobre o Dia de Ação de Graças com o pai e a noiva dele e como eles prepararam a refeição.

"Foi muito gostoso", ela admite. "Mas eu não contei isso a eles. Ainda é trapaça atender, mesmo que tenha um gosto melhor do que o peru nojento que minha mãe sempre fazia. Essa *secura* significa família. Ela abre um pacote de molho picante e o espreme no molho de queijo que estamos prestes a compartilhar, depois me faz a pergunta que eu temia: "Então, como vão as coisas com você?"

Conto a ela o que aconteceu com Josh, mas ela me interrompe antes que eu possa contar a pior parte. "Oh meu Deus, Edy, você está me dizendo que está grávida, é por isso que você..."

"O que? Não! Deus não. Eu tomei a pílula do dia seguinte... bem, na verdade, Josh comprou para mim... espere, foi por isso que eu o quê? Eu pergunto. "O que você ia dizer?"

"Oh. Nada. Você apenas parece um pouco. . ." Ela faz uma pausa, apertando os olhos enquanto olha para mim. "Um pouco áspero. Isso é tudo."

"Sim, esse parece ser o consenso."

"Desculpe, continue", diz ela, mergulhando uma tortilha no queso e oferecendo para mim. "Como isso levou você a se separar?"

"Eu sabia que tinha perdido muitos dias, como sabia que era arriscado. Mas eu deixei ele. . . você sabe, venha, de qualquer maneira.

"Ah," ela murmura. "Hum. *Por que ?*"

Eu balanço minha cabeça. “Eu não sei mais; Eu apenas fiz. E ele está realmente chateado. Nunca o vi tão bravo. E então fiquei com raiva porque ele estava com raiva, e a próxima coisa que sei é que ele está me dizendo que eu sou um idiota, e então estamos fazendo uma pausa e estou jogando uma garrafa de água nele. Faço uma pausa, tentando lembrar se deixei alguma coisa de fora. “Sim, foi basicamente isso que aconteceu.”

“Você jogou uma garrafa de água nele?”

“Errou.”

Ela balança a cabeça, parecendo pensar nesse detalhe por mais tempo do que acha necessário. “Mas espere, ele realmente te chamou de idiota? Isso não parece ser dele.

“Bem, tudo bem, ele não usou a palavra 'foda-se', mas foi isso que ele quis dizer. E ele estava certo”, continuo. “Eu sou um fodido.”

“Edy, não diga isso.”

“Não, eu sou. O que eu fiz? Isso foi uma merda, você também acha.

“Tudo bem, mas uma merda não faz de *você* uma merda”, ela argumenta.

“Eu só fico pensando, se eu não tivesse contado a ele e resolvido isso sozinho...” Aventuro-me de volta ao circuito em que meus pensamentos ficaram presos nas últimas semanas. “Mas acho que esse não é o ponto”, digo, mais para mim mesmo.

“Sim”, Mara concorda. “Posso dizer algo para tentar fazer você se sentir melhor que eu também acredito ser verdade?”

“OK.”

“Acho que você fez a coisa certa ao contar a ele. Acho que na verdade você estragou menos, porque foi honesto. E acho que vocês podem resolver isso. Ela pega minha mão. “Na verdade, eu sei que você pode.”

Aperto a mão dela em agradecimento, mas isso só me lembra de como isso era coisa nossa — eu e Josh — aquela coisa de apertar a mão em código Morse particular.

“Ah”, acrescento. “E, claro, há aquele pequeno julgamento acontecendo em janeiro. Então, basicamente tenho um mês para me recompor e me preparar para passar por toda aquela bagunça de novo.”

Ela aperta minhas mãos ainda mais forte agora. “Você consegue.”

Respiro profundamente pelo nariz e tento absorver algumas das lágrimas de volta ao meu corpo antes que elas possam sair de mim. “Tudo bem, não posso começar a chorar de novo – estou chorando há três semanas seguidas. Não posso chorar fisicamente de novo agora ou tenho medo de causar danos permanentes ao meu corpo.”

Os olhos de Mara brilham. “Ok, isso me dá uma ideia.” Ela embrulha toda a nossa comida e a coloca de volta na sacola perto dos meus pés, depois liga o carro – tudo com um sorriso selvagem no rosto.

“Ok, por que estou com medo agora?” Eu pergunto a ela enquanto ela coloca o carro em movimento.

“Aperte o cinto”, ela ordena.

Ela nos leva pelas estradas familiares de nossa pequena cidade até que, vinte minutos depois, paramos no estacionamento de um shopping quase abandonado que parece vagamente familiar. E então vejo a placa: SKIN DEEP.

“Não”, digo a ela.

“Ouça-me”, ela começa. “Eu estava pensando que precisamos fazer algo que vai lembrá-lo de como você é durão e, sério, nada me faz sentir mais durão do que fazer um novo piercing.”

Mara os está coletando. Primeiro o nariz - eu estava lá para isso - depois a sobancelha, depois o lábio, depois a língua, depois o umbigo, e sabe-se lá onde mais hoje em dia.

"Você não queria fazer um piercing na cartilagem desde, tipo, desde sempre?" Ela pergunta, estendendo a mão para tocar minha orelha. "É muito gostoso e fofo."

Eu dou de ombros. "Sim, eu acho."

"Bem? Por que não fazer isso agora?"

"Não tenho certeza se o meio de uma crise emocional é realmente o melhor momento para se comprometer com uma alteração corporal permanente."

"Oh, por favor", ela diz, desafiando o cinto de segurança. "As crises emocionais são literalmente o *único* momento para fazer esse tipo de coisa! E um piercing dificilmente é permanente. Uma tatuagem - agora, é um compromisso para a vida toda. Não, você vai fazer um piercing na cartilagem e, se odiar, pode retirá-lo. Vamos. Cameron está trabalhando hoje. Ele nos colocará imediatamente."

"Ele ainda trabalha aqui?"

"Sim. Após a formatura, ele passou de perfurador a aprendiz de tatuador."

Sigo-a para dentro e reconheço a pequena sala de espera da última vez - de alguma forma, agora parece menos sombria e mais limpa. A música que toca nos alto-falantes parece mais suave, tudo mais suave agora do que era antes. Cameron sai dos fundos e parece feliz em me ver aqui com Mara.

"Ei, Éden. Uau, já faz um tempo", diz ele, todo sorrisos.

"Edy vai fazer um piercing", ela diz a ele.

"Na verdade", digo enquanto olho para todas as obras de arte nas paredes, "estava pensando em fazer uma tatuagem". Porque talvez eu faça preciso de algo permanente, algo drástico. Algo para me trazer de volta à realidade quando eu entrar na minha cabeça.

"O que?" Mara grita. "Sim!"

Cameron me mostra um monte de livros e diz: "Aqui, procure ideias nestes portfólios. Vou acabar com esse cara lá atrás e então faremos isso."

Olho os livros, virando página após página, esperando que alguma coisa salte para mim, enquanto Mara conversa com o cara mais velho e tatuado atrás da recepção como se eles fossem velhos amigos — e poderiam ser. Eu perdi muito.

E então eu viro a página e, no meio de todos esses desenhos florais lindos e elaborados, eu vejo. "Encontrei", grito para Mara.

Ela pula até mim e olha. "Um dente de leão? Isso é doce. Subestimado. Muito *você*."

O cara atrás do balcão vem olhar também, parecendo animado por mim. "Legal", ele diz. "Onde você está conseguindo isso?"

Olho para meus braços e levanto a manga. "Talvez aqui?" — digo, desenhando um círculo com o dedo na parte interna do pulso.

"Sim", ele diz com um sorriso, "vai ficar bem".

Mara pula e grita. "Agora você está me fazendo querer comprar um também. Mas vou esperar. Este é o seu dia."

"Não, não é. Isso é..." Começo a dizer, mas congelo quando vejo quem está saindo da sala dos fundos, Cameron seguindo atrás dele até o balcão. Vejo que ele está com a manga da camiseta enrolada, uma tatuagem recente no ombro, coberta com filme plástico, mas ainda consigo distinguir. Um número. Seu número do basquete. Marcado para sempre em seu corpo.

É o Jock Guy. Mais uma vez, me assombrando como uma espécie de pesadelo recorrente e não resolvido.

Eu o observo enquanto ele paga Cameron; ele nem me nota sentado aqui. Ele pode ter me perseguido antes, mas agora é a minha vez. De repente, estou de pé, seguindo-o para fora, os sinos da porta tocando duas vezes em rápida sucessão.

"Ei," eu chamo atrás dele. "Ei!"

Ele se vira. "Sim?"

"Você se lembra de mim?" Pergunto-lhe.

Ele começa a balançar a cabeça, mas então vejo algo registrado em seu rosto: "Oh. Sim, você é de Caelin. . ." Mas ele faz uma pausa. "Quero dizer, o seu Josh. . ." Ele começa de novo, mas para.

"*Eu sou de Caelin, sou de Josh*," eu imito, saboreando a nitidez em meu tom. "Éden, meu nome é Éden."

"Certo, sim," ele diz, olhando ao redor, talvez procurando por Caelin, por Josh – para ver se eles estão aqui para me defender. "Então, como vai?"

"Só para você saber, eu me lembro do que você fez naquele dia. Quando você e seu amigo queriam me assustar depois da escola daquela vez. E eu sei que você espalha mentiras sobre mim também."

"Não sei do que você está falando", diz ele, mas não consegue me olhar nos olhos.

"Sim, você quer."

"O que você quer?" ele pergunta. "Uma desculpa?"

Balanço a cabeça e continuo. "Eu nunca disse a Josh que você fez isso. Mas eu só quero que você saiba que foi realmente uma merda – patético, na verdade."

"Tudo bem", ele murmura. "É isso?"

Eu dou de ombros. "Sim, é isso."

Ele assente e começa a se virar.

"Sabe, eu nem sei o seu nome", grito atrás dele.

Ele se vira e abre a boca. "É Za—"

"Não, eu não *quero* saber", digo a ele.

"Tanto faz", ele murmura, depois se vira e acelera o passo enquanto caminha até o carro.

Quando volto para dentro, todos estão me observando pela janela.

Cameron fica perguntando se estou bem, parando enquanto mergulha a ponta da agulha da caneta de tatuagem na tinta preta. E continuo dizendo a ele que estou bem.

"Dói, mas não da maneira que pensei que machucaria."

"Garota durona, hein?" ele diz com admiração.

Eu rio, mas ele me diz para ficar quieta.

"A propósito, nunca agradeci", diz ele.

"Para que?"

"Finalmente libertando Steve", ele responde, e olha para mim como se estivesse tentando ter certeza de que ele está me agradecendo genuinamente. "Eu sei que falei muita merda sobre como você o tratou no começo, mas também não gostei de como ele começou a tratar você. Estou feliz que você terminou quando terminou, como terminou. Antes que chegasse também. . ." Ele não termina, mas acho que sei o que ele quer dizer: muito volátil, doloroso, destrutivo. "Para vocês dois, quero dizer."

Eu apenas aceno em resposta.

Meu tempo com Steve parece que foi há muito tempo. Eu nem sinto mais que sou a mesma pessoa. Naquela época eu senti que não tinha escolha a não ser aceitar qualquer tipo de carinho que me fosse oferecido. mesmo que não fosse o que eu queria ou precisava. Mas talvez só possamos aceitar o amor que achamos que merecemos.

“Eu sei que não digo ou mostro isso com muita frequência”, acrescenta ele, sem tirar os olhos do meu braço enquanto limpa suavemente a tinta e o sangue da minha pele. “Mas eu também penso em você como um amigo, você sabe.”

“Obrigado”, digo a ele. “Por dizer isso. E por ter sido boa com Mara todos esses anos, ela merece ser amada dessa forma.”

Ele sorri, mas não diz nada.

"O que você acha?" ele pergunta depois de terminar.

Olho para meu pulso, para meu dente-de-leão pessoal, pequenas sementes flutuando em direção à palma da minha mão. Desejos, esperanças. Meu.

JOSH

É minha última noite em casa e estamos sentados assistindo TV na sala depois de comer as sobras do jantar de Ação de Graças pela segunda noite consecutiva. Mamãe se levanta abruptamente, olha para o relógio e diz: “Vou correr um pouco para o supermercado. Alguma solicitação?”

“Temos uma casa cheia de comida”, ressalta papai, apontando para a cozinha.

“Bem, me processe! Eu quero outra coisa”, ela bate de volta.

Ele levanta as mãos. “Ok, ok,” ele diz suavemente. “Eu só estava dizendo.”

Tenho um flashback repentino de quando tinha doze anos, ouvindo minha mãe dar a mesma desculpa ao meu pai — só que ela dizia “nós”. *Estávamos* indo para a loja ou saindo para tomar sorvete. Ou *íamos* em busca de algo especial que eu precisava para um trabalho escolar de última hora – eu e ela. Só que nunca fomos à loja, nem tomamos sorvete, nem saímos para encontrar aquele item que faltava. Ela estava me levando para uma reunião. EU lembre-se de que ela sempre tinha um monte de desculpas prontas, para tirar do bolso de trás sempre que precisasse. E quando olho para ela agora, me pergunto se ainda é assim, porque papai está certo, afinal, temos uma tonelada de comida nesta casa.

“Mãe, posso ir com você?” — pergunto, já saindo do sofá.

Ela franze as sobrancelhas e diz: — Para a loja, sério?

“Sim,” eu digo a ela.

Ela balança a cabeça e diz: “Não seja bobo. Eu estarei em casa em breve. Me mande uma mensagem se você pensar em alguma coisa que queira. Ou qualquer coisa que você queira levar para a escola.

“Não, mãe, eu quero ir”, tento dizer com mais firmeza enquanto vou até a porta e calço o tênis.

Ela olha para mim, quase ficando irritada, mas então eu aceno, arregalo os olhos, tento dizer secretamente a ela que sei que não vamos realmente à loja.

“Oh”, ela diz, enfiando os braços através do casaco. “Tudo bem.”

Ela se aproxima para beijar meu pai e diz: “Chego em casa logo”.

Ele olha para ela e depois para mim. “Bem, agora eu quero ir também”, ele brinca.

Minha mãe dá um tapa no braço dele e balança a cabeça. “Adeus”, ela diz por cima do ombro.

Lá fora, ela calça as luvas e olha para mim, mas ainda não diz nada.

Assim que entramos no carro, pergunto: “Você vai para uma reunião, certo?”

“Sim”, ela responde. “Você realmente quer vir?”

“Sim, tenho pensado nisso ultimamente. Pensamento talvez eu devesse tentar novamente. Contanto que você não se importe que eu vá junto com você?”

Ela balança a cabeça. “De jeito nenhum.”

Entramos no estacionamento de uma igreja e entramos, passando por todos os vitrais e bancos, descemos até o porão, até uma sala com uma placa na porta que diz AL-ANON REUNIÃO ESTA NOITE 20H.

A sala é pequena e parece que poderia ser o porão de qualquer casa próxima, não há muito aqui para sinalizar que estamos em uma igreja. Há uma mesa posta com refrescos, donuts

em pó branco e café. Panfletos sobre Al-Anon e Alateen e AA e NA dispostos para serem levados. Chegam cada vez mais pessoas, jovens e velhos, e minha mãe conversa com todo mundo, me deixa ficar no fundo perto dos donuts. Enquanto todos começam a encontrar um lugar no círculo, minha mãe faz um gesto para que eu vá. Eu ocupo o lugar vazio ao lado dela.

“Bem”, ouço minha mãe dizer ao meu lado, mas quando me viro para olhar para ela, percebo que ela não está falando comigo, ela está falando com todo mundo. “São oito e poucos minutos, então por que não vamos em frente e começamos?”

Olho ao redor do círculo, tentando descobrir quem é o facilitador, o velho de bengala e barba grisalha, a mulher de meia-idade com sapatos elegantes que parece ter acabado de sair de uma reunião de negócios. Ou talvez seja o—

“Bem-vindos, pessoal”, minha mãe começa. “Meu nome é Rosie e meu marido é um viciado.” Minha mãe está comandando esta reunião. Eu apenas a observo, admiro-a, enquanto ela conta a nossa história – a história dela – meio admirada de como ela consegue se apresentar aqui desse jeito. “Eu sei o quão difícil as férias podem ser para todos nós, não apenas para nossos entes queridos. Eu certamente me preocupo muito mais nesta época do ano”, ela continua e, finalmente, ela abre a palavra. “Quem gostaria de compartilhar?”

Eu apenas ouço.

Para o homem barbudo cuja esposa é alcoólatra. Para a senhora com sapatos elegantes cuja filha adolescente está tendo uma recaída neste momento. A garota que provavelmente não é muito mais velha que eu, falando sobre o noivo. O homem cujo irmão está saindo da reabilitação esta semana. Quando há uma pausa na conversa, minha mãe pergunta se mais alguém gostaria de compartilhar e olha para mim.

“Eu sou Josh. Meu pai é . . . é um alcoólatra, um viciado”, digo, achando muito difícil pronunciar essas palavras. “Esta é a primeira vez que faço isso desde que era criança. Estou apenas observando hoje, quero dizer, ouvindo, se estiver tudo bem.”

“Tudo bem”, diz mamãe, e as cabeças balançam para cima e para baixo em concordância ao redor do círculo. “Muitas vezes, ajuda apenas saber que existem outras pessoas que podem se identificar.”

Outra pessoa se apresenta – um homem de meia-idade que pode ser qualquer pessoa por quem você passa na rua. “Estou lutando”, diz ele, juntando as mãos na frente dele. “Eu tento muito me livrar dessa compulsão de querer controlar tudo o que ela faz.” Não tenho certeza se *ela* é esposa ou filho ou algo assim, mas isso não importa, porque eu o vejo se inclinar sobre o colo e começar a chorar. “Mas é tão difícil confiar nela. Caramba, a quem estou enganando? É difícil confiar em alguém”, finaliza. Ao redor do círculo, cabeças acenam em compreensão e percebo que estou concordando com elas. A menina mais nova com o noivo se levanta e pega a caixa de lenços que está sobre a mesa de refrescos e leva para o homem.

A reunião termina com a Oração da Serenidade, e a mulher seguinte para mim agarra minha mão, segura com força. Minha mãe pega minha outra mão e, embora seja pequena na minha, parece tão forte, sólida.

“Estou orgulhosa de você”, diz ela, olhando para mim enquanto voltamos para casa.

“Eu não fiz nada. Você foi ótima, mãe”, digo a ela. “Há quanto tempo você faz isso – liderando as reuniões, quero dizer?”

“Um tempo.” Ela dá de ombros, sorri e estende a mão para bagunçar meu cabelo. “Então o que você acha? Você irá novamente? Tenho certeza de que encontrará uma reunião perto do campus com bastante facilidade.”

Eu concordo. “Sim, acho que posso.”

“Isso seria bom para você, com tudo o que está acontecendo”, diz ela. “Estou sempre aqui – você sabe disso – mas uma mãe nem sempre é o que você precisa.”

Não sei exatamente o que ela quer dizer com isso, não tenho certeza se está falando do papai, do Éden, da escola ou o quê, mas aproveito o momento para fazer a pergunta que tenho medo de dizer em voz alta: “Ele parece diferente desta vez, certo?”

Ela espera para olhar para mim até chegarmos ao sinal vermelho. “Ele ficou muito abalado quando você não voltou para casa nas férias de inverno do ano passado. Isso o machucou.

“Sinto muito”, começo. “Eu não queria—”

“Não, pare”, ela interrompe. “Esse é o ponto, você tomou uma posição – você nunca fez isso antes.”

“Ah”, murmuro.

“E isso não apenas o machucou, mas também o assustou. Ele percebeu que poderia perder você. Isso é o que há de diferente desta vez. Pelo menos pelo que posso dizer.

“Você o enfrentou muitas vezes”, aponto.

“Bem, é diferente. Ele sabe que não vou a lugar nenhum. Estamos juntos nisso. Para melhor ou para pior, certo? Foi isso que prometi, e que se dane, parece que estou cumprindo. Mas você?” Ela cutuca meu braço. “Você não fez tal promessa. Acho que ele finalmente entendeu isso.”

“Você se arrepende?” — pergunto a ela, embora não tenha certeza se estou pronto para a resposta. “Cumprindo sua promessa, quero dizer.”

“Não”, ela responde. “Especialmente não ultimamente.”

Quando chegamos em casa, munidos com algumas sacolas de compras aleatórias, para garantir, papai está lá fora, na entrada da garagem, iluminado pelas luzes de movimento na lateral da garagem. Ele está driblando lentamente uma das minhas velhas bolas de basquete que eu não via desde o ensino fundamental e, quando nos vê parando na beira da rua, joga o cigarro no chão e pisa nele rapidamente.

“Ele realmente acha que eu não sei que ele está fumando?” — diz mamãe, balançando a cabeça enquanto desabotoa o cinto de segurança e começa a sair do carro.

Estendo a mão para pegar as malas no banco de trás, mas mamãe vem por trás de mim e toca meu braço.

“Vou pegar isso”, ela me diz. “Por que você não sai um pouco com seu pai, hein?”

“Sim”, eu concordo, “ok”.

Papai começa a caminhar pela calçada em nossa direção, com a bola pousada entre o braço e o quadril. “Eu estava prestes a registrar um relatório de desaparecimento de vocês dois”, ele brinca.

“O vínculo mãe-filho não conhece restrições de tempo”, diz mamãe, sempre rápida, de uma maneira diferente da de papai.

“Precisa de ajuda com isso?” ele pergunta.

“Já entendi”, diz mamãe, correndo pela entrada, parando por um segundo enquanto papai lhe dá um beijo na bochecha. “Não fiquem aqui até tarde, rapazes”, ela grita por cima do ombro. “E, Joshua, não seja muito fácil com ele.”

Eu fico para trás. Não sei o que dizer, levanto as mãos. Ele me passa a bola. Eu devolvo. Ele tenta atirar, mas eu o bloqueio. Em vez disso, tiro a foto.

Ele bate palmas e espera o passe.

Ele tenta passar por mim, mas eu o bloqueio novamente.

E de novo. E de novo.

"Uau, tudo bem", diz papai, rindo. "Você realmente não vai pegar leve com o seu velho, vai?"

"Não."

"Bom", diz ele, e acho que nós dois sabemos que não estamos mais falando sobre basquete.

Eu giro e golpeio, avanço, fico um passo à frente dele, faço a cesta. De novo e de novo. Estou cansando ele, posso perceber, mas não paro. Não até que ele esteja parado no meio da nossa garagem, com as mãos nos quadris, respirando pesadamente, sorrindo apenas um pouco quando diz: "Tudo bem, tudo bem". Ele levanta as mãos em forma de T e balança a cabeça. "Tempo limite, ok? Tempo esgotado."

"Você fez?" Eu chamo ele.

"Você me pegou." Ele expira com força, inclina-se com as mãos nos joelhos por um segundo antes de ficar de pé novamente. "Você me pegou, Joshie."

Vamos sentar nos degraus da frente, onde mamãe conseguiu deixar furtivamente duas garrafas de água para nós. Ele abre a primeira garrafa e entrega para mim e pega o segundo para si. Ficamos sentados lado a lado, bebendo em longos goles, ambos ainda recuperando o fôlego.

"Josh, você sabe o quanto estou orgulhoso de você?" ele diz, do nada.

"Por causa do basquete."

"Bem, não", ele diz. "Estou orgulhoso de você, independentemente do basquete."

"Você é?"

"Como você pode me perguntar isso?" ele diz, soltando um breve sopro de ar. "Claro. Claro que sou. É apenas um jogo."

Concordo com a cabeça, deixando suas palavras serem absorvidas, tentando descobrir por que isso não parece verdade para mim. É um jogo, claro. Um jogo que passei a odiar. Um jogo que exigiu muito de mim, mas não consigo abandoná-lo, mesmo sabendo que é apenas um jogo.

"Mas não é. Não é apenas um jogo para mim", ouço-me dizendo a ele. "Era tudo que eu tinha."

"O que você quer dizer?" Ele está balançando a cabeça, apertando os olhos, sem entender. "Não diga isso. Você tem tanta coisa a seu favor."

"Não, quero dizer, eu me agarrei a isso. Quando você não estava lá. Quando você não estava disponível."

"Quando eu estava usando, você quer dizer?" ele diz.

"Sim."

"Josh, eu..." ele começa, mas ainda não terminei.

"Eu agarrei-me a este jogo durante tanto tempo, mesmo quando não é saudável, mesmo quando odeio o que me faz sentir, mesmo quando me odeio por fazer parte desta equipa neste momento." Tenho que parar e recuperar o fôlego, dar ao meu cérebro uma chance de acompanhar minhas palavras. "Essa porra de jogo sequestrou minha vida – e eu odeio isso. Deus, eu nem sei mais o que estou fazendo!"

"Josh", ele começa de novo, "ninguém está forçando você a continuar com isso se isso não for..."

"Não, *você* é!"

"Meu? Eu nunca-"

"Sim pai. Fui forçado a continuar assim porque não confio que você estará lá para mim. Mas isso?" Pego a bola que está entre meus pés. "Essa coisa que é apenas um jogo – pode ser apenas um jogo, mas está sempre lá. Tem sido uma constante, quando é isso que você deveria ter sido para mim."

Ele está cobrindo a boca enquanto me observa, realmente me ouvindo.

"Eu... eu estou uma bagunça. Estou ativamente destruindo minha vida por causa disso", continuo, e já posso sentir lágrimas quentes em meu rosto, mas não me importo. "Você sabia que *eu* terminei com Eden? Fui eu. Eu terminei com ela, apesar de amá-la muito, porque pensei que não poderia confiar nela. Mas é você, você é quem eu não confio.

Ele balança a cabeça, e vejo as lágrimas em seus olhos, ouço a pura tristeza em sua voz quando ele diz: "Eu nunca..." Mas ele para e solta um soluço de partir o coração. "Eu nunca soube que você se sentia assim." Ele engasga. "Sobre nada disso, eu juro, eu não sabia. Eu pensei..." Ele faz uma pausa. "Você teve sua mãe, e ela é tão ótima, tão *boa*", diz ele, com a voz trêmula na última palavra, enquanto enfia os dedos no centro do peito, "muito melhor do que eu. Eu apenas pensei-"

"Mamãe está ótima. Sim, ela é uma boa pessoa. Ela é uma mãe incrível, mas eu também preciso de você – não acredito que tenho que *te contar* isso."

Ele pega a bola das minhas mãos e a deixa cair, deixando-a rolar pelos degraus até a grama, e me puxa com os dois braços, apenas segurando, nós dois segurando.

"Obrigado", ele diz quando nos separamos. "Obrigado por confiar em mim o suficiente, agora, para me contar tudo isso. Eu aguento, eu prometo a você. Estou aqui, certo? Não vou a lugar nenhum desta vez."

"Tudo bem", digo a ele.

"OK?" Ele repete.

Nós nos levantamos e, quando nos dirigimos para a porta, sinto como se um peso — um peso físico — tivesse sido tirado de cima de mim, o peso que carrego dentro de mim há tanto tempo desapareceu.

"Pai, espere", eu digo. "Estou orgulhoso de você também, você sabe disso, certo?"

Quando volto para a escola no domingo à noite, mando um e-mail para o treinador avisando que vou faltar ao treino no dia seguinte. Digo a ele que tenho um assunto pessoal para resolver, embora saiba que ele disse que não é permitido ter uma vida pessoal.

Estou esperando do lado de fora do escritório do meu orientador logo pela manhã – chego lá antes mesmo dos assistentes do departamento aparecerem. Porque finalmente tenho minhas prioridades definidas.

ÉDEN

Na segunda-feira, depois da aula, entro no café e compro dois sacos do belo café torrado escuro com desconto de funcionário. Então vou para os fundos e encontro o Capitão Babaca em sua mesa.

“Tenho que desistir”, digo a ele.

Ele olha para mim com uma expressão impassível, como se eu devesse me importar por estar deixando-o furioso. “Presumo que você também não esteja avisando com duas semanas de antecedência; você está simplesmente indo embora.”

“Sim”, digo a ele.

“Bem.” Ele inspira, tira a caneta de trás da orelha, joga-a sobre a mesa e diz: “Não sei o que faremos sem você. Você foi um grande trunfo.”

Tenho o pensamento imediatamente e me contenho por um momento, mas depois decido, por que não? Ele realmente não importa. Não há nada que ele possa fazer comigo. Então sorrio docemente e digo a ele: “E você foi um idiota”.

Fico ali por apenas um segundo para poder ver sua boca se abrir. Então coloco meu avental limpo e dobrado em sua mesa e vou embora.

“Não espere uma referência!” ele grita atrás de mim.

Evito contato visual com Perry ao sair, porque ele também não se importa.

Mantenho minha próxima consulta com minha terapeuta, e ela até ri quando conto minha história de abandono antes de apontar, mais seriamente, por que isso é um sinal de que estou progredindo.

Vou a todas as aulas nas últimas duas semanas do semestre e não coloco a camisa de Josh de volta, mesmo depois de lavá-la. Tenho certeza de que isso também é um progresso, mesmo que não pareça. Deixo Parker me arrastar para correr algumas vezes, e ela tenta não rir muito quando não consigo passar mais de trinta segundos sem precisar de uma pausa.

Mas cada vez melhora, principalmente quando percebi que a respiração não é tão diferente de quando tocava clarinete. Usando o diafragma, respirando fundo até o fundo dos pulmões – isso volta para mim com muita facilidade, de alguma forma.

Temos uma semana entre o último dia de aulas e o primeiro dia de provas finais. A única obrigação que qualquer um de nós tem, além de praticar natação para Parker e trabalhar na biblioteca para mim, é estudar para os exames.

Parker é a única razão pela qual sei o que fazer comigo mesmo e não sou engolido pela tarefa esmagadora de tentar descobrir como estudar. Tudo era assustador e me deixou à beira de vários ataques de pânico, até que ela me iniciou em seu Ritual de estudo-a-Thon. Ela me traz smoothies pela manhã e pedimos comida para Kim McCrorey todas as noites. Eu preparo uma panela de assado escuro para compartilharmos à tarde, enquanto acampamos na sala de estar com nossos livros, anotações e laptops. Ficamos acordados até meia-noite todas as noites e acordamos às sete para correr.

É bom usar meu cérebro para algo diferente de me preocupar e me odiar. E é bom tratar bem meu corpo, para variar. Por muito tempo, parecia que o único momento em que meu corpo se sentia bem era quando Josh fazia com que ele se sentisse assim. Mas isso é diferente.

Eu estou fazendo isto. Trabalhando meus músculos, ficando mais forte, alimentando meu corpo, realmente cuidando de mim pelo menos uma vez.

Corro sozinha no domingo, antes do início das provas finais, porque estou tão entusiasmada com essa nova energia que Parker me disse para ir embora e deixá-la sozinha para que ela pudesse tirar uma soneca. Então primeiro corro em volta do quarteirão, depois volto de novo, e só depois de passar pela sorveteria é que começo a sentir como está ficando frio com o pôr do sol, meus dedos das mãos e dos pés começando a ficar dormentes. Preciso de algo para me aquecer antes de ir para casa. Desta vez há uma placa escrita à mão ESTAMOS CONTRATANDO perto da caixa registradora. Chelsea levanta-se do seu lugar atrás do balcão, onde tem um livro aberto à sua frente.

“Meu nome é Chelsea”, diz ela, com a voz monótona e entediada como da última vez. “Eu serei seu barista hoje.”

“Oh, oi,” eu digo, feliz em vê-la sem motivo. “Eu vim aqui uma vez quando você estava trabalhando. Você provavelmente não se lembra de mim.

Ela apenas fica olhando.

“Você está estudando?” Eu pergunto a ela, apontando para seu livro aberto.

“Sim, bem, estive bem morto o dia todo. Acho que ninguém quer sorvete quando está fazendo” – seus olhos se voltam para a garoa que bate na janela – “lá fora”.

Eu rio, ela não.

“Então?” ela diz.

“Oh sim. Posso pegar um chocolate quente para viagem? Eu pergunto.

Ela começa a preparar minha bebida e levanta os copos. Enquanto estou lá, olho em volta atrás do balcão, me perguntando se talvez este fosse um lugar seguro para trabalhar, se eu poderia me imaginar servindo sorvete e café aqui. Mas então vejo algo familiar sentado ao lado do assento de Chelsea. Ela volta e fecha a tampa do copo, desliza-o pelo balcão em minha direção e diz: “Aqui está. Um chocolate quente. Ir.”

“Ei, posso perguntar, que instrumento você toca?” Aponto para a maleta dela, que parece muito mais surrada que a minha, coberta de adesivos, arranhões e marcas de desgaste, por ter visto mais do mundo do que a minha.

Ela olha para sua maleta também e, quando olha de volta para mim, está realmente sorrindo. “O sax”, ela responde. “Bem, e piano e violão. Você joga?”

“Ah, não. Eu *costumava* tocar clarinete no ensino médio, mas não mais.”

“Que pena, na verdade precisamos de um clarinetista.”

“Tipo, para uma orquestra ou algo assim?” — pergunto, intrigado com a vibração estranha em minha voz.

“Bem, não é tão formal assim. Quer dizer, estou *na* orquestra da universidade – sou formado em música, então... . primeiro ano”, acrescenta ela com um dar de ombros. “Mas tem esse outro grupo que é aberto a todos os alunos. É a Tuck Hill Campus Band.”

“Oh,” eu digo, sentindo meu corpo se aproximando, curioso.

“Você não ouviu falar disso?”

“Não, não tenho.”

“Bem, é uma espécie de conjunto. Mas qualquer um pode fazer o teste. Nós realmente não fazemos shows oficiais; nós apenas nos apresentamos em diferentes eventos do campus.

Acho que é mais para se divertir.” Ela olha em volta rapidamente, como se tivesse sido pega de surpresa por sua própria tagarelice. “É legal. Praticamos juntos uma vez por semana. Pressão baixa, *sem* pressão, na verdade, em comparação com todo o resto, quero dizer.

Sinto minha cabeça balançar, porque sei exatamente o que ela quer dizer com pressão, essa colega do primeiro ano. É diferente do ensino médio. Tudo é diferente aqui. É só nesse momento que percebo que essa pressão, essa diferença, não é algo sobre o qual consegui conversar com ninguém — nem com Josh, nem com Parker, nem com Dominic —, porque todos já superaram a novidade disso. Mas eu não sou; Estou *dentro*. Neste momento estou diretamente no meio disso.

“Você está interessado, ou...?”

Ela deixa a pergunta pairar ali.

“Meu?” Eu verifico novamente. “Seriamente?”

“Estou sempre falando sério”, ela responde, monótona, mas depois abre um breve sorriso. Ela é meio estranha, essa garota, mas eu meio que gosto disso.

“Oh Deus, eu não sei, estou realmente enferrujado. Eu nem tiro meu clarinete do estojo há...” Eu me contenho, porque eu ia dizer *anos*, mas isso não é verdade. Eu quase tinha esquecido do meu clarinete ali, esperando, na prateleira de cima do meu armário. “Mas joguei por uns seis anos, antes de parar”, acrescento, me perguntando quem estou tentando convencer do meu valor, eu ou Chelsea.

“Seis anos não é nada”, diz ela. “Rusty está bem. Não é como se fosse a sinfonia ou algo assim.”

“Hum, tudo bem.”

“Posso mandar uma mensagem para você antes do próximo treino, se você quiser dar uma olhada. No entanto, só será depois da semana de exames. Você estará por aqui durante as férias de inverno?”

“Sim”, ouço-me dizer, tomando a decisão ali mesmo, que não quero voltar para casa nas férias de inverno. “Estarei aqui.”

Ela me entrega seu telefone para colocar meu número.

“Tudo bem”, diz ela, olhando minhas informações de contato e acrescentando: “Eden”.

Vou para casa, tomando meu chocolate quente, percebendo que esqueci completamente de pedir um formulário de emprego. Mas, de qualquer maneira, estou me sentindo muito bem comigo mesmo, à medida que a neve começa a cair, brilhando ao se acumular no chão e grudar em meus cabelos e roupas.

Uma banda informal, não para notas ou créditos. Sorrio para mim mesma enquanto atravesso a rua, lembrando-me da sensação de estar em uma sala de música barulhenta, a parte logo no final de cada ensaio, quando todo mundo meio que se soltava e lamentava seus instrumentos ao mesmo tempo, sem determinada melodia, canção ou ritmo - apenas uma cacofonia de som de uma só vez - para se divertir.

Quando entro pela porta, ele está parado diante das caixas de correio. Ele está comprometido com a barba agora. E ele está vestindo aquela camisa de flanela xadrez verde que uma vez me deixou usar quando fiquei lá, e tudo em que consigo pensar é em como ela era macia e quente.

“Oi, ei”, diz ele, parecendo surpreso por estar aqui cara a cara comigo pela primeira vez em um mês.

“Oi”, consigo responder.

Ele examina meus olhos, e tenho certeza de que estou procurando em suas costas, alguma pista do que devemos fazer. Mas não consigo desviar o olhar, não consigo falar, não consigo me mover.

“Hum,” ele pronuncia. “Você . . . olhar . . .”

“Frio?” Eu ofereço.

Ele sorri, e é tão lindo que não posso deixar de sorrir de volta. Ele lambe os lábios e engole enquanto se aproxima de mim. Ele pega minha mão e eu deixo. “Estou com saudades de você”, ele diz baixinho.

Concordo com a cabeça e aperto sua mão uma vez antes de me forçar a soltá-lo e dar um passo para longe dele. “Eu também sinto sua falta”, digo a ele, porque essa é a verdade. “Mas não estou pronto.”

“Tudo bem”, ele diz. E ele simplesmente fica ali, segurando a correspondência perto do peito enquanto eu subo as escadas.

JOSH

Havia tanta coisa que eu queria dizer; Eu estava guardando todas as coisas que precisava contar a ela. Tanta coisa aconteceu neste mês que estivemos separados. Eu queria contar a ela como saí do time. Como tenho alternado entre meu orientador e o Dr. Gupta há semanas, fazendo um plano para mudar meu curso para psicologia. Acho que ela ficaria muito feliz por mim com isso. Eu contaria a ela como consegui trabalhar com o escritório de ajuda financeira para conseguir um monte de bolsas e subsídios menores — e até mesmo um empréstimo — para substituir a estúpida bolsa de basquete que me manteve refém todo esse tempo.

Queria contar a ela como tenho ido a essas reuniões, conversado, ouvido e feito tudo isso pensando. E como é estranho ter tanto tempo, de repente, sem que o basquete me roube. Como tudo que eu queria fazer era passar o tempo com ela, mesmo que apenas como amigos - eu gostaria de ter pensado em pelo menos dizer isso a ela. *EU sinto sua falta*, eu deveria ter dito, *não apenas como minha namorada, mas como minha amiga também — minha melhor amiga*. Porque tenho certeza que é isso que ela é.

Mas ela não está pronta.

Tudo bem.

Eu meio que esperava que ela continuasse andando sem me reconhecer. O fato de ela ter falado comigo para me dizer que não está pronta é mais do que eu esperava.

Quando volto para o apartamento, Dominic está sentado à mesa curvado sobre um de seus livros e, quando olha para mim, fica surpreso. "O que diabos aconteceu com você?"

"O que você quer dizer?"

"Você desceu como uma pessoa e voltou como outra pessoa. Como o oposto de sair e levar um soco na cara."

"Ela conversou comigo", respondo.

"O que ela disse?"

"Que ela não queria falar comigo."

Ele aperta os olhos e mantém a mão no ar, oscilando entre um polegar para cima e um polegar para baixo. "Então . . . pontuação?" ele diz incerto.

"Sim, porque pelo menos ela falou comigo", repito.

"Pessoas heterossexuais são realmente diferentes, não são?" ele diz para si mesmo. "Ah, falando nisso, você se importa se Luke aparecer neste fim de semana depois das provas finais?"

"Não, parece bom", digo a ele. "Então, isso está ficando sério?" Eu pergunto.

Ele fecha o livro e olha para mim, tentando não sorrir. Mas então ele balança a cabeça lentamente e diz: "É muito sério. Ele está se mudando para cá. Ele acabou de descobrir que pode se transferir no próximo semestre."

"Isso é incrível. Estou feliz por você, cara.

"Obrigado, isso realmente significa muito." Ele faz uma pausa e diz: "E brincadeiras à parte, estou feliz que ela tenha falado com você".

A semana de exames passa como um borrão cafeinado, como sempre. Mas naquele sábado tem confraternização na cobertura para comemorar o final do semestre. Com todos os estudantes morando neste prédio, é quase certo que alguém vai dar uma festa.

Subo antes de Dominic e Luke – queria dar-lhes algum tempo a sós. Parte de mim está se perguntando se ela aparecerá ou não. Esse tipo de coisa sempre era um sucesso ou um fracasso para ela. Estou conversando com uma garota que estava na minha aula de Introdução à Psicologia Forense no semestre passado — ela não mora aqui, mas aparentemente um dos amigos de sua colega de quarto mora — quando vejo Luke e Eden conversando na beira do telhado. . Dominic e Parker também estão aqui. A garota da minha turma sai em busca de sua colega de quarto, e eu fico perto da panela elétrica com cidra quente, porque esse parece ser o melhor lugar para estar disponível se ela quiser falar comigo ou para ser facilmente evitável se ela quiser falar comigo. ela não quer falar comigo.

"Ei." Eu me viro e vejo Parker parado ali. Ela me dá um abraço espontâneo, o que acho estranhamente reconfortante vindo dela. "Já faz um tempo que não saímos", diz ela.

"Sim, eu concordo. "Como você tem estado?"

"OK. Foi um semestre estranho, mas acho que estou começando a gostar desse novo papel de colega de quarto e amiga que você me impôs ao trazê-la para minha vida.

"Bom," eu digo a ela. "Eu acho, de qualquer maneira." Ela me encara por mais tempo do que se sente confortável. "O que?" Eu finalmente pergunto.

"Eu só estava esperando para ver quanto tempo você levaria antes de começar a me bombear informações sobre ela."

"Eu não estava—"

"Não, eu sei", ela interrompe, sorrindo. "Isso é progresso." Ela olha para trás e meio que ergue o queixo na direção de alguma coisa. Quando olho por cima do ombro, vejo que é Eden parado ali. E quando me viro, Parker desapareceu.

"Você está guardando a cidra?" ela pergunta com uma risada.

"Hum, eu acho," eu respondo. "Quer um pouco?"

Ela balança a cabeça e eu coloco uma concha cheia em uma das canecas incompatíveis que estão sobre a mesa. "Obrigada", ela me diz enquanto segura a caneca entre as mãos e a leva ao rosto para cheirar.

"Posso ir embora se você quiser", ofereço.

"Não, não", ela diz. "Não podemos continuar evitando um ao outro para sempre."

Ela se afasta alguns passos e depois olha para mim como se eu devesse estar seguindo, então eu o faço.

Sou rápido em dizer a ela: "Nunca evitei você".

"Certo." Ela assente. "Ok, então não *posso* continuar evitando você."

Ela nos leva até o sofá de vime com almofadas achatadas, onde nos sentamos tantas outras vezes juntos. Só que desta vez não é com ela no meu colo ou comigo apoiado em seu ombro. Nós apenas sentamos lado a lado como duas pessoas normais e olhamos um para o outro.

"Gosto da barba", ela me diz, acrescentando: "A propósito, desta vez não é barba por fazer".

Eu rio – Deus, é bom rir na presença dela.

"Então, o que mais há de novo em você?" ela pergunta. "Além da barba, não há barba por fazer."

"Eu saí do time", digo a ela.

"Oh meu Deus, Josh. Ok, isso é grande. Ela sorri para mim como se realmente soubesse o quão importante isso é para mim. "Eu sabia que voce poderia fazer isso."

"O que, ser um desistente?" Eu estou brincando.

Ela empurra meu braço um pouco e é a melhor sensação do mundo. Então ela olha para longe por um momento e sorri novamente, agora com mais suavidade, e diz: "Parece que me lembro de um jovem sábio me dizer uma vez que só porque você é bom em alguma coisa não significa que isso a deixa feliz."

Olho para minha caneca – esse foi um dos segredos que contei a ela naquela noite em minha casa, deitado no sofá, enquanto conversávamos a noite toda. "Não acredito que você se lembra disso."

"Por que não? Lembro-me de tudo o que você me diz.

Meu coração, voando alto, de repente cai no chão com um estrondo.

"Sinto muito pelo que disse a você, Éden."

"Oh," ela respira. "Não, eu não quis dizer... porra, desculpe, eu não estava falando sobre isso. Sério, eu estava apenas dizendo. . . Eu sei que o basquete tem sido um grande desgaste para você há muito tempo. Eu não estava tentando... não precisamos entrar nisso agora.

"OK. Podemos, no entanto, se você quiser. Quando você quiser, nós podemos."

Ela olha para mim daquele jeito que ela faz, daquele jeito super sério que faz meu coração bater na garganta. "Quero dizer, acho que podemos. Se você quiser?" ela pergunta incerta enquanto olha ao nosso redor.

"Sim, eu gostaria", digo a ela. "Bastante."

Ela inspira profundamente e me olha nos olhos. "Bem, finalmente percebi por que você estava tão bravo comigo", ela começa.

"Não precisamos fazer isso aqui", digo a ela. "Você poderia descer."

Ela ri, minha risada favorita: aquela risada rápida, semi-alta e espontânea que ela sempre quis dizer. "Vamos ficar aqui, ok? De alguma forma, não acho que ir para sua casa seja a melhor ideia.

"Espere, você sabe que não foi isso que eu quis dizer, certo?"

"Eu sei, mas vamos lá, Josh. Afinal, somos *nós* .

Agora eu rio, mas na minha cabeça estou repetindo essa palavra – *nós* – sem parar. Nós. Ainda há um nós para ela. "OK. Ponto tomado. Você estava dizendo . . . ?"

Ela inspira profundamente e começa de novo. "Eu só quero que você saiba que agora entendi. Por que você estava tão bravo. Eu sei que às vezes não me respeito muito e, de alguma forma, naquela noite, acabei não respeitando você também, e nunca quis que isso acontecesse. Eu nunca quis machucar você, nunca mais quero machucar você. Ela faz uma pausa e estende a mão para passar a mão pelo meu rosto. "Eu realmente sinto muito."

Eu pego a mão dela na minha agora. "Obrigado pela compreensão. Você sempre entende. É o seu superpoder", digo a ela, e ela olha para nossas mãos, com aquele sorriso tímido. "Acho que também entendo, pelo menos um pouco melhor, por que tudo aconteceu daquela maneira. E nunca tive a intenção de machucar você com o que disse naquela noite.

"Este é você", ela diz, olhando para mim.

"O que?"

"Foi o que você disse. *Este é você* . Esta – toda a situação complicada – *sou* eu."

Deus, parece ainda pior quando ela diz assim. "Foi o que eu disse, mas você precisa saber que isso não é verdade. Quer dizer, eu não até acreditei quando eu estava dizendo isso, e

também não acredito agora. Juro para você, nunca pensei isso. Eu nunca pensaria isso sobre você. Nunca. Eu preciso que você saiba disso.

Ela olha para nossas mãos novamente, e posso vê-la começando a respirar pesadamente, cheirando pelo nariz. Então ela coloca a caneca no chão e começo a ficar com medo de que ela vá embora, mas então ela pega minha caneca também e a coloca ao lado da dela. Ela coloca os braços em volta de mim e posso sentir seu corpo estremecendo, sua cabeça enfiada sob meu queixo. E eu simplesmente a seguro assim, todos ao nosso redor desaparecendo.

"Obrigada", ela finalmente diz enquanto se afasta de mim. O cabelo dela fica preso na minha barba, e eu o coloco atrás da orelha dela. "Acho que nem sabia o quanto precisava ouvir isso."

Ela leva as mãos ao rosto para enxugar os olhos, e vejo algo em seu braço, aparecendo por baixo da jaqueta. Ela levanta a mão novamente para passar os dedos pelos cabelos, e tenho certeza de que vejo algo.

"O que é isso?" Eu pergunto a ela enquanto pego sua mão novamente e a viro.

"Oh." Ela puxa a manga para cima. "Sim, eu fiz uma tatuagem", ela diz fungando e rindo.

"Um dente de leão?" Meu coração começa a acelerar. Porque. Dentes de leão. Essa era *a* nossa coisa. "É lindo."

"Obrigado."

"Isso significa alguma coisa?" Eu me atrevo a perguntar.

Ela inspira pelo nariz, olha para fora, para além de todas as pessoas reunidas aqui no telhado, e diz: "Bem, acho que é uma questão de ser livre. E forte."

"Eu gosto disso – é perfeito."

"E você também", ela acrescenta, mais calma.

"O que você quer dizer?"

"É mais ou menos sobre você também", diz ela, fazendo meu pulso acelerar novamente. "Apenas um lembrete para" – ela inspira profundamente novamente e expira antes de continuar – "tentar ser o tipo de pessoa que você pensa que eu sou."

"Que tipo de pessoa é essa?"

"Não sei, alguém que é resiliente em vez de destrutivo. Esperançoso em vez de. . . você sabe, sentindo-se condenado ou impotente ou algo assim. Corajoso", acrescenta ela.

"Esse não é o tipo de pessoa que eu *acho que* você é. É assim que você realmente é, Éden.

"Estou tentando ser."

Levo seu pulso à boca e beijo o local onde está o dente-de-leão. Ela toca meu rosto novamente. E não consigo resistir ao impulso; Viro a cabeça para beijar a palma da mão dela agora, aquele local onde ela se queimou. Seus dedos vão para meus lábios.

"Eu realmente quero beijar você", ela diz, "mas não vou, ok?"

"Ah, tudo bem", eu respondo.

"Quero que continuemos conversando." Ela segura minhas duas mãos. "Quero que sejamos amigos novamente."

Eu concordo. "Eu quero isso também."

"Mas apenas amigos por enquanto. Porque ainda não estou pronto para..."

"Não, eu entendo. Realmente eu faço."

"Então, você ficaria bem com isso?" ela pergunta. "Você pode fazer isso?"

"Sim, eu concordo. "Eu definitivamente posso fazer isso."

ÉDEN

Parker parte na segunda-feira seguinte para passar as férias em casa com sua família. A primeira coisa que faço é ir até o armário e puxar meu estojo de clarinete. Tenho usado isso como um incentivo para passar nos exames.

Chelsea mandou uma mensagem dizendo que a banda se reuniria no final desta semana e que seria um contingente menor – essa foi a palavra que ela mandou, “contingente” – já que muitos dos membros já partiram para as férias de inverno. Eu gosto disso, embora Chelsea e eu tenhamos tido apenas duas conversas muito estranhas, ela de alguma forma consegue que um grupo menor para fazer o teste seja o que eu preciso.

Ao tirar as peças do meu clarinete do estojo e começar a juntá-las novamente, parece que talvez algumas outras peças da minha vida também estejam começando a se encaixar. Tipo, talvez eu possa recuperar um pouco de quem eu era – as partes boas que pensei que estavam perdidas para sempre.

Prometi a Parker que continuaria correndo para que pudéssemos continuar depois que ela voltasse. E eu mantenho minha promessa; Faço corrida quase todas as manhãs. Em seguida, pratique minha peça de audição todas as tardes, ficando um pouco menos enferrujado a cada vez.

E na quinta-feira, depois de quase uma semana de mensagens educadas e amigáveis com Josh, prendo meu cabelo em um coque bagunçado, coloco meu sutiã esportivo, leggings e calça de moletom, moletom com capuz e colete fofo, além de meias grossas e tênis. Subo as escadas, respiro fundo e bato na porta de Josh.

“Você quer correr comigo?” — pergunto a ele, esquecendo até de dizer olá primeiro.

Ele me encara na porta por um momento, estudando meu rosto e olhando para minhas roupas. “Sinceramente, não sei dizer se você está falando sério ou brincando.”

“Não, estou realmente perguntando a você”, digo a ele. “Correr é algo que faço agora.”

“Desde quando?” ele pergunta, com uma espécie de meio sorriso no rosto.

Não quero dizer *desde que você me largou*, então opto por: “Estou andando com vocês, atletas, há tanto tempo que isso com certeza vai passar para mim”.

“Bem, eu não sou mais um atleta, lembra?” Ele ri e acrescenta: “Mas ainda vou correr com você”.

Nós preenchemos um ao outro as lacunas de tempo que perdemos. Conto a ele sobre os livros que li nas minhas aulas e tento não ficar olhando muito para ele enquanto corremos lado a lado. Acho que ele vai devagar para mim, mas na maioria das vezes eu me seguro enquanto subimos e descemos as ruas do nosso bairro. Enquanto corremos, ele me conta sobre todas as coisas que tem feito: ir às reuniões e confrontar seus pai e mudar seu curso para algo que ele realmente se importa. Não posso acreditar o quanto mudou com ele em tão pouco tempo. Ele é como uma nova versão brilhante de si mesmo. Conto a ele sobre minha técnica de respiração no clarinete, sobre a audição de amanhã, e ele então para de correr.

“Sério, Eden, isso é incrível”, diz ele, com um sorriso enorme e lindo no rosto. “Estou tão feliz que você está voltando a isso. Sempre pareceu algo que você realmente sentiu falta.”

“Sim,” eu concordo, parando agora também, minha respiração saindo em pesadas lufadas de ar branco. “Eu senti falta disso.”

JOSH

Vou bater na porta do Éden na manhã seguinte e, à medida que me aproximo, ouço música. Não música tocando em um alto-falante, mas música real. Quando ela atende a porta, ela está de pijama e seu moletom favorito, segurando seu clarinete.

“Oi”, ela diz com um sorriso, parecendo genuinamente feliz em me ver aqui.

“Bom dia,” eu digo. “Era você quem estava jogando?”

“Depende”, ela diz, estreitando os olhos para mim. “Você veio aqui reclamar do barulho?”

“Não, parecia muito bom.”

“Nesse caso, entre. Quer um café?”

“Não, não posso ficar. Tenho que cuidar de algumas questões de ajuda financeira antes de partir. Mas falando nisso. Dominic já foi para casa – ele está ajudando Luke a sair do dormitório.”

“Sim, eu ouvi. Luke está se mudando para cá. Isso é realmente bom.”

“Sim, é,” eu concordo. “Então, eu só queria ver se você quer ir para casa comigo no intervalo. Eu sei que você tem sua audição hoje mais tarde, mas quando você planejava ir embora?”

“Ah”, ela diz. “Obrigado, mas na verdade vou ficar aqui.”

“Sozinho nas férias, por quê?”

“Ugh, é uma longa história”, ela suspira. “Quando eu estava em casa no Dia de Ação de Graças, era simplesmente... há algumas coisas tóxicas acontecendo por aí agora e eu realmente preciso ter a cabeça limpa para entrar neste julgamento.”

“Faz sentido”, digo a ela, especialmente considerando o quanto ela ficou arrasada depois da última audiência, como isso quase *nos destruiu* para sempre. “Você tem que cuidar de si mesmo.”

“Sim”, ela diz com tristeza. “E, além disso, esta época do ano é sempre estimulante, de qualquer maneira.”

“Você quer dizer por causa de assuntos de família?”

“Oh,” ela respira. “Às vezes esqueço que você não consegue ler minha mente. Hum, não, são as férias, foi quando aconteceu. Quando Kevin... a agressão”, diz ela, e de alguma forma tenho a sensação de que ela está tentando me poupar de ouvir a palavra “estupro”.

“Você nunca me disse isso.”

Ela meio que encolhe um ombro.

“Hum, apenas divulgando isso. Você poderia ficar na casa dos meus pais, conosco, se quiser. Estritamente amigos, eu prometo.

Ela sorri por um momento. “Obrigado, mas acho que é melhor eu ficar aqui.”

Sinto que deveria me oferecer para ficar com ela, mas o fato é que preciso estar em casa com minha família este ano. E pelas razões dela, ela precisa estar aqui. Ela não precisa de mim para consertar isso, melhorar ou protegê-la. Pela primeira vez sinto que vai ficar tudo bem. Meu. Dela. Isso *nos incipiente*.

“Tudo bem”, digo a ela. “Bem, nesse caso, acho que provavelmente irei embora depois desta consulta de ajuda financeira, então...” . . .”

Ela coloca o clarinete no balcão da cozinha. Depois vem até mim, me abraça com força, inspira e expira, a cabeça, como sempre, encaixada no meu queixo.

“Se precisar de alguma coisa,” começo a dizer enquanto nos separamos, minhas mãos automaticamente em seu rosto enquanto olho para ela. E quando ela olha para mim, penso, por um momento, que ela quer me beijar. Então deixei minhas mãos irem para seus ombros, recuando um passo.

“Se eu precisar de alguma coisa”, ela termina por mim, “eu te ligo.”

ÉDEN

A segunda semana de janeiro chega mais rápido do que eu pensava. É a mesma sala de tribunal de antes, só que agora parece ainda menor porque há muito mais pessoas nela. Mais pessoas sentadas na galeria de cada lado. Repórteres extras lá atrás. Um júri agora.

Tomo um gole de água e olho para Mara e Lane. Então meus olhos se fixaram em CeCe, que estava olhando suas anotações.

Kevin está em sua mesa com seus advogados. O advogado de cabelos brancos que adora levantar a mão, objetar e falar em círculos até deixar todos nós tontos, me faz as mesmas perguntas da última vez, só que de maneiras mais confusas, tentando me enganar.

Eu estive me preparando nas últimas duas semanas para poder enfrentar novamente a última questão. Estudei as transcrições da primeira audiência como se fossem de outro exame que eu estava destinado a acertar. Pratiquei no meu apartamento, como pratiquei clarinete. Em voz alta, pratiquei dizer não de todas as maneiras que pude imaginar. Comparei cada um e acabei escolhendo minha versão do não, assim como escolhi minha roupa. Negócios. Casual. Modesto. *Não*, eu diria, simples e direto. Sem emoção. Porque qualquer pessoa com meio cérebro ou meio coração entenderia que eu dizer verbalmente a palavra não não vinha ao caso.

Ontem à noite, às duas da manhã, fui até a cozinha pegar um pouco de água e, quando me encostei na pia, lembrei-me de uma coisa. Algo que pensei que definitivamente deveria estar neste exame. Mandeí uma mensagem para CeCe sobre como ele me agrediu no Natal seguinte em nossa cozinha – tive que praticar o uso dessa palavra também, “agressão”. Nunca mencionei isso a ninguém, nem ao detetive, nem a Lane, nem a CeCe. Foi algo que eu pensei que nem importava antes, não era ruim o suficiente para valer a pena mencionar. Enviei a ela uma mensagem que ocupava toda a extensão da tela do meu telefone. Eu contei a ela como me lembrei de quando estava na cozinha pegando água, que ele entrou quando não havia ninguém lá e me prendeu contra a pia por trás enquanto colocava as mãos em cima de mim, de cima a baixo da minha camisa. minhas calças e não era importante que eles soubessem como ele conseguia encontrar esses pequenos bolsões de terror? Para me lembrar que ele estava lá, para me lembrar que eu prometi não contar? Que ele estava me mantendo como refém por tanto tempo depois daquela noite. Porque eu li aquele artigo – e mesmo que Josh tenha me dito para não ler os comentários, eu li – e vi aquele por cerca de cinco minutos. *Apenas* cinco minutos. E eles precisavam saber que não foram apenas cinco minutos que ele me conquistou.

CeCe respondeu imediatamente:

Obrigado, Éden. Isso é útil. Mas

por favor, certifique-se de dormir um pouco

antes de amanhã.

Mas agora é nisso que estou pensando enquanto estou sentado aqui — me perguntando se eu havia defendido meu ponto de vista antes, quando CeCe inseriu perfeitamente em suas perguntas que ela de alguma forma se entrelaçou para contar uma história. E agora perdi a pergunta que Cabelo Branco acabou de me fazer.

“Você precisa que eu repita a pergunta?” ele pergunta.

“Sim”, digo claramente ao microfone.

Só que agora estou lembrando que esqueci de contar a parte sobre como ele sorriu para mim. Dessa vez eu deveria contar a eles como ele sorriu para mim antes de partir. Beije. Sorriu. Pugilistas. Porta. Como eu poderia ter esquecido? Estúpido. Nós estudamos isso!

“Você pode, por favor, instruir a testemunha a responder à pergunta?” Cabelo Branco está dizendo agora.

O juiz se inclina em minha direção e diz: “Eden, por favor, responda à pergunta”.

Mas espere, eu perdi novamente. *Porra*.

“Hum”, começo, e o microfone emite uma nota aguda no lugar da minha voz. “Você pode repetir a pergunta novamente?” Eu digo, muito longe do microfone.

Cabelo Branco zomba e diz: “Novamente, em algum momento deste encontro, você disse não verbalmente?”

É isso. A última questão. Eu tenho que acertar. Procuro em meu cérebro, mas não consigo encontrar o não que memorizei. Era para estar ali, esperando que eu o pegasse e jogasse na cara dele, todo profissional e casual. Mas que merda. Abro a boca e literalmente não sai nada.

“Meritíssimo”, diz ele.

“A testemunha responderá à pergunta”, diz o juiz.

Olho para minhas mãos no colo e vejo meu dente-de-leão saindo por baixo do punho da camisa. “Não houve dúvida”, ouço-me dizer, baixinho, ao microfone.

“Por favor, fale”, diz o juiz.

“Não houve dúvida”, repito.

Cabelo Branco suspira e diz, lentamente, enunciando suas palavras: “A pergunta era: você, em algum momento do encontro, disse não?”

“E minha resposta é: nunca houve uma pergunta.” Ouço minha voz tremendo. “Ele nunca perguntou.”

O advogado se repete, desta vez acrescentando: “Só sim ou não”.

“Não havia uma pergunta para responder,” eu digo novamente, e posso ver o quão furioso estou deixando ele, seu rosto ficando vermelho e sua boca ficando toda rígida enquanto ele fala.

“Sim ou não”, diz ele. “Você disse não a ele?”

“Não consegui responder a uma pergunta que nunca foi feita.”

“Você já disse a palavra não?” ele quase grita comigo agora.

Olho para minha tatuagem novamente. Então volto, só que desta vez, em vez de olhar para Cabelo Branco, CeCe, Mara ou Lane, olho para Kevin. Ele está me observando de perto, com o mesmo olhar afiado que usou para me controlar, todo esse tempo, até agora.

Eu me inclino para o microfone, mesmo com todo o meu corpo tremendo, mesmo sentindo as lágrimas correndo pelo meu rosto, e digo agora com precisão, sem quebrar o contato visual com ele: “Ele. Nunca. Perguntado. O. Pergunta.” Ignoro Cabelo Branco e olho para o juiz, sentado empoleirado acima do meu ombro. “Essa é a minha resposta.”

A próxima coisa que sei é que estou saindo pelas portas, correndo pelo corredor, tentando lembrar se estou indo na direção certa. direção para o banheiro. Mara está correndo atrás de mim, chamando meu nome. Mas não paro até conseguir. E então eu abro a porta e vomito. Tudo.

Mara prende meu cabelo e fica me contando o quanto eu era incrível.

Ouço os saltos de Lane contra os azulejos. Ela diz algo como "Oh! Éden. OK. Tudo bem." E então estou suando, congelando, rindo e chorando, tudo ao mesmo tempo, enquanto me ajoelho no chão ao lado do vaso sanitário. Mara dá a descarga para mim e Lane me traz algumas toalhas de papel molhadas para limpar minha boca, e então até ela se ajoelha no chão ao meu lado e de Mara.

"Você conseguiu", Lane me diz com um grande sorriso.

"Ela foi incrível, certo?" Mara pergunta a Lane.

Ela balança a cabeça, repetindo: "Incrível".

Quando finalmente chegamos ao carro, Mara verifica o telefone. "É Josh", ela me diz enquanto lê a mensagem.

"Ele está mandando mensagens para *você*?" Eu verifico novamente.

Ela assente. "Ele não queria incomodar você. Ele está perguntando como foi. Tudo bem se eu contar a ele que você arrasou?"

Eu rio, mas depois digo: "Tudo bem".

Seu telefone toca imediatamente. "Ele diz: 'Eu sabia que ela faria isso'".

Ficamos ali sentados por um momento e posso sentir os efeitos da onda de calor do meio do inverno que atingiu esta semana. Raios de sol pegando partículas de poeira no carro abafado. O silêncio não é desconfortável e é quebrado quando Mara se inclina para a frente para ligar o motor e abre todas as janelas, deixando entrar ar fresco.

Percebo que há uma calma dentro de mim, pela primeira vez não há nada guerreando na minha cabeça. Sem medos ou culpa ou arrependimento ou mesmo tristeza, apenas um quietude aberta e simples. Fiz o que vim fazer e fiz da melhor maneira que sabia. Olho para o tribunal, a imensidão do prédio me parece cruel e fria, enquanto penso em Mandy e Gen ainda lá dentro, esperando. E eu gostaria de poder de alguma forma compartilhar um pouquinho desse sentimento com eles.

Pego meu telefone e encontro o número de Amanda, adicionando Gen a uma nova mensagem de grupo. Meus dedos pairam sobre as letras, sem saber quais palavras posso ou devo dizer. Então, em vez disso, envio um coração. Apenas um. Roxo. Amanda manda um de volta imediatamente, então o Gen.

Olho para nossos três corações por um momento e lembro que, aconteça o que acontecer, fizemos isso *por nós*.

"Então, para onde, Edy?" Mara acelera o motor. "Comida? Café? Mais tatuagens?"

Guardo meu telefone e olho para meu amigo, que se tornou ainda mais meu amigo nos últimos meses, e que, depois de todos esses anos, finalmente sinto que entendo. Sempre compliquei muito, mas era simples. Ela é Team Edy, como ela chama – e não duvido mais disso. Também acho que ela pode ser a única pessoa no mundo que deixarei continuar me chamando por esse nome.

"Eu sei exatamente onde quero estar."

JOSH

Ficamos no telhado o dia todo, bebendo chá do sol que Parker preparou em uma grande jarra de vidro. “Se vai fingir que é primavera no inverno, então estou fazendo um maldito chá caseiro”, ela disse antes de arrastá-lo para o telhado no dia anterior.

Dominic e Luke estavam fazendo um bom trabalho em me manter distraído com histórias sobre as muitas aventuras de acampamento da banda de Luke, enquanto Parker acrescentava golpes e comentários sarcásticos aqui e ali para manter as coisas emocionantes. Eu mal estava ouvindo, minha mente voltando para o Éden e o julgamento e o que estava acontecendo a horas de distância. O não saber é um aperto no estômago, e não estar ali era quase doloroso. Passei uns bons quinze minutos nisso ontem à noite no Al-Anon. Ida, professora aposentada e líder designada do nosso grupo, falou sobre a importância do autocuidado, lembrando-me de colocar a máscara de oxigênio primeiro, mesmo que o avião esteja caindo, e tento continuar fazendo isso.

Desço correndo para pegar protetor solar quando Parker reclama ela está pescando lagosta e, quando abro a porta do telhado, vejo ela e Dominic debruçados sobre meu telefone.

“O que é?” — pergunto, ouvindo o tremor de medo em minha voz. “É culpado? É isso . . .?” Não posso nem dizer a outra opção.

“Temos boas e más notícias”, começa Parker.

“Parker...” Dominic a interrompe. “Não diga assim.”

Más notícias. E bom. Não há nenhuma equação que funcione aqui para mim, de jeito nenhum essas duas coisas podem se juntar. Ou é culpado e bom ou inocente e mau. O que acontece se for ruim? Quão ruim será se forem más notícias?

“O júri vai demorar um pouco”, explica Dominic, lendo meu telefone, provavelmente notando minha expressão assustada. “O advogado de Eden disse que pode levar dias.”

“E essa é a má notícia?” Eu pergunto. Não é ótimo, mas não é tão ruim. Eu posso lidar com isso. “Qual é a vantagem?”

“Eden está voltando agora”, diz Parker, com um sorriso malicioso no rosto enquanto me entrega meu telefone. — E ela quer encontrar você na fonte, seja qual for o lugar pecaminoso, às seis da noite.

Chego cedo e, enquanto espero por ela, penso naquele dia na grama com os dentes-de-leão. Fiquei observando-a por alguns minutos antes de me aproximar, sentado ali, quieto e intenso. Era como se ela fosse a única coisa colorida para mim, todo o resto na minha vida parecia tão cinza. Não sei como me convenci a sentar ao lado dela. Ela era diferente de qualquer pessoa que eu já conheci e fiquei muito intimidado por ela - mas gostei dela. Eu queria conhecê-la, queria que ela me conhecesse. Foi tão simples. Eu tinha certeza. Ela valia qualquer risco que corresse ao tentar. Antes e agora.

ÉDEN

Saio do chuveiro e limpo o vapor do espelho. Olho para mim mesmo pela primeira vez em muito tempo. Fico quase surpreso ao ver que ainda é meu rosto, meus olhos, olhando para mim. Meu cabelo, meu corpo, minha tatuagem, minhas cicatrizes. “ *Este é você* ”, sussurro para mim mesmo.

Mal presto atenção enquanto me visto; Estou tão focado em chegar lá. Não quero esperar mais.

Sigo o caminho que ele me trouxe naquela noite — nosso primeiro encontro de verdade — e sigo por ele, passando por todas as plantas com nomes e pelo salgueiro, e acelero o passo quando vejo a clareira à frente. Desta vez, porém, não há respingos de água, nem luzes, nem sons. Porque ainda deveria ser inverno, apesar do clima excepcionalmente quente da noite.

Quando chego lá, acho que cheguei primeiro. Mas então eu o vejo sentado no banco dentro da alcova da fonte de maçãs, olhando para frente. Quando me aproximo, vejo que ele tem algo na mão. EU tente ficar leve em meus pés. E só quando estou bem atrás dele é que vejo o que ele tem. É um dente-de-leão, e ele está soprando nele, observando as pequenas sementes voarem alto no ar. Olho em volta e vejo que dentes-de-leão brotaram em todo o perímetro da fonte, logo nos últimos dias de sol, só para nós, ao que parece.

Por esta.

Ando por trás dele, deslizo minhas duas mãos sobre seus ombros e me inclino para beijar sua bochecha. “Espero que você esteja fazendo desejos quando fizer isso.”

Ele vira a cabeça para olhar para mim, já sorrindo.

“Eu estava”, diz ele. “Não se preocupe.”

Ele tira minha mão de seu ombro e leva meu pulso à boca para beijar minha tatuagem. Então ele me leva até a frente do banco, onde me sento ao lado dele.

“Bem, apenas um desejo, na verdade”, acrescenta.

“Você acha que isso vai se tornar realidade?” Eu pergunto.

“Sim. Você apareceu.”

Eu apareci, penso comigo mesma, e sorrio enquanto entrelaço meu braço com o dele, puxando-o para mais perto de mim.

“Este é um bom lugar”, digo a ele.

“Para que?”

“Para estar pronto”, respondo. E então eu pego sua mão na minha. Eu aperto uma vez. Ele olha para mim e aperta de volta, dois pulsos de luz. Repito, desta vez claramente, sem perguntas, sem dúvidas. “Estou pronto.”

CONSEGUINDO AJUDA

Embora este livro seja uma obra de ficção, existem milhões de jovens na vida real que, de alguma forma, compartilharam as experiências de Eden ou Josh. Se precisar falar com alguém, há pessoas que vão ouvir. Existem pessoas que vão ajudar; Você não está sozinho.

Apoio através do tribunal

www.supportthroughcourt.org

03000 810 006

Um serviço gratuito que oferece consultas presenciais e remotas e fornece suporte antes, durante e depois dos processos judiciais.

Linha infantil

www.childline.org.uk

0800 1111

Apoio aos jovens, independentemente do que estejam a passar.

Desrespeite ninguém

www.disrespectnobody.co.uk

Informações e apoio sobre abuso de relacionamento, sexting, consentimento, estupro, pornografia e assédio.

samaritanos

www.samaritanos.org

116 123

Seja o que for que você esteja passando, os samaritanos ouvirão.

Crise de estupro na Inglaterra e País de Gales

www.rapecrisis.org.uk

0808 802 9999

Serviços de apoio especializados independentes para pessoas que sofreram abuso sexual infantil, estupro ou qualquer tipo de violência sexual a qualquer momento.

Crise de estupro na Escócia

www.rapecrisisscotland.org.uk

08088 01 03 02

Serviços nacionais de apoio para pessoas que sofreram abuso sexual infantil, violação ou qualquer tipo de violência sexual em qualquer momento.

Sobreviventes do Reino Unido

www.survivorsuk.org

Informação e apoio a rapazes e homens que foram violados ou abusados sexualmente.

Alcoólicos Anônimos

www.alcoholics-anonymous.org.uk

Apoio de recuperação para pessoas que desejam manter uma vida de sobriedade.

Ala-Anon e Alateen

www.al-anonuk.org.uk

Apoio às pessoas afetadas pelo consumo de álcool de outra pessoa.

Serviço Nacional de Saúde

www.nhs.uk/nhs-services/sexual-health-services

O NHS oferece um serviço de saúde sexual gratuito e confidencial, com clínicas de atendimento e encaminhamentos próprios para planejamento familiar e apoio ao aborto. Se não tiver certeza de qual serviço é adequado para você, ligue para 111 para obter aconselhamento gratuito.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, obrigado, caro leitor, por abrir espaço em seu coração e em sua mente para a história do Éden. Por todas as palavras gentis, postagens, edições do #BookTok... e seus pedidos às vezes não tão sutis por um livro 2! Você me fez acreditar que outro capítulo para o Éden não era apenas possível, mas necessário. Por isso, serei eternamente grato.

Minha agente, Jess Regel, obrigada por me acompanhar durante esses anos literais de trancos e barrancos enquanto eu tropeçava no escuro tentando descobrir o que diabos esse livro deveria ser. Por sempre defender minha escrita e me apoiar nos altos e baixos desse negócio selvagem na última década (década, dá para acreditar!?). Os mais sinceros agradecimentos a Helm Literary e Jenny Meyer e Heidi Gall da Jenny Meyer Literary por levar esta história a leitores de todo o mundo.

À editora Ruta Rimas, sem a qual nunca teria havido um livro chamado *Como eu era ...* nada que pudesse ser continuado aqui em *The Way I Am Now*. Obrigado, Ruta, por ver o valor de uma história como a de Eden, especialmente em 2014, quando poucas pessoas viam.

Enormes e sinceros agradecimentos aos meus editores, Nicole Fiorica da Simon & Schuster e Shadi Doostdar da Rock the Boat, pelo seu apoio inabalável a este livro – mesmo quando era apenas um parágrafo de uma ideia. Sua crença nesta história não apenas significou muito para mim, mas também foi o que me ajudou durante os dias “difíceis” de escrever para que eu pudesse terminar. Para a incrível equipe do Rock the Boat, todos vocês são estrelas do rock absolutas - aspiro aos seus níveis simultâneos de criatividade, velocidade e excelência!

Agradecimentos infinitos aos meus amigos e familiares por aguentarem todos os planos cancelados, chamadas perdidas e mensagens de texto não atendidas enquanto eu escrevia este livro... e por ainda estarem lá quando terminei e rastejei de volta para fora da minha caverna de escritor. O amor e a inspiração que você oferece são incomparáveis – devo muito a você.

Aos meus amigos autores, obrigado por seu consolo nos momentos baixos e por comemorar nos momentos altos – Cyndy Etler, Robin Roe, Kathleen Glasgow, Amy Reed, Jaye Robin Brown, Robin Constantine, Rebecca Petruck e todo o “Camp Nebo” estendido. ” Tripulação - vocês são os melhores dos melhores.

E por último, mas nunca menos importante, Sam. Seu amor me ensinou “a desejar, a ter esperança, a curar” de maneiras que nunca sonhei serem possíveis. Obrigado por permitir que este livro se infiltrasse em nossas vidas diárias por tanto tempo, pelas inúmeras conversas sobre Eden e Josh, por ler inúmeros rascunhos... e por me emprestar nossa coisinha de apertar a mão em código Morse. Você me inspira a cada passo.

BALANÇA O BARCO

Orgulho de publicar livros ousados, diversos e instigantes
para crianças e jovens.

Participe da nossa conversa on-line!

Siga-nos para ver os bastidores de seus
livros favoritos, brindes e conteúdo exclusivo que você não vai querer perder!

 [@RocktheBoatNews](https://twitter.com/RocktheBoatNews)

 [@rocktheboatnews](https://www.instagram.com/rocktheboatnews)

 [@oneworldpublications](https://www.tiktok.com/@oneworldpublications)

Você pode se inscrever em nosso boletim informativo mensal
através do nosso site:

rocktheboatbooks.com



Este livro contém material que alguns leitores podem achar angustiante, incluindo discussões sobre agressão sexual, trauma, gravidez na adolescência e culpabilização da vítima .

Um livro Rock the Boat

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha, Irlanda e Austrália por Rock the Boat, uma marca da Oneworld Publications, 2023

Esta edição do e-book publicada em 2023

Publicado mediante acordo com Margaret K. McElderry Books, uma marca da Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Texto © Amber Smith, 2023
Fotografia da capa © GETTY/Andy Roberts, 2023
Design da capa © Debra Sfetsios-Conover, 2023

O direito moral de Amber Smith de ser identificada como autora deste trabalho foi afirmado por ela de acordo com a Lei de Direitos Autorais, Designs e Patentes de 1988.

Todos os direitos reservados
Direitos autorais sob a Convenção de Berna
Um registro CIP para este título está disponível na Biblioteca Britânica

ISBN 978-0-86154-682-4
eISBN 978-0-86154-683-1

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e eventos são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Publicações Oneworld
10 Bloomsbury Street
Londres WC1B 3SR

Mantenha-se atualizado com os livros mais recentes, ofertas especiais e conteúdo exclusivo da Rock the Boat com nosso boletim informativo

Mantenha-se atualizado com os livros mais recentes,
ofertas especiais e conteúdo exclusivo da
Rock the Boat com nosso boletim informativo

Cadastre-se em nosso site
rocktheboatbooks.com